UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

SUELY FERREIRA LIMA

Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português

Versão corrigida

SÃO PAULO
2017

SUELY FERREIRA LIMA

Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Safa Alferd Abou Chahla Jubran

SÃO PAULO
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

732t Lima, Suely Ferreira
Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português
/ Suely Ferreira Lima ; orientador Safa Alferd Abou
Chahla Jubran. - São Paulo, 2017.
241 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. Verbo. 2. Aspecto. 3. Tempo. 4. Aktionsart. 5.
Árabe. I. Jubran, Safa Alferd Abou Chahla, orient.
II. Título.

LIMA, Suely Ferreira. **Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português**. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Safa Alferd Abou Chahla Jubran (Orientadora)

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. João Baptista de Medeiros Vargens

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Adriano Aprigliano

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Lica Ichisato Hashimoto

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, com todo amor

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus é reconhecer que se esse trabalho se concluiu foi com a permissão Dele. Obrigada, meu Deus.

Ao nosso Abuna, Prof. Dr. Alphonse Nagib Sabbagh (in memoriam) por suas lições. Mesmo antes de imaginar que um dia eu escreveria sobre tempo e aspecto, ele já ensinava que *qad* diante do perfectivo era categórico “certamente”, pois sobre o que já passou se pode assegurar; mas diante do imperfectivo, que ainda não está concluso e só se pode supor, *qad* será “talvez”. Saudades.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Safa Jubran, merecedora de todos os títulos que possuí e de outros mais que não são conferidos pela academia. Seu zelo é sem igual. O que eu mais quis nesses anos de trabalho em conjunto foi nunca decepcioná-la.

Aos meus amigos, professores e ex-professores do Setor de Estudos Árabes da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, João Baptista M. Vargens, o grande incentivador de todos nós, Ibrahim Georges Khalil, Hani Hazime, Cristina Ayoub Riche, Bianca Graziela Souza Gomes da Silva, e um especial agradecimento à doce, querida e muito amada Geni Harb.

Aos meus filhos, Bruno e Renan. Por nada, não. Só precisam existir.

A Leomário Hammer, todo amor e gratidão, por seu cuidado com as coisas do lar e pela segurança de saber que estive à frente de tudo durante essa longa jornada.

Às minhas irmãs, sobrinhos, tios, cunhados e amigos que compreensivamente entenderam minhas faltas.

Aos meus pais, que já não estão mais entre nós, por tudo o que fizeram em prol do meu melhor.

Aos meus alunos e ex-alunos que tanto me ensinam sobre a língua árabe sem imaginar que com eles aprendo mais do que ensino. Este trabalho é para vocês.

Aos professores Dr. José Carlos Azeredo, Dr. João Baptista M. Vargens, Dr^a. Lica Hashimoto, Dr. Adriano Aprigliano que tão gentilmente aceitaram fazer parte da Banca de Avaliação.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro pela licença de dois anos dos trabalhos acadêmicos para a escrita desta tese.

والى اللغة العربية.

ثلاثة أيام هي الدهر كله
وما هنَّ غير
الأمس واليوم والغد

*Três são os dias da vida toda
Ontem, hoje e amanhã -
Nada mais*

(Abu l'Alā' Alma'arri, 973-1050)

Assim a vida passa vagarosa:
O presente, a aspirar sempre ao futuro
O futuro, uma sombra mentirosa.

(Antero de Quental, in Sonetos)

RESUMO

LIMA, Suely Ferreira. **Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português**. 2017. 241 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Esta tese investiga a expressão do Tempo e do Aspecto nas línguas árabe e portuguesa, a fim de estabelecer uma discussão de como as duas formas que compõem o seu sistema verbal – /almāḍī/ e /almuḍāri^c/, aqui denominadas perfectivo e imperfectivo, respectivamente –, podem ser representadas no português do Brasil. O método de análise partiu da leitura e tradução do texto tomado como *corpus*, o conto “O tapete persa” de Hanan Aššayḥ, seguidas da identificação das formas verbais a serem analisadas, para lançar uma proposta de tradução de acordo com a divisão temporal do quadro do sistema verbal do português. Foi feita, para cada tempo (ou modo) que traduziu as formas árabes, uma discussão da decisão, levando em conta o contexto, sua interpretação temporal/aspectual, e, também, a *Aktionsart* de cada item verbal. O que se descobriu nesta pesquisa coincidiu com as conclusões apontadas nos trabalhos discutidos, como Cuvalay-Haak (1997), Holes (2004) e Bahloul (2008), sobre a língua árabe de que o perfectivo é mais comumente empregado na indicação de tempo passado, em ambientes neutros, onde outras interpretações não são possíveis, e, ao mesmo tempo, o aspecto perfectivo. O imperfectivo comporta-se semelhantemente ao tempo flexional presente do português e expressa o tempo simultâneo ao momento da fala, o futuro, o passado ou não apresenta nenhuma ligação com o tempo; pode ainda ser traduzido pelas três formas nominais, quando em perífrase. Na área aspectual, expressa o imperfectivo com verbos durativos ou, com verbos pontuais, o perfectivo ou o iterativo; precedido do verbo كان /kāna/ indica a continuidade do evento no passado, com uma leitura de situação habitual ou iterativa; ocorre, também, com ما زال /mā zāla/ para indicar a continuidade no presente.

Palavras-chave: Verbo. Tempo. Aspecto. *Aktionsart*.

LIMA, Suely Ferreira. **Tense and Aspect in Arabic and in Portuguese**. 2017. 241 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This thesis investigates Tense and Aspect expression in Arabic and Portuguese language, in order to establish a discussion of how both forms that composes its verbal system – /almāḍi/ and /almuḍāri/, here named as perfective and imperfective, respectively –, can be represented in Brazilian Portuguese. The analysis method started from the reading and translation of the text took as *corpus* "The Persian Carpet", a Hanan Aššayḥ's short story following the verbal forms identification to be analyzed in order to propose a translation according to the temporal division of the Portuguese verbal system structure. That was a discussion of the decision for each tense (or mood) that translated the Arabic forms, taking into account the context, it's temporal/aspectual interpretation and also the Aktionsart of each verb. This research finding coincided with conclusions pointed out by studies about Arabic language, such Cuvalay-Haak (1997), Holes (2004) and Bahloul (2008), that the perfective is generally used in the past tense indication, in neutral situations, where others interpretations are not possible or, at the same time, the perfective aspect. The imperfective (tense and aspect) behaves like the portuguese's present tense and also expresses the simultaneous time at the moment of speech, the future, the past or have no temporal link; it can even be translated by the three nominal forms, when in periphrasis. In the aspectual area, it expresses the imperfective with durative verbs, or with pontual verbs, the perfective or the iterative; preceded by the verb كان /kāna/ it indicates the event continuity in the past, with an habitual or iterative situation reading; it occurs also with the verb مازال /mā zāla/ to indicate the continuity in the present.

Keywords: Verb. Tense. Aspect. Aktionsart.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1–	Tipos de situações.....	50
Quadro 2–	Tipologia aspectual de CASTILHO (2002).....	53
Quadro 3–	Imperfectivo x perfectivo.....	54
Quadro 4–	Classes morfológicas do árabe e português.....	76
Quadro 5–	Paradigmas da conjugação....	84
Quadro 6–	Pronomes pessoais do árabe.....	85
Quadro 7–	Sufixos do perfectivo.....	86
Quadro 8–	Prefixos do imperfectivo.....	87
Quadro 9–	Flexão do perfectivo e imperfectivo (كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’)......	88
Quadro 10–	Declinação do imperfectivo.....	91
Quadro 11–	Paradigma da voz passiva flexional.....	95
Quadro 12–	Significados contextuais do perfectivo	110
Quadro 13–	Variantes contextuais do imperfectivo.....	122
Quadro 14–	Construções perfectivas	131
Quadro 15–	Construções imperfectivas	131
Quadro 16–	A estrutura das negativas.....	134
Quadro 17–	Particípio ativo.....	135
Quadro 18–	O aspecto lexical e o particípio ativo	141
Quadro 19–	Formas derivadas.....	142
Quadro 20–	Sistema verbal árabe	153
Quadro 21–	Tempos verbais do português que traduziram o perfectivo.....	169
Quadro 22–	Negação do perfectivo	191
Quadro 23–	Tempos verbais do português que traduziram o imperfectivo.....	196

LISTA DE ABREVIATURAS

AD	anno domini (calendário cristão)
APM	árabe padrão moderno
cf.	conferir
f.	feminino
H	ano da Hégira (calendário muçulmano)
Imp.	imperfectivo
<i>l.</i>	linha
lit.	literalmente
m.	masculino
p.	plural
p. ex.	por exemplo
PA	particípio ativo
Pf .	perfectivo
s.	singular
V.	volume

TABELA DE TRANSLITERAÇÃO

ء	'	ض	ḍ
ا	ā	ط	ṭ
ب	b	ظ	ḏ
ت	t	ع	ʿ
ث	ṭ	غ	ġ
ج	j	ف	f
ح	ḥ	ق	q
خ	ḫ	ك	k
د	d	ل	l
ذ	ḏ	م	m
ر	r	ن	n
ز	z	ه	h
س	s	و	w/ū
ش	š	ي	y/ī
ص	ṣ	ى	à

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
PARTE I	24
ASPECTO E TEMPO: REVISÃO DA LITERATURA	24
1 DO TEMPO	26
1.1 O TEMPO ABSOLUTO (OU DÊITICO).....	26
1.2 O TEMPO RELATIVO	27
1.3 OS TEMPOS	29
1.4 O TEMPO GRAMATICAL.....	31
2 DO ASPECTO.....	36
2.1 ASPECTO X <i>AKTIONSART</i>	37
2.2 <i>AKTIONSART</i> : CONCEITUAÇÃO E CLASSES	42
2.2.2 Situações dinâmicas: classificação e reconhecimento.....	45
2.2.3 Situações estáticas (estados).....	48
2.3 O ASPECTO COMPOSICIONAL - TIPOLOGIA.....	52
2.3.1 Imperfectivo x perfectivo	54
3 CONTRIBUTOS PARA A INVESTIGAÇÃO DO ASPECTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	60
3.1 CASTILHO (1968)	60
3.2 TRAVAGLIA.....	62
3.3 COSTA.....	66
3.4 CASTILHO (2000)	68
3.5 ILARI E BASSO	70
PARTE II.....	75
O SISTEMA VERBAL ÁRABE FRENTE AO DA LÍNGUA PORTUGUESA	75
1 PARTICULARIDADES DA TERMINOLOGIA MORFOLÓGICA DO VERBO ÁRABE E SEUS CORRESPONDENTES NO PORTUGUÊS	76

1.1 ASPECTOS MORFOLÓGICOS	78
1.1.1 Raiz	79
1.1.2 Afixos	80
1.1.3 Paradigma	81
1.1.4 Flexão	83
1.1.5 Pessoa	84
1.1.6 Tempo/aspecto	85
1.1.7 Modo	88
1.1.8 Voz.....	94
 2 AS FORMAS VERBAIS ÁRABES: TEMPO OU ASPECTO?	97
2.1 EMPREGO E VALORES DA FORMA PERFECTIVA.....	102
2.2 VALORES E EMPREGO DA FORMA IMPERFECTIVA.....	110
2.3 CONSTRUÇÕES COM O AUXILIAR كان /kāna/ ‘SER/ESTAR’	123
2.4 A PARTÍCULA قد /QAD/	127
2.5 AS PARTÍCULAS NEGATIVAS “TEMPORAIS”	132
2.6 O PARTICÍPIO ATIVO.....	134
2.7 OS VERBOS DERIVADOS	142
2.7.1 Forma I – فعل /fa ^c ala/	143
2.7.2 Forma II – فَعَّلَ /fa ^{cc} ala/	144
2.7.3 Forma III – فاعَلَ /fā ^c ala/	145
2.7.4 Forma IV – أَفْعَلَ /ʾaf ^c ala/	145
2.7.5 Forma V – تَفَعَّلَ /tafa ^{cc} ala/	146
2.7.6 Forma VI – تَفَاعَلَ /tafā ^c ala/	146
2.7.7 Forma VII – اِنْفَعَلَ /infacala/	146
2.7.8 Forma VIII – اِفْتَعَلَ /ifta ^c ala/	147
2.7.9 Forma IX – اِفْعَلَ /if ^c alla/	147
2.7.10 Forma X – اسْتَفْعَلَ /istaf ^c ala/	147
 3 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE TEMPO E ASPECTO DO VERBO	
ÁRABE.....	149
3.1 SIBAWAYHI.....	149
3.2 HASSAN.....	152
3.3. MUSSA e ĀLI.....	155

3.4 FASSI-FEHRI	158
3.5 MUGHAZY	160
PARTE III	165
ANÁLISE DOS DADOS.....	165
1 DAS FORMAS PERFECTIVAS	168
1.1 O PERFECTIVO E AS FORMAS DO PASSADO	170
1.1.1 Pretérito perfeito.....	170
1.1.2 Pretérito mais-que-perfeito.....	173
1.1.3 Imperfeito do indicativo	176
1.1.4 Futuro do pretérito	178
1.1.5 Imperfeito do subjuntivo.....	179
1.2 O PERFECTIVO E AS FORMAS DO NÃO-PASSADO	179
1.2.1 Presente do indicativo	179
1.2.2 Presente do subjuntivo	184
1.3 O PERFECTIVO E AS FORMAS NOMINAIS	184
1.3.1 Infinitivo	184
1.3.2 Particípio	185
1.4 O PERFECTIVO E AS PERÍFRASES VERBAIS	186
1.5 O PERFECTIVO E A NEGAÇÃO	190
2 DAS FORMAS IMPERFECTIVAS.....	194
2.1 O IMPERFECTIVO E AS FORMAS DO NÃO-PASSADO	196
2.1.1 Presente do indicativo	196
2.1.2 Presente do subjuntivo	200
2.1.3 Futuro do indicativo	201
2.2 O IMPERFECTIVO E AS FORMAS DO PASSADO	202
2.2.1 Pretérito perfeito.....	202
2.2.2 Pretérito imperfeito do indicativo	204
2.2.3 Imperfeito do subjuntivo.....	207
2.2.4 Futuro do pretérito do indicativo.....	208
2.3 O IMPERFECTIVO E AS FORMAS NOMINAIS	209
2.3.1 Infinitivo	210

2.3.2 Gerúndio.....	213
2.3.3 Particípio	215
3 O PARTICÍPIO ATIVO	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS.....	224
ANEXO A – <i>CORPUS</i>	230
ANEXO B – TRADUÇÃO DO <i>CORPUS</i> FEITA PELA PESQUISA.....	234
ANEXO C – TRADUÇÃO DE ADRIANO APRIGLIANO	238

INTRODUÇÃO

A prática do ensino da língua árabe aos falantes da língua portuguesa levou à observação de uma diferença relevante entre as duas línguas no que diz respeito ao sistema verbal. O complexo quadro de conjugação da língua portuguesa se contrasta com a existência de apenas duas formas verbais árabes, /almāḍī/ e /almuḍāri^c/, referidas, respectivamente, em livros ocidentais como “passado” e “presente”, ou “perfectivo” e “imperfectivo”, entre outras denominações,¹ traduções essas que envolvem duas noções diferentes, pois os termos passado e presente se referem a tempo – que indica o momento da ocorrência dos eventos –, enquanto que perfectivo e imperfectivo, são termos ligados à noção de aspecto – que põe ênfase à ação em si, em suas fases de desenvolvimento.

Passar o árabe para o português, assim como se observa para algumas outras línguas, sempre significou um desafio no que diz respeito ao verbo. As duas formas – /almāḍī/ e /almuḍāri^c/ – podem corresponder a quaisquer das formas temporais da língua portuguesa, de acordo com o contexto discursivo mais amplo em que se insere o item verbal. Cuvalay-Haak² assinala ainda que a escolha da interpretação temporal de uma determinada forma verbal pode ser depreendida do contexto linguístico ou extralinguístico, neste último caso, diz respeito ao conhecimento geral do enunciador e do destinatário e à situação na qual a expressão é proferida. As duas formas imperfectivas presentes nas citações do Alcorão, abaixo, dão exemplos do papel do contexto linguístico e extralinguístico para a depreensão do valor temporal das formas:

- (1) a ... لم تقتلون أنبياء الله من قبل... (Alcorão 2:91)
 /lima **taqtulūna** 'anbyā'a llāhi min qablu.../
 por que **matam**.Imp.3^a.m.p. profetas o-Deus *de antes*
 Por que, *antes*, vocês **matavam**, os profetas de Deus...?
- b ... الله يحكم بينهم يوم القيامة... (Alcorão 2:113)
 /allāhu **yahkumu** bayna -hum yawma l qiyāmati.../
 Deus **julga**.Imp.3^a.m.s entre -eles dia a -ressurreição
 Deus **julgará** entre eles no Dia da Ressurreição.

¹ O par recebe várias outras denominações: acabado/inacabado (no francês, accompli/inaccompli) (Henri Fleisch, Blachère e Gaudefroy-Demombynes, etc.), perfeito/imperfeito (Wright, Haywood e Nahmad, etc.), forma sufixada e forma prefixada (Holes, Cuvalay-Haak, etc.).

² CUVALAY-HAAK, 1997, p. 131-2.

Apesar de ambas as formas verbais serem imperfectivas (prefixadas – como na denominação da autora), a interpretação temporal é diferente, como fica claro na tradução. As duas citações têm adverbiais que atuam como o ponto de referência localizador do momento da ocorrência da situação. A autora assinala que o adverbial de (1a), من قبل /min qablu/ ‘antes’, é o responsável pela leitura de passado da situação, indicando, assim, que a forma prefixada não é, neste caso, usada para dar a referência temporal. Uma interpretação modal não convém, dado que a situação de “matar os profetas de Deus” não é apresentada como não real, incerta. O valor aspectual da forma, geralmente, veicula a noção de cursividade ou habitualidade, no entanto, o verbo “matar” é pontual, momentâneo, e a interpretação de cursividade só seria possível numa leitura de que os profetas foram mortos em uma mesma ocasião. Dado o conhecimento geral de que os assassinios ocorreram em diferentes momentos, a forma prefixada é interpretada como indicando a expressão de habitualidade, uma ação que se repetia de tempos em tempos, sempre que Deus enviava um novo profeta.³

Já em (1b), como a expectativa do julgamento é apresentada como certa, uma leitura em termos modal (incerto) não é possível, também não se pode interpretar que transmita a noção aspectual cursiva ou habitual, pois é apresentado um evento único e momentâneo. Contudo, a referência temporal do adverbial يوم القيامة /yawma lqiyāma/ ‘no Dia da Ressurreição’, que, pressupõe-se é sabido que ainda ocorrerá, é compatível com a interpretação de tempo futuro que a forma verbal imperfectiva pode transmitir. Para a leitura correta das duas formas imperfectivas, nos exemplos, foram decisivas as características linguísticas, como a presença dos adverbiais e a aspectualidade inerente dos predicados, assim como o conhecimento extralinguístico dos fatos expressos.

A discussão sobre o sistema verbal árabe não é recente, pois dela já se ocuparam vários estudiosos tanto árabes, ou em língua árabe, como arabistas, em línguas ocidentais⁴. Ainda, há os estudos mais recentes que se propuseram a abordar o tema à luz da linguística moderna, se afastando um pouco da visão adotada pelos gramáticos tradicionais que descreviam esse sistema verbal como temporal, dentre os citados nos trabalhos por nós consultados, estão Assamarā’ī (1983), Almarḥzūmī (1986) e Jahfa (2006).

³ Em Nasr (s/d), a citação (1a) foi traduzida para o português “Por que, então, **matastes**, antes, os profetas de Allah...”, numa interpretação de que a forma imperfectiva, neste exemplo, indicava somente tempo passado, sendo ignorado seu valor aspectual de habitualidade, apontado por Cuvalay-Haak.

⁴ Citam-se aqui alguns: SIBAWAYHI (séc. VIII), IBN YA‘ĪŠ (séc. XII), IBN ‘AQĪL (séc. XIII), HENRI FLEISCH (1956), AL-KHAFĀJĪ (1972), BLACHÈRE e GAUDEFRY-DEMOMBYNES (1975), LIPINSKY (1977), VERSTEEGH (1981/2013), IBN EL FAROUK (1996), CUVALAY-HAAK (1997), LARCHER, (2003), HOLES (2004), BAHLOUL (2008), dentre outros.

No entanto, em língua portuguesa, apesar do grande número de traduções diretas do árabe que têm surgido nos últimos anos, são poucos os livros que se dedicam ao estudo da gramática da língua árabe⁵, e nenhum, pelo menos que tenha chegado até o conhecimento desta pesquisa, sobre o sistema verbal. Fato este que reforçou o interesse por esta pesquisa cujo objetivo é versar sobre o sistema verbal árabe, no que se refere às categorias de tempo e aspecto, a fim de estabelecer uma discussão de como as suas duas formas verbais podem ser representadas no português do Brasil.

A escolha de discutir um sistema verbal qualquer implica estabelecer limitações. E porque o objetivo da pesquisa é analisar os valores das formas verbais árabes com a finalidade de descobrir por que formas gramaticais verbais da língua portuguesa elas podem ser expressas, questões sobre o tempo e o aspecto fazem-se relevantes. Dada a natureza inédita do assunto, como já mencionado, ampliar o campo de pesquisa adicionaria uma complexidade a mais, assim, outras manifestações relacionadas ao tema devem ser deixadas de lado, como, por exemplo, investigar o modo⁶, estreitamente ligado ao tema, questões de expressão aspectuais em outras classes morfológicas (substantivos e adjetivos), ou ainda abordar as questões incluindo outras variantes do português atual, como por exemplo, a vertente europeia, só para referir alguns exemplos.

Na análise da expressão verbal, o conceito “tempo” já é discutido há muito, desde a época da antiguidade clássica ocidental, quando se delineou a visão considerada fundamental no tratamento dos verbos de que ele é uma palavra que denota ação e a sua tripartição para expressar passado, presente e futuro. Contudo, Lyons (1977) assinala que, mesmo em períodos precoces, já havia a noção de que a expressão verbal era mais complexa quando o gramático latino Marcus Terentio Varro (Varrão), mais ou menos quarenta e cinco anos antes de Cristo, estabeleceu a distinção entre processo concluído (*perfectum*) e processo não-concluído e ainda em desenvolvimento (*infectum*).

Ainda na atualidade, o conceito de aspecto, segundo Comrie (1976, p. 1)⁷, “tende a ser menos familiar para estudantes de linguística que outros termos de categorias verbais,

⁵ Pode-se referir a existência de dois títulos: JUBRAN, Safa A.C. *Árabe e português: fonologia contrastiva com aplicação de tecnologias informatizadas*. São Paulo: EdUSP, 2004, e COWAN, David. *Gramática do árabe moderno*. Trad. Safa A.C. Jubran. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2006.

⁶ As distinções modais no árabe, por mais que difiram das da língua portuguesa, são marcadas de maneira mais clara que o tempo e o aspecto; isso faz com que se perceba no contexto alguma inferência do enunciador de sentido deontico/avaliativo da situação (como a indicação de desejo, intenção, obrigação); e/ou epistêmico (como na indicação de valores como verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência). (Cf. GIVÓN, 2001, p. 300).

tais como tempo e modo”⁸. Isso se dá, talvez, por causa do caráter complexo pelo qual se expressa, já que o aspecto não é percebido em todas as línguas em marcas morfológicas, mas sim se concretiza por meio da relação dos diversos e diferentes recursos linguísticos e extralinguísticos, que, segundo Travaglia (2015, p. 322), na língua portuguesa, seriam: “a flexão verbal, as perífrases, o semantema do verbo, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional, a repetição do verbo, a ênfase entonacional, as preposições e o complemento do verbo”.

Embora os estudos linguísticos reconheçam o valor das formas verbais na expressão do aspecto, o sistema verbal português tem sido tradicionalmente apresentado nas gramáticas como uma categoria identificadora do tempo, ligada à noção de passado, presente e futuro. Para isso, conta com uma série de elementos mórficos capazes de expressar com distinção as diversas etapas dessa divisão tripartida do tempo. Por seu turno, as duas formas do árabe têm sido consideradas por arabistas ocidentais e orientais ora como indicadoras de noções aspectuais ora temporais, ou ainda como portadoras das duas noções ao mesmo tempo.

É sabido que os conceitos de tempo e aspecto geram discussões e argumentações entre os estudiosos de linguagem, e a análise atualmente disponível não está assumidamente completa e exaustiva. Esta pesquisa, por seu lado, pretende contrastar os dois sistemas verbais, a partir das análises já feitas por diversos autores, conjugando os resultados apontados para o árabe, dentre outros, por Bahloul (2008), Holes (2004) e Cuvalay-Haak (1997), e, para o português, dentre outros, Castilho (1968, 2000-2), Luiz Carlos Travaglia (1985) e Oliveira (2006).

O tema escolhido se refere à pesquisa da expressão do tempo e do aspecto na língua árabe literária moderna, derivada da língua árabe clássica, padronizada após o surgimento do Islã, na época do império abássida, califado de Othman, no sétimo século da era cristã, nas escolas de Bašra e Kūfa, no Iraque⁹. Atualmente, quando se menciona a língua árabe, é preciso levar em consideração, pelo menos, três variedades: *i*) o árabe clássico – que foi basicamente a linguagem da literatura e oratória pré-islâmica, do Livro Sagrado do islamismo – o Alcorão –, e de toda a literatura árabe escrita após o advento do Islã; *ii*) o árabe padrão moderno, também chamado de árabe literário moderno e árabe *standard* moderno – que emergiu por volta de fins do século XVIII, com o aumento da alfabetização e a popularização dos meios de comunicação; *iii*) o árabe coloquial ou dialetal, que, obviamente,

⁸ *tends to be less familiar to students of linguistics than are terms for the other verbal categories such as tense or mood.* (COMRIE, 1976, p. 1) (Esta e as demais citações em língua estrangeira foram traduzidas por esta pesquisa).

⁹ Cf. LIPINSKI (1997).

tem seu parentesco com o árabe clássico e moderno, mas que evoluiu diferentemente em cada região do Mundo Árabe.

Segundo Ridyng (2005, p. 4), a diferença entre o árabe clássico e o moderno se encontra apenas no estilo e no vocabulário, uma vez que os escritos representam eras e culturas muito diferentes. Tanto o árabe clássico quanto o moderno são denominados em árabe por الفصحى /alfuṣḥà/ (lit.a [linguagem] mais eloquente). Não existe consenso entre os pesquisadores do mundo árabe quanto ao escopo e definição do termo الفصحى /alfuṣḥà/, que, às vezes, vem acompanhado pelos termos المعاصرة /almu‘āṣira/ ‘contemporânea’, para designar língua árabe moderna ou التراث /atturāt/ ‘herança cultural, patrimônio’, para o clássico

Nesta pesquisa, a vertente em análise é o árabe padrão moderno (doravante APM), podendo aparecer, também, apenas “árabe”; em casos em que se refira especificamente a uma das demais variantes, estará definido “árabe clássico” ou “árabe coloquial/dialetal”.

O *corpus* que servirá de base para a pesquisa é o conto “O tapete persa”, da escritora libanesa Ḥanān Aṣṣayḥ¹⁰. O conto é de interesse para este estudo pela quantidade de formas verbais – cerca de trezentos verbos –, isoladas ou em construções perifrásticas. Também a habilidade da escritora em árabe literário moderno foi considerada na escolha do conto.

O conto é uma narrativa que alterna entre o momento presente, quando a personagem se prepara para rever a mãe, a quem não via desde que ela se divorciara de seu pai, e sua projeção para o futuro, ao imaginar como será este reencontro. Ao mesmo tempo, o texto é permeado por lembranças, em forma de construções no passado, apresentando todas as possibilidades de construções temporais e aspectuais.

“Pela alternância de sequências narrativas e de monólogos interiores, pelo jogo das múltiplas temporalidades que podem ser expressas por uma manipulação muito atual das possibilidades da língua árabe, a escrita de Ḥanān Aṣṣayḥ cria um universo literário onde se misturam passado e presente, realidade interior e mundo real, loucura e lucidez”.¹¹

O método de análise adotado nesta pesquisa partiu da leitura e tradução do texto que compõe o *corpus* investigado, o conto “O tapete persa”. Após a tradução, efetuou-se a

¹⁰ Libanesa, nascida em 1945, tem vários contos e crônicas publicados. Dentre seus vários romances estão *Intiḥār rajulmayyit* “Suicídio de um homem morto”, *Hikayat Zahra*, “A história de Zahra”, e *Misk Alḡazāl*, “Almiscar da gazela”, além de *Only in London*, seu livro publicado em inglês, na capital inglesa, onde vive desde 1982.

¹¹ *Par l’alternance de séquences narratives et de monologues intérieurs, par Le jeu sur les multiples temporalités qui peuvent être exprimées par un maniement très actuel des possibilités de la langue arabe, l’écriture de Hanan el-Cheikh crée un univers littéraire où se mêlent passé et présent, réalité intérieure et monde réel, folie et lucidité*. (HALLAG e GONZALEZ-QUIJANO, 2005, p. 161).

identificação das formas verbais árabes, perfectivas e imperfectivas, a serem identificadas e estudadas, tendo como suporte os trabalhos teóricos discutidos nas Partes I e II, que versam sobre tempo e aspecto nas línguas portuguesa e árabe padrão moderna. Destacaram-se os conceitos que interessam à investigação em pauta, sempre contrastando-os e comparando-os, à procura da identificação, a partir de seu emprego, dos tempos verbais do português que podem adequadamente exprimi-los. Manteve-se sempre em vista a expressão temporal ou aspectual veiculadas pelas formas, observando-se a importância dos demais elementos linguísticos (morfológicos, semânticos ou textuais) responsáveis pela expressão das duas categorias em APM.

O objetivo ao se analisarem contrastivamente esses sistemas é descobrir o máximo possível de suas semelhanças e contrastes, a fim de desenvolver uma reflexão sobre os mecanismos que podem ser utilizados por estudiosos falantes do português brasileiro para traduzirem o árabe. No entanto, este não é um trabalho específico sobre tradução. Seu objetivo não é estabelecer nenhum sistema de tradução do árabe para o português, mas antes lançar luz sobre uma das dificuldades da tradução no que se refere ao item verbal inserido no contexto maior.

Dessa forma, a organização textual desta tese está distribuída em três partes:

A Parte I tem por finalidade apresentar as linhas básicas seguidas nesta pesquisa. Para tal, começa apresentando o panorama dos estudos atuais – para as línguas em geral, mas com enfoque na língua portuguesa –, sobre as questões relativas a tempo e aspecto, discutindo as classes verbais, ou a *Aktionsart*, com algumas inferências preliminares sobre a língua árabe para estabelecer que, na análise das formas verbais árabes, será tomada como ponto de apoio a proposta aspectual pensada por Castilho para o português, lançada em Castilho 1968, e retomada, com algumas alterações, em Castilho 2000 e 2002. A Parte I se encerra com a proposta dos quadros aspectuais para o português de alguns autores brasileiros.

A Parte II constitui um estudo das formas verbais árabes com o duplo objetivo: trazer à luz, em língua portuguesa do Brasil, algumas características da categoria, até então não existentes na língua, e o de discutir os valores temporais e/ou aspectuais das duas formas, perfectiva e imperfectiva. Começa-se por apresentar o quadro verbal discutindo sua morfologia e as categorias relacionadas a ele (pessoa, número, tempo/aspecto, modo, voz), e, na sequência, discutem-se os valores temporais e aspectuais veiculados pelas duas formas assim como o papel do auxiliar كان /kāna/ ‘ser/estar’, das partículas de negação e de قد /qad/¹².

¹² A partícula قد /qad/, assim como várias outras (سوف /sawfa/, إن /in/, إِنَّ /inna /,...), não tem um referencial fixo no português. Ao longo do trabalho, nas traduções literais, elas estarão apenas transliteradas.

Por fim, apresenta-se a discussão estabelecida em trabalhos de relevo sobre o tema, partindo do primeiro gramático da língua até linguistas modernos.

A Parte III analisa as formas verbais árabes presentes no conto “O tapete persa”, traduzido para esta pesquisa com especial atenção ao tempo ou aspecto veiculados por elas, com a apresentação de discussão para cada proposta de tradução no português.

Como já assinalado, o árabe tem apenas duas formas verbais gramaticalizadas para a expressão de todas as possibilidades temporal e aspectual. Esta característica pressupõe, na passagem da língua árabe para a portuguesa, uma série de opções disponíveis a serem empregadas de acordo com o objetivo da tradução e o estilo pessoal do tradutor. Para ilustrar as diferentes possibilidades, esta pesquisa lançará mão, durante a análise das formas, da tradução do conto feita por Adriano Aprigliano, pesquisador do Grupo Tarjama¹³.

Após as análises serão tecidas algumas considerações finais, levando-se em conta os dados obtidos com a análise, parte essa seguida pelas referências bibliográficas e por três anexos: o conto “O tapete persa”, em árabe; a tradução feita por esta pesquisa para a análise; e a tradução de Adriano Aprigliano.

¹³ “**Tarjama**: Escola de tradutores de literatura árabe moderna” é um grupo de pesquisa do CNPq, desde 2013. O grupo pretende disponibilizar um espaço permanente de formação na especialidade de tradução da literatura árabe contemporânea a partir do idioma original e fornecer um espaço onde os alunos interessados em trabalhar profissionalmente com a tradução do árabe literário recebam treinamento nas especificidades do ofício, adquirindo, com o tempo, independência para atuar como profissionais da tradução de textos literários do árabe para o português. (Informação extraída do site: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4310714326228001>).

PARTE I

ASPECTO E TEMPO: REVISÃO DA LITERATURA

Os estudos sobre verbo nas gramáticas tradicionais do português têm dado destaque à característica puramente temporal da categoria, quase sempre ignorando seu entrelaçamento com os valores aspectuais e modais associados a ela, embora o modo possua algum destaque nesses livros. O fato de, no português, existir mais de um tempo verbal passado é indicador de que o verbo contém informações que não podem ser tratadas apenas como questões temporais. Travaglia (2015, p. 27-48) faz uma revisão da literatura sobre o assunto nessas gramáticas e aponta que alguns autores referem uma noção além da temporal e modal, porém tal apresentação, geralmente, não é sistematizada e sem uma fundamentação que justifique algumas considerações:

Muitas vezes o que temos é uma superposição ao Português de quadros aspectuais criados por estudiosos de outras línguas, e quase sempre não se define com clareza a categoria ou as noções enquadradas dentro dela que, com frequência, são simplesmente nomeadas. (TRAVAGLIA, 2015, p. 27)

Exceção, na opinião do autor, seria o trabalho de Castilho (1968), que é “bastante rico e profundo”, embora reconheça que alguns fatos não sejam interpretados da mesma maneira que a dele.

Em estudos mais recentes, na pesquisa sobre verbo, tem-se discutido que, além do tempo e do modo, ele também está intimamente ligado ao aspecto. Tais trabalhos tentam estabelecer algum critério de classificação da expressão da categoria na língua portuguesa, às vezes, deixando de lado os estudos baseados em descobertas pertinentes a outras línguas, e, outras vezes, apenas tentando situar o português em um correlato encontrado em alguma outra língua estrangeira, e isto faz com que o acúmulo de trabalhos, por vezes, torne o quadro mais confuso do que realmente deveria ser.

Outro percalço no estudo do aspecto é que as terminologias e as definições utilizadas são por vezes divergentes. Frequentemente, um mesmo termo é empregado dentre os autores com definições diferentes, já conceituações idênticas são denominadas por terminologias variadas ou, ainda, conceitos bem parecidos são usados um pelo outro ou

diferenciados. Observa-se um exemplo do exposto nas palavras de Castilho (1968, p. 54) abaixo:

Citamos as posições demasiado sutis de P. Naert (o iterativo designa a repetição de ações simples, separadas por um lapso de tempo mais ou menos longo e o frequentativo se reserva para as ações de "segunda ordem" como *saltitar*) e L. Roussel (o iterativo indica um fato cumprido uma segunda vez, sendo frequentativo o ato repetido várias vezes). (CASTILHO, 1968, p. 54)

O objetivo é trazer à tona algumas discussões sobre o tempo e o aspecto de maneira abrangente, pensando na língua portuguesa, mas, por vezes, considerando pesquisas relevantes para outras línguas. Sempre que possível, será estabelecido um paralelo com a língua árabe, no entanto, vale ressaltar que a finalidade aqui não é apresentar as questões relativas a tempo e aspecto em árabe, que será tema da Parte II, dedicada ao árabe, em contraste com a língua portuguesa.

Na primeira seção, tecem-se algumas considerações sobre o tempo, com o objetivo de distingui-lo do conceito de aspecto, cuja discussão virá, na sequência. Na segunda seção, serão apresentadas algumas definições de aspecto verbal e a caracterização dos processos empregados para a sua expressão, assim como sua tipologia constituinte, a saber, o aspecto morfológico, expresso por meio da flexão verbal ou das perífrases verbais, e o aspecto lexical, que se manifesta por meio da *Aktionsart* ou natureza semântica contida nas unidades verbais (ou nas predicções verbais). Por fim, com base nas análises de Castilho (1968, 2000-2) das distinções aspectuais, esta pesquisa reconhece que a expressão do aspecto é composicional para a qual atuam diversos elementos contidos na predicação (ou mesmo fora como é o caso do argumento externo¹⁴). Após a apresentação do que será considerado no trabalho como distinção aspectual, na seção 3, será apresentada uma revisão de alguns trabalhos relevantes que abordaram a questão do aspecto na língua portuguesa.

¹⁴ Na linguística contemporânea, denomina-se “argumento” cada participante de uma dada situação descrita numa frase que desempenha um papel (temático) de acordo com o tipo de situação veiculado por um predicador. P. ex., o verbo “cantar” exige um argumento agente. O argumento agentivo é um ser animado que, intencional e controladamente, desencadeia uma situação: o João foi esbofeteado pela Maria. O argumento causativo, também, afeta o mundo só que de modo involuntário: O coronel assustou os soldados (sem querer). (RAPOSO, E. B. P. et al. *Gramática do português*. Volume I. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2013. p. 373-7)

1 DO TEMPO

1.1 O TEMPO ABSOLUTO (OU DÊITICO)

Parece ser consenso entre os pesquisadores a respeito do tempo que se trata de uma categoria dêitica, isto é, o expresso no predicado se caracteriza por sua ligação com o momento da enunciação. A palavra *dêixis*, que tem a sua origem na língua grega, com o significado de apontamento, indicação,¹⁵ nas palavras de Costa (1997, p. 16), “é a faculdade que têm as línguas de designar os referentes através da sua localização no tempo e no espaço, tomando como ponto de referência básica o falante”. Observa-se a importância da categoria pessoa para a identificação do ponto-dêitico da enunciação. Sendo a atividade de elocução uma troca constante de papéis, o papel central desempenhado pelo falante será ora um, o eu que está falando, e ora o outro, isto é, o você, com quem se está falando, o que significa que “eu é um signo linguístico que não tem um referente fixo” (COSTA, 1997, p. 16), e o você se torna o eu no seu turno de fala e vice versa. Os participantes organizam os pensamentos e os fatos narrados em uma linha imaginária que os localiza no tempo e que tem como referência o espaço e o momento de sua enunciação que os ancora num ponto real: o ponto-dêitico.

Nas línguas, em geral, os verbos são os elementos linguísticos que gramaticalizam a concepção de tempo “entendido como uma ordenação linear orientada do passado para o futuro” (OLIVEIRA, 2006, p. 130). Essa ordenação, como já visto supra, pressupõe que os fatos ou acontecimentos estão localizados, em relação ao momento da fala (o ponto dêitico), que toma como referência o tempo presente, num momento anterior, simultâneo ou posterior, equivalentes aos três tempos básicos: presente, passado ou futuro. No entanto, essa tripla partição do tempo não encontra distinção em todas as línguas, como no árabe, por exemplo, que só codifica uma oposição binária no seu sistema flexional, comumente descrita, passado/não-passado.

- (1.1) a الولد يكتب (غداً)
/alwaladu **yaktubu** (ġadan)/
O menino **escreve/está escrevendo/escreverá (amanhã)**.
- b الولد كتب
/alwaladu **kataba**/
O menino **escreveu/escrevera**.

¹⁵ C.f. LYONS, 1977, v. 2, p. 275.

1.2 O TEMPO RELATIVO

Os tempos dêiticos têm como orientação temporal o momento da fala ou a enunciação; e é a partir dele que as outras duas dimensões temporais – passado e futuro – podem ser estabelecidas. Discute-se, no entanto, que os tempos não estão associados somente ao momento do ato da fala. Quando os enunciados descrevem mais de uma situação, a ordenação temporal é mais complexa, não existindo somente um ponto de referência relativo ao momento da enunciação, mas sim relativo à outra situação que pode ser identificada no próprio contexto da frase, por meio de elementos linguísticos.

A identificação do tempo a partir de um ponto de referência não-dêitico remete às questões levantadas pelo filósofo Reichenbach (1947) pensadas para a língua inglesa, mas que convém aos estudos linguísticos no tratamento do tempo nas línguas em geral. O filósofo considerou um sistema de interpretação dos tempos verbais no qual se admite que a relação do momento do evento não se estabelece somente com o momento da fala, mas que, por vezes, existe outro momento que serve como ponto de referência para uma dada situação. A localização temporal fica, então, estabelecida sobre três momentos representados assim¹⁶: momento da fala (MF) – que supostamente é sempre o tempo presente, a partir do qual se pode localizar o momento do evento; momento do evento (ME) – trata-se da situação em si; e ponto de referência (PR) – que é um localizador intermediário do ponto do evento. Esses momentos são representados em uma ordenação da esquerda para a direita: anterior a/posterior a/simultâneo a; as relações de linearidade são representadas por ‘_’, e as de simultaneidade, por ‘,’. Resume-se o visto com os seguintes exemplos de Oliveira (2006, p. 131):

(1.2)	a A Maria vive no Porto.	ME,PR,MF
	b O Pedro saiu.	PR,ME–MF
	c O Pedro tinha saído quando a Maria telefonou.	ME–PR–MF

A forma verbal flexionada no tempo presente de (1.2a) indica simultaneidade entre o momento da fala e o momento do evento; como não há um momento de referência explícito, os três momentos são coincidentes. Em (1.2b) também não há um ponto de referência explícito, no entanto, o verbo flexionado no pretérito perfeito, situa o momento do evento/referência num ponto anterior ao momento da fala. No exemplo (1.2c), a oração temporal “quando Maria telefonou” funciona como ponto de referência que indica que a saída

¹⁶ É comum na literatura sobre o assunto os autores utilizarem as siglas lançadas por Reichenbach (1947) em referência aos três momentos: S para o momento da fala ou enunciação – *speech time*; E, para o momento do evento – *event time*; e R, para o momento de referência – *reference time*.

de Pedro já havia ocorrido quando Maria telefonou e ambas as situações ocorreram num momento anterior ao momento da fala. Oliveira (2006, p. 142) menciona que, no português, frases com verbo no pretérito mais-que-perfeito só são aceitáveis se forem construídas com um ponto de referência ou de perspectiva temporal, como no caso, a oração adverbial “quando a Maria telefonou”.

Comrie (1976, p. 2) afirma que as formas verbais árabes expressam mais o tempo relativo que o absoluto, mas, na ausência de algum ponto de referência, assim como nas línguas em geral, o presente será tomado como o ponto de referência:

(1.3) a الله يعلم بما تعملون ME, PR, MF
 /ʔallah-u yaʕlam-u bi -mā taʕmalūna/
 Deus sabe._{Imp.3ª.m.s.} com -que fazem._{Imp.2ª.m.p.}
 Deus sabe o que vocês fazem.

b جلسوا على الباب PR, ME - MF
 /jalas-ū ʕalā lbābi/
 Sentaram-se._{Pf.3ª.m.p.} a a-porta
 Sentaram-se à porta.

São construções como a exemplificada abaixo emprestada de Bahloul (2008, p. 50) que levaram Comrie a considerar que as formas verbais árabes expressam essencialmente o tempo relativo:

(1.4) في نفس الوقت صرّح سفير البرازيل "روبين ريباير" بأنّ تلك البلدان قدّمت أكثر ممّا ينبغي أن تقدّم
 ME, PR-MF / ME-MR-MF
 /fī nafsi lwaqti ʕarraḥa safīru lbarāzīl Ruben Ribairu
 em mesmo o-tempo **declarou**._{Pf.3ª.m.s.} embaixador o-Brasil Ruben Ribeiro
 bi -ʔanna tilka lbuldāna **qaddamat** ʔaktara mim -mā yanbaḡī
 com -que aqueles os-países **deram**._{Pf.3ª.f.s.} mais do -que é necessário._{Imp.3ª.m.s.}
 ʔan tuqaddim-a/
 que dêem._{Imp.3ª.m.s.}

Ao mesmo tempo, o embaixador do Brasil, Ruben Ribeiro, **declarou** que aqueles países **deram/tinham dado** mais do que deviam...

Os dois verbos em negrito, no exemplo acima, estão na forma perfectiva, ambos indicando situações que ocorreram antes do momento da fala e, conseqüentemente, localizados no passado. No entanto, a situação descrita na oração subordinada (deram/tinham dado mais do que deviam) ocorreu em momento anterior ao exposto na oração principal (o embaixador... declarou), que, na língua portuguesa, tipicamente, acionaria o emprego do

pretérito mais-que-perfeito (simples ou composto)¹⁷, mas, em árabe, a forma que o enunciador escolheu usar foi o perfectivo simples. Bahloul conclui que o perfectivo árabe parece comportar as duas representações:

- (i) ME,PR–MF representado nas línguas em geral pelo perfeito simples, forma que indica que o momento do evento coincide com o ponto de referência, ambos antes do momento da fala, e;
- (ii) ME–MR–MF em que ambos, o momento do evento e o ponto de referência são anteriores ao momento da enunciação, e, o momento do evento é anterior ao momento da referência.

1.3 OS TEMPOS

Quirk et al. (1985, p. 175-7) consideram que a interpretação do tempo pode ser pensada em três níveis: o referencial, o semântico e o gramatical, este último refere-se à flexão das formas do verbo. No nível referencial, o tempo pode ser pensado como uma linha sobre a qual o momento presente se localiza, como um ponto constantemente em movimento. Tudo o mais que se localizar antes desse momento será passado, e adiante, futuro, como representado na figura abaixo

Figura 1 de QUIRK (1985, p. 175).

No nível semântico, a interpretação de tempo passado, presente e futuro está relacionada ao significado dos verbos e pressupõe uma visão inclusiva do presente: “algo é definido como ‘presente’ se ele tem existência no momento presente, permitindo a possibilidade de que sua existência possa também se estender ao passado e futuro”¹⁸ (QUIRK et al, p. 175). E, na frase “Paris fica no Rio Sena”, a interpretação semântica do tempo presente da unidade verbal pressupõe que esse estado de coisa, embora presente, também foi verdadeiro por vários séculos no passado e continuará por um tempo indefinido no futuro. Para essa interpretação semântica, os autores propõem a figura 2 abaixo, onde se percebe que,

¹⁷ Assim como no árabe, esse tipo de construção (com os dois verbos no pretérito) têm se tornado frequente no português falado, e mesmo a forma mais-que-perfeita composta, de maior frequência que a simples, não tem sido muito utilizada. (Cf. FREITAG, 2007 e COAN, 2003)

¹⁸ *something is defined as ‘present’ if it has existence at the present moment, allowing for the possibility that its existence may also stretch into the past and into the future.* (QUIRK et al., 1985, p. 175)

na linha do tempo, o presente está inserido em algum momento entre o que o precedeu e o que o sucedeu:

Figura 2 de QUIRK (1985, p. 175)

Na interpretação semântica, fica evidente que, dentre os tempos verbais, o presente é o termo não-marcado¹⁹, como se observa em:

- (1.5) a João **gasta** muito dinheiro.
b João **gastou** muito dinheiro.

Em (1.5a) a afirmação pode ser verdadeira no presente, passado e futuro. Por servir na indicação de várias localizações temporais, o emprego da forma presente é mais frequente que a de (1.5b) “gastou”, que só pode ser empregada em situações passadas.

O presente assinalado por meio da morfologia dos verbos representa o terceiro nível: o gramatical. Na análise dos autores para o inglês, cuja flexão verbal só expressa o tempo passado e o tempo presente (a expressão do tempo futuro só é possível por meio de certas construções gramaticais como *will* + infinitivo), a partição tripla do tempo se reduz a duas. Os termos passado e não-passado, para representar a oposição, configuram-se como mais adequados que os tradicionais passado e presente, que podem levar à confusão entre tempo no sentido cronológico (time) e tempo gramatical (tense).

Como já apontado, a forma gramaticalizada para a expressão do tempo não-passado é o termo não-marcado da oposição passado-presente. Ele está de acordo com as exigências de marcação por ser estruturalmente menos complexo que o marcado (como nos exemplos: *I need a rest* / *I needed a rest* ‘eu preciso de um descanso/eu precisei de um

¹⁹ Cunha et al. (2003, p. 34), citando Givón, referem que o princípio da marcação pressupõe uma dualidade dentro de uma determinada estrutura na qual o termo marcado apresenta frequência de uso menor, e complexidade estrutural e cognitiva maior que o termo não-marcado correspondente. Lopes (1999, p. 142-143) assinala que numa relação entre dois elementos tem de haver semelhanças e diferenças para que sejam pares opostos, onde o “elemento não-marcado possui base pura”, e apresenta apenas uma parte de sua forma igual à estrutura marcada. Por ex., em “O homem é um animal racional”, a forma homem engloba também o feminino, mulheres; sendo assim, o masculino é a forma de gênero não-marcada, pois serve também para referir mulher, e tem uma combinação maior com outros elementos, enquanto que o feminino é de uso mais restrito.

descanso’) e de emprego mais abrangente, com uma restrição de uso menor que o passado, pois se pode empregar para expressar o presente e o futuro, enquanto que a forma passada só pode ser utilizada em situações passadas.²⁰

(1.6)	a	<i>Yestarday</i>	<i>*is</i>
<i>was</i>	<i>Sunday.</i>
		Ontem	<i>*e</i>
foi	Domingo.
	b	<i>Today/Tomorrow</i>	<i>is</i>	<i>Monday/ Tuesday.</i>
		Hoje/Amanhã	é	segunda-feira/terça-feira.

Os autores observam ainda a possibilidade de utilização da forma presente em questionamentos sobre uma atividade futura e em construções modais com significado futuro, respectivamente, ‘O que você está fazendo hoje/amanhã?’ (*What are you doing today/tomorrow?*) e ‘Eu posso ajudá-lo hoje/amanhã’ (*I can help you today/tomorrow*). Ambas as construções se tornariam agramaticais com o verbo no tempo passado: ‘*O que você está fazendo ontem?’, ‘*Eu posso ajudá-lo ontem’ (**What are you doing yestarday?*, **I can help you yestarday*).

As análises das traduções dos exemplos do inglês evidenciam que a tripartição passado, presente e futuro expressa pela morfologia verbal, também no português pode ser reduzida a duas formas. Emprega-se a forma marcada para assinalar as situações passadas, enquanto que a forma não-marcada, o tempo presente, expressa situações presentes e futuras, e até mesmo passadas. Tal conclusão de que o mesmo se dá para outras línguas já fora assinalada por Lyons (1977, p. 678):

O que geralmente é referido como tempo presente, em inglês e em muitas outras línguas, é de fato mais satisfatoriamente descrito como tempo não passado [...]. A distinção mais básica do sistema temporal inglês, como na grande maioria das outras línguas, é a distinção entre passado e não-passado. (LYONS, 1977, p. 678)²¹

1.4 O TEMPO GRAMATICAL

Na representação da linha do tempo, conforme a figura 2 (página 30), o verbo flexionado no tempo passado, ocupa o espaço à esquerda do momento presente: “É o que se emprega para ‘descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e

²⁰ O símbolo (*) será empregado neste trabalho para indicar um termo ou expressão mal formada, sintática ou semanticamente. Os símbolos (?) e (#) serão empregados na indicação de termo ou expressão de aceitabilidade duvidosa, o primeiro; e para termo ou expressão correta, mas que não se aplica ao contexto, o segundo.

²¹ *What is commonly referred to as the present tense, in English and many other languages, is in fact more satisfactorily described as the non-past tense [...] The most basic distinction in the English tense-system, as it in the vast majority of the tense-systems of other languages, is the distinction between past and non-past.* (LYONS, 1977, p. 678)

que o considera do presente”” (CUNHA, 1982, p. 435). Tal é a função básica do tempo passado e, geralmente, é a que se percebe em frases como:

- (1.7) a No último domingo, eu o **vi** na rua.
b **Fez-se** no circo um silêncio gélido...
c Gosto muito de valsa, **disse** ela.

De fato, o uso de tempo passado em sentenças simples, geralmente, localiza a situação sobre a qual uma afirmação está sendo feita no passado com relação ao tempo da fala.

Com relação ao diagrama da linha do tempo, o presente deve situar-se no ponto zero, coincidindo com o momento da fala do enunciado. Todavia, no estudo das línguas em geral, como já assinalado supra, o que se observa sobre a indicação do tempo presente é que ele dificilmente indica o que supostamente deveria: contemporaneidade com o ato da fala. Lyons (1977, p. 704) considera que o que se chama tradicionalmente por tempo presente, seria mais apropriadamente descrito por presente imperfeito; presente na sua indicação temporal (ou antes, o não-passado e não-futuro) e imperfeito em aspecto.

No caso do português, a indicação do tempo sobreposto ao momento da fala em frases simples é majoritariamente expressa por meio de perífrases com gerúndio:

- (1.8) Nós **estamos estudando**.

A natureza semântica do verbo tem relação direta com o valor que a forma flexional presente irá indicar. Quirk et al. (1985, p. 180) mencionam que, normalmente, a indicação do tempo presente é simultânea ao momento da fala em situações muito específicas como, por exemplo, com verbos “que se referem a uma única ação começada e completada aproximadamente no momento da fala [...] isso implica que o evento tem pouca ou nenhuma duração”. Trata-se do chamado presente instantâneo. Devido às restrições das classes verbais que podem indicar tais ocorrências, somente em determinadas situações o presente instantâneo é observável, como:

a) com verbos performativos²²:

- (1.9) a Eu **declaro** aberta a sessão.
b **Prometo** que vou contigo ao museu.

b) em declarações e auto-comentários que se realizam no tempo presente:

²² “Na terminologia de Austin, um enunciado é dito performativo se implicar a realização simultânea, pelo locutor, da ação evocada no dito enunciado”. (Associação portuguesa de linguística e Instituto de linguística teórica e computacional. *Dicionário de termos linguísticos*. Edição Cosmos, 1992.)

- (1.10) a Eu **digo** que você está errado.
 b Eu **incluo** , em anexo, um formulário para ser respondido.

c) em demonstrações de como fazer algo:

- (1.11) Eu **corto** a batata em rodelas, **ferve** o óleo.

d) em relatos diretos:

- (1.12) João **passa** a bola para Paulo que **finaliza** o gol.

Oliveira (2003, p. 144) acrescenta que, de acordo com o significado lexical do verbo, a combinação com o tempo presente pode resultar várias leituras, mas que com estados²³ haverá, pelo menos parcialmente, uma sobreposição com o momento da enunciação:

- (1.13) Tia, eu **estou** com medo!

No entanto, os verbos de estado que indicam verdades eternas (ditos proverbiais, verdades matemáticas e científicas) e localizações geográficas não pressupõem nenhuma referência específica de tempo. São denominados em Quirk et al. (1985, p. 179) de estado presente:

- (1.14) a Honestidade **é** a melhor política.
 b A água **consiste** de hidrogênio e oxigênio.
 c Dois e três **são** cinco.
 d O Peru **divide** a fronteira com Chile.

Com verbos de processo (ou atividade)²⁴ a flexão do presente pode transmitir uma leitura de habitualidade ou frequência (presente habitual ou frequentativo), sem uma marcação delimitadora do intervalo de tempo, o que é característico desse tipo de verbo.

- (1.15) a A Maria **fuma** .
 b A água **ferve** a 100° graus.
 c **Gosto** muito de valsa, disse ela.

Os verbos de estado e os de processo partilham a característica de apresentarem uma situação que dura no tempo, sem um intervalo definido para seu fim. Esse traço comum é o que imprime a (1.15c) a leitura de habitualidade do verbo de estado **gostar**. O exemplo (1.15b) mostra que, assim como os verbos de estado, o tempo presente associado a verbos dinâmicos também pode referir verdades eternas.

²³ Cf. 3.2, desta Parte.

²⁴ Cf., nesta Parte, em 3.2.2.1.

De fato, o tempo presente, além de não proporcionar em todas as situações uma leitura simultânea ao momento da ocorrência do evento, com verbos de processos culminados²⁵ pode gerar a estranheza dos exemplos abaixo²⁶:

- (1.16) a ?Manuel **lê** um livro.
b ?Manuel **faz** o almoço.

Oliveira avalia que a situação em (1.15b) pode ser considerada admissível na hipótese de um estabelecimento de um plano de atividades, onde é possível imaginar que, numa distribuição de tarefas, Manuel deve fazer o almoço, por exemplo. As duas frases, no entanto, podem tornar-se bem formadas com o acréscimo de um adverbial de quantificação ou duração, que, nesses casos, como nos vistos acima em (1.15), levarão à interpretação de habitualidade de (1.16a e b):

- (1.17) a Manuel **lê** um livro todas as semanas/em duas horas.
b Manuel **faz** o almoço muitas vezes/em meia hora.

O tempo presente serve ainda para projetar uma situação já ocorrida em uma sequência em que o tempo passado esteja marcado:

- (1.18) a Naquele dia longínquo, os revoltosos **proclamam** a independência da ilha.
b Fez-se no circo um silêncio gélido... O touro **arremete** contra ele... Uma e muitas vezes o **investe** cego e irado, mas a destreza do marquês **esquiva** sempre a pancada.

O que determina que as ocorrências são fatos passados é o adverbial “naquele dia longínquo” em (1.18a), e a oração que inicia o período “Fez-se no circo um silêncio gélido...” em (1.18b). Cunha (1982, p. 430) menciona que este uso do chamado presente histórico ou narrativo, é para dar mais vivacidade aos fatos ocorridos no passado. A forma verbal no tempo presente nestes contextos favorece uma percepção dos fatos como que ocorrendo no momento da leitura/fala, como se estivessem se desenrolando diante dos olhos daquele que lê/ouve.

As gramáticas do Português observam que o presente, acompanhado de adverbiais de tempo, é empregado na indicação de tempo futuro para dar mais ênfase em uma decisão, indicando que o evento ocorrerá tão certo como se fosse no tempo presente:

- (1.19) O avião **parte** para Ankara *às oito horas da noite*.

²⁵ Cf. 3.2.2.2, neste capítulo.

²⁶ Cf. OLIVEIRA, 2003, p. 145.

Para finalizar, Cunha (1982, p. 432) menciona, ainda, o uso do presente em construções nas quais se enuncia uma ordem ou pedido, que não teria a mesma delicadeza se o imperativo fosse utilizado:

- (1.20) a Você me **resolve** isto amanhã.
b **Quer** sentar-se, minha senhora?

A exposição precedente dá margens à hipótese de que as formas flexionais em que se encontram os verbos talvez não tenham um papel determinante na expressão do tempo. No exemplo (1.18), percebe-se que a indicação de tempo futuro é devida a presença do adverbial “às oito horas da noite”, e em (1.17b) a certeza de que os fatos se deram no passado decorre da presença do verbo no pretérito na frase que encabeça o período “Fez-se no circo um silêncio gélido”. Soma-se a este exame, a percepção de que alguns tipos de verbos não combinam, em frases isoladas, com o tempo presente, o que se confirma pela estranheza dos exemplos (1.16).

Tais análises parecem indicar que a localização temporal, nas línguas em geral, é uma função das formas verbais em contexto e não em isolamento, porque a validade linguística dos componentes de uma dada construção gramatical só se confirma segundo as relações que se estabelecem entre ela e os demais elementos com os quais está envolvida dentro da sentença.

2 DO ASPECTO

Comrie (1976, p. 1) introduz a definição de aspecto exemplificando-o com dois pares – *Il lisait* e *Il lut* (francês) e *He was reading/He read* (inglês) –, que se traduzem pelo seguinte par da língua portuguesa que serve ao propósito de ilustrar a diferença entre as duas categorias:

- (2.1) a Ele lia.
b Ele leu.

Percebe-se que a distinção entre as duas frases não é de tempo, visto que ambas, do ponto de vista dêitico, descrevem situações ocorridas no passado. Elas são diferentes, no entanto, quanto ao aspecto. Para destacar a diferença que o par acima apresenta, pode-se recorrer à definição já clássica nos estudos sobre o assunto, “são jeitos diferentes de ver a constituição temporal interna de uma situação”.²⁷ No exemplo (2.1a), a situação é vista em seu desenvolvimento, apresentada como se pudesse ser vista em seu desenrolar; enquanto que em (2.1b), o fato é visto como um todo, em sua integridade: ocorrido e concluído no passado. Esta faceta leva Ilari (2001, p. 19) a resumir: “Aspecto é uma questão de fase”. Em suma, enquanto que o tempo indica quando a situação expressa no predicado ocorreu, sempre em relação a algum momento (geralmente o momento da fala), o aspecto, por sua vez, indica como o evento se desenvolveu, se apresenta fases ou não. Todavia, tanto tempo como aspecto são conceitos ligados à temporalidade e, em (2.1b), percebe-se que o mesmo morfema serviu para indicar as duas categorias: “As formas do verbo, em português, exprimem simultaneamente tempo, modo e **aspecto**” [grifo do autor] (ILARI, 2001, p. 19).

A faculdade de as línguas expressarem as categorias de tempo e aspecto com um mesmo morfema, durante muito tempo, conduziu a um tratamento de ambas como categorias dependentes. Ao contrastar as duas, principalmente com relação à dêixis, Comrie sustenta que são categorias independentes, sendo o tempo diferenciado do aspecto por ter uma indicação temporal dêitica, que localiza as situações no tempo, tendo como apoio, geralmente, o momento da enunciação (a referência pode ser a outras situações como já visto na seção anterior); enquanto que o aspecto veicula noções temporais não-dêiticas, isto é, não há a preocupação de assinalar o momento em que a situação ocorreu em relação a qualquer outra época, mas somente com o desenvolvimento da situação temporal interna: “Pode-se afirmar a

²⁷ *are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation* (COMRIE, 1976, p. 3).

diferença como entre situação temporal interna (aspecto) e situação temporal externa (tempo)” (COMRIE, 1976, p. 5).²⁸

Nos autores estudados, observa-se que a definição da distinção de aspecto e de tempo é assunto de maior concordância. Nesta seção, falou-se brevemente da expressão do aspecto por meio da flexão morfológica dos verbos, que não é o único recurso de que as línguas dispõem para a sua expressão, e este tem sido um assunto controvertido e de muito debate. O centro da discussão envolve a ligação entre aspecto e *Aktionsart*, como será visto no que segue.

2.1 ASPECTO X AKTIONSART

Alguns autores apontam que, além da flexão das formas verbais, outro fator que contribui para a expressão do aspecto é o caráter do verbo da predicação. Para indicar o tipo de ação expresso no predicado, é comumente empregado, nos estudos sobre o assunto, o termo alemão *Aktionsart* que significa ‘modo de ação’, ‘tipos de ação’. A definição exata do termo não apresenta consenso, e diferentes interpretações podem ser depreendidas da leitura dos estudos de diversos autores. Devido a essa imprecisão, muitos optaram por uma ou outra das suas significações, além de ampliarem-nas, ou adotarem terminologia própria em suas pesquisas. No português, encontram-se expressões variadas, desde a própria terminologia alemã *Aktionsart* (Castilho) até “aspecto lexical” (Barroso), “aspecto semântico”, “acionalidade” (Ilari e Basso). O quadro não é diferente nos estudos do árabe, Mussa Tālīt (1427 H) cita as variadas denominações encontradas entre os autores: *جَهة معجمية* /jihha mu‘jamiyya/ ‘aspecto lexical’, *طبيعة المعنى* /ṭabī‘atu lma‘anà/ ‘caráter semântico’, *نمط الحدث* /namaṭu lḥadaṭ/ ‘modo de ação’, *طبيعة الحدث* /ṭabī‘atu lḥadaṭ/ ‘natureza do evento’, *طبيعة الفعل* /ṭabī‘atu lfi‘l/ ‘natureza da ação’.

Comrie opta por não utilizar a terminologia *Aktionsart* por conta da polêmica do termo na linguística eslava entre duas distinções de aspecto e *Aktionsart*. Em ambas as diferenciações, o aspecto é caracterizado como sendo “uma gramaticalização de distinções semânticas relevantes”, porém o segundo termo do par (*Aktionsart*) pode ser considerado i) “uma lexicalização das distinções, independentemente de como essas distinções são lexicalizadas” (COMRIE, 1976, p. 7)²⁹ ou ii) “uma lexicalização das distinções desde que a

²⁸ one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and situation-external time (tense). (COMRIE, 1976, p. 5)

²⁹ lexicalisation of the distinctions, irrespective of how these distinctions are lexicalized. (Ibid., p. 7)

lexicalização seja por meio de morfologia derivacional”³⁰ (COMRIE, 1976, p. 7). Reconhecendo que a definição da semântica geral de aspecto pode ser veiculada pelo lexema³¹ de alguns verbos, independente de ser ou não por meios derivacionais, Comrie emprega a expressão “significado inerente” (*inherent meaning*), ao invés de *Aktionsart*.

Lyons (1977, p. 706) também reconhece que o tipo de verbo da predicação tem relevância na expressão do aspecto, mas não considera a utilização do termo *Aktionsart* por achar confusa a distinção entre gramaticalização e lexicalização, de um lado, e flexão e derivação de outro, além de não considerar adequado o termo “ação” (de *Aktion*), por ser restrito, e emprega a expressão “caráter aspectual”, ou eventualmente, apenas “caráter”. O “caráter” é o responsável pela distinção entre os verbos, por exemplo, *know* ‘saber’ e *recognize* ‘reconhecer’, cuja diferença reside no fato de o primeiro ser um verbo estativo e o segundo denotar um evento.

A existência de dois componentes básicos independentes de expressão aspectual também é admitida por Smith (1997, p. XVI), que lança para os termos as denominações:

- (i) aspecto do ponto de vista (*view point aspect*) que serve para identificar o aspecto expresso pela flexão verbal, e que consiste na escolha do falante por uma das opções morfológicas disponíveis na língua para descrever uma situação vista por completo, com seu início, meio e fim englobados num todo (perfectivo), ou que descreve parte da situação, isto é, ou seu começo, ou meio, ou fim (imperfectivo);
- (ii) aspecto de situação (*situation aspect*) que se emprega na referência à escolha do falante por uma das unidades verbais lexicais para expressar informações que se referem ao início, ao desenvolvimento ou ao fim de uma situação.

Alguns estudiosos insistem que se deve distinguir *Aktionsart* de aspecto (dentre eles Confais, Ilari e Basso, Bertinetto), embora reconheçam que ambos os conceitos partilham definições comuns, como a duratividade, por exemplo, que pode ser resultado do tipo de ação expresso pelo verbo ou da flexão morfológica.

³⁰ *lexicalisation of the distinction provided that the lexicalisation is by means of derivational morphology.* (COMRIE, 1976, p. 7)

³¹ “Unidade mínima distintiva do sistema semântico de uma língua que reúne todas as flexões de uma mesma palavra, flexões essas comumente vistas como palavras diferentes”. (Dicionário de termos linguísticos, 1992)

Confais (2002, p. 202) explica que *Aktionsart* é o modo de ação implicado no lexema verbal e usa como exemplo o verbo “dormir”, em francês e alemão, que exprime um processo que implica certa duração, independentemente da forma temporal em que esteja flexionado, e, por isso, são chamados “durativos”. Citando Bartsch, o autor diz que o aspecto lexical constitui, assim, uma “qualidade semântica invariante” do verbo, e que pode ser dito “objetivo”, no sentido de que o locutor, de modo algum, pode modificá-lo. O aspecto gramatical, por outro lado, “apresenta-se como uma variação significativa do verbo, ligado a uma escolha do locutor”³², por isso, subjetiva. Seja o verbo durativo ou pontual, fica a critério do locutor escolher sob qual ótica deseja expressar o processo: perfectiva ou imperfectivamente. Vê-se que o autor separa o aspecto lexical, que tem uma “qualidade semântica invariante”, portanto, objetiva, que o locutor não tem meios de alterar, do aspecto gramatical, “variação significativa” do verbo e de natureza “subjetiva”, expressa à sua escolha, por meio da flexão verbal selecionada para expressar a sua perspectiva da situação.

Vale à pena assinalar que no português há um uso do verbo dormir que expressa o perfectivo pontual sem necessariamente se referir ao passado: “Quem toma esse remédio, dorme na hora” (pontual = pegar no sono), numa leitura que exclui a noção duratividade.

Também Bertinetto (1986, p. 184), empregando a terminologia “acionalidade”, se opõe à ideia da composição aspectual, e distingue:

Passando agora às questões de substância, deve-se recordar que o conceito de Ação é de natureza eminentemente semântico-lexical, isto é, está ligado ao significado do lexema individualmente considerado. Esta primeira observação nos permite já distinguir a Ação do Aspecto, sendo este último uma noção da natureza tendencialmente morfológica, para além de naturalmente semântica. De fato, o aspecto revela-se, pelo menos nas línguas que melhor se caracterizam deste ponto de vista, pela comutação entre os diferentes tempos verbais: pense-se, para o italiano, na já citada oposição acima referida entre imperfeito e perfeito. Por outro lado, a ação não é, normalmente, afetada pela conjugação. (BERTINETTO, 1986, p. 184)³³

O autor defende a divisão dos dois fenômenos por considerar a ação uma propriedade eminentemente semântico-lexical e o aspecto, de natureza tendencialmente

³² *se presente comme une variation signifiante du verbe, liée à un choix du locuteur.* (CONFAIS, 2002, p. 202)

³³ *Venendo ora a questioni più di sostanza, occorre ricordare che il concetto di Azione è di natura eminentemente semantico-lessicale, cioè è legato al significato del singolo lessema considerato. Questa prima osservazione ci consente già di distinguere l'Azione dall'Aspetto, essendo quest'ultima una nozione di natura tendenzialmente morfológica oltre che beninteso di natura semantica. In effetti, l'Aspetto è palesato, almeno nelle lingue che meglio si caratterizzano da questo punto di vista, dalla commutazione tra diversi Tempi verbali: si pensi, per l'italiano, alla già citata opposizione tra Imperfetto e Perfetti. Vice versa, l'Azione non viene, normalmente, intaccata dalla coniugazione.* (BERTINETTO, 1986, p. 184)

morfológica, é outra categoria completamente independente da ação, sendo veiculada por recursos morfossintáticos.

Alguns outros (Comrie, Travaglia, Castilho, Smith) consideram que os dois conceitos, embora sejam categorias linguísticas distintas, estão, no entanto, interligadas, atuando, assim, em conjunto, para a expressão das distinções aspectuais, não carecendo de serem distinguidos.

Castilho (1986, p. 39 et seq.) lembra que a origem dessa dicotomia remete ao momento em que a investigação do aspecto saiu do campo dos estudos eslavos e passou a ter a sua expressão analisada em outras línguas. Percebeu-se que as distinções aspectuais podiam ser indicadas, além dos meios morfológicos (flexão e perífrases), também, por meios lexicais, com a noção aspectual veiculada pelo lexema do verbo. Aprofundaram-se as pesquisas para se analisarem os exatos valores dos verbos, e, neste aprofundamento, descobriram-se valores que ultrapassam os limites do grau da realização da ação, numa série ilimitada de possibilidades. A situação se agravou quando os franceses traduziram os dois termos alemães *Aspekt* e *Aktionsart* por aspecto, e todas as nuances expressas pelos verbos foram incorporados ao conceito do termo. Surgiu, então, uma série de distinções relacionadas aos valores do verbo (aspecto desiderativo, reflexivo, recíproco, potencial, aversivo, negativo, dentre outros) que não condiziam com o conceito de duração e completude, inerentes ao aspecto. Diante da flagrante diferenciação entre o tipo de ação expresso pelo verbo e o aspecto, os estudos dividiram-se como distinções linguísticas diferentes, no entanto, Castilho lembra, quando o falante precisa dimensionar o espaço do processo verbal, recorre aos recursos disponíveis na língua, sejam eles morfológicos ou lexicais, anulando assim a separação entre ambos. O autor advoga que se ignore do modo de ação o que diz respeito às distinções aspectuais das outras noções, e que se evidencie o que é comum a ambos: “Não hesitamos, pois, em juntar o que se havia separado, usando o termo aspecto onde o escrúpulo dos que opõem aspecto a modo da ação adotaria este último termo” (CASTILHO, 1986, p. 44). Fica aparente, que o conceito de aspecto e *Aktionsart*, embora ele reconheça a diferença entre ambos, estão associados sob o mesmo termo “aspecto” em Castilho.

Verkuyl (1999, p. 125-63) defende a composicionalidade do aspecto de uma maneira diferente da assumida por outros autores que advogam esta possibilidade de expressão aspectual por múltiplos meios (sejam lexicais, morfológicos, adverbiais, discursivos). “[...] *Aktionsart* e aspecto é o mesmo até que haja evidência do contrário,

aspectualidade sendo o termo para se referir aos dois termos tradicionais sem, a princípio, nenhuma obrigação de se usar os dois termos recém-mencionados” (VERKUYL, 1999, p. 125).³⁴ Percebe-se que ele anula qualquer distinção entre aspecto e *Aktionsart*, reconhecendo ambos os meios como um “fenômeno unificado” identificado nas línguas naturais por diferentes estratégias de codificação na sua morfologia ou sintaxe.

Do visto acima conclui-se que o estudo do aspecto não encontrou ainda, entre seus pesquisadores, unanimidade. São inúmeras as abordagens aspectológicas. Alguns linguistas englobam sob o termo aspecto as duas expressões (a lexical e a morfológica), outros não reconhecem nenhuma distinção entre as duas manifestações do aspecto, e ainda outros acham que se devem distinguir os dois fenômenos, separando o aspecto morfológico de *Aktionsart*, caráter, ou significado inerente, seja qual for a terminologia empregada em referência ao sentido próprio do verbo.

Parece ser fato pacífico, no entanto, que o aspecto é um fenômeno das línguas em geral. Brianti (1992, p. 30 *apud* BARROSO, 2006, p. 92-3) reconhece que, salvo raras exceções, como as línguas eslavas, as línguas não o manifestam por meio de marcas morfológicas e lexicais fixas, e que diferentes categorias aspectuais interagem entre si fazendo com que só seja possível medir o aspecto ao nível da frase, ou seja, levando-se em conta todos os fatores contextuais que podem modificar a categoria aspectual, seja determinada morfológicamente, seja lexicalmente.

Nesta pesquisa considera-se, como Castilho o fez na sua análise para o português, que diferentes categorias interagem entre si na expressão do aspecto. E o que se entende por aspecto compreende, no mínimo, dois outros sistemas distintos: um relacionado com a expressão da categoria por meio da flexão verbal, que recebe denominações variadas nos trabalhos sobre o assunto como aspecto morfológico, flexional, verbal, gramatical ou próprio³⁵ e que pertence à gramática das línguas em geral; e outro, uma categoria léxico-semântica que recebe as denominações de *Aktionsart*, aspecto lexical, aspecto semântico, significado inerente, caráter dentre outras.

A próxima subseção analisa o aspecto de acordo com estas duas principais manifestações. Quando for necessária a distinção entre as duas formas de expressão do aspecto, a terminologia aspecto morfológico/gramatical será empregada na referência ao

³⁴ [...] *Aktionsart and aspect are the same until there is evidence to the contrary, aspectuality being the term to cover the two traditional terms without any a priori commitment to the use of the two terms just mentioned.*(VERKUYL, 1999, p. 125).

³⁵ *Proper* foi lançado em BINNICK (2012).

aspecto expresso pela flexão ou perífrase verbal; e *Aktionsart* ou aspecto lexical será o termo utilizado para os equivalentes acionalidade, modos de ação, aspecto de situação, na referência ao conteúdo aspectual carregado pelo lexema verbal e outros constituintes da predicação – isto é, o conceito de duração x instantaneidade, telicidade x atelicidade, dinamicidade x estaticidade, tratados na sequência.

2.2 AKTIONSART: CONCEITUAÇÃO E CLASSES

A explicação sobre a natureza verbal que se transcreve a seguir, lançada por Morimoto (1998, p. 9-10), serve bem para explicitar o que se quer dizer com constituição temporal interna de uma situação a partir da unidade lexical verbo, e que será aclarado durante o desenvolvimento desta seção:

Existem verbos que expressam um evento que, por sua própria natureza, se prolonga durante um intervalo de tempo (p. ex. *amar, dormir, compor*, etc.) e verbos cujo significado supõe a momentaneidade do evento em questão (p. ex. *descobrir, disparar*, etc.). Alguns verbos implicam que o evento a que se referem se desenvolve até um determinado final ou estado culminante (p. ex. *morrer, confeccionar, sentar-se*, etc.), enquanto que outros carecem de tal informação (p. ex. *molestar, jogar, viver*, etc.). Podemos distinguir, adicionalmente, verbos que marcam o início, ou o término de uma situação (p. ex. *iniciar, empreender, terminar, concluir, chegar*, etc.) (MORIMOTO, 1998, p. 9-10)³⁶

Apesar de a citação acima estar presente em um trabalho relativamente recente da ciência linguística, os estudos em classificação dos tipos de situação que as unidades lexicais verbais podem transmitir remontam à Filosofia Clássica, mais especificamente aos conceitos de Aristóteles que, em época remota, já distinguia verbos que denotam um ponto final (*kinesis*) de outros que não o têm (*energeia*). Este parece ter sido, pelo menos que se tenha notícia, a primeira sistematização das expressões intrínsecas dos verbos.³⁷

A categorização das classes aspectuais lexicais de Aristóteles foram retomadas nos últimos tempos por vários pesquisadores, filósofos e linguistas, mas a que teve maior aceitação e difusão foi a proposta por Vendler (1957). Para distinguir as diferenças aspectuais atribuídas às formas verbais, isto é, mostrar como um evento se desenvolve no tempo, eles foram divididos em tipos que levam em consideração a existência de classes como

³⁶ *Existen verbos que expresan un evento que, por su propia naturaleza, se prolonga durante un intervalo de tiempo (p. ej. amar; dormir; componer; etc.) y verbos cuyo significado supone la momentaneidad del evento en cuestión (p. ej. descubrir; disparar; etc.). Algunos verbos implican que el evento al que se refieren se desarrolla hacia un determinado término final o estado culminante (p. ej. morir; confeccionar; sentar-se; etc.), mientras que otros carecen de tal implicación (p. ej. molestar; jugar; vivir; etc.). Podemos distinguir, asimismo, verbos que marcan el inicio o término de una situación (p. ej. iniciar; emprender; terminar; concluir; llegar; etc.).* (MORIMOTO, 1998, p. 9-10)

³⁷ Cf. ILARI e BASSO 2008. p. 264.

- a) estado: saber, ter, pertencer, ser inteligente;
- b) atividade: correr, trabalhar, dormir, jogar;
- c) *achievement*: alcançar o topo, vencer a corrida;
- d) *accomplishment*: correr uma milha, desenhar um círculo.

O esquema (*time schemata*) de Vendler, proposto para os verbos do inglês, foi adotado por vários autores, posteriores a ele, de várias línguas. A terminologia lançada pelo filósofo, também, tornou-se uso constante em trabalhos da natureza, a par de algumas traduções (p. ex. para o espanhol: *estados, actividades, efectuaciones, logros*)³⁸, ou reinterpretações e ampliações³⁹.

Posteriormente à classificação vendleriana, os trabalhos acerca da classificação das unidades verbais, segundo a sua *Aktionsart*, ampliaram-se até a consideração do campo contextual que acompanha o verbo, avaliando-o como um todo responsável pelas noções aspectuais presentes. A análise, desse modo, na maioria dos trabalhos, passou a conceber o aspecto lexical como uma entidade composta em que estão envolvidos o verbo, seus complementos, outros elementos do predicado, ou até mesmo toda a sentença, na medida que possam contribuir para a noção aspectual, ou seja, entende-se o aspecto lexical como sendo uma entidade composta, melhor explicado nas palavras de Miguel (1999, p. 2.983 *apud* BARROSO, 2006, p. 102)

O aspecto léxico [...] é a informação sobre o evento (por exemplo, sobre se é delimitado ou não delimitado) que proporcionam as unidades léxicas que atuam como predicados. Não só os verbos, mas também qualquer unidade léxica que atue como predicado pode proporcionar informação do tipo aspectual. De fato, também os adjetivos e alguns nomes contêm às vezes informação aspectual determinante para sua compatibilidade com determinados contextos sintáticos. (MIGUEL, 1999, p. 2.983 *apud* BARROSO, 2006, p. 102).⁴⁰

Não será apresentada, neste trabalho, a multitude de classificações, provas e terminologias, quase sempre utilizadas com valores diferentes e modos diversos. A exposição do assunto terá em vista a pesquisa de Oliveira (2006), que, por sua vez, esclarece ter-se apoiado na proposta de Moens (1987), com muitos pontos de contato com a tipologia de Vendler.

³⁸ MORIMOTO, 1998, p. 13.

³⁹ Smith (1997) inclui a classe dos *semelfactivos* e Oliveira (2006) subdivide os *achievements* em pontos e culminações, no português.

⁴⁰ *El aspecto léxico [...] es la información sobre el evento (por ejemplo, sobre si es delimitado o no delimitado) que proporcionan las unidades léxicas que actúan como predicados. No solo los verbos sino cualquier unidad léxica que actúe como predicado puede proporcionar información de tipo aspectual. En efecto, también los adjetivos y algunos nombres contienen en ocasiones información aspectual determinante para su compatibilidad con determinados contextos sintáticos.* (MIGUEL, 1999, p. 2.983 *apud* BARROSO, 2006, p. 102).

Antes de se passar à identificação das classes aspectuais lexicais, é importante apresentar os traços ou critérios utilizados na sua discriminação e que consistem, habitualmente, mas não exclusivamente, nas três seguintes oposições:

a) Dinamicidade x estaticidade: um predicado de situação dinâmica é aquele em que “acontece” alguma coisa e onde há algum faseamento do evento – uma sucessão de fases ou estágios – com mudança do seu momento inicial; nas palavras de Mateus et al. (2003, 191) “pelo menos uma das entidades envolvidas realiza ou sofre um dado “fazer” (de natureza física, fisiológica ou psíquica), mudando eventualmente de lugar”. Em uma situação estática, ao contrário, não se verifica mudança durante o tempo em que a situação ocorre. Os exemplos abaixo explicitam a oposição:

- (2.2) a João **tem** belos olhos azuis.
b João **desenhou** um círculo.

Percebe-se em (2.2a) que “ter belos olhos azuis” é uma situação que persistirá (pelo menos durante a vida de João) sem nenhuma alteração; enquanto que em (2.2b), “desenhar um círculo”, pressupõe mudança e existência de estágios/fases, e pode-se imaginar a forma do círculo se criando. Considera-se que situações como as descritas em (2.2a) apresentam o traço +estado (ou –dinâmico), enquanto que (2.2b) é +dinâmico (ou –estado). Cuvalay-Haak (1997, p. 176) sugere o teste “lentamente” ou “rapidamente” que qualifica a velocidade (relativa) em que uma situação com o traço + dinâmico pode se desenvolver:

- (2.3) a João **tem** belos olhos azuis *rapidamente/lentamente.
b João **desenhou** um círculo rapidamente/lentamente.

b) Telicidade (do grego *telos* ‘fim’, ‘limite’) x atelicidade⁴¹: a propriedade de telicidade é inerente aos predicados onde as situações tendem para um fim, isto é, são delimitadas por natureza até um ponto para além do qual não é possível que o evento se estenda, como, por exemplo, nascer, morrer, cair, chegar, florir; inversamente, as situações atélicas não tendem naturalmente para um fim, conseqüentemente, não são delimitadas, podendo, em teoria, serem prolongadas indefinidamente, como, por exemplo, amar, andar, chover, estar, viver. Tanto situações estáticas como dinâmicas podem ser atélicas, como se vê nos exemplos a seguir:

- (2.4) João **tem** belos olhos azuis. situação estática
(2.5) a João **está dançando**.
b João **dançou** uma valsa. situações dinâmicas

⁴¹ Campos (1997) cita a terminologia verbos *transitórios* opostos a *não-transitórios* utilizada por Polack (1976).

Em (2.4) há um estado que não apresenta um fim natural intrínseco, isto é, “ter belos olhos azuis” não progride até alcançar um clímax; em (2.5a) há uma situação dinâmica, que com toda certeza terá um fim, porém este não está assinalado linguisticamente na predicação e não é possível conhecê-lo; ao passo que em (2.5b), o final da situação ocorrerá ao término da valsa. Predicados como (2.4 e 2.5a) apresentam o traço +atélico (ou –télico), enquanto que os de (2.5b) apresentam o traço +télico (ou –atélico).

c) Duratividade x pontualidade: a propriedade da duratividade, como o próprio nome sugere, refere-se à capacidade de uma dada situação perdurar no tempo, definida ou indefinidamente; pressupõe a existência de fases dentro da estrutura interna do evento; em contrapartida, os predicados pontuais apresentam situações que se realizam instantaneamente, com seu início e fim imperceptíveis, logo, sem constituição temporal interna. Assim, como se percebe na já vista (2.5a), a situação deverá ter uma duração mais ou menos longa, apresentando o traço +durativo (ou –pontual), enquanto que em

(2.6) João **caiu**.

não se supõe que a situação tenha uma duração maior do que a de alguns instantes. Situações pontuais apresentam o traço +pontual (ou –durativo).

Os traços apontados acima são suficientes para dar conta das cinco classes aspectuais discutidas a seguir. A oposição dinamicidade x estaticidade é a oposição mais básica, pois separa todas as situações em duas classes distintas, sob as quais as outras estão agrupadas. Uma situação divide-se, assim, em dinâmica (eventos), ou não-dinâmica (estados) “tão simplesmente porque na realidade extralinguística há estados de coisas que acontecem/existem (‘situações estáticas’) e outros que ocorrem (‘situações dinâmicas’)” (BARROSO, 2006, p. 107-8). Os eventos (situações dinâmicas), por sua vez, subdividem-se em processos, processos culminados, culminação e ponto, como será explicado no que segue.

2.2.2 Situações dinâmicas: classificação e reconhecimento

2.2.2.1 Processo

Os predicados verbais de processo (atividades, na classificação de Vendler) apresentam situações que se estendem ao longo do tempo e são não-delimitadas por natureza: correr, cantar, trabalhar, etc. São atividades homogêneas, isto é, constituídas por fases/estágios que se repetem, pois, se João cantou durante um determinado período de tempo, em qualquer fração desse período, pode-se afirmar que ele esteve realizando o mesmo ato.

Como não apresenta um objetivo final, um processo pode ser abandonado ou interrompido a qualquer momento, p. ex., se uma criança estava brincando, parou de brincar e depois continuou, mesmo assim brincou. Os traços que caracterizam os predicados verbais de processo são: atelicidade (não têm um ponto final, uma terminalidade), dinamicidade (apresentam alguma espécie de alteração) e duratividade (perduram no tempo).

Os predicados de processo, por não evidenciarem um final inerente obrigatório, combinam bem com expressões do tipo durante x tempo, que refletem o intervalo durante o qual o evento teve lugar:

- (2.7) a João **jogou** *durante uma hora*.
b João **jogou** **em uma hora*.

Note-se que em (2.7b) a construção não resulta bem-formada. O adverbial em uma hora é delimitador e só combina com predicados que apresentem situações que tendem para um fim natural, ou seja, télicas, como o que se segue.

2.2.2.2 Processo culminado

Um predicado de processo culminado (= *accomplishment*) apresenta uma situação dinâmica que encontra seu limite com o alcance de um objetivo após um período mais ou menos longo, ou seja, é uma situação durativa.

- (2.8) João **escreveu um livro**.

Escrever um livro tem um fim intrínseco quando o processo chega ao seu termo ou culminação (no exemplo, a conclusão da escrita do livro), e que levará um tempo até que se conclua. Porque sua estrutura interna pressupõe um ponto final/um limite inerente, é uma situação télica (delimitada), e, também, durativa, pois há um progresso no tempo até que alcance seu final. Ao contrário dos processos, não apresenta homogeneidade, dado que, cada fração do processo culminado, não é o processo culminado em si. Outra característica que o difere dos processos é a existência de um “estado resultante”, consequência de se atingir o objetivo final, isto é, há uma alteração de característica de um dos participantes do evento que deixará de existir ou passará a existir, desse modo, em escrever um livro, após a culminação, existirá “um livro” que antes não havia. Morimoto (1998, p. 15) assinala que um “um processo culminado (*efectuación*) sempre consta de dois estádios: um processo de

desenvolvimento, dirigindo-se para uma determinada direção, e um estado final, que surge como consequência do processo anterior”.⁴²

Barroso (2006, p. 106) cita como exemplos de processo culminado “aproximar-se da casa”, “derrubar um edifício”, “dar um presente aos amigos”, e completa que

Trata-se, no fundo e tipicamente, de verbos binários (com dois argumentos: um externo e outro interno) e ternários (com três argumentos: um externo e dois internos) de tipo causativo e agentivo que contribuem essencialmente para uma leitura de ‘perfectividade’ ou expressão de um ‘resultado’. (BARROSO, 2006, p. 106).

Os predicados de processo culminado aceitam complementos temporais do tipo em x tempo.

(2.9) João **escreveu a tese** em dois meses.

Bertucci (2011, p. 44) explica que os predicados de processo culminado são compatíveis com em x tempo, porque a expressão faz referência ao período que decorre do início ao fim do processo até que a mudança do estado esteja completada: “designam uma mudança de estado gradual, e por isso, a sentença indica que dois meses foi a duração que levou a escrita da tese, do início, ao fim: à medida que o tempo ia passando, a tese ia ficando pronta”, como se observa em (2.9).

2.2.2.3 Culminação

Assim como os dois predicados anteriores, o predicado de culminação (= *achievement*) é dinâmico; e, como o anterior e como o próprio nome já indica, tem culminação e, por conseguinte, é delimitado/télico; no entanto, difere dos predicados de processo culminado pela não existência de um processo preparatório em direção ao estado final, já que atinge a culminação quase que instantaneamente (pontual) ou com uma duração bem curta. Assim, uma culminação é um predicado não-durativo e sem constituição temporal interna:

- (2.10) a Maria **ganhou a corrida**.
b O alpinista **alcançou o topo da montanha**.

Processos culminados e culminações são os únicos predicados que projetam um “estado resultante”, visto serem situações de transição, mas a diferença entre os dois é a atenção que se deve dar ao tempo gasto na preparação deste resultado: o primeiro tem em

⁴² una efectución siempre consta de dos estadios: um proceso de desarrollo, dirigido hacia una determinada dirección, y um estado final, que surge como consecuencia natural del proceso anterior. (MORIMOTO, 1998, p. 15.)

vista tanto a preparação como o objetivo final, e, nas culminações, o ponto central é exclusivamente o momento em que se atinge o ponto inicial ou final de uma nova situação.⁴³

Rothstein (2004, 25) propõe o teste às x horas que servirá para comprovar se a situação é inerentemente pontual. O teste indica exatamente o momento em que houve a mudança de estado. As demais situações vistas acima (estados, processos e processos culminados) são incompatíveis com este teste, como nos exemplos abaixo:

- (2.11) a Maria **ganhou a corrida** às dez horas.
b O alpinista **alcançou o topo da montanha** às dez horas.
c Rui **vive em Paris** às dez horas.
d João **correu** às dez horas. (começou a correr às dez horas)
e João **escreveu a carta** às dez horas. (começou a escrever às dez horas)

A sentença (2.11c) causa estranheza, porque viver em Paris é um predicado de estado, e estados pressupõem duração da situação e não são compatíveis com expressões que indiquem instantaneidade. Já com os processos e processos culminados (2.11d e e), apesar de serem incompatíveis quanto ao teste de pontualidade, não ficam mal-formadas e ocasionam a leitura de inceptividade, de que a situação começou a ocorrer naquele instante.

2.2.2.4 Ponto

Os predicados pontuais apresentam eventos instantâneos, que não podem ser divididos em fases/estágios.

- (2.12) Maria **espirrou**.

Apesar de compartilharem com as culminações o traço de instantaneidade, se diferenciam daquelas pelo fato de não terem estado resultante. Por não serem télicos, não culminam. Assim a culminação “Maria ganhou a corrida” tem estado resultante, pois infere-se “a corrida está ganha”, enquanto que na situação pontual “Maria espirrou” não é possível dizer que “Maria está espirrada”⁴⁴.

2.2.3 Situações estáticas (estados)

A principal característica dos estados é o seu caráter estável, desprovido do dinamismo característico de todas as demais situações (processos, processos culminados, culminações e pontos). Morimoto (1998, p. 14) define que

⁴³ Cf. BARROSO (2006, p. 106), OLIVEIRA (2006, p.135).

⁴⁴ Cf. OLIVEIRA, 2006, p. 135.

As situações descritas por predicados de estado como, por exemplo, “crer em Deus” ou “possuir uma empresa” tem a ver com as propriedades (p. ex. qualidade, disposição, habilidade, localização, etc.) do sujeito e não com suas atividades nem com os processos no qual se veja envolvido.⁴⁵ (MORIMOTO, 1998, p. 14)

Desse modo, no português, são tipicamente estados os predicados copulativos, verbos de localização espacial, verbos de posse, verbos que denotam estados cognitivos ou afetivos das pessoas, representados, respectivamente, em (2.13 *a-d*) abaixo⁴⁶.

- (2.13) a O menino **é alegre**.
 b Rui **vive em Paris**.
 c João **tem olhos grandes**.
 d Os alunos **sabem a resposta**.

Embora os estados não partilhem a dinamicidade com as demais classes aspectuais, eles se assemelham em alguns traços. Estados parecem-se mais com processos, com os quais partilham as características de serem durativos, atélcos e homogêneos, embora não admitam, como aqueles, pausa na continuidade da situação, visto que “estar doente”, se sofrer interrupção deixará de ser “estar doente”, ao passo que pequenas interrupções no todo homogêneo dos processos não impede a leitura de que tenha ocorrido.

Na língua portuguesa, algumas situações estativas podem se apresentar na forma progressiva,⁴⁷ conforme sejam faseáveis ou não-faseáveis. Os estados faseáveis podem aceitar as perífrases progressivas estar + gerúndio, ou estar a + infinitivo, os não-faseáveis não as aceitam (OLIVEIRA, 2006, p. 136-7):

- (2.14) a O Pedro **está sendo simpático**.
 b *A Rita **esta a ser alta**.

Oliveira (2006, p. 137) resume os principais traços característicos (positivos e negativos) dos estados e eventos (situações dinâmicas) no seguinte quadro:

⁴⁵ *Las situaciones descritas por predicados de estado como, por ejemplo, “creer en Dios” o “posser uma empresa” tienen que ver con las propiedades (p. ej. cualidad, diposición, habilidad, ubicación, etc.) del sujeto y no con sus actividades ni con los procesos en que aquél se vea involucrado.* (MORIMOTO, 1998, p. 14)

⁴⁶ Os exemplos são de RAPOSO et al. 2013, p. 371

⁴⁷ No inglês, por exemplo, um verbo estativo não aceita o progressivo, a não ser quando usado não-estativamente. (Cf. COMRIE, 1976, p. 36).

	Dinâmico	Télico	Duração	Estado Consequente	Homogêneo
Processo	+	-	+	-	+
Processo Culminado	+	+	+	+	-
Culminação	+	+	-	+	-
Ponto	+	(-)	-	-	-
Estado	-	-	+	-	+

QUADRO 1: Tipos de situações (OLIVEIRA, 2006, p. 137).

A autora lembra que essa classificação é básica e que tentar estabelecer uma relação rígida entre um verbo e a classe a que supostamente deveria pertencer encontra certa dificuldade, pois, de acordo com o caráter semântico de alguns componentes da frase, diferentes leituras podem ser feitas para um mesmo verbo. Desse modo, a análise das classes aspectuais nesta pesquisa tem considerado toda a predicação, como se vê nos exemplos em negrito de (2.15) abaixo:

- (2.15) a Ela **correu na pista** (durante meia hora) → processo
b Ela **correu os dez mil metros** (em 31m e 32s) → processo culminado

Somente analisando-se o predicado como um todo é possível depreender que o verbo “correr”, nos exemplos, pode ser inserido em classes aspectuais distintas. Em (2.15a) mantém-se a sua classificação como processo, pois apresenta o traço + atélico, o que pode ser comprovado pela compatibilidade com o adverbial durante x tempo; já em (2.15b), o acréscimo de os dez mil metros transforma-o em um processo que tende para um fim natural, que chegará a termo quando ele tiver corrido os dez mil metros, e, nesse contexto, como os predicados de processo culminado, aceita o modificador “em x tempo”, que denota o tempo total gasto no desenvolvimento do processo até a sua culminação.

Essas e outras alterações na natureza lexical própria das unidades verbais ocasionadas pelo ambiente textual em que elas se encontram é que justificam a ideia da composicionalidade do aspecto lexical. São vários os elementos que atuam neste sentido:

a) Adverbiais:

- (2.16) a A caneta **caiu**.
b A caneta **caiu** lentamente.

Em (2.16a) tem-se um evento instantâneo (ponto), mas este mesmo evento em (2.16b), seguido do adverbial lentamente, apresenta uma leitura diferente, que lhe atribui o traço +duração, não característico das situações pontuais.

b) Argumentos externo e interno:

- (2.17) a ***A minha mãe** chegou ontem de Foz do Iguaçu *a tarde inteira*.
 b Chegaram ontem **amigos meus** de Foz do Iguaçu *a tarde inteira*.
 c ***A pedra** caiu *a tarde inteira*.
 d **A chuva** caiu *a tarde inteira*.

Pode-se ver, nos exemplos acima, emprestados de Ilari e Basso (2003, p. 279-80), que a estranheza de (2.17*a* e *c*) se deve ao fato de os verbos “chegar” e “cair” provocarem a leitura de um evento instantâneo, sem duração. No entanto, a expressão não é mal formada em (2.17*b* e *d*), pois sujeitos no plural (2.17*b*) ou de natureza não contável (2.17*d*) licenciam uma interpretação durativa a um predicado originalmente instantâneo.

Os exemplos (2.18) são dos mesmos autores acima mencionados.

- (2.18) a João comeu **bolos/bolo**. (durante duas horas/*em duas horas)
 b João comeu **o/um bolo**. (#durante duas horas/em duas horas)
 c João comeu **dois/três/dez bolos**. (#durante duas horas/em duas horas)

Observa-se que em (2.18*a*) o verbo “comer” indica um processo, pois o fato de o objeto (bolo/bolos) estar indeterminado ou no plural não propicia a leitura de telicidade do verbo; o objeto indeterminado ou plural não delimita o evento e não há culminação, mas sim uma repetição do ato de comer (iteratividade), e isso pode ser confirmado pela sua compatibilidade com a expressão adverbial “durante x tempo”, aceita por predicados de processo.

Nos exemplos (2.18*b* e *c*), os predicados são de processo culminado. Percebe-se que há uma relação entre o fato de se poder contar ou não o argumento ou se ele é marcado quanto à determinação ou não. Nas palavras de Oliveira (2006, p. 151):

um argumento contável articula-se preferencialmente com um predicado télico e um argumento não contável, com um predicado atélico [...], verifica-se que há uma distinção interessante não só quanto à natureza semântica do nome envolvido, como também quanto ao tipo de determinação ou à sua ausência nos complementos dos predicados. (OLIVEIRA, 2006, p. 151)

Desse modo, na abordagem composicional do aspecto é preciso considerar a natureza dos argumentos e dos adjuntos da sentença. Castilho (2002, 95) afirma o mesmo: “Traços semânticos dos argumentos externo e interno, bem como sua figuração no singular ou no plural, interferem na constituição do significado aspectual”.

c) Flexão verbal

A flexão temporal dos verbos pode alterar significativamente o aspecto inerente de alguns predicados, como se verifica nos exemplos abaixo de Oliveira (2006, p. 140):

- (2.19) a O Rui **espirrou** no ar condicionado.
b O Rui **espirrava** quando havia ar condicionado.

O efeito do tempo imperfeito no verbo pontual “espirrar” ocasionou a leitura de mudança de verbo neutro quanto à telicidade para verbo atético.

Diante do apontado, não se deve levar em consideração, nas análises, apenas as informações transmitidas pelos valores inerentes dos verbos, mas sim sua interação com todos os elementos presentes na sentença que possam atuar para a confirmação ou alteração aspectual dos mesmos.

2.3 O ASPECTO COMPOSICIONAL - TIPOLOGIA

Esta pesquisa também reconhece que a interação dos diversos elementos constantes das sentenças colaboram para a expressão do aspecto verbal. Tal consideração foi motivada por trabalhos como os de Comrie (1976), Castilho (1986/2000-2), Oliveira (2006), Barroso (2006), dentre outros. O ponto de apoio para a análise do *corpus* desta pesquisa, por sua representatividade nos trabalhos para a língua portuguesa, será o exame do aspecto composicional pensado por Castilho, com algumas ressalvas que serão vistas em momento oportuno. Também as considerações apontadas por Travaglia (2015) serão de grande valia na análise do *corpus* aqui em análise. Equivale a dizer que, para a apreciação das formas verbais do árabe, serão estabelecidos o valor aspectual considerando-se que o aspecto decorre da composicionalidade semântica a) da própria *Aktionsart* do verbo, b) da interação desta com a flexão temporal, ou com o verbo auxiliar (em perífrases), c) da interação deste complexo com os argumentos verbais, internos e externos, e/ou com os adjuntos adverbiais aspectualizadores.⁴⁸

Também o conceito de aspecto será considerado não como o que se baseia apenas na constituição temporal interna de uma dada situação, mas sim, entendido como “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as fases que ele pode compreender” (CASTILHO, 2002, p. 83).

⁴⁸ Cf. CASTILHO, 2000, p. 22-3.

Assim, não se concebe o aspecto apenas como uma oposição duração de uma dada situação versus a sua apresentação como um todo completo, mas sim como compreendendo duas perspectivas: a face qualitativa e a quantitativa.

A face qualitativa leva em conta a *Aktionsart* do verbo da predicação, conforme seja télico ou atélico, e a influência dos adverbiais, configurada pelo aspecto perfectivo (subdividido em pontual e resultativo) e aspecto imperfectivo (subdividido em inceptivo, cursivo, e terminativo).

Cabe aqui observar que Castilho considera que todo verbo télico é pontual, sem duração, e toda situação durativa é atélica, diferente do apresentado na subseção 2.2.2 que trata da classificação e reconhecimento dos verbos dinâmicos. Segundo essa classificação, proposta por Oliveira (2006), verbos télicos também podem ter duração, como é o caso dos verbos de processo culminado, que chegam ao seu termo depois de terem levado um tempo. Esta pesquisa concorda com a interpretação de Oliveira e Travaglia, entre outros, de que o que caracteriza um verbo télico ou atélico é tender ou não para um fim necessário, considerando que um verbo pode ter duração até o alcance do seu limite. O esquema de Travaglia (2015, p. 62) abaixo representa esta concepção:

- a. situações pontuais → verbos télicos
- b. situações durativas → verbos normalmente atélicos, mas também télicos.

A face quantitativa do aspecto leva em conta a quantidade de ocorrências de uma situação que, sendo singular expressará o aspecto semelfactivo e se for de múltipla ocorrência, habitual ou reiterada, expressará o aspecto iterativo. Tanto situações perfectivas quanto imperfectivas podem ser quantificadas.

Segue, no quadro abaixo de Castilho, uma síntese das oposições aspectuais consideradas aqui:

Face qualitativa	Imperfectivo	Perfectivo
	inceptivo, cursivo, terminativo	pontual, resultativo
Face quantitativa	semelfactivo, iterativo	

QUADRO 2 – Tipologia aspectual de Castilho (2002, p. 87).

Como expresso no quadro acima, as duas distinções aspectuais básicas são os aspectos perfectivo e imperfectivo, cujas características estão descritas na sequência.

2.3.1 Imperfectivo x perfectivo

Observando as frases abaixo citadas em Campos (1997, p. 19):

- (2.20) a **Chovia** a cântaros esta manhã, quando saí.
b **Choveu** a cântaros esta manhã, quando saí.

pode-se inferir que, em (2.20a), a primeira situação “Chovia a cântaros...” descreve um evento em curso, em seu desenvolvimento, quando um outro evento ocorre: “quando saí”. A frase serve como exemplo para definir as duas oposições aspectuais básicas, imperfectivo e perfectivo, cujas características, a partir da análise do exemplo, distinguem-se no quadro 3, mais abaixo.

Como se observa em (2.20b), é possível referir a mesma situação com uma forma perfectiva: “Choveu a cântaros esta manhã, quando saí”, apresentando o processo como um bloco, sem dar enfoque às fases de seu desenvolvimento. Isso ilustra o papel da “escolha” do falante por apresentar o descrito no predicado sob uma perspectiva de quem está dentro da situação (imperfectivo – (2.20a) ou de fora (perfectivo (2.20b), quando escolhe o tempo verbal com o qual deseja descrever tal situação. E, assim, configura-se outra faceta do aspecto: “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela predicação.” (OLIVEIRA, 2006, p. 129)

Imperfectivo	Perfectivo
“ Chovia a cântaros esta manhã, quando saí”	“ Choveu a cântaros esta manhã, quando saí”
<ul style="list-style-type: none">• evento em curso• a situação apresenta constituição temporal interna• não há referencia explícita ao início ou ao fim desta chuva• a saída é um evento que ocorreu durante um período em que a chuva estava em andamento isto é, a chuva precedeu e prosseguiu depois da saída	<ul style="list-style-type: none">• evento concluído• o evento é apresentado em sua totalidade, sem referência à constituição temporal interna• não é possível observar as várias fases individuais que compõem a ação de chover• situação vista de fora, sem distinguir nenhuma estrutura interna da situação

Quadro 3: Imperfectivo x perfectivo

Deve-se ressaltar, no entanto, que uma situação apresentada em sua globalidade, sem referência à sua constituição temporal interna, não exclui a possibilidade de que a situação tenha fases complexas, mas somente que, no contexto em questão, suas fases foram

suprimidas, fazendo-se referência apenas ao seu desfecho. Assim, a perfectividade não significa falta de constituição temporal interna, mas sim falta de referência explícita a tal constituição temporal interna, como assinala Comrie (1976, p 21).

Apresentadas as duas oposições aspectuais básicas, passa-se, a seguir, aos exemplos que ilustrarão os subtipos apontados acima, segundo a proposta do quadro aspectual de Castilho (2002, p. 87 *et seq.*). Deve-se, no entanto, assinalar que, embora sendo baseada nas distinções sugeridas pelo autor citado, esta pesquisa interpreta algumas situações de modo diverso, como será visto no que segue. Os exemplos principais que ilustrarão as distinções aspectuais foram retirados do *corpus* analisado neste trabalho.

2.3.1.1 Imperfectivo inceptivo

O aspecto imperfectivo inceptivo tem como característica ser uma duração da qual se destacam os momentos iniciais. No exemplo abaixo, é o verbo aspectual *ابتَدَأَ* /i)btada'a/ 'começar a' que propicia a leitura inceptiva.

- (2.21) *اِبْتَدَأْنَا بِالرَّكْضِ* (l.8)
 /ibtada'nā bi -r rakḍi/
 começamos.pf.1ª.s. com -a-corrida
 Começamos a correr.

Na literatura sobre o assunto, o inceptivo também é denominado incoativo ou ingressivo, às vezes, com sentidos ligeiramente diferentes. O próprio Castilho (1968) classifica o inceptivo em dois tipos: o inceptivo propriamente dito e o inceptivo incoativo, cuja diferença é que o último, além de assinalar a entrada em uma situação, indica mudança de estado:

- (2.22) a Mas um dia [...] a casa do velho **amanheceu** em polvorosa.

2.3.1.2 Imperfectivo cursivo:

O aspecto imperfectivo cursivo apresenta o evento em seu desenvolvimento, caracterizando-se por não apresentar os limites iniciais ou finais da situação. O presente dos verbos atélcos, associados ou não com advérbios aspectualizadores cursivos, são as formas que geralmente propiciam este aspecto:

- (2.23) *عَيْنَايَ الْآنَ تَنْظُرَانِ فِي السَّجَادَةِ الْعُجْمِيَّةِ* (l.51-2)
 /ʿaynā -ya l'āna **tandurāni** fī- ssajjādati l'ajamīyyati/
 dois olhos -de mim agora **fitam**.Imp.3.dual em o-tapete o-persa
 meus olhos agora **fitam** o tapete persa

Como se observa no exemplo, não é relevante, no contexto, fazer referência a esses limites, mas apenas apresentar a situação em seu desenvolvimento.

Castilho (2008, p. 98) assinala que as perífrases de gerúndio que têm como primeiro verbo “estar” (na grande maioria dos casos), “ir”, “acabar”, “ficar”, “continuar”, “vir”, “viver”, “passar” e “permanecer”, frequentemente, expressam o cursivo.

- (2.24) a ele **estava falando** que a topografia da cidade é muito bonita
b é isso que a gente **vem dizendo** até agora ... certo?
c a cidade (...) **está crescendo** desordenadamente
d então essa linguagem **vai evoluindo** no seu país de origem

Observa-se que a duração das situações de (2.24c e d) apresentam mudança de estado com uma duração mais gradual, indicadora de que o processo está se intensificando conforme a situação vai progredindo, promovendo um tipo especial de cursividade considerada progressiva.

Os verbos atélicos são os que mais frequentemente ocorrem nesse tipo de aspecto, porém um verbo télico pode apresentar duração estendida quando flexionado no presente acompanhado de adverbiais quantificadores progressivos (de fases): aos poucos, cada vez mais, etc., ou ao se flexionarem no imperfeito ou gerúndio (CASTILHO, 2002, p. 97-98).

- (2.25) a e *cada vez mais* o comprador **adquire** uma capacidade de calcular as coisas
b Ele se **afogava**.
c Vi um menino se **afogando**.

Percebe-se que a perífrase de gerúndio apenas confirma o valor durativo dos verbos atélicos; já verbos télicos, no gerúndio, tornam-se atélicos.

2.3.1.3 Imperfectivo terminativo

O aspecto imperfectivo terminativo assinala o final de uma situação que durou. Só ocorre com perífrases iniciadas com os verbos “acabar de/por”, “cessar de”, “deixar de”, “terminar de”, seguidos de infinitivo (CASTILHO, 2002, p. 101).

- (2.26) لَمَّا انْتَهَتْ مَرْيَمُ مِنْ تَضْفِيرِ شَعْرِهَا إِلَى ضَفِيرَتَيْنِ (l.1)
/lammā **ntahat** Maryam min taḍfiri šaʿr -ī ʿilā ḍafīratayni/
quando **terminou**.pf.3^a.f.s. Maryam de trançar cabelo -de mim até duas tranças
Quando Maryam **terminou de fazer duas tranças** em meu cabelo

2.3.1.4 Perfectivo pontual

O perfectivo pontual é o aspecto em que não se percebem as fases da situação. O começo e o fim da situação são apresentados simultaneamente. Castilho (2002, p. 101) considera que somente os verbos pontuais de *Aktionsart* télica, no presente, pretérito perfeito simples ou mais-que-perfeito são os que, mais comumente, codificam este aspecto.

(2.27) (l.26) لَمَّا فَتَحَتْ أُمِّي الْبَابَ وَرَأَيْتُهَا

/lākin lammā fataḥat 'umm -ī lbāba wa ra'aytu -hā/

Porém quando **abriu**._{Pf.3^a.f.s.} mãe -de mim a-porta e **vi**._{Pf.1^a.s.} -a

Porém, quando minha mãe **abriu** a porta e eu a **vi**...

Este trabalho considera, no entanto, que, apesar de o perfectivo apresentar situações englobando todas as fases numa só, levando à interpretação de pontual, os eventos podem ser compostos por verbos durativos. Nesse ponto, concorda-se com a definição lançada por Comrie de que a perfectividade se distingue melhor pela falta de menção explícita no contexto linguístico da duração temporal interna do que pela inexistência de tal duração, como já apontado anteriormente. A impressão de pontualidade é inerente ao perfectivo em si e não ao tipo de evento:

(2.28) (l.77) وَلَمَّا مَشَى تَعَثَّرَ لِأَوَّلِ مَرَّةٍ

/wa -lammā mašā ta'attara li -'awwali marratin/

e -quando **caminhou**._{Pf.3^a.m.s.} **tropeçou**._{Pf.3^a.m.s.} por -primeira vez

E quando **caminhou**, pela primeira vez **tropeçou**

Tanto situações pontuais como as que são internamente complexas, quando usadas no perfectivo são interpretadas como pontuais, pois este aspecto apresenta os eventos de forma globalizada, sem que se informe sobre o tempo de sua duração. Assim caminhar (processo), que inclui um número de fases distintas, e tropeçar (ponto), são subsumidas como um todo único, igualando-se na perfectividade no exemplo (3.28).

Mesmo verbos télicos podem sofrer a influência de alguns fatores que alteraram a sua tendência aspectual, como no exemplo abaixo de Castilho (2002, p. 103):

(2.29) a O projétil **golpeia** a posição inimiga

b O vento **golpeia** nosso rosto

Como já observado mais acima, o caráter semântico do sujeito tem influência direta na classificação aspectual da situação expressa na predicação. Apesar de o verbo golpear ser pontual, como se observa em (2.29a), propiciando uma análise perfectiva da situação, em

(2.29b) tem-se uma leitura imperfectiva do expresso na predicação. Devido à natureza não contável do sujeito, não há a interpretação de um evento instantâneo, pontual.

2.3.1.5 Perfectivo resultativo

O aspecto perfectivo resultativo codifica o estado resultante de uma ação ocorrida anteriormente, não expressa linguisticamente, mas pressuposta, “indicando a realização bem-sucedida de uma situação”⁴⁹ (COMRIE, 1976, p. 20).

- (2.30) لما جاء ذاتَ ظَهْرٍ، وَقَدْ تَعَلَّمَ مِنَ وَالِدِي أَنْ يَقُولَ "اللّٰه" قَبْلَ أَنْ يَقْرَعَ وَيَدْخُلَ (l. 75-6)
 /lammā jā'a dāta ḍuhri wa-qad ta'allama min wālid -ī
 quando veio._{Pf.3ª. m.s.} certo tarde e -QAD aprendeu._{Pf.3ª. m.s.} de pai -de mim
 'an yaqūla “‘allahu” qabla 'an yaqra'a wa -yadhūla
 que diz._{Imp.3ª.m.s.} “Deus” antes que bate._{Imp.3ª.m.s.} e -entra._{Imp.3ª.m.s.}
 Quando veio certa tarde – ele **já havia aprendido** com meu pai a dizer “Allah”, antes de bater e entrar

O trecho ilustra uma manifestação clara da presente relevância da situação passada e da associação dessa ação a um estado⁵⁰. O resultado de “já haver aprendido” o que lhe fora ensinado o faz, no presente, agir conforme aquele ensinamento.

Tanto as formas simples como as perifrásticas são favoráveis à expressão desse aspecto. As perífrases de participio associadas com verbos como estar, ter, ficar, continuar, andar, que caracterizam uma mudança de estado do sujeito, são as que codificam habitualmente o resultativo (CASTILHO, 2002, 104-5):

- (2.31) a as provas **estão corrigidas**
 b a gente **tem** uma série de dados **levantados**
 c **ficou resolvido** que não sairíamos de casa

2.3.1.6 Iterativo

O iterativo configura a face qualitativa do aspecto e pode ser tanto perfectivo como imperfectivo. Consiste na realização múltipla, habitual ou reiterada, de uma dada situação. Castilho observa que, no português, a *Aktionsart* não é relevante para a expressão desse aspecto e que uns poucos verbos derivados em –ejar (voejar) e –itar (saltitar), ou auxiliares como “costumar”, “habituarse a” codificam esse aspecto: “Com isto, o iterativo depende mais acentuadamente que os outros aspectos dos fatores de natureza composicional”. (CASTILHO, 2002, p. 106)

⁴⁹ indicating the successful completion of a situation. (COMRIE, 1976, p. 20).

⁵⁰ Cf. COMRIE, 1976, p. 56.

(2.32) كَكَلَّ مَطْلَعُ فَصْلِ صَيْفٍ ، كَانَتْ أُمِّي تَطْرَحُ حُبُوبَ النَّفْتَالِينِ عَلَيْهَا وَعَلَى بَاقِي السَّجَادَاتِ (l. 55-6)

/ka -kulli maṭlaʿi faṣli ṣayfin kānat ʾumm -ī taṭraḥu hubūba
como -todo início estação verão **estava** mãe -de mim joga._{Imp.3ª.f.s.} grãosinhos

nnaftalīn ʿaly -hā wa -ʿalā bāqī ssajādāti /
a-naftalina sobre -ela e -sobre resto o-tapetes

Como todo início de verão, minha mãe **jogava** bolinhas de naftalina sobre ele e os demais tapetes

Em (2.32), a repetição da situação não é percebida por meio da propriedade lexical e nem pela forma flexional, mas sim pela interação entre o léxico, a flexão, os argumentos e o o adverbial. A iteratividade na sentença consiste na repetição específica de uma dada situação que se repete após um intervalo de tempo, propiciada pela expressão adverbial “como todo início de verão”.

A repetição pode ser, também, não específica, como neste exemplo de Castilho (2002, p. 111):

(2.33) *normalmente* a gente **tira** exatamente o pedaço do livro.

É não específica por não ser possível, por meio do contexto, prever os intervalos da ocorrência.

Na próxima seção, o assunto tratado até aqui será retomado numa panorâmica de alguns trabalhos realizados no estudo sobre o aspecto na língua portuguesa.

3 CONTRIBUTOS PARA A INVESTIGAÇÃO DO ASPECTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta seção tem por objetivo fazer uma síntese do contributo de cinco trabalhos (livros, artigos e capítulos de livros) de autores brasileiros que estudaram o tema e que são frequentemente citados em referência ao assunto: Ataliba de Castilho (1968 e 2000), Luiz Carlos Travaglia (1985), Sonia Borba Costa (1997), Rodolfo Ilari e R. M. Basso (2008), expostos de acordo com a cronologia de sua publicação. A panorâmica tem a dupla finalidade de expandir o abordado até aqui e apresentar as propostas de classificação aspectual dos autores brasileiros para a língua portuguesa do Brasil, a fim de lançar mais luz sobre o histórico das pesquisas.

3.1 CASTILHO (1968)

O livro⁵¹ de Castilho foi o primeiro estudo a investigar, de uma maneira sistemática, a categoria aspecto no português. Aspecto opõe-se a tempo, na medida em que tem uma natureza mais objetiva, conforme a própria etimologia *spek* “ver” sugere, “é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo” (p.14), que pode indicar uma duração (aspecto imperfectivo); uma ação cumprida, oposta à ideia de duração (aspecto perfectivo); uma ação repetida (aspecto iterativo); ou nenhum dos anteriores, isto é, não há atualização de nenhuma categoria aspectual (aspecto indeterminado).⁵²

A noção de tempo, mais abstrata e subjetiva que a de aspecto, localiza o tempo do processo, apoiada em três pontos: o falante, o momento em que se desenvolve outro processo e o momento em que o locutor idealmente se encontra, levado em pensamento para o passado ou o futuro. De acordo com o ponto de referência, há a existência de três tempos hipotéticos: a) os tempos absolutos – presente, passado e futuro; b) os tempos relativos – imperfeito, mais-que-perfeito, futuro, perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito; e c) os tempos históricos, onde o locutor é personagem ou sabedor do futuro.

Nesse primeiro trabalho há a proposta de um quadro com quatro valores fundamentais para a expressão do aspecto no português: de duração, de completamento, de repetição e de neutralidade, correspondentes, respectivamente, aos aspectos imperfectivo

⁵¹ CASTILHO, Ataliba de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.

⁵² Essa distinção aspectual não é retomada nos dois trabalhos posteriores de 2000 e 2002.

(inceptivo, cursivo e terminativo), perfectivo (pontual, resultativo e cessativo), iterativo (iterativo propriamente dito, iterativo imperfectivo e iterativo perfectivo) e indeterminado.

Por sua natureza léxico-sintática, vários elementos são responsáveis pela noção da expressão aspectual: a) o semantema do verbo (quando o modo de ação coincide com o aspecto), que, para fins de classificação, dividem-se em dois tipos: os verbos télicos (matar, morrer, engolir, cair, atirar...), e os verbos atélicos (mastigar, viver, escrever, acompanhar...); b) a flexão temporal, que muitas vezes se sobrepõe ao valor expresso pelo semantema; c) os adjuntos adverbiais; d) o complemento do verbo; e) os tipos oracionais; f) o contexto. Em Castilho 2000-2, seus exemplos contemplam a influência do sujeito (argumento externo) para a expressão do aspecto.

O aspecto imperfectivo, apresenta três variantes: o inceptivo, o cursivo e o terminativo. O inceptivo indica claramente os primeiros momentos da ação e apresenta duas modalidades: o inceptivo propriamente dito e o incoativo. Essa partição já não figura em trabalhos mais recentes do autor. O imperfectivo cursivo indica a duração de que se ignoram os limites e comporta dois matizes: o cursivo propriamente dito e o cursivo progressivo (duração que importa aceleração ou gradação do processo). O imperfectivo terminativo indica a ação que terminou após ter durado.

O aspecto perfectivo, que expressa o completamento da ação, apresenta três variantes: o pontual, o resultativo e o cessativo. Também esta subdivisão não figura em trabalhos mais recentes. O perfectivo pontual é o aspecto que indica que o processo é acabado tão logo se inicia “indicação precisa do começo e do fim do processo, polos estes separados por um lapso de tempo extremamente curto e não significativo” (p. 50); o resultativo apresenta um resultado consequente do completamento da ação, e o cessativo indica que o processo se interrompeu e não se reporta ao presente.

O aspecto iterativo é situado a meio termo entre o imperfectivo e o perfectivo, e conceituado como um “coletivo de ações” (p. 92). A repetição pode ser intencional/consciente ou automática/rotineira, neste caso, habitual, mas, por considerar estas possibilidades de natureza modal, ele não faz discriminação entre elas como fazem alguns outros autores. Por sua situação fronteira entre o perfectivo e o imperfectivo, raríssimos semantemas são portadores de valor iterativo (como costumar, soer, habituar-se), ficando o valor, assim, expresso pela flexão, as perífrases e os adjuntos adverbiais.

A “indeterminação” ocorre em orações nas quais os verbos não expressam nenhuma noção aspectual, nem mesmo temporal, referindo apenas a ação em si, como verbos a) no presente gnômico; b) no presente de disposição ou virtual, que indica “habilidade, a

capacidade de se cometer a ação” (Eu não faço milagres, respondeu seco, Salviano); c) no pretérito (Antônio: Éramos mais novos... Rui: Eu sou novo! Antônio: Agora é diferente... casei...); d) no “imperfeito virtual” (Ao consultarmos sua gramática, verificamos que ela dizia (...)).

Por considerar verbo télico como pontual, quando um verbo télico apresenta duração, entende que passou a atélico, daí sua conclusão de que é mais fácil um verbo passar de télico a atélico que o contrário, já que encontrou 20 exemplos do primeiro caso e 6 do segundo. Conclui que os verbos atélicos são mais numerosos que os télicos, e que o aspecto dos verbos atélicos, o imperfectivo, é o mais frequente na língua. Por expressarem ações objetivas, o modo indicativo é o modo em que o aspecto se apresenta com maior clareza. Em contextos nos quais a noção aspectual não decorre da natureza semântica do verbo, dos adjuntos, do tipo oracional, a flexão mais fortemente marcada é a dos tempos no passado, sendo o imperfeito, o tempo que apresenta noções aspectuais mais diversificadas. Após a análise do comportamento dos verbos télicos e atélicos, de acordo com a flexão temporal, constatou que alguns tempos têm “tendência aspectual”, e, por isso, discorda de alguns autores que afirmam serem os tempos perfectivos ou imperfectivos. Dentre os mecanismos da noção aspectual, o mais rico é o das perífrases, e, quanto ao papel dos adjuntos adverbiais na expressão e na alteração da noção aspectual, em sua totalidade, os encontrados em seu *corpus* indicavam tempo; em relação aos sufixos, percebeu que são escassos e muitos vêm perdendo a significação original, como alguns verbos em -ecer, que não mantêm mais a noção de incoatividade.

3.2 TRAVAGLIA

O trabalho de Travaglia⁵³ expõe que o aspecto é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”⁵⁴, pois, antes de mais nada, indica o espaço temporal ocupado pela situação em desenvolvimento, marcando a duração, isto é, o tempo gasto em sua realização. Diferencia tempo de aspecto, atribuindo ao primeiro a necessidade de uma referenciação dêitica, ancorada no momento da fala, implicando, assim, uma datação: “É um TEMPO externo à situação” (p. 52). Já o aspecto refere-se à situação em si, sem ancoragem, logo, uma categoria não-dêitica, com referência ao tempo gasto na realização da ação: “é um TEMPO interno à situação”. (p. 52).

⁵³ TRAVAGLIA, Luiz C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Ed. Revisada. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

⁵⁴ TEMPO = tempo cronológico, grafado em caixa alta pelo A. para distinguir de “tempo flexional”.

Para a análise do tempo interno envolvido em toda situação, há a apresentação de uma linha onde se assinala o começo, o meio e o fim de dada situação, como também o momento antes do início e o momento após seu término, graficamente, assim representados:

Figura: 3. Linha do tempo aspectual de Travaglia (1985, p. 56)

O símbolo α , representa o momento em que a situação ainda não começou; A é o ponto de início da situação; o intervalo A–A' localiza os primeiros momentos de seu desenvolvimento; A–B, o intervalo de sua duração; B'–B, os últimos momentos da situação; B, o fim; e β , o tempo em que ela já está acabada.

Ao descrever as noções aspectuais, define pontualidade como “o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de TEMPO curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual” (p. 45).

A duração pode ser limitada, com limites definidos ou sugeridos, ou ilimitada; contínua, sem interrupção durante seu desenvolvimento, ou descontínua, com interrupções em seu fluxo. Esta noção de duração descontínua foi classificada em Castilho (1968, p. 92) como iterativa, isto é, um “coletivo de ações”.

Além de marcar a duração, o aspecto marca as fases da situação, em número de três:

- a) realização, quando a situação está por começar, começada (ou não-acabada) e acabada;
- b) desenvolvimento, em que a situação está no início: inceptividade, meio: cursividade ou fim: término, e;
- c) completamento, caso em que a situação é completa ou incompleta.

O trabalho elenca alguns conceitos vistos por vários autores como aspectuais por estarem associados ao aspecto, mas que ele não considera aspectuais: habitualidade, incoação, progressividade, resultatividade (ou permansividade), cessamento e experienciamento.

Antes de passar à proposta da distinção aspectual para o português, são apresentados os tipos de situações que favorecem a expressão da noção aspectual, a saber:

- a) classificação do semantema verbal, que pode ser télico, atélico, ou estático. Por não avaliar os verbos do tipo de “saber” e “ter” como estados propriamente ditos, propõe que, tanto esses verbos, como todos os verbos verdadeiramente de estado, sejam denominados de verbos “estáticos”;

b) tipologia da situação: as situações expressas numa predicação podem ser de natureza estática – não apresentam mudança, são idênticas e não-pontuais (durativas); ou de natureza dinâmica – as fases são diferentes, isto é, apresentam mudança, e são subdivididas em processos (situações dinâmicas durativas: correr, mastigar, caminhar, assistir, ir), e eventos (situações dinâmicas pontuais: pular, bater, morrer, chegar, vencer, lembrar). Os eventos são subdivididos em três tipos de situações pontuais: inceptivas, terminativas ou pontuais. Os eventos e os processos podem ser controlados por agentes, e serão denominados atos e atividades, respectivamente;

c) situação referencial e situação narrada, respectivamente, uma situação que motivou o enunciado e uma outra situação relacionada a ela (p. 82).

O autor advoga um quadro de análise aspectual simples (caracterizado por uma única noção) e alerta para a terminologia empregada na caracterização do aspecto, visto que são termos já empregados em outros autores, mas que nem sempre correspondem exatamente à definição lançada por ele: a) perfectivo: situação apresentada como um todo indivisível, começo, meio e fim, sem divisão de fases, como se vista de fora da situação; b) imperfectivo: situação apresentada incompleta, com se vista de dentro, aparecendo juntamente com as fases de desenvolvimento; c) durativo: situação contínua ilimitada; d) indeterminado: situação com duração contínua ilimitada, sem limites conhecidos ou perceptíveis; e) iterativo: situação descontínua limitada; f) habitual: situação com duração descontínua ilimitada; g) pontual: situação pontual, sem duração, com início, meio e fim no mesmo momento, (todo pontual, portanto, é perfectivo, embora o contrário não seja obrigatório); h) não-começado: situação prestes a se realizar, com intenção ou certeza de que ocorrerá ou ocorreria; i) não-acabado/começado: situação apresentada como já começada e antes de seu momento de término, ou em seus momentos iniciais ou finais; j) acabado: a situação é apresentada após seu momento de término; k) inceptivo: a situação é apresentada em seus momentos iniciais; l) cursivo: apresenta a situação na fase do meio de seu desenvolvimento; m) terminativo: a situação é apresentada em seus últimos momentos ou em seu momento de término; n) não-aspecto: a situação não apresenta nenhuma das noções aspectuais.

Na interação entre o aspecto e as flexões verbais configura-se que o presente do indicativo expressa, por si só, os aspectos indeterminados, habitual, não-acabado, cursivo e imperfectivo, e que, quando associado a outros elementos como o semantema do verbo e adjuntos adverbiais, pode expressar o durativo, o pontual, o acabado e o perfectivo. No caso de seu emprego com outro valor temporal, pode indicar aspecto não atualizado. O pretérito

perfeito do indicativo marca o perfectivo; não apresenta aspectos ligados à fase de desenvolvimento, já que sempre indica uma situação completa. Quando combinado com outros elementos como semantema do verbo, adjuntos ou orações adverbiais, repetição do verbo, poderá expressar o pontual, o durativo, o iterativo, o habitual, o acabado e o não-acabado. O pretérito imperfeito do indicativo pode expressar o imperfectivo, o durativo, o cursivo, o habitual, o indeterminado, o acabado e o não-acabado. O pretérito mais-que-perfeito do indicativo expressa os mesmos aspectos que o pretérito perfeito, porém nunca expressa o não-acabado. Os futuros do presente e do pretérito do indicativo, assim como o imperativo e o subjuntivo, por terem um caráter mais modal, apresentando os fatos numa perspectiva hipotética, não muito objetiva, não costumam, por si só, atualizar aspecto. Quanto às formas nominais, o infinitivo é neutro, o gerúndio expressa o acabado e o cursivo/durativo e o particípio expressa o acabado.

Quanto às perífrases verbais e a expressão do aspecto, conclui que a) não há perífrase que marque o aspecto pontual, confirmando assim a teoria apontada anteriormente de que o durativo é o mais frequente na língua portuguesa; b) todas as perífrases com verbos no pretérito perfeito e mais-que-perfeito têm aspecto perfectivo; c) perífrases com gerúndio ou a + infinitivo expressam o aspecto não-acabado, com particípio expressam o acabado.

O trabalho também discute a influência dos diversos elementos da sentença na determinação das distinções aspectuais, como a) o semantema do verbo que, conforme seja télico, atélico, dinâmico, estático, ocasionará alteração na leitura aspectual da sentença; b) os adjuntos adverbiais que têm a função de marcar por si só ou em combinação com outros elementos o aspecto, evitar ambiguidade ou reforçar o aspecto de outro elemento; c) o tipo oracional; d) a repetição do verbo que contribui para a expressão do durativo; e) a ênfase entonacional; f) as preposições, em perífrases ou não; f) os complementos verbais, quando tornam um verbo atélico em télico. Não foram considerados como relevantes os afixos (prefixo re-; sufixos -ejar, -itar, -ecer) e o sujeito do verbo como fatores para a expressão do aspecto.

O tipo de voz verbal não bloqueia o aspecto, porém há uma única restrição o não-cometido parece não ocorrer em vozes passiva, pois não foi atestado no *corpus* analisado. Quanto à relação aspecto e tempo ficou atestado no presente estudo que o tempo futuro não atualiza aspecto, porém não é de todo incompatível com este tempo quando, nas frases, atuam outros elementos favoráveis à sua expressão como perífrases e adjuntos adverbiais.

3.3 COSTA

Costa⁵⁵ emprega os termos “fato” ou “fato verbal” em referência ao exposto na predicação seja “situação”, “estado”, “acontecimento”, “atividade”, “processo” ou “ato”, sem distinção. Começa por apresentar as entidades de primeira ordem (noção de espaço), de segunda ordem (noção de tempo) e de terceira ordem (noção de verdade), com vista exclusiva às entidades de segunda ordem, onde se insere o assunto em pauta. Dentre essas entidades, estuda os acontecimentos, atos, processos, atividades e estados que se diferem pelos traços [$\pm$ durativo], [$\pm$ dinâmico], [$\pm$ permanente], [$\pm$ agente]. Por considerar irrelevantes para a expressão do aspecto, em sua análise, são ignorados os traços que analisam dinamicidade e agentividade. O quadro das entidades de segunda ordem, levando em conta seus traços distintivos, pode ser diferenciado em três blocos: a) os acontecimentos e os atos; b) os processos e as atividades e; c) os estados.

O conceito de *dêixis* é correlacionado aos conceitos de espaço e tempo, sendo Tempo e Aspecto⁵⁶ categorias ligadas ao tempo físico, mas diferenciadas semanticamente por assinalar o primeiro, o tempo externo, localizado a partir do momento da enunciação dos fatos no presente, passado ou futuro, distribuídos na linha do tempo; e o segundo, o tempo interno, veiculador das noções semânticas de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim, sem fazer referência à localização no tempo externo, e vinculado a situações, processos e estados, “passível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites” (p. 20). A autora admite como fatores que contribuem para a expressão do aspecto lexemas, morfemas flexionais ou derivacionais e perífrases. Uma restrição à atualização do aspecto é o fato verbal ter necessariamente de se encontrar no número singular. Por considerar o número verbal plural⁵⁷ uma restrição ao aspecto, as noções habitual, iterativo e iminencial não se inserem na categoria de aspectuais.

O aspecto perfectivo e o imperfectivo são caracterizados como as oposições aspectuais básicas. O perfectivo apresenta o fato de forma global, sem constituição temporal interna, como um todo, um conjunto; o imperfectivo apresenta constituição temporal interna, expressa cursividade (imperfectivo em curso), ou as fases do tempo interno (imperfectivo de fase inicial, de fase intermediária ou de fase final) ou ainda o estado resultativo (imperfectivo resultativo). Apenas lexemas que apresentem o traço [+ durativo] são imperfectivos. O estudo

⁵⁵ COSTA, Sonia B. B. *O aspecto em português*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

⁵⁶ Assim como Pessoa, Modo, etc., grafados com inicial maiúscula pela autora.

⁵⁷ O número verbal a que se refere é a repetição ou não do fato verbal: se ele ocorre uma única vez ou se é repetido.

relembra algumas definições e considerações equivocadas ou erradas sobre os dois termos e apresenta algumas restrições à imperfectivização. O presente gnômico, por não expressar fato singular (o que restringe o aspecto) ou mesmo por apresentar um fato do domínio da terceira ordem (a das proposições) não porta aspecto.

Em uma breve análise da expressão aspectual por meio dos lexemas, afixos e da flexão, é visto que o gerúndio, o particípio, o pretérito perfeito composto e pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo são portadores de imperfectividade, sendo as demais flexões verbais portadoras de perfectividade. O gerúndio e o particípio expressam imperfectivo em curso e resultativo, respectivamente; em predicados com o pretérito perfeito composto deve-se observar se porta a noção de duratividade ou iteratividade para ser considerado como expressando imperfectividade; o pretérito imperfeito, a depender do lexema, se portador do traço [+durativo], expressa imperfectividade; as perífrases compostas por gerúndio expressam o aspecto imperfectivo em curso, e as por particípio, o imperfectivo resultativo. Os verbos que podem atuar como auxiliares aspectuais são os tradicionalmente chamados “verbos de ligação”, com exceção do verbo “parecer”, por seu caráter modal, e os verbos do imperfectivo de fases: “começar (a)”, “ir” e “acabar (de)”. Todos os chamados “verbos de ligação” têm a capacidade de expressar o imperfectivo, com exceção de “ser”, que expressa a perfectividade. Todas as vozes e modos podem ser passíveis da expressão do aspecto, embora para o imperativo não tenha sido feito uma apuração sistemática da possibilidade de perífrase imperfectiva.

Quanto à relevância dos circunstanciais temporais para a expressão do aspecto, Costa propõe, baseada em Vlach (1981, p. 68) e Nef (1981, p. 104), classificá-los: a) temporais propriamente ditos: “agora”, “futuramente”, “em agosto”, etc., que marcam o momento cronológico em que o fato verbal ocorreu, ou a fase do processo ou o estado (estes não podem, por si só, expressar aspecto); b) pontuais: “de repente” e “logo”, acompanham formas perfectivas; c) circunstanciais de frequência: “periodicamente”, “semanalmente”, “a cada dia”, etc., podem expressar perfectividade, imperfectividade ou, ainda, habitualidade e iteratividade que estão fora da constituição temporal interna do fato verbal, não sendo considerados pela autora como aspecto; d) circunstanciais durativos: “até hoje”, “durante o ano todo”, “há meia hora”, etc., os definidores por excelência do aspecto imperfectivo.

3.4 CASTILHO (2000)

No artigo⁵⁸, o autor reexamina “o problema do aspecto verbal”, apresentando “um plano descritivo para o aspecto verbal”, com ênfase na face quantitativa “o aspecto iterativo”. Na primeira parte do artigo, para além de distinguir as fases da aspectologia, ou seja, a léxico-semântica, semântico-sintática e a discursiva, o autor situa o aspecto verbal como propriedade da predicação que tem como função “representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado” (p. 17), e o tempo como inscrito no campo dêitico, só podendo ser entendido tomando como referência o momento da fala, capaz de representar a anterioridade, a simultaneidade e a posteridade, e “dependente da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro” (p. 19). Apresenta uma tipologia do aspecto sob duas perspectivas: a) uma quantitativa, que leva em conta a *Aktionsart* do verbo da predicação, conforme seja télico ou atélico, e a influência dos adverbiais, configurada pelo aspecto perfectivo (subdividido em pontual e resultativo) e aspecto imperfectivo (subdividido em inceptivo, cursivo e terminativo); e outra b) qualitativa, que leva em conta a quantidade de ocorrências da ação: sendo singular, expressará o aspecto semelfactivo, ou se for de múltipla ocorrência, habitual ou reiterada expressará o aspecto iterativo.

Nessa proposta de classificação, os predicados estativos não estão incluídos e sua análise assume que o aspecto decorre da composicionalidade semântica, como assinalado mais acima, na seção 2.3.

Na segunda parte há a sua proposta de descrição do aspecto, começando por 1) *Aktionsart* do verbo que opõe dois conceitos semânticos relevantes na expressão do aspecto: verbo télico (verbo com começo e fim coincidentes, quase simultâneos) e verbo atélico (verbo que envolve fases distintas em sua execução, com a suposição de um começo da ação, continuação e término); 2) *Aktionsart* e flexão correspondem à fase semântico-sintática dos estudos sobre o assunto quando se observou que os valores semânticos representados na *Aktionsart* não são fortes o suficiente para apagar as tendências aspectuais das flexões, sendo as formas do presente e imperfeito simples e o gerúndio favorecedoras do imperfectivo, as do pretérito e do particípio favoráveis à expressão do perfectivo, e as do futuro parecem bloquear o aspecto; 3) aspecto e formas perifrásticas – porque mais importantes que a flexão na expressão do aspecto, deve constar na investigação da categoria, com especial atenção à questão da auxiliaridade e, para identificar os verbos resultantes de processos de

⁵⁸ CASTILHO, Ataliba T. Problemas do aspecto verbal no português falado no Brasil. In: Gärtner, Eberhard & Hundt, Christine & Schönberger, Axel (eds.). *Estudos de gramática portuguesa* (III), 2000, pp. 17-46.

gramaticalização de verbos plenos, propõe os seguintes testes para a identificação dos verbos auxiliares a) o sujeito da expressão; b) escopo da negação; c) esvaziamento semântico do primeiro verbo; d) lugar da perífrase no quadro conjugacional; d) aspecto, argumentos e adjuntos. Os argumentos, internos ou externos, de acordo com o traço semântico que expressem, assim como a sua quantificação, podem favorecer (SNs /específicos/, no singular, colaboram para a expressão do semelfactivo, no plural, do iterativo) ou cancelar a noção aspectual, do mesmo modo o faz os adverbiais aspectualizadores qualitativos (durativos e pontuais) e quantitativos.

Sobre o aspecto iterativo diz ser portador das seguintes propriedades 1) quantificar uma predicação perfectiva ou imperfectiva (o que não o torna um aspecto propriamente dito, mas um subtipo daqueles dois); 2) ocorre em predicções cujo sujeito é habitualmente /não-específico/, pluralizado; 3) o que concorre para sua expressão é mais a natureza composicional dos fatores que o componente lexical, a saber: a) a flexão modo-temporal no presente, imperfeito, pretérito perfeito composto, perífrases e repetição do verbo, destacando-se nas perífrases os verbos auxiliares de *Aktionsart* iterativa: “habituar-se (a) ”, “costumar”, “andar (a) ”, “viver (a) ” + gerúndio/infinitivo e “ser de” + infinitivo; b) os argumentos verbais conforme sejam sujeito /não-específico/, seguido ou não de complemento nulo, sujeito e/ou complemento pluralizados e sujeito escopo de quantificadores (quantificação definida, universal, partitiva ou distributiva); c) os advérbios quantificadores podem levar a uma i) repetição /não-específica/ com advérbios em –mente derivados de adjetivos com traços que indiquem frequência, advérbio sempre e adverbiais formados com vez quantificado universalmente, e ii) repetição /específica/ gerada por adverbiais temporais formados por um SP quantificado (todo mês, cada três meses, de manhã, etc.); d) o padrão sentencial das aditivas em polissíndeto, das condicionais-temporais e das temporais-proporcionais geram a iteração; e) a articulação discursiva em narrativas de eventos habituais, discursos argumentativos em que se fazem generalizações.

Em uma breve conclusão, reitera o caráter composicional do aspecto, e com relação ao iterativo argumenta que a) a *Aktionsart* não é fundamental para sua ocorrência; b) por predominarem nas construções iterativas o presente, o imperfeito e o pretérito perfeito composto são “flexões não-específicas”; c) as perífrases são mais dependentes dos arranjos sintáticos e do contexto que as do perfectivo e imperfectivo; d) os argumentos no plural, argumentos verbais /não-específicos/ e adjuntos adverbiais quantificadores favorecem o iterativo.

3.5 ILARI E BASSO

Por não concordarem com a tradição linguística de que aspecto e acionalidade são partes inseparáveis do mesmo fenômeno, Ilari e Basso⁵⁹ dedicam uma seção separada para cada tópico.

Empregando a terminologia “acionalidade” (= *Aktionsart*), Ilari e Basso retomam os conceitos de Aristóteles e sua classificação acional: a) verbos de estado e b) verbos de processo, que se subdividem, por sua vez, em outras duas classes: verbos de movimento – processos que tendem naturalmente para um certo resultado, que culminam, e verbos de atividades – processos que não tendem necessariamente para um fim, não culminam, denominados atualmente pelos linguistas, respectivamente, de verbos télicos e atélicos.

Para a distinção das classes acionais, propõem os seguintes testes:

- 1) A compatibilidade com “por X tempo” distingue verbos durativos de não-durativos, uma vez que verbos sem duração interna, pontuais, rejeitam adjuntos que indiquem duração. Observam que este teste pode levar a uma interpretação iterativa (no caso dos verbos pontuais), o que não indicará duração, mas sim o período global em que se reitera a ação ou os limites de tempos em que a ação se repete;
- 2) A compatibilidade com “em X tempo”, aplicado a verbos durativos, vai atestar se a acionalidade é resultativa (verbo télico) ou não-resultativa (verbo atélico), pois mede o tempo que transcorre entre o início do processo e o momento em que se chega ao seu completamento natural; se aplicado a verbos sem duração interna, obtêm-se dois resultados: verbos não-durativos pontuais – que não aceitam o teste; e verbos não-durativos transformativos – que aceitam o teste, que, neste caso, não medirá a duração do processo, mas “o tempo que medeia entre algum fato tomado como referência e a culminação (momentânea) do processo” (p. 272). Os verbos que aceitam o teste, isto é, os não-durativos transformativos e os verbos durativos resultativos constituem a classe dos predicados télicos;
- 3) A compatibilidade com o imperativo separará dentre os durativos não-resultativos, os verbos estativos (que não aceitam o teste) dos não-estativos;
- 4) Outros critérios: a) dentre os estativos há os que não aceitam o uso de perífrase progressiva e/ou o uso de adjuntos como “continuamente” e “daqui a dois dias”, estes são os mais “permanentes” ou “estáveis”, já os estativos não-permanentes são compatíveis; b) há uma

⁵⁹ Verbo, in: ILARI, R e NEVES, Maria Helena de M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 2. Classes de palavras e processos de construção*. Coord. Ataliba T. de Castilho. São Paulo: Campinas: Editora da Unicamp, 2008. Cap. 3 (p. 284-365)

subclasse de verbos chamados “incrementais” ou “incrementativos” (envelhecer, piorar, esfriar, subir (o nível), descer, engordar), que admitem duas interpretações: uma que indica “um passo a mais” em direção à conclusão do evento ou à sua meta (interpretação α), e outra que indica o alcance de uma meta visada ou considerada ideal (interpretação β). Como admitem o teste “em X tempo”, formam sentenças télicas. Podem selecionar uma das interpretações quando verbalizados por perífrases como “ficar pior vs. piorar de vez/ficar ruim”.

Os autores admitem que há uma sensibilidade das classes acionais ao contexto linguístico, já que um mesmo verbo, de acordo com a influência do contexto próximo (plural, complementação e quantificação), poderá ter sua acionalidade alterada (João correu – atético durativo/João correu até a farmácia – télico, durativo, resultativo).

Na seção sobre o aspecto, relembram a vinculação que esses estudos e as classes acionais têm tido nos trabalhos sobre o assunto por ambos representarem metaforicamente a dimensão espacial do processo expresso pelo verbo. Tal afirmação é eficaz e necessária para distingui-los da referência temporal que o verbo também pode expressar, porém, ao contrário, ao estudo do aspecto não interessam as relações de ordem cronológica de anterioridade, simultaneidade e posteridade, além do que, a referência temporal é essencialmente dêitica, já que toma como referência as circunstâncias da fala, enquanto que aspecto e classes acionais são categorias conceituais.

O que possibilita que aspecto e acionalidade sejam comumente tratados como partes inseparáveis são seus pontos em comum, ou seja, a natureza não-dêitica, a referência à constituição temporal interna do processo e a existência de fases, sendo possível a valorização de uma ou outra dessas fases. Ambos os fenômenos implicam uma questão de escolha por parte do falante. Na perspectiva da acionalidade, a opção refere-se à escolha lexical ou por uma determinada quantificação do sujeito e dos demais argumentos do verbo; são propriedades inerentes ao predicado, independente da gramática da língua (p. ex., caminhar até a loja e chegar à loja, indicam ações télicas, que tendem a um fim, porém, “caminhar” é durativo e “chegar” é não-durativo); já as opções aspectuais se exprimem pela aplicação a uma mesma palavra de recursos gramaticais específicos (flexões, construções), levando em conta o tempo em que estão conjugados os verbos dos predicados e suas possíveis alterações de sentido resultante da iteração com auxiliares ou adjuntos, e, desse modo, é um estudo tipicamente gramatical “de um conjunto limitado de opções e de sentidos ‘abstratos’ proporcionados pela gramática da língua” (p. 287).

Para as opções aspectuais propriamente ditas, dizem serem as formas do verbo com “possíveis perspectivas sobre um processo” os responsáveis e não apenas as variações da flexão, mas as “formas de gramaticalização”, ou seja, os auxiliares e a aplicação de modificadores. No português do Brasil, para as “perspectivas sobre um processo”, devem-se considerar, no mínimo, as seguintes oposições gramaticalizadas: *i*) global/parcial (ou perfectivo/imperfectivo; conclusivo/inconclusivo). Segundo a maioria dos autores, é a mais importante das oposições aspectuais que podem ser encontradas nas línguas do mundo, e cujos predicados expressam um processo tomado em bloco, considerando seu ponto final, seu término (global/perfectivo) ou realçam a sua subdivisão em fases, não considerando seu ponto final, seu término (parcial/imperfectivo); sob esta perspectiva, diferente do que considera Castilho (1968), os autores dizem que não existe aspecto “neutro” no português: “se o aspecto não é perfectivo, ele será necessariamente imperfectivo e vice versa” (p. 289); *ii*) perfectivo acabado/perfectivo indeterminado. O que distingue os dois perfectivos é a ausência ou presença de um momento de referência para o expresso na predicação: o acabado apresenta um MR, o indeterminado, o dispensa; *iii*) progressivo/não progressivo. É definido como um efeito de “close”, onde se percebe mais coisas presentes num mesmo processo, antes e depois do momento em questão, “com a impressão de uma dimensão interna mais intensa” (p. 290).

O iterativo é definido como o termo empregado para eventos compostos, “constituídos necessariamente de repetições de um mesmo tipo de ação” (p. 291) como “tossir”, “pestanejar”, “saltitar”, “bebericar”, “dormitar”, “tremar”. Porém, em predicções como “A janela bateu a manhã inteira” a iteração não é devida ao evento em si, mas gerada pela interação de um predicado não-durativo com um adjunto durativo; esses eventos são “contextualmente iterativos” (p. 291). A habitualidade é gerada quando a ocorrência de um evento é repetida durante um certo período de tempo e se torna característica inerente deste período, podendo funcionar simultaneamente em dois níveis: a) do macroevento, o do quadro temporal mais amplo; e b) do microevento: o de cada evento integrante do macroevento.

As “perífrases fasais” (que salientam fases específicas de um evento) como “começar a” + infinitivo, “acabar de” + infinitivo, “estar no meio de” + infinitivo etc., ao contrário da análise tradicional que as trata como casos particulares do aspecto imperfectivo, são vistas pelos autores como um novo evento que pode apresentar tanto um ponto de vista perfectivo (João começou a beber um copo de chope, quando... – ao menos tomou um copo de chope), como imperfectivo (João começava a beber um copo de chope, quando... – talvez João nem tenha encostado o copo nos lábios).

Quanto ao papel da flexão temporal na expressão aspectual citam: *a)* imperfeito versus perfeito do indicativo: estas flexões são os termos que gramaticalizam no português a oposição, respectivamente, imperfectivo versus perfectivo, a única oposição inerente aos termos, visto serem temporalmente indistintos. Eles não partilham os mesmos adjuntos, contextos linguísticos e, também, as inferências possíveis não são as mesmas; *b)* formas contínuas e progressivas: “estar” + gerúndio é a construção progressiva por excelência, em português; com exceção de alguns verbos estativos (como os permanentes e indicadores de localização geográfica), pode ser aplicada a quase todas as classes acionais (exceto alguns pontuais); também, de acordo com a classe acional, restringe algumas inferências (“paradoxo do imperfeito”), p. ex., certas sentenças verdadeiras no passado não correspondem em verdade à sua contrapartida no progressivo (Quando eu o vi no começo do ano/alguma vez na vida, o João estava escrevendo uma sinfonia X Quando o vi no começo do ano, o João escreveu uma sinfonia); *c)* perfeito e passado composto: o uso do passado perifrástico tem quase sempre um caráter habitual; a substituição por um pretérito simples não produz o mesmo efeito de habitualidade, embora não torne a frase falsa (... a Escola Técnica de Comércio tem formado muita gente ... X ... a Escola Técnica de Comércio formou muita gente...). O passado composto por si só marca esta habitualidade, porém o simples também pode marcá-la, se acompanhado por um adjunto, ou seja, “o perfeito é capaz de marcar habitualidade, mas não é marcado para isso” (p. 308). Outra distinção entre os dois passados é que o composto, ao marcar a repetição, sugere que o período se estende até o momento da fala, sem fechamento à direita. A noção expressa pelo perfeito composto nem sempre é habitual, ele pode ter o sentido de continuidade se o verbo for durativo (... tem sido aqui o nosso lar...). Os autores indicam que o passado composto não é o único meio de se expressar habitualidade no português, e que um adjunto que indica duração em um predicado pontual dispara o efeito de iteração contextual.

Pelo exposto acima, conclui-se que o estabelecimento de um quadro aspectual para o português ainda não é ponto pacífico, visto a interpretação divergente quanto a certos fatos. Porém, apesar de diferenças constatáveis quanto às considerações das noções aspectuais e às definições, parece haver concordância quanto a *a)* o caráter não dêitico, *b)* a não referência ao momento da fala, *c)* o seu comprometimento com toda a predicação e não apenas com as unidades lexicais verbais, e *d)* o português não apresentar para esta categoria uma forma gramaticalizada na língua (exceção feita ao perfeito e imperfeito que acumulam as funções temporais e aspectuais).

Tanto Castilho como Ilari e Basso estabelecem uma distinção entre face qualitativa e quantitativa do aspecto verbal, já Costa, por considerar apenas “tempo decorrido dentro dos limites do fato” não considera a face quantitativa do aspecto.

Quanto à relação do aspecto com as categorias que interagem com o verbo, contribuindo para as noções aspectuais, foram apontados, em geral, pelos autores estudados *a)* lexemas verbais, *b)* flexões verbais, *c)* perífrases verbais, *d)* complementos verbais, *e)* tipo oracional *f)* morfemas derivacionais, *g)* adjuntos adverbiais, *h)* o contexto. Ilari e Basso não consideram o lexema verbal como relevante na expressão do aspecto, visto ser a classe acional (*Aktionsart*) uma escolha lexical, enquanto que a escolha aspectual envolve as opções gramaticais da língua.

A análise de Castilho pareceu mais apropriada a esta pesquisa por sua forma mais objetiva de classificação. Sendo a distinção aspectual básica no árabe as duas formas /almāḍī/ e /almuḍāri^c/, as demais distinções serão sempre compostas a partir dessa oposição.

A Parte II, na sequência, será dedicada ao estudo do que foi visto até aqui pensado exclusivamente para a língua árabe, acrescido de algumas observações sobre o sistema verbal daquela língua, visto não existirem, pelo menos que tenha chegado ao conhecimento desta pesquisa, nenhum material específico sobre o assunto em língua portuguesa do Brasil.

PARTE II

O SISTEMA VERBAL ÁRABE FRENTE AO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Esta seção tem por objetivo fazer uma apresentação do sistema verbal árabe, visto não existirem, em língua portuguesa do Brasil – pelo menos que tenha chegado a conhecimento desta pesquisa –, livros, gramáticas ou manuais que abordem o assunto sob a perspectiva aqui abordada, ou seja, o estudo das formas verbais tendo em vista o tempo e o aspecto. A apresentação se fará sob a forma contrastiva/comparativa; isto é, na apresentação do sistema daquela língua, será feito um confronto com a língua portuguesa, sempre que os conceitos ou terminologias apresentarem algum ponto de divergência ou convergência. É necessário que a apresentação do sistema árabe seja feita em confronto para que se esclareçam algumas particularidades desse par linguístico sem que se confundam algumas terminologias e conceitos empregados sobre ambas as línguas, a fim de que não se perturbe a clareza do abordado na análise do *corpus*.

Começa-se por apresentar os significados e os conceitos de alguns termos que se empregam ou exclusivamente em língua árabe ou em língua portuguesa, tendo em mente seu significado na língua árabe. Isso quer dizer que não serão incluídas características que sejam exclusivas da língua portuguesa para explicitar a que corresponde no outro par, mas essas apenas serão citadas quando tiverem um conceito diferente do apresentado neste trabalho. Por exemplo, o termo “vocalização”⁶⁰ aqui empregado, tem existência nos estudos linguísticos do português com um significado diferente do utilizado neste trabalho. As características morfológicas do verbo serão seguidas de uma apresentação de seus valores temporais e aspectuais na visão de estudiosos arabistas tanto ocidentais como orientais.

⁶⁰ “A vocalização é um fenômeno fonético que consiste na transformação de uma consoante em vogal, ou seja, é o resultado da perda do traço consonântico por parte de uma consoante que, por isso, adquire as características de uma vogal. Este fenômeno ocorreu na história da língua portuguesa por exemplo com os grupos consonânticos latinos **-kt-**, **-lt-** ou **-gn-**, em que as consoantes [k], [l] e [g] vocalizaram, numa primeira fase, em [i] ou [u], para logo depois terem semivocalizado em [j] e [w], respetivamente, formando assim um ditongo, como se pode verificar nos seguintes vocábulos: i) octo > oito, ii) doctor > doutor, iii) alteru > outro, iv) multu > muito, v) regnu > reino.” (in: Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015.)

1 PARTICULARIDADES DA TERMINOLOGIA MORFOLÓGICA DO VERBO ÁRABE E SEUS CORRESPONDENTES NO PORTUGUÊS

Diferente da divisão morfológica tradicional da gramática portuguesa, que distribui as palavras em dez classes, os filólogos das duas escolas antigas tradicionais árabes, Bašra e Kūfa,⁶¹ dividiram a língua árabe em três grandes grupos, assim definidos em Corriente (1980, p. 53-4):

- a) o nome *الاسم* /al'ism/, capaz de se flexionar nominalmente: كَلْب /kalb/ “cão”, كَبِير /kabīr/ “grande”, خَمْسَة /ḥamisa/ “cinco”, هَذَا /haḍa/ “este” etc.;
- b) o verbo *الفعل* /alfi'l/, capaz de se flexionar verbalmente: كَتَبْتُ /katabtum/ “escrevestes”, فَرِحْتُ /fariḥta/ “te alegraste”, حَسُنَ /ḥasuna/ “tornou-se bom”;
- c) a partícula *الحرف* /alḥarf/: incapaz de qualquer flexão: فِي /fī/ “em”, لِكَيْ /likay/ “para que”.

Essa tripartição acolheria as classes do português como demonstrado no quadro abaixo:

Árabe	Português
Verbo	Verbo
Nome	Substantivo
	Adjetivo
	Numeral
	Alguns pronomes
	Alguns advérbios
Partícula	Artigo
	Preposições
	Conjunções
	Interjeições
	Alguns pronomes
	Alguns advérbios

Quadro 4 – Classes morfológicas do árabe e português.

A definição do verbo árabe lançada em Corriente (1994, p. 147) apresenta algumas características que o distinguem dessa categoria na língua portuguesa:

O verbo é, semanticamente, uma classe de palavras que significam ação, ou estado ou qualidade, que são, sintaticamente, predicados de um sujeito, com o qual formam a oração verbal, dentro de umas coordenadas aspecto-temporais, que a distinguem

⁶¹ Bašra e Kūfa eram duas cidades rivais construídas, nos primórdios do Islã, com finalidade militar, em margens opostas do rio Eufrates, no Iraque. A rivalidade entre as duas cidades se acentuou na área das ciências linguísticas, quando ambas se tornaram centros de estudos gramaticais. Os limites da influência dessas cidades ultrapassaram seus territórios e todo gramático da língua deveria estar filiado às ideias de uma das escolas. (GOLDZIER, 1994, p. 32-3)

radicalmente da oração nominal, de predicação atemporal. (CORRIENTE, 1980, p. 147)⁶²

O verbo de “estado ou qualidade” conforme o conceito do árabe não existe no português. O autor se refere a verbos que, para serem traduzidos, necessitam do uso de uma expressão formada com os verbos “ser”, “estar” ou “tornar-se”, etc. mais um adjetivo para indicar noções, como por exemplo, “ser pequeno”, صَغُرَ /sagura/, “ser generoso” كَرُمَ /karuma/ e “estar triste” حَزِنَ /ḥazina/. Em árabe, são verbos plenos que se flexionam como qualquer outro. Nos estudos linguísticos sobre aspecto, eles, por si só, constituem os chamados “predicados estativos”, embora nem todos os verbos presentes neste tipo de predicado sejam como o “de qualidade” árabe, já que neles figuram também verbos que denotam posse ou estados cognitivos ou afetivos como *ter, gostar, saber*, etc.:

Outra diferença está na função do verbo de distinguir frases nominais de verbais.⁶³ De acordo com a teoria gramatical tradicional árabe, as frases se subdividem em dois tipos. Segundo a natureza da primeira palavra da sentença, se for um nome, a frase será nominal – جُمْلَةٌ إِسْمِيَّةٌ /jumla ’ismiyya/, ou frase verbal جُمْلَةٌ فِعْلِيَّةٌ /jumla fi’liyya/, se for um verbo⁶⁴. A frase, mesmo contendo um verbo, classifica-se como nominal, caso a oração seja iniciada por um nome. Assim, há dois tipos de frase nominal: a que apresenta verbo e a que não o apresenta. A oração classificada como nominal por iniciar com nome, mas que contém verbo, na tradução para a língua portuguesa, deverá ser traduzida como qualquer outra frase verbal árabe:

(1.1) a قَلْبِي يَدُقُّ (l.12)
 /qalb -i yaduquq/
 coração -de mim bate.Imp.3^a.m.s
 meu coração bate/está batendo

b أَنَا أَعْرِفُ نَفْسِي (l.17)
 /’anā ’arifu nafsī/
 eu conheço.Imp.3^a.m.s -me
 eu me conheço

A frase nominal que não apresenta nenhum verbo, do tipo الْبَيْتُ كَبِيرٌ /albaytu kabīrun/, fora de um contexto, “não reflete nem tempo nem aspecto, pois não se restringe a

⁶² *El verbo es, semánticamente, una clase de palabras que significan acción, o estado o cualidad, que son, sintácticamente, predicados de un sujeto, con el que forma la oración verbal, dentro de unas coordenadas aspecto-temporales, que la distinguen radicalmente de la oración nominal, de predicción atemporal.* (CORRIENTE, 1980, p. 147)

⁶³ Nesta afirmação o autor parece não estar considerando como nominais as frases que contêm verbo, mas que não são iniciadas por ele, do tipo قَلْبِي يَدُقُّ /qalbi yaduquq/ ‘meu coração bate’ (l.12)

⁶⁴ Cf. RYDING, 2005, p. 58.

presente, passado ou futuro, nem a perfectivo ou imperfectivo”⁶⁵ (CORRIENTE, 1980, p. 68-9). No caso de frases descontextualizadas, na tradução para o português, deve-se inserir um verbo de ligação (“ser”, “estar”, “ficar” – de acordo com o contexto), no tempo presente, ou seguindo o tempo expresso no contexto maior em que a oração estiver inserida.

- (1.2) a **الْبَيْتُ كَبِيرٌ**
 /albaytu kabīrun/
 a casa grande
 A casa **é** grande
- b **أَمْسَ فَكَّرْتُ بِكَ، وَاللَّيْلُ طَوِيلٌ**
 /ʾams fakkartu bi -ka, wa -l laylu ṭawīlun/
 ontem pensei.pf.1ª.s. em -você, e -a-noite longa
 Ontem pensei em você, e a noite **foi** longa.

Nesse caso, o verbo é um diferenciador das frases nominais que não apresentam verbos. Em (1.2a), na falta de um contexto localizador do tempo, a tradução pode ser feita com um verbo no presente, pois esta flexão é a menos marcada temporalmente. Caso a frase esteja inserida dentro de um contexto, o tempo da frase nominal será guiado pelo mesmo, como se observa no exemplo (1.2b)

De forma resumida, caracteriza-se o verbo árabe, i) no âmbito morfológico, o fato de ele ser uma palavra capaz de receber os prefixos e sufixos indicadores de pessoa, para se flexionar no imperfectivo e perfectivo, e, também por aceitar as alterações das vogais breves para se flexionar em modo e voz⁶⁶; ii) no âmbito semântico, de forma mais ou menos semelhante ao português, pode-se dizer que se caracteriza por transmitir ideia temporal, ao indicar o momento da ocorrência dos fatos, ou uma noção aspectual, ao indicar o tipo de desenvolvimento da situação prediativa; e, iii) no âmbito sintático, pelo seu papel de núcleo do predicado.

1.1 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

O verbo árabe é dividido em dois grandes grupos: os formados por raízes compostas de três letras – الثلاثي /attulāṭiy/ ‘trilíteros’, e os formados com raízes compostas de quatro letras – الرباعي /arrubāʿiy/ ‘quadrilíteros’. A partir dessas raízes, em sua maioria

⁶⁵ no *refleja tiempo ni aspect, por lo que no se restringe a presente, pasado o futuro, ni a perfectivo o imperfectivo*. (CORRIENTE, 1980, p. 68-9)

⁶⁶ O verbo também se flexiona em gênero, número e caso, o que não o distingue dos nomes.

compostas de três consoantes⁶⁷, formam-se os verbos derivados, المزيّد /almazīd/, que significa, literalmente, “acrescido”. No APM, os verbos trilíteros podem derivar cerca de dez novas formas, e as raízes quadrilíteras, três. Além disso, a cada verbo corresponde i) pelo menos, um nome de verbal⁶⁸ المصدر /almaṣḍar/ (de كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’ → الكتابة /alkitāba/ ‘escrever/a escrita’); ii) o nome de agente اسم الفاعل /ismu lfāʿil/ (الكاتب /alkātib/ ‘aquele que escreve/escritor’) e; iii) alguns podem apresentar um particípio passivo اسم المفعول /ismu lmafʿūl/ (مكتوب /maktūb/ ‘está escrito’). Sendo o verbo a origem de uma série de novas palavras, considera-se como sendo o centro do léxico árabe.

Na sequência serão examinadas as partes que compõem o verbo.

1.1.1 Raiz

Mattoso Camara Jr. (1981, p. 20) adverte que o significado de *raiz* nas línguas indo-europeias deve ser entendido a partir do conceito sincrônico, uma vez que, durante o longo período de evolução dessas línguas, “as raízes originárias muitas vezes se esvaíram ou mudaram essencialmente, incorporando elementos mórficos originariamente distintos”. Um exemplo clássico dessa evolução é o do verbo latino *comedere*, cuja raiz, atualmente é *com-*. O prefixo latino *com-/con-* tornou-se a raiz do verbo *comer*, e a raiz diacrônica *-ed-* não mais existe. Para a definição de raiz, ele descreve que é “O semantema como parte básica da estrutura das palavras a que se chega pela análise mórfica e sincrônica” (MATTOSO CAMARA Jr., 1981, p. 205); já Bechara (1999, p. 341) conceitua: “Chama-se raiz, em gramática descritiva, ao radical primário irreduzível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família”. Pode-se incluir ainda a explicação de Basílio (1987, p. 12) “raiz é um morfema que pode, por si só, constituir a base de uma palavra”. Assim, raiz, tomando-se como base a sincronia, nas línguas indo-europeias, por exemplo, em *centro*, é a sequência *centr-* (-o é a vogal temática). Mas essa base pode ser organizada em vários graus de complexidade, como expõe Basílio, em camadas ou níveis, como na sequência: *centr-al* → *central-izar* → *centraliza-ção* → *des-centralizar* → *descentraliza-ção*, em que a última base agrega um número maior de elementos de acordo com o aumento de complexidade de seu conteúdo semântico.

⁶⁷ Em oposição ao termo مزيّد /mazīd/ (lit. acrescido), há o termo مجرّد /mujarrad/ (lit. nu), para indicar que o verbo é desprovido de acréscimos, tratando-se, assim, da forma primitiva.

⁶⁸ مصدر /maṣḍar/ (lit. origem, fonte) é o nome de verbal ligado a um verbo específico que nomeia a ação denotada por seu verbo correspondente, por exemplo, وصول /wuṣūl/ “chegada” do verbo da forma I وصل /waṣala/ ‘chegar’. Na língua portuguesa, o de verbal pode tanto ser traduzido pelo próprio infinitivo como pelo nome da ação correspondente ao verbo: وصول /wuṣūl/ “chegada” ou “chegar”, de acordo com o contexto. A cada verbo árabe corresponde um ou mais nomes de verbais.

Tendo uma morfologia majoritariamente composta de palavras formadas por três consoantes, na concepção geral da gramática árabe, raiz جذر /jdʾr/ é o conjunto das três consoantes presentes na base de cada item lexical que apresenta o significado básico da palavra. Assim, por exemplo, para expressar a ideia de “estudar”, usam-se as consoantes درس /d-r-s/. Cada uma dessas letras é chamada de “letra radical”⁶⁹, sendo د /d/ usada para representar a primeira consoante radical, ر /r/ a segunda, e س /s/ a terceira, devendo essa sequência ser sempre mantida para que não se troque ou perca o significado de base da raiz.

Um conhecedor da língua árabe, ao observar در س (d-r-s), logo lhe vem à mente a noção de “estudar”, mas a raiz é apenas uma noção semântica vaga, não uma palavra. Para tornar-se tal, é necessário que se lhe apliquem morfemas descontínuos⁷⁰ (ou intervenientes). Em árabe, os morfemas que atualizam as raízes são: consoante, vogal longa, vogal breve ou dobramento de letra radical. Por exemplo, a aposição da vogal breve /a/ /faṭḥa/ sobre cada uma das letras radicais, fecha as três sílabas da raiz /darasa/ دَرَسَ, que passa a significar “ele estudou”.

Apesar de a grande maioria das raízes árabes serem trilitéras, como já mencionado, também existem raízes quadrilíteras, isto é, verbos formados de quatro consoantes radicais como ترجم /t-r-j-m/ e حرج /d-ḥ-r-j/, que apresentam a noção de “traduzir” /tarjama/ e “rolar” /daḥraja/, respectivamente. Sincronicamente, algumas palavras têm apenas duas letras, como أب /’ab/ “pai”, فم /fām/ “boca”, dentre algumas outras.

A grande diferença entre as duas línguas quanto ao conceito de raiz é o fato de que, na língua portuguesa não existe infixo, como no árabe.

1.1.2 Afixos

A definição de afixo (لواحق /lawāḥiq/)⁷¹ na língua árabe não difere de seu significado na portuguesa. É um morfema preso, obrigatoriamente associado a uma forma de base, e sua presença indica que a palavra sofreu um processo morfológico derivacional (formação de uma nova palavra) ou flexional (indicativo de gênero, número, pessoa...), e, de

⁶⁹ Não se deve confundir com o conceito de *radical* no português. Um radical, em determinadas ocasiões, pode ser o mesmo que *raiz*, uma vez que uma palavra portuguesa pode ser morfológicamente simples ou complexa, como já apontado supra nesta página. A palavra pode ter apenas um radical primário (cujo único elemento é a raiz) ou pode ter, além do radical primário, um prefixo ou sufixo, por exemplo, que servirá de base para a formação de um radical secundário. (Cf. BECHARA, 1999, p. 341; BASÍLIO, 1987, p.12, esta última denomina ambos os radicais, primário ou secundário, de base).

⁷⁰ "Morfema que é interrompido por qualquer outro material linguístico. Os morfemas descontínuos mais óbvios são os circunfixos e os transfixos". (Dicionário de termos linguísticos, verbete 2314 \$ *morfema descontínuo*).

⁷¹ Cf. CACHIA, 1973.

acordo com a posição que ocupa na palavra, pode ser classificado em prefixo, infixos e sufixos⁷².

Afixos são na sua maioria morfemas contínuos, isto é, prefixados ou sufixados à forma de base, porém um traço característico da língua árabe, aliás, das línguas semíticas em geral, é a ocorrência muito frequente de morfemas que se intercalam na base com a qual ocorrem: os morfemas descontínuos. Um exemplo destes morfemas na língua portuguesa é o caso da derivação parassintética, isto é, a prefixação e a sufixação simultâneas, como, por exemplo, na palavra “entardecer”⁷³. Nas línguas semíticas, os morfemas descontínuos se intercalam com a raiz que também é descontínua, pois admite ser interrompida para a inserção de outros morfemas (RYDING, 2005, p. 47). Podem-se apresentar como exemplos, o morfema descontínuo /ta-ā-/ que, aplicado à raiz ك ت ب /k-t-b/, de “escrever”, forma o verbo تَكَاتَبَ /takātaba/ que serve para denotar noção de reciprocidade ao ato de escrever, podendo ser traduzido em português por ‘corresponder-se’; outro exemplo é o morfema descontínuo /-ā-i-/ , aplicado à mesma raiz para formar particípio ativo كَاتِبَ /kātib/ ‘aquele que escreve’ ou ‘escritor’. Esses morfemas descontínuos que dividem a raiz, ao intercalarem-na, chamam-se transfixos⁷⁴.

1.1.3 Paradigma

Literalmente, em árabe, وزن /wazn/ significa “medida”, “peso”, e, neste trabalho, será traduzido por “paradigma”⁷⁵, visto, na gramática portuguesa, a definição deste termo corresponder à tradução do conceito de /wazn/ em árabe, isto é, paradigma, conforme emprestado de Houaiss (2009): “conjunto de formas vocabulares que servem de modelo para um sistema de flexão ou de derivação (p.ex. na declinação, na conjugação etc.); padrão”. Tal definição muito se assemelha à explicação de Ryding (2005, p. 689) para o termo árabe /wazn/: “uma estrutura morfológica na qual uma raiz lexical árabe se encaixa para formar uma palavra”.⁷⁶

⁷² Cf. Dicionário de termos linguísticos, 1992.

⁷³ O morfema descontínuo presente nas construções parassintéticas do português chama-se circunfixo, pois eles ladeiam o radical. Nenhum dos seus elementos pode ser trocado ou suprimido sob pena de formar uma palavra não existente: *en-tarde- ou *-tarde-cer.

⁷⁴ Cf. Dicionário de termos linguísticos.

⁷⁵ O termo árabe /wazn/, empregado aqui como “paradigma”, é traduzido, no inglês, *pattern* (Ryding, Brustad dentre outros); Corriente traduz ‘forma’. Não se adotará aqui o termo ‘forma’, que será reservado para a referência aos dois modelos de conjugação árabe, /almāḍī/ e /almuḍāri/, isso é, o perfectivo e o imperfectivo, respectivamente.

⁷⁶ *the morphological framework into which an Arabic lexical root fits in order to form a word.* (RYDING, 2005, p. 689)

A raiz é a base sobre a qual se aplicam os morfemas descontínuos – que podem ser vogais breves e/ou longas, letras duplicadas e determinadas consoantes –, de acordo com os modelos paradigmáticos. Esse procedimento atualiza a noção virtual primitiva da raiz e forma novas palavras: substantivos, adjetivos, verbos, que deverão portar, a princípio, a noção lexical de base da raiz. Assim, por exemplo, درس /d-r-s/ é uma raiz que se relaciona com o conceito de “estudo”. Se for vocalizada⁷⁷ دَرَسَ /darasa/, significará “ele estudou”; se دُرِسَ /durisa/, “ele foi estudado”, e, se for acrescida, além das vogais breves, do prefixo /ya-/, como em يَدْرُسُ /yadrusu/, significará “ele estuda”, دَارِسَ /dāris/, “aquele que estuda”, e assim por diante, numa série de derivações paradigmáticas fixas e limitadas⁷⁸.

Existe uma dependência mútua entre os dois morfemas, raiz e paradigma, como explica Ryding:

Muitas palavras árabes, portanto, são analisadas como consistindo de dois morfemas – uma raiz e um paradigma – interligados para formar uma palavra. Uma raiz e um paradigma árabes não podem ser usados isoladamente; eles precisam se conectar um ao outro para formar uma palavra real. Uma palavra como *kātib* ‘escritor’, por exemplo, consiste de dois morfemas presos: a raiz lexical *k-t-b* e o paradigma de particípio ativo *_ā_i_* (onde os espaços representam as consoantes radicais). Quando uma raiz é mapeada sobre um paradigma, eles formam, juntos, uma palavra, ‘escritor’ (agente da ação de escrever). (RYDING, 2005, p. 49).⁷⁹

Após a associação da raiz a um determinado paradigma, forma-se o que nas línguas indo-europeias é chamado de base ou radical.⁸⁰

Os gramáticos antigos fixaram as letras ف-ع-ل /f-^o-l/, que juntas encerram a noção de “fazer”, para representar todos os paradigmas morfológicos possíveis na formação das palavras, correspondendo, respectivamente, ف à primeira, ع à segunda e ل à terceira letras radicais. Desse modo, pode-se dizer que o paradigma do verbo دَرَسَ /darasa/ ‘estudar’ é فَعَلَ /fa^oala/ ‘fazer’ e, o do particípio ativo دَارِسَ /dāris/ ‘aquele que estuda’ é فَاعِلَ /fā^oil/ ‘aquele que faz’. Há muitos paradigmas diferentes. Alguns são usados para nomes no singular, outros para

⁷⁷ Vocalizar, neste trabalho, não se refere à “mudança fonética que consiste, literalmente, na passagem de uma consoante a vogal” (MATTOSE CAMARA Jr., 1981, p. 242). O termo, neste trabalho, significa aplicar uma das vogais breves (*fatha* /a/, *damma* /u/ ou *kasra* /i/) a uma das letras radicais de uma raiz. Cf., também, nota de rodapé n. 1, deste capítulo.

⁷⁸ Embora a combinação dos afixos possa formar um número grande de possibilidades paradigmáticas, algumas construções não existem.

⁷⁹ *Most Arabic words, therefore, are analyzed as consisting of two morphemes – a root and a pattern – interlocking to form one word. Neither an Arabic root nor a pattern can be used in isolation; they need to connect with each other in order to form actual words. A word such as *kaatib* ‘writer,’ for example, consists of two bound morphemes: the lexical root *k-t-b* and the active participle pattern *_aa_i_* (where the slots stand for root consonants). When a root is mapped onto a pattern, they together form a word, “writer,” (“doer of the action of writing”).* (RYDING, 2005, p. 49).

⁸⁰ Neste trabalho será empregada a terminologia *base* e não *radical*, que aqui será utilizada em referência a cada letra que compõe a raiz árabe.

o plural, outros para مصدر /*maṣḍar*/, outros para as derivações verbais e etc. Alguns são bem comuns e outros aparecem em raras ocasiões.

Os dicionários mais tradicionais da língua árabe listam as palavras por ordem da raiz. O que significa, por exemplo, que para procurar مَدْرَسَة /*madrasa*/ ‘escola’ é necessário “despir” a palavra de todos os morfemas que a compõem e procurar apenas as letras radicais, isto é, د ر س /*d-r-s*/, respectivamente. Nesse tipo de dicionário, os verbetes de entrada, quando verbo, são listados na terceira pessoa, masculino, singular perfectivo, por ser esta a forma mais simples do verbo, desprovida de qualquer outro morfema derivativo ou flexional. Assim, enquanto os verbos nos dicionários em português são listados pelo infinitivo, “escrever”, “estudar” etc., nos árabes, o verbo aparece, literalmente, “ele escreveu”, “ele estudou”. Nesta pesquisa, à moda de todos os trabalhos que versam sobre a língua árabe, o nome do verbo será traduzido pela forma infinitiva no português, ao invés de sua tradução literal, e كَتَبَ /*kataba*/, literalmente ‘ele estudou’, será traduzido ‘estudar’.

1.1.4 Flexão

O verbo é uma classe de palavra que possui um tipo de flexão característica que se chama conjugação. Assim como no português, o verbo árabe se flexiona para indicar, as categorias de número, pessoa, tempo/aspecto, modo, voz e gênero, porém esta flexão difere substancialmente da da língua portuguesa. Segundo Coseriu (*apud* BECHARA, 1999, p. 210), o sistema verbal da língua portuguesa “é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família”. São três modos gramaticalizados: *i*) indicativo: com seis tempos, *ii*) subjuntivo: com três tempos e, *iii*) imperativo: afirmativo e negativo. Incluem-se, ainda, no quadro, as formas nominais: infinitivo (pessoal e impessoal), gerúndio e particípio. Todos os modos e o infinitivo pessoal são formas finitas, quer dizer, se flexionam para indicar tempo, pessoa e número.

Em contrapartida, a língua árabe, como se observa no quadro abaixo adaptado de Bescherele (1999, p. 11), apresenta poucos paradigmas de conjugação:

Os paradigmas da conjugação				
Imperfectivo apocopado المُضَارِعُ الْمَجْزُومُ /almuḍāri ^c lmajzūm/	Imperfectivo subjuntivo المُضَارِعُ الْمَنْصُوبُ /almuḍāri ^c lmanṣūb/	Imperfectivo indicativo المُضَارِعُ الْمَرْفُوعُ /almuḍāri ^c lmarfū ^c /	Perfectivo الْمَاضِي /almaḍī/	Voz ativa المَعْلُومُ /alma ^c alūm/
Imperfectivo apocopado المُضَارِعُ الْمَجْزُومُ /almuḍāri ^c lmajzūm/	Imperfectivo subjuntivo المُضَارِعُ الْمَنْصُوبُ /almuḍāri ^c lmanṣūb/	Imperfectivo indicativo المُضَارِعُ الْمَرْفُوعُ /almuḍāri ^c lmarfū ^c /	Perfectivo الْمَاضِي /almaḍī/	Voz passiva الْمَجْهُولُ /almajhūl/

Quadro 5 – Paradigmas da conjugação (adaptado de BESCHERELE, 1999, p.11).

No quadro, visualizam-se oito construções: quatro para a voz ativa e quatro para a passiva. Na prática, no entanto, morfologicamente, há apenas dois paradigmas de base, /almāḍī/ e /almuḍāri^c/, já que a flexão dos três imperfectivos (tanto ativo como passivo) não se diferencia de modo expressivo, como será visto mais adiante.

Verifica-se no quadro, como já apontado anteriormente, que há flexão para indicar o que se denomina nas línguas indo-europeias voz passiva. Quanto à voz reflexiva, ela não se obtém por meio de flexão, mas advém *i)* do sentido inerente de algumas formas de derivação *اِنْكَسَرَ* /'inkasara/ ‘quebrar-se’, *تَدَنَسَ* /tadannasa/ ‘sujar-se’ e *ii)* do emprego do termo *نَفْس* /nafs/ lit. ‘alma, pessoa, indivíduo’, que funciona como o “se” reflexivo do português. Esse pronome reflexivo pode unir-se aos pronomes pessoais oblíquos: *نَفْسِي* /nafs-ī/ ‘-me, a mim mesmo’, *نَفْسُهُ* /nafsū-hu/ ‘-o/-lhe, a ele mesmo’, etc., como em: *حَبَسَتْ نَفْسَهَا* /ḥabisat nafsa-ha/ ‘ela se encarcerou’.

Como se pode observar no quadro, não existe uma forma específica para os diferentes tempos e modos que o português tem. Isso não significa, no entanto, que o árabe não possa expressá-los, mas apenas que lança mão de elementos variados que vão além das formas das conjugações verbais, como será apontado na seção sobre o emprego das formas verbais árabes.

1.1.5 Pessoa

A definição de Azeredo (2002, p. 121) para pessoa “propriedade que tem a linguagem de permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens do ato comunicativo, não como indivíduos, mas apenas como participantes do discurso” não se distingue do conceito da categoria em árabe. Isto é, os itens lexicais *أَنَا* /'anā/ ‘eu’, *أَنْتَ* /'anta/ ‘tu/você’ m. *هُوَ* /huwa/ ‘ele’, não identificam indivíduos distintos, mas apenas indicam os

personagens inseridos num dado discurso: a 1ª pessoa do singular – o indivíduo que fala (eu), a 1ª pessoa do plural – indivíduos que falam com a inclusão do eu (nós), 2ª pessoa – indivíduos a quem o eu se dirige (tu/você, vós/vocês) e, 3ª pessoa – ser/seres a que ou quem o eu se refere (ele/ela, eles/elas).

Embora não haja distinção na função de pessoa entre as duas línguas, os pronomes que as representam são em maior número no árabe, porque as segundas pessoas também apresentam distinção de gênero, isto é, há um tu masculino, أَنْتَ /'anta/, e um feminino, أَنْتِ /'anti/, enquanto que, no português, apenas as terceiras pessoas variam em gênero. Há também um pronome especial – o dual – para se referir a sujeitos compostos por dois elementos أَنْتُمَا /'antumā/ ‘vós/vocês dois/duas’ e هُمَا /humā/ ‘eles dois’ ou ‘elas duas’, sem distinção de gênero.

O verbo também se flexiona, como o pronome, em gênero, هُمَا يَكْتُبَانِ /humā yaktabāni/ ‘eles dois escrevem’, هُمَا تَكْتُبَانِ /humā taktabāni/ ‘elas duas escrevem’, أَنْتِ تَكْتُبِينَ /'anti taktubīna/ ‘você/tu f. escreve(s)’, أَنْتَن تَكْتُبْنَ /'antunna taktubna/ ‘vocês/vós f. escrevem/escreveis’.

PLURAL	DUAL	SINGULAR	PESSOA
nós /naħnu/ نَحْنُ		eu /'ana/ أَنَا	1ª
vós/vocês /'antum/ أَنْتُمْ	/antumā/ أَنْتُمَا vós/vocês dois/duas	tu/você /'anta/ أَنْتَ	m 2ª m
vós/vocês /'antunna/ أَنْتُنَّ		tu/você /'anti/ أَنْتِ	m 2ª f
eles /hum/ هُمْ	/humā/ هُمَا eles/as dois/duas	ele/ huwa/ هُوَ	ª m3 2

Quadro 6 – Pronomes pessoais do árabe.

O quadro acima dos pronomes pessoais no árabe e seus correspondentes na língua portuguesa evidencia as duas diferenças entre as línguas: a existência de distinção de gênero para os pronomes de segunda pessoa (tanto no singular como no plural) e a existência de um número a mais: o dual.

1.1.6 Tempo/aspecto

Trabalhos recentes sobre o sistema verbal árabe têm apresentado a tendência de classificá-lo como temporal e aspectual ao mesmo tempo⁸¹; e, como já visto, /almāḏī/ e /almuḏāri/ – que os gramáticos antigos representaram com modelos فَعَلَ /fa' al/ e يَفْعَلُ /yaf' al/ –, são as formas básicas utilizadas (isoladas ou em construção com verbos e partículas) pela língua para a expressão do aspecto e dos diversos tempos e modos.

⁸¹ Hassan (1990), Eisele (1990), Brustad, (2000), Bahloul (2008), dentre outros.

As duas formas se flexionam por meio de prefixos e sufixos e podem apresentar bases diferentes com a mudança do jogo das vogais. Assim, por exemplo, em كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’, a base perfectiva é كَتَبَ /katab-/ , e a imperfectiva, كُتِبَ /-ktub-/. Enquanto que no português a vogal temática de cada verbo é colocada sufixada, após a raiz, no árabe, tradicionalmente, se diz que a vogal característica de cada verbo é a que segue a segunda letra radical, assim, no exemplo acima, em /kataba/, a vogal da base é /a/ /faṭḥa/ e, em /yaktub/ é /u/ /ḍamma/. Não existe uma regra que indique qual é a vogal característica de uma determinada base verbal, nem no perfectivo nem no imperfectivo. O único caso em que é possível saber a vogal característica da segunda letra radical ocorre com verbos de natureza descritiva, os chamados “qualitativos”. Esse tipo de verbo tem sempre /u/, /ḍamma/, no perfectivo e no imperfectivo: كَرُمَ /karuma/ يَكْرُمُ /yakrum/ ‘ser nobre’ ‘ele é nobre.

Os dicionários, via de regra, registram os verbos primitivos no perfectivo, totalmente vocalizados ou transliterados, e, ao lado, sempre indicam a flexão da forma imperfectiva ou assinalam qual é a vogal característica da segunda letra radical. As formas com quatro letras ou derivadas apresentam uma morfologia própria invariante e não há a necessidade de os dicionários assinalarem as alterações flexionais.

O quadro 7 abaixo expõe os prefixos formadores da forma perfectiva. As linhas com as vogais representam os espaços ocupados pelas três letras radicais.

Perfectivo			
pess./gên.	singular	dual	plural
1ª	كُتِبَ		كُتِبْنَا
2ª m.	كُتِبْتَ	كُتِبْتُمَا	كُتِبْتُمْ
2ª f.	كُتِبْتِ		كُتِبْتُنَّ
3ª m.	كَانَ	كَانَا	كَانُوا
3ª f.	كَانَتْ	كَانَتَا	كَانَتُنَّ

Quadro 7 – Sufixos do perfectivo

A flexão do perfectivo é exclusivamente por meio de sufixos que, em conjunção com as vogais, indicam concomitantemente pessoa, gênero, número, tempo/aspecto. A vogal da primeira letra radical será sempre /a/ /faṭḥa/, a segunda letra radical poderá ter qualquer uma das três vogais breves; a última letra receberá vogal ou não, de acordo com a pessoa. A

marca característica da terceira pessoa do masculino singular é a ausência do sufixo, tendo apenas a vogal breve /a/ adicionada à base: $\text{كَتَبَ} + \text{ا} \rightarrow \text{كَتَبَ} / \text{katab} + \text{a} \rightarrow \text{kataba}$ ‘ele escreveu’.

No quadro abaixo, segue a flexão da forma imperfectiva, que, também, é empregada, com alterações mínimas, como será visto adiante, na formação dos demais “modos” árabes.

Imperfectivo			
pess./gên.	singular	dual	plural
1ª	أَكْتُبُ		نَكْتُبُ
2ª m.	تَكْتُبُ	تَكْتُبَانِ	تَكْتُبُونَ
2ª f.	تَكْتُبِينَ		تَكْتُبْنَ
3ª m.	يَكْتُبُ	يَكْتُبَانِ	يَكْتُبُونَ
3ª f.	يَكْتُبْنَ	يَكْتُبَانِ	يَكْتُبْنَ

Quadro 8 – Prefixos do imperfectivo.

A primeira letra radical desta forma não apresenta vogal, e, como na forma perfectiva, a vogal da segunda letra radical poderá ser /a/, /i/ ou /u/, e a da terceira está condicionada à pessoa, gênero e número em que o verbo estiver flexionado. A flexão se dá por meio de prefixos, que são indicadores da pessoa, já os sufixos indicam o gênero e o número. Assim, a base $\text{كُتِبَ} / \text{-ktub-}$, de ‘escrever’, ao receber somente o prefixo $\text{يَ} / \text{-ya-}$ de terceira pessoa significa ‘ele escreve’, mas se lhe for acrescido o sufixo $\text{نَ} / \text{-na-}$, indicador de feminino plural, passa a significar ‘elas escrevem’.

O quadro abaixo apresenta a flexão do verbo $\text{كَتَبَ} / \text{kataba}$ ‘escrever’, nas duas formas, perfectiva e imperfectiva.

Forma	Pessoa/ Gênero	Singular	Dual	Plural
Perfectivo	1ª	كَتَبْتُ /katabtu/ ‘escrevi’		كَتَبْنَا /katabnā/ ‘escrevemos’
	2ª m.	كَتَبْتَ /katabta/ ‘escreveste’	كَتَبْتُمَا /katabtumā/ ‘vocês dois escreveram’	كَتَبْتُمْ /katabtum/ ‘escrevestes’
	2ª f.	كَتَبْتِ /katabti/ ‘escreveste’		كَتَبْتُنَّ /katabtunna/ ‘escrevestes’
	3ª m.	كَتَبَ /kataba/ ‘escreveu’	كَتَبَا /katabā/ ‘eles dois escreveram’	كَتَبُوا /katabū/ ‘eles escreveram’
	3ª f.	كَتَبَتْ /katabtu/ ‘escrevi’	كَتَبَتَا /katabatā/ ‘elas duas escreveram’	كَتَبْنَ /katabna/ ‘elas escreveram’
Imperfectivo	1ª	أَكْتُبُ /’aktubu/ ‘escrevo’		نَكْتُبُ /naktubu/ ‘nós escrevemos’
	2ª m.	تَكْتُبُ /taktubu/ ‘escreves’	تَكْتُبَانِ /taktubāni/ ‘vocês dois escrevem’	تَكْتُبُونَ /taktubūna/ ‘vós escreveis’
	2ª f.	تَكْتُبِينَ /taktubīna ‘escreves’		تَكْتُبْنَ /taktubna/ ‘vós escreveis’
	3ª m.	يَكْتُبُ /yaktubu/ ‘escreve’	يَكْتُبَانِ /yaktubāni/ ‘eles dois escrevem’	يَكْتُبُونَ /yaktubūna/ ‘eles escrevem’
	3ª f.	تَكْتُبُ /taktubu/ ‘escreve’	تَكْتُبَانِ /taktubāni/ ‘elas duas escrevem’	يَكْتُبْنَ /yaktubna/ ‘elas escrevem’

Quadro 9 – Flexão do perfectivo e imperfectivo (كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’).

Os prefixos e sufixos empregados nas duas flexões são os mesmos para as formas primitivas e derivadas. A vogal /a/, /fatha/, dos prefixos da forma imperfectiva, passa a /u/ /ḍamma/ nos verbos com quatro letras radicais (يُتْرَجَم – تَرْجَم /tarjama – yutarjimu/ ‘traduzir’) ou derivados de quatro letras (يُدْرَس – دَرَسَ /darrasa – yudarrisu/ ‘ensinar’).

Apesar de no quadro o perfectivo ter sido traduzido pelo tempo pretérito perfeito e o imperfectivo, pelo presente do indicativo, Holes (2004, p. 219) observa que essas formas “não têm nenhum tempo particular fora de um contexto”⁸². Tradicionalmente, esses tempos têm sido considerados como seus valores básicos, presentes em grande parte dos contextos em que figuram, e devido à necessidade de uma forma de tradução, sempre que necessário, serão traduzidas por esses tempos. Por se tratar do escopo deste trabalho, o significado e a função exatas delas serão analisadas em seção dedicada especialmente a cada um dos dois paradigmas de flexão.

1.1.7 Modo

Para ilustrar o modo verbal, “entendido como um conjunto de ‘formas’ que se distinguem morfologicamente”, Ilari e Basso (2003, p. 312) citam os exemplos abaixo:

(1.3) a Você vai falar com a proprietária.

⁸² no particular time value out of context. (HOLES, 2004, p. 219)

- b Vai você falar com a proprietária.
- c [O que eu mais quero é que] você vá falar com a proprietária.
- d Se você for falar com a proprietária, então...

As frases evidenciam que há um conteúdo que não se altera (a fala do interlocutor com a proprietária) e um outro que muda (o modo de expressão); terminologicamente representados pelo par *dictum x modus*. O modo é indicado, nas frases acima, pelas distinções morfológicas dos verbos do indicativo, em (1.3a), onde o locutor apresenta o que considera situações reais (*realis*); do subjuntivo, em (1.3c), que apresenta fatos considerados não-reais (*irrealis*); do imperativo em (1.3b), que indica uma ordem, que gera no interlocutor a obrigação de que aquela proposição se torne realidade; e do “condicional”, em (1.3d), que vincula a verdade de um conteúdo à realização de um outro. Os autores grafaram condicional entre aspas em referência ao fato de que outrora, antes da reforma de 1950 da Nomenclatura Gramatical Brasileira, as formas em -ria (como “eu gostaria”, “eu poderia”) eram consideradas um modo à parte: o condicional. Nas gramáticas atuais do PB, essa flexão verbal foi inserida dentre as formas temporais do indicativo: futuro do pretérito.

Os usos das formas verbais indicam que o modo “é um dos meios pelos quais transitamos entre os vários tipos de ações que podemos realizar a propósito de um mesmo conteúdo proposicional” (ILARI e BASSO, 2003, p. 317). No entanto, a modalidade pode ser expressa por diversos meios expressivos e, em (1.3a e b), a organização dos termos na frase é o responsável pela troca do modo de indicativo para imperativo.

De acordo com os nomes pelos quais os modos foram designados os autores chegam a três conclusões:

- 1) os modos distinguem ações (como ordenar e informar); 2) os modos nos ajudam a administrar entre o real e o irreal; 3) os modos aparecem como parte de certos automatismos sintáticos (ligados, no caso do subjuntivo, à presença de certos verbos regentes e de certas conjunções). (ILARI E BASSO, 2003, p. 314).

Após uma análise do modo e seus meios de expressão, os autores assinalam que o modo pode ser organizado de acordo com dois grandes eixos, a saber, a) o das operações semânticas feitas sobre um *dictum* (modalização, os atos de fala, reações psicológicas advindas de certo *dictum*, graus diferentes de comprometimento do locutor com o conteúdo proposicional (asserção), e b) o da expressão linguística das operações (os morfemas verbais, adjuntos, auxiliares verbais que introduzem sentenças).

A forma imperfectiva árabe apresenta um tipo de flexão que tem sido traduzida por arabistas ocidentais pelos nomes dos modos: المضارع المرفوع /almuḍāri^c almarfū^c/, indicativo, المضارع المنصوب /almuḍāri^c almanṣūb/, subjuntivo, e المضارع المجزوم /almuḍāri^c almajzūm/, apocopado/jussivo/condicional⁸³. A flexão do indicativo e do subjuntivo se dá de forma semelhante à declinação dos casos, chamada pelos gramáticos tradicionais do árabe clássico de إعراب /i^crāb/, que consiste no jogo da vocalização⁸⁴ da última letra radical dos nomes. المرفوع /almarfū^c/ é o caso do nominativo, e المنصوب /almanṣūb/, do acusativo, que indicam, grosso modo, os nomes que exercem, respectivamente, a função de sujeito: ضَرَبَ الرَّجُلُ /ḍaraba rrajul-u/ ‘o homem golpeou’, e dos complementos diretos ضَرَبَ الرَّجُلُ /ḍaraba rrajul-a/ ‘ele golpeou o homem’.

No quadro abaixo, exemplifica-se o visto acima com a flexão الإعراب /al^ciṛāb/ do verbo كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’.⁸⁵

⁸³ Mais adiante os três termos serão discutidos. Neste trabalho, será traduzido por *apocopado*, termo equivalente a مجزوم /majzūm/ ‘cortado’, ‘apocopado’, ‘consoante final sem vogal’, ‘apocopado’ (CORTES, 2004, p. 170).

⁸⁴ O termo “vocalização” é empregado em trabalhos sobre a língua árabe para referir a aplicação das vogais breves às consoantes das palavras ou para referir as vogais finais de casos, p. ex., /alkātibu/, a vocalização da segunda letra radical é /i/ /kasra/ e a vocalização do caso é /u/ /ḍamma/. Nesse contexto, o que se denomina إعراب /i^crāb/ é a aplicação da vogal final de caso nas palavras. O uso indica que o termo *conjugação*, na referência aos verbos árabes, é uma aproximação do que ocorre nas línguas ocidentais, mas que não representa o fenômeno de declinação dos termos árabe.

⁸⁵ Neste trabalho, as palavras árabes isoladas, no corpo do texto, estarão transliteradas sem as vogais breves finais indicadoras do caso, الإعراب /al^ciṛāb/; apenas os verbos na forma فعل estarão sempre transliterados com sua vogal final, invariável, fatha. O par يفعل e فعل que representa as duas formas verbais الماضي /almāḍī/ e المضارع /almuḍāri^c/ estarão ambos sem a vogal final: /fa^cal/ e /yaf^cal/. As transliterações de todas as frases dos exemplos indicarão os casos.

المُضَارِعُ الْمَجْزُوم /almuḍāriʿu lmaǧzūm/	المُضَارِعُ الْمَنْصُوب /almuḍāriʿu lmanṣūb/	المُضَارِعُ الْمَرْفُوع /almuḍāriʿu lmarfūʿ/	Pessoa	singular
/ʾaktub/ أَكْتُبُ	/ʾaktuba/ أَكْتُبُ	/ʾaktubu/ أَكْتُبُ	1 ^a	
/taktub/ تَكْتُبُ	/taktuba/ تَكْتُبُ	/taktubu/ تَكْتُبُ	2 ^a m.	
/taktubī/ تَكْتُبِي	/taktubī/ تَكْتُبِي	/taktubīna/ تَكْتُبِينَ	2 ^a f.	
/yaktub/ يَكْتُبُ	/yaktuba/ يَكْتُبُ	/yaktubu/ يَكْتُبُ	3 ^a m.	
/taktub/ تَكْتُبُ	/taktuba/ تَكْتُبُ	/taktubu/ تَكْتُبُ	3 ^a f.	
/taktubā/ تَكْتُبَا	/taktubā/ تَكْتُبَا	/taktubāni/ تَكْتُبَانِ	2 ^a m./f.	dual
/yaktubā/ يَكْتُبَا	/yaktubā/ يَكْتُبَا	/yaktubāni/ يَكْتُبَانِ	3 ^a m.	
/taktubā/ تَكْتُبَا	/taktubā/ تَكْتُبَا	/taktubāni/ تَكْتُبَانِ	3 ^a f.	
/naktub/ نَكْتُبُ	/naktubu/ نَكْتُبُ	/naktubu/ نَكْتُبُ	1 ^a	plural
/taktubū/ تَكْتُبُوا	/taktubū/ تَكْتُبُوا	/taktubūna/ تَكْتُبُونَ	2 ^a m.	
/taktubna/ تَكْتُبْنَ	/taktubna/ تَكْتُبْنَ	/taktubna/ تَكْتُبْنَ	2 ^a f.	
/yaktubū/ يَكْتُبُوا	/yaktubū/ يَكْتُبُوا	/yaktubūna/ يَكْتُبُونَ	3 ^a m.	
/yaktubna/ يَكْتُبْنَ	/yaktubna/ يَكْتُبْنَ	/yaktubna/ يَكْتُبْنَ	3 ^a f.	

Quadro 10 – Declinação do imperfectivo.

A forma المضارع المرفوع /almuḍāriʿ lmarfūʿ/ o “indicativo” difere das outras *i*) pela presença da vogal final /u/, (do caso nominativo), nas pessoas que terminam pela terceira letra radical, sem sufixo; e *ii*) por manter o ن- ‘n’ final após as vogais longas ʾ álife ‘ā’, و /waw/ ‘ū’ e ي /ya’/ ‘ī’.

O termo المضارع المنصوب /almuḍāriʿ lmanṣūb/, equivalente a “subjuntivo”, difere do “indicativo” *i*) na mudança da vogal final /u/ para /a/, vogal característica do caso acusativo, nas pessoas que terminam sem sufixo, e *ii*) na queda do ن- ‘n’ final, após as vogais longas.

A última declinação do imperfectivo, المضارع المَجْزُوم /almuḍāriʿ lmaǧzūm/, o apocopado, não tem nenhuma vogal afixada à última letra radical, e as mudanças nas formas do dual e plural, são como as do “subjuntivo”.

Nas pesquisas em línguas ocidentais sobre a língua árabe, estas formas não só foram nomeadas da mesma maneira que os nomes dos modos das línguas indo-europeias, como lhe atribuíram os mesmos valores, como se constata na definição de Ryding abaixo:

Estas categorías refletem ou são causadas por modalidades contextuais que condicionam a ação do verbo. Por exemplo, o modo indicativo tende a ser característico de declarações diretas, fatuais ou interrogativas, enquanto que o modo subjuntivo reflete uma atitude diante da ação como dúvida, desejo, propósito, ou necessidade, e o modo jussivo, quando usado para o imperativo, indica uma atitude de comando, pedido ou necessidade da ação por parte do locutor. (RYDING, 2005, p. 606)⁸⁶

Fehri (1993, p. 151) também atribui valor de modo a essas formas: “Modo é uma marca flexional que as formas imperfeitas do verbo transmitem, enquanto que as formas perfeitas não se conjugam em modo”⁸⁷.

Corriente (1980, p. 147-8), embora diga: “Morfologicamente, a flexão verbal permite ao verbo refletir os acidentes ou categorias de [...] **modo** (indicativo, subjuntivo, apocopado e imperativo)⁸⁸, em sua explicação sobre a flexão do imperfectivo não se vê uma justificativa que indique sempre um uso modal, pois um pouco mais adiante, sobre o apocopado, diz que ele:

carece de um conteúdo semântico-sintático uniforme, pois é exigido após as negações لَمْ /lam/ “não” e لَمْأ /lammā/ “não, ainda não” (que, além disso, lhe dão o sentido de perfectivo, p. ex., لَمْ يَكْتُبْ /lam yaktub/ “não escreveu”), لَا proibitivo (p. ex., لَا تَكْتُبْ /lā taktub/ “não escrevas”), لِـ /li-/ jussivo ou exortativo (por ex., لِيَكْتُبْ /li-yaktub/ “que escreva”, لِنَكْتُبْ /li-naktub/ “escrevamos” e nas estruturas condicionais. (CORRIENTE, 1980, p. 158)⁸⁹

A conceituação de Corriente justifica o porquê da profusão de nomes com que se refere à forma المَجْزُوم /almajzūm/: a falta de correspondência biunívoca dos valores. O termo “apocopado” se refere à tradução literal do nome em árabe “cortado”, em referência à supressão da vogal da última letra radical: لَمْ أَكْتُبْ /lam 'aktub/ ‘não escrevi’; já o termo “jussivo” é usado em referência à utilização dessa forma no sentido imperativo negativo لَا تَكْتُبْ /lā taktub/ ‘não escreva/s’ (você/tu m.), e na formação do imperativo afirmativo أَكْتُبْ /'uktub/ ‘escreva/escreve’ (m.); “condicional” refere-se a seu emprego em construções precedidas de certas partículas como إِنَّ /in/ ‘se’ em إِنَّ شَاءَ اللَّهُ /in šā' llāh/ ‘Se Deus quiser’.

⁸⁶ *These categories reflect or are caused by contextual modalities that condition the action of the verb. For example, the indicative mood tends to be characteristic of straightforward, factual statements or questions, while the subjunctive mood reflects an attitude toward the action such as doubt, desire, intent, wishing, or necessity, and the jussive mood, when used for the imperative, indicates an attitude of command, request, or need for action on the part of the speaker. (RYDING, 2005, p. 606).*

⁸⁷ *Mood is an inflectional mark carried by imperfect verb forms, whereas perfect forms are not conjugated for Mood. (FEHRI, 1993, p. 151). O autor denomina as duas formas árabes de ‘perfeita’ e ‘imperfeita’.*

⁸⁸ *Morfológicamente, la flexión verbal permite al verbo reflejar los accidentes o categorías de [...] modo (indicativo, subjuntivo, apocopado e imperativo). (CORRIENTE, 1980, p. 147-8).*

⁸⁹ *carece de un contenido semántico-sintático uniforme, pues es requerido tras las negaciones لَمْ /lam/ «no» y لَمْأ /lammā/ «aún no» (que además le dan el sentido de perfectivo, vgr., لَمْ يَكْتُبْ /lam yaktub/ «no escribió»), لَا proibitivo (vgr., لَا تَكْتُبْ /lā taktub/ «no escribas»), لِـ /li-/ yusivo o exhortativo (vgr., لِيَكْتُبْ /li-yaktub/ «que escriba», لِنَكْتُبْ /li-naktub/ «escribamos» y en las estructuras condicionales. (Ibid., p. 158).*

Ibn El Farouk (1994, p. 121 *et seq.*) contesta a equiparação de /almuḍāri^c almanṣūb/ ao subjuntivo. Considera-a inadequada visto que induz ao pensamento de que os gramáticos árabes conheciam os modos, e consequentemente o subjuntivo, quando, na realidade, “não é possível identificar um morfema de subjuntivo, e os significantes que são considerados como sendo os modos, são, de fato, variantes respectivas aos três morfemas de número”⁹⁰. Ele explica que os apêndices afixados à forma imperfectiva são os diferentes significantes da classe dos números, que comportam três unidades: o singular, o dual e o plural, que podem se realizar

- /u/ quando o imperfectivo singular aparece em contexto independente e positivo;
- /a/, quando o imperfectivo singular está precedido de لَنْ /lan/, que amalgama futuro + negação em contexto independente, e precedido de certos subordinantes como أَنْ /ʾan/ ‘que’, كَيْ /kay/ ou لِكَيْ /likay/ ‘para que’, حَتَّى /hattā/ ‘até que’, etc., e das partículas coordenativas ثُمَّ /tūmma/ ‘depois’, فَـ /fa-/ ‘depois’ e وَـ /wa-/ ‘e’, quando a partícula أَنْ /ʾan/ ‘que’ estiver implícita no enunciado.
- Ø, quando o imperfectivo singular está precedido de لَمْ /lam/ ‘não’, que nega o passado, em contexto independente, e إِنْ /ʾin/ ‘se’, em contexto hipotético.

Não apenas as pessoas do singular são afetadas por estas mudanças, mas também as do dual e do plural, como já observado anteriormente.

Seguindo seu pensamento, Ibn El Farouk assevera que considerar /almuḍāri^c lmansūb/ como subjuntivo desvirtua o pensamento gramatical árabe, já que na flexão de tal forma não é possível identificar morfemas de modo, e uma oposição como a que se encontra no francês (que é também possível no português, como se vê na tradução): «je cherche une maison qui a des volets verts ~ je cherche une maison qui ait des volets verts» (IBN EL FAROUK, 1994, p. 128) (‘procuro uma casa que tem janelas verdes ~ procuro uma casa que tenha janelas verdes’) não é possível em árabe.

De fato, não há como indicar o contraste em árabe, como se percebe nas duas traduções abaixo:

- 2.4 a. أَبْحَثْ عَنْ بَيْتٍ لَهُ نَوَافِذُ خَضِرَاءَ
 /ʾabḥaṭu ʿan baytin la -hu nawāfiḍun ḥaḍrāʾu/
 procuro-imp.1ª.s. por casa para -dele janelas verdes

⁹⁰ *n'est pas possible de dégager un monème de subjonctif, et que les signifiants qu'on a considérés comme étant des modes, sont en fait les variantes respectives aux trois monèmes de nombre.* (IBN EL FAROUK, 1994, p. 130)

- b. أبحث عن بيت نوافذه خضراء
 /'abḥaṭu ʿan baytin nawāfiḍu -hu ḥaḍrā'u/
 procuro.Imp.1ª.s. por casa janelas -dele verdes

Em nenhuma das duas situações há como distinguir os dois modos (indicativo e subjuntivo), mas deve-se observar que essa impossibilidade está na forma da expressão de “posse”, que se distingue entre as duas línguas. Embora o árabe possua verbo com sentido de posse “ter”, ele expressa, geralmente, essa relação por meio de partículas como لا /li-/ ‘para’.

Do exposto acima, verifica-se que a “flexão” do imperfectivo não identifica, em todos os seus empregos, o que se conhece por modo. No entanto, de acordo com a partícula que o preceder, resultará o correspondente a um dos modos das línguas ocidentais, como, por exemplo, na frase abaixo, /almuḍāriʿ almansūbu/ tem uma tradução que indica o modo subjuntivo no português:

- 2.5 إلى أن يطلَّ الخريف (l.56-7)
 /'ilā ʿan yaṭulla l ḥarifu/
 até que sai.Imp.3ª.m.s. o-outono
 até que o outono **saia**

O “modo jussivo”, também tem, em muitos contextos, uma leitura de modo subjuntivo, como no exemplo abaixo, retirado do texto em análise nesta pesquisa:

- 2.6 مَهْمَا أَحْوَلُ إِجْبَارَهَا (l.18)
 /mahmā ʿuḥāwil ʾijbāra-hā/
 por mais que **tento**.Imp.1ª.s. forçar -a
 E por mais que eu **tente** me forçar

O panorama traçado foi breve, visto não ser o objetivo da atual pesquisa. Esse é um tema de relevo, de ampla discussão e merecedor de atenção exclusiva.

1.1.8 Voz

Nas gramáticas tradicionais do português, assinala-se que, de acordo com a situação expressa no predicado, a relação do sujeito com o seu verbo pode ser de natureza ativa – o sujeito é agente –, ou passiva – o sujeito é paciente. Essa relação recebe o nome de “voz”. Deve-se assinalar que, em árabe, o fenômeno não é analisado da mesma maneira que nas línguas ocidentais, embora haja construções que correspondam, bem semelhantemente, ao que se entende por voz ativa, passiva e reflexiva.

O conceito de voz passiva pode ser expresso de duas maneiras em árabe: *i)* flexional, com a mudança das vogais internas da raiz; ou *ii)* derivacional, que consiste no emprego de uma forma verbal “acrescida” (geralmente da forma V, VII ou VIII).

A voz passiva flexional é usada quando não se quer, ou não se pode, distinguir o agente da ação e, dada esta característica, tal construção denomina-se المجهول /almajhūl/, literalmente, ‘o desconhecido/o ignorado’. A frase apresenta sujeito, marcado com a vogal do caso nominativo /u/ /ḍamma/, e não se pode indicar linguisticamente, sem incorrer numa forma agramatical, quem praticou a ação⁹¹. O mesmo não ocorre sempre no português, onde é possível expressar-se o agente na voz passiva dita analítica, isto é, a que é formada pela expressão composta com o verbo auxiliar ser (em qualquer um dos tempos verbais) + particípio do verbo principal: “A porta foi/é/será... aberta por ela”. A restrição quanto à existência de um agente em المجهول /almajhūl/ torna a voz passiva por meio da flexão interna das vogais muito semelhante à voz passiva sintética (ou pronominal) da língua portuguesa, que não admite a presença de agente: “Abriu-se a porta”.

Tanto os verbos simples como as formas derivadas, no perfectivo ou no imperfectivo, podem ser flexionados em المجهول /almajhūl/ e, assim como no português, o requisito essencial para o verbo se flexionar na passiva é que ele seja transitivo, isto é, tenha um objeto direto que se tornará o sujeito passivo.

A construção da voz passiva flexional se dá por meio do jogo das vogais, como se vê, em destaque, do quadro abaixo:

Voz passiva		Voz ativa	
كُتِبَ /kutiba/ foi escrito.3 ^a .m.s	←	كَتَبَ /kataba/ escreveu.3 ^a .m.s	perfectivo
يُكْتَبُ /yuktab/ é escrito.3 ^a .m.s	←	يَكْتُبُ /yaktub/ escreve.3 ^a .m.s	imperfectivo

Quadro 11 – Paradigma da voz passiva flexional

Alguns verbos derivados das formas V, VII e VIII apresentam inerentemente sentido passivo ou reflexivo, mesmo estando com a sequência vocálica do verbo na ativa. A passiva derivacional recebe, em árabe, o nome مُطَاوَعَة /muṭāwa‘a/ ‘obediência, conformidade’,

⁹¹ Ryding observa que, embora seja rara a quebra desta restrição, a regra nem sempre é seguida no APM, e mesmo a construção passiva flexional não admitindo agente, instrumentos ou fatores (como o tempo) que causaram a ação podem ser expressos (p. ex.: A porta foi aberta *pela chave*). (RYDING, 2005, p. 659)

“porque reflete um estado **resultativo** do objeto (fataḥtu lbāba fa-nfataḥa فَتَحْتُ الْبَابَ فَانْفَتَحَ ‘Eu abri a porta e ela está aberta).” (RYDING, 2005, p. 657)

É possível para alguns verbos que se selecione uma das duas construções (a passiva flexional ou a derivacional), como por exemplo, o verbo “abrir” فَتَحَ /futiḥa/ e “ser/estar aberto” اِنْفَتَحَ /infataḥa/, o que equivale a dizer que nem todo o verbo que admite voz passiva terá uma contrapartida gramaticalizada pelos processos de derivação, como o do exemplo (2.8) abaixo:

(2.8)	voz passiva flexional	voz passiva derivacional
	فُتِحَتِ الْخِزَانَةُ	اِنْفَتَحَتِ الْخِزَانَةُ
	/futiḥat lhizānatu/	/infataḥat lhizānatu/
	‘o armário foi aberto’	‘o armário foi aberto’

O exposto acima é uma síntese das diferenças e semelhanças da morfologia e flexão do verbo árabe e do português, que, embora não seja o objetivo deste trabalho, se justifica pela suposta inexistência de qualquer material disponível abordando o assunto de forma contrastiva com a língua portuguesa do Brasil. Alguns dos conceitos serão, eventualmente, retomados ao longo do trabalho. Na sequência, serão discutidas as principais características das formas perfectivas e imperfectivas árabes em seu emprego temporal e aspectual de acordo com as pesquisas de autores árabes e ocidentais.

2 AS FORMAS VERBAIS ÁRABES: TEMPO OU ASPECTO?

Blachère e Gaudefroys-Demombynes (1975, p. 36) iniciam o capítulo sobre o verbo árabe dizendo que “A conjugação do verbo árabe é pobre, se comparada, por exemplo, ao verbo nas línguas indo-europeias”⁹². Os autores se referem à existência de apenas duas formas verbais simples, الماضي /almāḏī/ e المضارع /almuḏāriʿ/, cuja tradução não encontra consenso nas línguas ocidentais. O par, que literalmente significa ‘o passado’ e ‘o semelhante’, tem recebido denominações que ora o trata como temporal, ora como aspectual: acabado e inacabado – do francês *accompli* e *inaccompli* –, perfectivo e imperfectivo, perfeito e imperfeito, passado e presente, e outros até descrevem-no de acordo com a sua morfologia: forma sufixada e forma prefixada.

Qualquer um dos termos disponíveis nos estudos linguísticos para descrever este par não fornecerá uma distinção clara e precisa do seu verdadeiro significado. Neste trabalho, seguindo Comrie, يفعل e فعل /faʿal/ e /yafʿal/ são chamadas de *perfectivo* e *imperfectivo*, sem o sentido habitual que estes nomes indicam. Optou-se por estes, embora as formas não sugiram apenas as funções aspectuais de completude ou incompletude, por seu já tradicional uso em trabalhos ocidentais sobre as formas verbais árabes e porque os termos temporais, perfeito e imperfeito⁹³, ou presente e passado – terminologias estas bem conhecidas no português e que significam conceitos diferentes ou parcialmente semelhantes do significado destas formas na língua árabe –, poderia acarretar a interpretação de uma correspondência biunívoca entre os termos.

A questão dos valores e denominação das formas verbais árabes tem se mostrado problemática até mesmo para os gramáticos da língua. Henri Fleisch (1990, p. 204), um defensor de que o sistema verbal árabe é aspectual, refere a dificuldade que as duas formas podem ter representado para os primeiros gramáticos árabes. Influenciados pela lógica aristotélica, os linguistas antigos atribuíram noções temporais a seus verbos. Sendo apenas em número de dois, não seriam suficientes para representar a tripartição tradicional do tempo: passado, presente e futuro. A forma sufixada com as marcas pessoais de conjugação foi denominada الماضي /almāḏī/ ‘o passado’. Já a forma prefixada foi chamada de duas maneiras. O gramático seguidor da escola de Kūfa, Ibn Al-Qutiyya⁹⁴, denominou-a المستقبل /almustaqbal/

⁹² *La conjugaison du verbe arabe est pauvre, si on la compare, par exemple, à celle du verbe dans les langues indo-européennes.* (BLACHÈRE e GAUDEFROY-DEMOMBYNES, 1975, p. 36)

⁹³ Lyons (1977, p. 704) lembra que a tradição greco-romana, distorceu o uso aspectual dos termos “perfeito” e “imperfeito”, que significavam, em latim, “completo” e “incompleto”, respectivamente, tornando-os palavras relacionadas à indicação temporal.

⁹⁴ Ibn Al-Qutiyya (m. 367/977) foi um gramático, historicista e juiz nascido em Sevilha. Seu trabalho sobre gramática é um dos únicos que sobreviveram ao tempo. (MEISAMI e STARKEY, 1998).

‘o futuro’, em oposição à denominação temporal “passado” da forma perfectiva. A segunda denominação, المضارع /almuḏārī/ ‘o semelhante’, foi lançada no livro الكتاب /alkitāb/ ‘o livro’, do gramático de Baṣra, Sibawayhi, e é a que continua sendo usada até hoje. Henri Fleisch indica que a denominação المضارع /almuḏārī/ não é lógica, pois passado se refere ao valor do emprego do termo, enquanto que semelhante se refere à constituição morfológica do verbo.

O que motiva essa dupla denominação pelos gramáticos antigos árabes é a falta de um significado único para o que a forma expressa; assim, Sibawayhi optou por uma designação de ordem formal, como se vê na sua justificativa abaixo:

[...] (os verbos almuḏārī) assemelham-se aos nomes de agente, pois dizes: /’inna ‘abdallāhi layaf’alu/ ‘Abdallāh faz’ – corresponde a dizes /la-fā’ilun/ ‘é fazedor, está fazendo’ – que é como se dissesse /’inna zaydan la-fā’ilun/ ‘Zayd está fazendo’, segundo o que queiras significar. Adere-se-lhe o lām como se aderiu ao nome, porém o lām não se adere a /fa’ala/. Tu dizes /sayaf’alu ḡalika/ e /sawfa yaf’alu ḡalika/ ‘ele fará isto’ e estas duas partículas são unidas a eles (o verbo /almuḏārī/) da mesma maneira que o ‘alif e o lām se unem aos nomes definidos. (SIBAWAYHI, s/d, Parte 1, p. 14)⁹⁵

A semelhança, como explica Sibawayhi, é que a forma يفعل /yaf’al/ aceita a prefixação da partícula لا /la-/ assim como o particípio ativo اسم الفاعل /ismu lfā’il/ aceita. Tal possibilidade não ocorre com فعل /fa’al/. Do mesmo modo, o “semelhante” aceita a prefixação das partículas de futuro, assim como os nomes definidos aceitam o artigo definido ال /al-/ ‘o/a/os/as’.

Para além da questão da denominação, seja dentre os ocidentais ou dentre os próprios gramáticos árabes, mas que está ligada ao que se segue, é a pergunta que tem se manifestado nos trabalhos aqui analisados – e que, pelo que parece, continua sem consenso –, se “é a língua árabe aspectual ou temporal?”. Entenda-se por temporal ou aspectual a expressão do tempo e do aspecto ser por meio de formas verbais e sistema flexional.

Desde o primeiro livro, Alkitāb de Sibawayhi – que parece misturar conceitos temporais e aspectuais na sua definição de verbo⁹⁶ –, os gramáticos antigos atribuíram valor

⁹⁵ Tradução inédita cedida pelo tradutor Adriano Aprigliano do original árabe: وإنما ضارعتُ أسماءَ الفاعلينَ أنك تقول: إن زيداُ لفاعلٌ فيما تُريد من المعنى. وتلحقه هذه اللام كما لحقت الاسم، ولا تلحق فعل اللام. عبد الله ليفعلُ فيوافقُ قولك: لفاعل، حتى كأنك قلت: إن زيداُ لفاعلٌ فيما تُريد من المعنى. وتلحقه هذه اللام كما لحقت الاسم، ولا تلحق فعل اللام. وتقول سيفعلُ ذلك وسوف يفعل ذلك فتلحقها هذين الحرفين لمعنى كما تلحق الألف واللام الأسماء للمعرفة.

/wa-’innamā dāra’at ’asmā’u lfā’ilīna ’annaka taqūl: ’inna ‘abdallāhi layafa’alu fa-yuwāfiqū qawlaka: lafā’il ḥata ka’annaka qulta ’inna zaidan la-fā’ilun fīmā turīdu minā lma’nā wa talḥaḡahu ḥāḡihi llāmu kamā laḡaḡat l’isma wa-lā talḡaḡu fa’ala llamu wa- taqūlu sa-yaf’alu ḡalika wa-sawfa yaf’alu ḡalika fa-tulḡaḡuhumā ḥāḡayni lḡarfayni li-ma’nā kamā talḡaḡu l-’alfu wa-llāmu l’asmā’a li-lma’rifa/ (SIBAWAYHI. *AlKitāb Sibawayhi*. Cairo: Editora Almadani, s/d., p. 14).

⁹⁶ A visão de Sibawayhi será discutida mais adiante, em 4.1.

temporal ao verbo árabe, como pode ser observado na citação abaixo de Ibn Ya^cīš (s/d, VII, p. 4):

Dado que os verbos estão relacionados com o tempo, e como o tempo é um dos componentes dos verbos – o tempo existe quando eles existem (os verbos) e deixa de existir em sua ausência –, os verbos foram então divididos em tempo. Dado que os tempos são três, passado, presente e futuro, partindo do princípio de que os tempos são rotações astronômicas: uma que já passou, outra que ainda não chegou e uma outra que divide o passado e o porvir, assim são os verbos: passado, futuro e presente. (IBN YA^cīš, s/d, VII, p. 4)⁹⁷

A mesma consideração vê-se nessas citações dos primeiros gramáticos mencionados por Henri Fleisch (1990, p. 203): “O verbo é o que indica tempo” (Ibn Fāris – séc. X), “O verbo é o que indica a conexão de um evento com um tempo” (Azzamaḥṣarī - séc. XI), “O verbo é o que indica um sentido, nele mesmo, com a conexão de um dos três tempos” (Ibn Alḥajib – séc. XII)⁹⁸.

Como visto, os gramáticos tradicionais árabes estabeleceram uma relação entre o tempo e a forma verbal. Por outro lado, nos estudos ocidentais, tem sido uma tradição dizer que a língua árabe é aspectual. Os arabistas observaram um número reduzido de tempos verbais nas línguas semíticas comparados aos das línguas indo-europeias, e avaliaram que, com apenas duas formas, não há como expressar a tripartição temporal. Avaliaram que este sistema serve melhor para indicar a completude ou incompletude do evento, e que os antigos gramáticos árabes equivocaram-se ao assumir que a língua árabe é temporal. Segundo Henri Fleisch (1990, p. 170), Blachère e Demombynes (1975) foram os primeiros gramáticos ocidentais a estabelecer sobre o aspecto o valor dos verbos árabes – opinião partilhada por ele: “o aspecto é a base da organização do verbo em árabe, os tempos são expressos subsidiariamente, sem um sistema estabelecido e, portanto, sem coerência”.⁹⁹ No entanto, embora denominado-as com terminologias referentes a tempo, Wright (1996) já lançara uma conceituação aspectual para as formas na base da completude ou incompletude das ações.

⁹⁷ لما كانت الافعال مساوقة للزمان والزمان من مقومات الافعال توجد عند وجوده وتعدم عنه عدمه، انقسمت بأقسام الزمان ولما كان الزمان ثلاثة ماض وحاضر ومستقبل وذلك من قبل أن الأزمنة حركات الفلك فمنها حركة مضت ومنها حركة لم تأت بعد ومنها حركة تفصل بين الماضية والآتية كانت الافعال كذلك ماض ومستقبل وحاضر. (IBN YA^cīš, s/d, VII, p. 4). /lamma kānat l’af’ālu musāwīqatan li-zzamāni min maqūmāti l’af’āli tuwjadu ‘inda wujūdihi wa-tan’adimu ‘anhu ‘adamuhu inqasamat bi-aqsāmi zzmāni wa-lammā kāna zzamānu talāṭatan māḍin wa- ḥāḍirun wa mustaqbalun wa dālīka min qibali ‘anna l’azminata ḥarakātu l’alaki fa-minha ḥarakatun maḍat wa-minha ḥarakatun lam ta’ti ba’d wa-minha ḥarakatun tafsilu bayna lmāḍiyati wa l’ātiyati kānat l’af’ālu kaḍālīka māḍin wa-mustaqbalun wa- ḥāḍirun/.

⁹⁸ No original árabe, respectivamente, /alfi’lu mā dalla ‘alā zamānin/, الفِعل ما دلَّ على زمان، /alfi’lu mā dalla ‘ala iqtirāni ḥadaṭin bi-zamānin/, الفِعل ما دلَّ على معنى في نفسه مُقْتَرِن بِأحد الأزمنة الثلاثة، /alfi’lu mā dalla ‘ala ma’nā fī nafsihi muqtarinin bi-‘aḥadi l’azminati /. (HENRI FLEISCH, 1990, p. 203).

⁹⁹ *l’aspect qui est à la base de l’organisation du verbe en arabe, le temps est exprimé subsidiairement, sans système étiqueté et, partant, sans coherence.* (Ibid., p. 170).

“As formas temporais árabes são apenas duas; uma expressando uma ação completa, que é feita e acabada com relação a outras ações (o Perfeito); e a outra, uma ação inacabada, que está começando ou em progresso (o Imperfeito)” (WRIGHT 1859, I:46)¹⁰⁰

Usando as mesmas denominações para as duas formas, Lipinsky (1997, p. 345) observa que ao longo do curso do primeiro milênio depois de Cristo, houve uma mudança no sistema verbal das línguas semíticas:

[...] A maior distinção de categoria entre o novo perfeito e o imperfeito pode simplesmente ser vista em termos de contraste aspectual “acabado” (formas perfeitas)/ “inacabado” (formas imperfeitas). Estas categorias implicam uma referência não ao momento absoluto do momento da fala, mas a qualquer momento fixado pelo enunciado. (LIPINSKY, 1997, p. 345)¹⁰¹

Parece ter sido a partir do trabalho de Comrie (1976, p. 78 *et seq.*) que uma terceira tendência começou a surgir nos trabalhos sobre o tema. O autor considera que o verbo árabe combina tempo e aspecto simultaneamente. Ele mantém a terminologia *perfectivo* e *imperfectivo* para nomear as duas formas, embora reconheça que elas não sejam portadoras de sentidos exclusivos de aspectualidade. O autor refere que em sentenças neutras, sem nenhum adverbial localizador de tempo, as duas formas serão interpretadas: o perfectivo transmite o aspecto perfectivo e o tempo passado; e o imperfectivo, o aspecto imperfectivo e o tempo presente, de acordo com os exemplos (COMRIE, 1976, p. 78):

- (2.9) a **جلسوا على الباب**
 /jalasū ʿalà l-bābi/
 sentaram-se.Pf.3ª.m.p. a a-porta
 Eles se sentaram à porta.
- b **الله يعلم بما تعملون**
 /ʾallāhu yaʿlamu bi -mā taʿamalūna/
 Deus sabe.Imp.3ª.m.s. com -que fazeis.Imp.2ª.m.p.
 Deus sabe o que vós fazeis/estais fazendo.

No entanto, observando outros contextos, ele reflete que a distinção básica entre as duas formas não é entre aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo:

- (2.10) **فالله يحكم بينهم يوم القيامة**
 /fa-llāhu yaḥkumu bayna -hum yawma lqiyāmati/
 e -Deus julga.Imp.3.ms. entre -eles dia a-ressurreição.
 E Deus julgará entre eles no Dia da Ressurreição.

¹⁰⁰The temporal forms of the Arabic verb are but two in number, the one expressing a finished act, one that is done and completed in relation to other acts (the Perfect); the other an unfinished act, one that is just commencing or in progress (the Imperfect). (WRIGHT 1967, I, p. 51).

¹⁰¹[...] The major distinction of category between the new perfect and the imperfect can be seen simply in terms of the aspectual contrast “accomplished” (perfect forms)/“unaccomplished” (imperfect forms). These categories imply a reference not to the absolute moment of speaking, but to any moment fixed in the utterance. (LIPINSKI, 1997, p. 345).

Dado o conhecimento geral de que o Dia da Ressurreição, supõe-se, ainda não chegou, a forma imperfectiva tem uma referência temporal de futuro o que o faz considerar, que a diferença, então, entre as duas formas árabes não é simplesmente de teor aspectual, e lança um exemplo que acrescenta uma complicação a mais:

- (2.11) أَجِيئُكَ إِذَا أَحْمَرَ الْبُسْرُ
 /'ajī'u -ka 'idā ḥmarra lbusru/
 eu **venho**.Imp.1^a.s. -a você quando **amadureceram**.Perf.3^a.m.s. os-frutos verdes
 Eu **virei** até você quando os frutos verdes **amadurecerem**.

O que aumentou a complicação foi a inclusão da oração subordinada. A forma أَجِيئُ /'ajī'u/, em oração absoluta, deveria ser tomada como se referindo ao tempo presente, mas a oração subordinada temporal funciona como um adverbial temporal-condicional forçando, pelo menos, uma interpretação de referência futura. No entanto, a interpretação do perfectivo أَحْمَرَ /ḥmarra/ não é de referência passada, mas de tempo futuro. Ele conclui, a partir deste exemplo, que o que importa entre as duas formas não é a referência de tempo absoluto, mas sim a de tempo relativo, visto que os frutos amadurecerem vai preceder a vinda: “Assim pode-se ainda concluir que a diferença entre perfectivo e imperfectivo é de tempo relativo”.¹⁰²

Em trabalhos mais recentes, vários autores¹⁰³, orientais e ocidentais, têm apresentado a tendência de assumir para as formas verbais árabes uma característica temporal e aspectual simultaneamente, embora nem sempre considerem que a relação das formas seja de tempo relativo, como será visto mais adiante.

O verbo possui duas perspectivas, são elas, o aspecto e o tempo. (...) O que indica um evento completo e transcorrido num tempo anterior, é chamado de الفعل الماضي *alfi'l Imāḍī*. O que indica um fato incompleto que ocorre no tempo atual ou ocorrerá no futuro, chama-se de الفعل المضارع *alfi'l Imuḍāri*. (...) A referência temporal do verbo é o momento da enunciação, então, o que se der antes será passado, e, depois indicará o futuro. (ALḤATĪB & JAṬAL, 1992, p.142 *apud* CAFFARO, 2013:71)

Conclui-se esta seção, alertando que os autores que apontaram a carência de temporalidade nas formas verbais árabes, não atribuíram carência de tempo de forma diversa, mas que este é marcado no contexto, e, nesta direção, Mohammad (1982, p. 150) certifica que o conceito de aspecto no APM é uma questão morfológica, isto é, as formas verbais árabes são próprias para a expressão do aspecto, enquanto que o tempo é uma categoria que

¹⁰² So one might still conclude that the difference between the Perfective and the Imperfective is one of relative tense. (COMRIE, 1976, p. 79).

¹⁰³ Fassi-Fehri, Bahloul, Beeston, Alḥatīb e Jaṭal, dentre outros.

pertence, essencialmente, à estrutura semântica e morfossintática da sentença, sendo expresso por:

vários meios formais e sintáticos, dependendo do ponto de tempo que o falante ou escritor deseje expressar. Entre os meios há o verbo sozinho, o verbo mais um auxiliar, o verbo mais um adverbial temporal, o verbo mais uma partícula ou outros meios lexicais e contextuais. (MOHAMMAD, 1982, p. 150)¹⁰⁴

Na sequência, serão apresentadas as análises dos valores e funções das formas verbais simples¹⁰⁵, em seguida, os contextos em que aparecem em construções compostas. Grande parte das análises para a expressão das formas verbais consideradas neste trabalho foram baseadas nos livros de Bahloul (2008), que consiste de detalhada pesquisa em *corpus* diverso e numeroso, Holes (2004), Cuvalay-Haak (1997), referências citadas em trabalhos recentes.

2.1 EMPREGO E VALORES DA FORMA PERFECTIVA

O perfectivo pode ocorrer sozinho nas orações, estar precedido da partícula قد/لقد /qad/la-qad/, ou estar em construção perifrástica com o auxiliar كان /kāna/ ‘ser/estar’, no chamado perfectivo composto. Na sequência, será examinada a ocorrência da forma sem nenhum outro componente, denominada aqui de forma simples ou perfectivo simples. As outras combinações serão analisadas na seção (3.3) que trata das construções com o auxiliar كان /kāna/ e (3.4) que trata das construções com قد/لقد /qad/la-qad/.

Os trabalhos analisados, em sua maioria, mencionam o uso da forma perfectiva simples, predominantemente, em situações que ocorreram e foram completadas em um tempo anterior ao momento da fala. A afirmação pode ser constatada nos exemplos abaixo, emprestados de Bahloul (2008, p. 47):

- (2.12) a أين الضيوف الذين كانوا هنا؟
/’ayna ḍḍuyūfu llaḍīna kāmū hunā?/
onde os-visitantes que **estavam**.pf.3.m.p. aqui
Onde estão os visitantes que **estavam** aqui?
- b الطبيب أمر بخروجهم حرصا على راحتك
/aṭṭabibu ’amara bi -ḥurūji -him ḥirṣan ‘alā raḥati -ka/
o-médico **ordenou**.pf.3^a.m.s. com -saída -deles consideração por conforto -seu.

¹⁰⁴ various ways and by various formal and syntactic means, depending on the point of time desired to be expressed by the speaker or the writer. Among these are the form of the verb alone, the form of the verb plus an auxiliary verb, the form of the verb plus a temporal adverbial, the form of the verb plus a particle or other lexical and contextual means. (MOHAMMAD, 1982, p. 150)

¹⁰⁵ O termo *simples* é definido em base puramente formal e indica uma forma verbal única em contrapartida com as formas verbais *compostas* que envolvem mais de um verbo.

O médico **ordenou**-lhes que saíssem para o seu conforto.

c ...ففي عام 1988 قام صندوق النقد الدولي بتعليق القروض للأرجنتين

/fa -fī ʿāmi 1988 **qāma** şundūqu nnaqdi ddawlī
pois -no ano 1988 **efetuou**.pf.3^a.m.s. fundo o-monetário o-internacional
bi -taʿalīqi lqurūḍi li -lʿarjantīn... /
com -suspensão os-empréstimos para -a-argentina

No ano de 1988, o Fundo Monetário Internacional **suspendeu** os empréstimos à Argentina...

Percebe-se pelo diálogo em (2.12a e b) que, quando o doente acordou, suas visitas já não se encontravam ao seu lado, como anteriormente, pois a oração relativa “que **estavam** aqui?”, refere o tempo passado. A ausência de qualquer marcador temporal na frase abaliza que o único indicador de passado é a forma perfectiva كانوا /kānū/ ‘estavam’. A resposta para a pergunta também contém uma forma perfectiva, أمر /ʾamara/ ‘ordenou’ e, mais uma vez, nenhum marcador temporal que situe o ocorrido. As duas situações – a presença dos visitantes e a ordem do doutor –, são localizadas no passado apenas com o uso da forma verbal indicando tempo anterior ao momento da fala.

O exemplo (2.12c) é uma notícia de jornal que informa os leitores sobre uma decisão do Fundo Monetário Internacional contra a Argentina. A presença da locução adverbial “no ano de 1988”, claramente supõe um período que não é o momento da fala e o uso do verbo no perfectivo mostra a compatibilidade da forma com o adverbial indicador de passado.

Talvez sejam exemplos como os vistos supra e a agramaticalidade de (2.13) abaixo que induziram os gramáticos antigos a atribuírem ao perfectivo uma ligação com o tempo passado:

(2.13) *كتب الرجل الرسالة غداً

/*kataba rrajulu rrisālata ġadan/
escreveu.pf.3^a.m.s. o-homem a-carta amanhã

*O homem escreveu a carta amanhã.

Bahloul (2008, p. 50) ressalta que a interpretação de tempo passado do perfectivo não se restringe a orações em que ele é o único verbo. Ele figura, também, em construções subordinadas onde, por exemplo, no português prescreve-se o uso do pretérito mais-que-perfeito, como já assinalado neste trabalho, na Parte I, e repetida em (2.14) abaixo:

(2.14) في نفس الوقت صرّح سفير البرازيل "روبين ريبايرو" بأنّ تلك البلدان قدّمت أكثر ممّا ينبغي أن تقدّم

/fī nafsi lwaqti **şarraḥa** safīru lbarāzīl Ruben Ribayru bi -ʾanna
em mesmo o-tempo **declarou**.pf.3^a.m.s. embaixador o-Brasil Ruben Ribeiro com -que
tilka lbuldāna **qaddamat** ʾaktara mim-mā yanbaġī ʾan
aqueles os-países **deram**.pf.3^a.f.s. mais do -que é necessário.imp.3^a.m.s. que

tuqaddim-a/
dêem._{Imp.3^a.m.s.}

Ao mesmo tempo, o embaixador do Brasil, Ruben Ribeiro, **declarou** que aqueles países **deram/tinham dado** mais do que deviam...

Como já assinalado, o perfectivo continua a se referir a situações ocorridas no passado e anterior a outra situação, mas o enunciador preferiu usar a forma simples ao invés da composta com كان, que indica o mais-que-perfeito, como será visto adiante.

Wright (1996, VII, p. 1) também faz menção a esse emprego do perfectivo e diz que será em contextos de orações relativas ou subordinadas, que devem iniciar, respectivamente, por um pronome relativo ou uma partícula conectiva:

(2.15) جلس حيث جلس أبوه

/jalasa ḥaytu **jalasa** ʿabū -hu/
sentou-se._{pf.3^a.m.s.} onde **sentou-se**._{pf.3^a.m.s.} pai -dele
Ele sentou-se onde seu pai **sentara-se/tinha se sentado**.

No exemplo (2.14) a oração perfectiva subordinada começa com a partícula/conjunção أن /ʾanna/ “que” e, em (2.15), por um pronome relativo حيث /ḥaytu/ “onde”, segundo prescrito por Wright.

Holes (2004, p. 217-8) considera que o uso predominante da forma perfectiva simples em situações que ocorreram e foram completadas em um tempo anterior ao momento da fala “parece ser primariamente por causa de seu aspecto acabado e apenas incidentalmente por que eles ocorreram, relativamente ao tempo da fala, no passado”¹⁰⁶. Desse modo, para o autor, transmitir a ideia de tempo passado não é o significado central da forma. Ele justifica sua análise observando seu emprego em contextos como os abaixo relacionados:

a) Em todas as orações condicionais, como já foi apresentado mais acima, o que vai determinar a localização temporal expressa pelo perfectivo será o verbo da oração principal, isto é, a situação na oração principal é encarada como dependente de um acontecimento anterior ao de outra ação/estado, e esta é a razão para o uso da forma perfectiva.

Retornando ao exemplo de Comrie, reescrito (2.16), e à vista da explicação de Holes (2004, p. 218) acima,

(2.16) أجبتك إذا احمرَّ البسر

/ʾajīʿu -ka ʾidā ḥmarra lbusru/
venho._{Imp.1^a.m.s.} -te quando/se **amadureceram**._{pf.3^a.m.s.} os frutos verdes

¹⁰⁶ *this seems to be primarily because of their completed aspect and only incidentally because they occurred, relative to the time of utterance, in the past.* (HOLES, p. 217-8).

Eu **virei** até você quando/se os frutos verdes **amadurecerem**.

pode-se atribuir o emprego da forma perfectiva em orações condicionais – e que na tradução para o português, por exemplo, acionaria o uso do futuro do subjuntivo –, ao fato de que, apenas depois de os frutos estarem maduros, é que ocorrerá a “vinda”, sendo, desse modo, esta ação/estado uma ocorrência passada. Nas condicionais, o verbo na oração principal estabelece o tempo do evento, enquanto que o verbo na subordinada, geralmente, codifica o perfectivo. Embora as circunstâncias referidas pelo verbo na subordinada possa estar não realizado no momento da fala, a condição deve ser atendida antes do evento principal pode ocorrer.

Este emprego do perfectivo também consta em outras orações subordinadas, de teor concessivo ou temporal, como os exemplos abaixo de Holes (2004, p. 218) e Bahloul (2008, p. 59), respectivamente:

- (2.17) a. هم أمة واحدة مهما اختلفت أجناسهم.
 /hum 'ummatun wāḥidatun mahmā **ḥtalafat** 'ajnāsu-hum/
 eles nação uma por mais que **diferiu**._{pf.3^a.f.s.} raças deles
 Eles [os árabes] são uma única nação, por mais que suas raças **sejam diferentes**.
- b. كلما سألته قال لا أدري
 /kulla -mā **sa'altu** -hu qāla lā 'adrī/
 sempre -que **perguntei -o disse**._{pf.3^a.m.s.} não sei
 Sempre que lhe **pergunto/ei**, ele **diz/sse** “não sei”.

Nos dois exemplos, a relação do verbo na forma perfectiva com o da outra oração é de anterioridade. Holes aponta que esse uso da forma é observado no APM e nos dialetos beduínos, mas nos dialetos urbanos, que está caminhando para uma oposição entre as duas formas de cunho verdadeiramente temporal, há uma tendência a usar a forma imperfectiva. Bahloul considera que o perfectivo em (2.17 b) é de indicação temporal irrelevante, e o sentido iterativo da conjunção, serve mais para caracterizar o sujeito gramatical, podendo-se interpretar “ele é uma pessoa do-tipo-eu-não-sei”¹⁰⁷.

b) O perfectivo é usado com verbos que indicam emoção ou cognição, sejam eles pontuais/dinâmicos ou durativos/estáticos com pouca ou nenhuma ideia de tempo passado.

- (2.18) a. عرفت هذا الرجل
 /'araftu hāqā rrajula/
conheci._{pf.1^a.s.} este o-homem

¹⁰⁷ “*huwa min nawʕi laa ʔadrii* “he is an I-don’t-know-type person”. (BAHLOUL, 2008, p. 59)

Eu **conheço** este homem.

b كرهت تنس الطاولة

/karahtu tinis tṭāwilati/

odiei._{pf.1^a.s.} tēnis a-mesa

Eu **odeio** tēnis de mesa.

Os exemplos (2.18a e b) ilustram um uso peculiar da forma perfectiva, quando comparado às outras línguas. Os dois verbos têm sentido de um estado em curso e o perfectivo tem uma indicação que na língua portuguesa, assim como na língua exemplificada por Holes, o inglês, seria traduzido pelo tempo presente. Esse uso do perfectivo causa estranhamento, pois, como apontado em 1.4 da Parte I, o tempo verbal presente, nas línguas em geral, é o usado para transmitir a leitura de uma afirmação genérica que se aplica tanto ao presente, como ao passado e ao futuro (*estado presente*), não sendo gramatical o uso em tais construções com a forma pretérita: “O que faz o árabe mais peculiar é o simples fato de que enquanto outras formas verbais são possíveis em contextos similares [como a imperfectiva], outras línguas restringem tais usos a uma forma verbal, a saber, o tempo presente.”¹⁰⁸ (BAHLOUL, 2008, p. 59)

Há, também, um exemplo de perfectivo que no inglês se traduz pelo presente, mas que, no português, o uso da forma passada não causa estranhamento. Tanto Holes como Bahloul citam o verbo فهم /fahima/ ‘entender, compreender’, exemplificado pelo primeiro autor em uma situação na qual a professora pergunta ao aluno se ele entendeu, ao que ele responde فهمت /fihimta/ (em árabe dialetal) ‘entendi’. Bahloul argumenta que esses contextos são mais orientados para a situação da enunciação, e, por isso, têm uma interpretação de presente, carecendo de uma interpretação exclusivamente de tempo passado, embora a forma perfectiva seja preferida à imperfectiva para traduzir tais situações. Como evidência de que o uso do perfectivo é indicador de tempo presente, ele aponta a incompatibilidade com adverbiais de tempo passado:

(2.19) a هل فهمت الآن؟

/hal fahimta l’āna?/

HAL **entendeu**._{pf.2^a.m.s.} agora

Você **entende** agora?.

b هل فهمت منذ قليل؟*

/*Hal fahimta munḍu qalīlin?/

¹⁰⁸ What makes Arabic more peculiar is the mere fact that while other verbal forms are possible in similar contexts, other languages restrict such uses to a certain verbal form, namely the present tense. (BAHLOUL, 2008, p. 59)

HAL **entendeu**.pf.3^a.m.s. durante pouco.

*Você **entendeu** anteriormente?

Como já foi assinalado, este uso não difere do português, e tanto a forma presente como a passada poderia ser empregada. Talvez houvesse alguma preferência por alguma das formas, de acordo com o tempo utilizado nas perguntas:

- (2.20) a Eu gostaria que você cuidasse dos seus irmãos, você **compreende/compreendeu**?
b Sim, **compreendo/compreendi**.

c) Verbos performativos como وافق /wāfaqa/ ‘concordar’, قبل /qabila/ ‘aceitar, por exemplo, são propensos a serem utilizados no perfectivo com sentido de simultaneidade com o momento da fala.

Os exemplos seguintes de Bahloul (2008, p. 56) ilustram esse uso:

- (2.21) a إذن، نساfer جمعاً غداً!
/ʔidan nusāfiru jamiʕan gadan!/
então, **viajamos**.imp.1^a.p. juntos amanhã
Então, **viajamos** juntos amanhã!

- b اتفقنا
/ʔittafaqnā/
Concordamos.pf.1^a.p.
Concordamos.

- (2.22) a هل تقبل عشرين ديناراً؟
/hal taqbalu ʕiṣrīna dīnāran?/
HAL **aceita**.imp.2^a.m.s vinte dinares
Você **aceita** vinte dinares?

- b بعثك إياها.
/biʕtu -ka ʔiyyāhā/
vendi.pf.1^a.s. - a você o/isto.
Vendido.

Em ambas as situações (2.21b) e (2.22b), os enunciados são performativos, pois há um comprometimento com a realização das ações nomeadas. Como foram ditas no momento mesmo das primeiras proposições, são atividades ligadas temporalmente aos limites do tempo presente, e o esperado seria o emprego da forma verbal imperfectiva, no entanto, o enunciador escolheu a forma perfectiva. Holes (2004, p. 218) diz que tal uso é devido ao comprometimento pessoal do falante com o expresso, embora não haja nenhuma ideia de passado na situação envolvida. Tanto o comprometimento como a sua expressão são intenções e propósitos simultâneos ao momento fala.

O verbo “vender” de (2.22b), *a priori*, não é performativo, mas o ato de vender se realiza quando o sujeito da enunciação aceita a proposta ao dizer “vendi”, já considerando a própria realização da ação. Sitrak (1986, p. 73) acrescenta que esses casos são comuns em tratos, promessas e barganhas, que, na opinião de Wright, descrevem “Um ato, cuja ocorrência é tão certa, que pode ser descrito como já tendo ocorrido”.¹⁰⁹ (WRIGHT, 1996, V. II, p. 2)

d) Em frases optativas envolvendo exortação a Deus, a forma perfectiva pode transmitir a leitura de que o pedido ou desejo já foram atendidos. Esse emprego também se observa em orações e pragas.

- (2.23) a حَيَّاكَ اللهُ
/ḥayyā -k llāh/
fez viver_{pf.3^a.m.s} -você Deus
Deus te conserve vivo! (saudação)
- b بَيَّضَ اللهُ وَجْهَكَ
/bayyaḍ llāh wajha-k/
embranqueceu_{pf.3^a.m.s} Deus rosto-seu
Deus **embranqueça** seu rosto! (expressão de agradecimento)
- c مَنْ جَدَّ وَجَدَ وَمَنْ زَرَعَ حَصَدَ
/man jadda wajada wa -man zara[°] ḥaṣada/
quem **empenhou-se**_{pf.3^a.m.s} **achou**_{pf.3^a.m.s} e -quem **plantou**_{pf.3^a.m.s} **colheu**_{pf.3^a.m.s}
Quem se **empenha**, **vence**; quem **planta**, **colhe**.
- d مَنْ سَارَ عَلَى الدَّرَبِ وَصَلَ
/man sāra [°]alà ddarbi waṣala/
quem **caminhou**_{pf.3^a.m.s} por o-caminho **chegou**_{pf.3^a.m.s}
Quem **caminha** na (boa) senda, **obtem** sucesso.

O exemplo (2.23a) é um famoso provérbio árabe que estimula o trabalho constante como meio de se alcançar o sucesso. Os provérbios apresentam situações que são não-marcadas quanto à temporalidade e, conseqüentemente, a forma verbal presente é a que, nas línguas em geral, traduzem tais construções. Esse fato pode ser verificado na estranheza do emprego do passado na tradução abaixo:

(2.24) #Quem caminhou na boa senda, obteve sucesso.

O símbolo # diante da frase indica que a construção não é mal-formada no português, isto é, não existe erro gramatical na construção. O que se pretende indicar é que,

¹⁰⁹ An act, the occurrence of which is so certain, that it may be described as having already taken place. (WRIGHT, 1996, V. II, p. 2)

neste provérbio, esse tempo verbal não é o empregado, como se observa em outros provérbios citados 2.25 abaixo, que nunca são expressos com o tempo passado. No entanto, este traço peculiar do árabe se assemelha ao português que também possui provérbios com a forma verbal no passado

- (2.25) a “Quem **acredita** sempre **alcança**”.
- b “Água mole em pedra dura, tanto **bate** até que **fura**”.
- d “Quem **foi** à roça **perdeu** a carroça”.
- e “**Foi** buscar lã e **saiu** tosquiado”.

A semelhança nas traduções revela o uso peculiar da forma perfectiva como tempo não-marcado em situações tomadas como verdadeiras em todos os tempos, isto é, atemporais tanto no árabe como no português, que também usa a forma perfectiva, tipicamente descrita como um tempo passado em situações atemporais.

Esse emprego da forma perfectiva árabe é indicador de que ele não está restrito apenas a indicar situações passadas, e, embora o seu uso mais específico seja com referência ao tempo passado, pode-se dizer que, pelo menos em três situações, o perfectivo deve ser traduzido pelo tempo presente da língua portuguesa: *i*) com verbos de cognição (conhecer, saber...), *ii*) nas situações performativas, e *iii*) e em algumas situações gnômicas.

Bahloul menciona vários outros empregos da forma perfectiva que considera uso não-passado e que não foram apontados aqui por não haver diferença entre o árabe e o português. Isto é, em semelhantes contextos, o emprego do tempo verbal também será o passado, no português, como por exemplo, na situação hipotética em que você acaba de avistar a ponta da pulseira do seu relógio que estava perdido e diz: “Veja, achei meu relógio” (Cf. *Veja, acho/estou achando meu relógio). A possibilidade do uso da forma presente é improvável, conforme já apontado na Parte I sobre as restrições ao uso do tempo presente.

Após a breve exposição sobre os contextos em que a forma perfectiva figura, pode-se perceber que, mesmo em situações que no português se empregariam outras formas verbais temporais, o árabe manteve a perfectiva. Fazendo uma análise mais profunda quanto ao valor semântico expresso nessas situações, pode-se concluir que ela está sempre ligada a questões de completamento ou de anterioridade. Conclui-se do visto até aqui que ela, com relação aos tempos do português, não é empregada apenas na indicação de tempo passado,

seja dêitico ou referencial, mas pode ocorrer com indicação clara ou de tempo passado, ou de tempo presente, ou de tempo futuro, ou sem nenhuma ligação com tempo. Estes usos estão sumarizados na tabela abaixo de Bahloul (2008, p. 62):

Sentidos contextuais	Exemplos prototípicos
Tempo passado	وصل (أمس) /waʃala (ʿamsi)/ “Ele chegou (ontem)”
Tempo presente	إتَّفَقْنَا /ʿittafaqnā/ “Concordamos”
Gnômico (tempo)/omnitemporal	من جدّ وجد /man jadda wajada/ “Quem se empenha, vence”
Tempo futuro	إذا عملت نجحت /ʿida ʿamilta najahta/ “Se você trabalhar, terá sucesso.”

Quadro 12 – Significados contextuais do perfectivo (BAHLOUL, 2008, p. 62).

Mais adiante, o perfectivo (e também o imperfectivo) será retomado em orações em que figura em combinação com outros verbos ou partículas. Na subseção 2.2 abaixo, será estudada a forma imperfectiva simples.

2.2 VALORES E EMPREGO DA FORMA IMPERFECTIVA

Estudos recentes¹¹⁰ evidenciam que o imperfectivo, por si só, não expressa nenhuma ideia de tempo, indicando, meramente uma situação durativa começada e incompleta, seja no passado, presente ou futuro. Holes a caracteriza aspectualmente e observa que, não só no APM, mas também em todas as variedades dialetais, a forma marca uma ação ou estado não-completado. Ela não tem, fora de um contexto, nenhuma indicação específica. Será de acordo com o contexto que seu valor aspectual e “coloração” temporal será determinado, podendo ser qualquer um dos seguintes: descrever verdades gerais ou atemporais, hábitos e iterações, processos não-pontuais, passados ou presentes, duratividade, afirmações sobre o futuro (com a partícula سوف /sa-/sawfa/ ou não) ou figurar em orações circunstanciais ou subordinadas, não fatuais, que expressem possibilidade ou desejo.

Ibn El Farouk (1998, p. 154), do mesmo modo, opta por não associá-la a nenhum tempo específico considerando que será sempre o contexto o responsável pela indicação de seu valor temporal e/ou aspectual:

¹¹⁰ SITRAK (1986), IBN EL FAROUK (1998), HOLLES (2004), BAHLOUL (2008), dentre outros.

De fato, os valores do imperfectivo são quase sempre tributários do contexto linguístico ou extra-linguístico em que ele se encontra. Ele pode ser empregado tanto para o presente geral, para um presente aqui e agora, como para um processo se desenvolvendo no momento do ato da fala; combinado com *sa-* ou *sawfa* e *kāna/lam*, expressará, respectivamente, o futuro e o passado, combinado com */qad/*, ele toma um valor modal que exprime o potencial, etc. (IBN EL FAROUK, p. 154, 1998).¹¹¹

Também Bahloul (2008, p. 105) considera que, diferente da forma perfectiva, que tem sido associada ao sentido de tempo passado – a par de sua característica aspectual de evento completado –, a forma imperfectiva somente em alguns usos pode estar associada a situações que ocorrem no tempo presente, isto é, em processos que são simultâneos ao momento da enunciação, como pode ser constatado nos exemplos seguintes:

- (2.26) a ماذا تفعل يا نabil؟
 /māḍā taf^ʕalu yā nabīl?/
 o que **faz**._{imp.2^a.m.s} Voc. Nabil
 Nabil, o que você **está fazendo**?
- b أتحدّث مع صديقي.
 /ʾataḥaddaṭu ma^ʕa ṣaḍīq -ī/
 converso._{imp.1^a.s} com amigo -de mim
 Estou conversando com meu amigo.

O autor esclarece que o diálogo se dá entre uma mãe e seu filho, Nabil, que não está dentro da casa, e ela deseja saber por que ele ainda não entrou. O uso do imperfectivo na pergunta da mãe ماذا تفعل /māḍā taf^ʕalu/ ‘o que você está fazendo’ descreve uma situação que ocorre no momento mesmo da enunciação, assim como a resposta de Nabil é coerente com o desejo da mãe de conhecer a situação que está em desenvolvimento no momento da fala. A forma imperfectiva está bem empregada no contexto, porque codifica o momento da fala e o momento da situação como simultâneos: “Pode-se dizer, portanto, que o imperfectivo tem o valor de *descrição* da relação predicativa assim como o de *identificação* entre o momento da enunciação e o momento do evento”.¹¹² (BAHLOUL, 2008, p. 105-6 – Destaque no original)

Uma forma de comprovar o valor de tempo presente neste emprego da forma imperfectiva observa-se nas traduções:

¹¹¹ En effet, les valeurs de l'inaccompli sont presque toujours tributaires du contexte linguistique ou extra-linguistique dans lesquels Il apparaît. Il peut être employé en tant que présent général, en tant que présent hic et nunc pour un procès se déroulant au moment de l'acte de parole, combiné avec les modalités sa ou sawfa et Kāna/lam, il exprimera respectivement le futur et le passé, combiné avec qad, il prend une valeur modale exprimant le potentiel, etc. (IBN EL FAROUK, 1998, p. 154).

¹¹² It might be said, therefore, that the Imperfect has the value of actualizing the predicative relation, along with that of identification between the moment of enunciation and the moment of the event. (BAHLOUL, 2008, p. 105-6)

- (2.27) a #O que você fez/fizera Nabil?
#Conversei/conversara com um amigo
- b #O que você fará Nabil?
#Conversarei com um amigo

As interpretações acima só serão possíveis se o diálogo estiver inserido em um contexto mais específico, onde, no diálogo entre a mãe e o filho, estiver implícita alguma ideia de indagação sobre alguma ação passada ou futura por parte do filho.

Outros exemplos do emprego do imperfectivo associado ao momento da enunciação são identificados pelo mesmo autor em situações como as abaixo:

- (2.28) a أنظر! غزالة تعبر الطريق
/ʔundur! ǧazālatun taʔaburu tṭarīqa/
olhe! gazela **atravessa** _{Imp.3ª.f.s} a-estrada
Olhe! Uma gazela **está atravessando** a estrada.
- b اِحْمِلْ سَحَابَتَكَ، الْمَطَرُ يَنْزِلُ بِغَزَارَةٍ
/iḥmil saḥābata -ka, almaṭaru yanzilu bi -ǧazāratin/
leve guarda-chuva -seu a-chuva **cai** _{Imp.3ª.m.s} com -abundância
Leve seu guarda-chuva, **está chovendo** muito.

Os exemplos em (2.28a e b) identificam situações que se realizam no tempo presente, simultâneas ao momento da enunciação, permitindo uma leitura aspectual de cursividade e não completamento. São algumas das características que distinguem essencialmente essa forma verbal do seu par oposto, o perfectivo, cujo emprego característico está associado ao tempo passado e a situações completadas.

Um dos empregos da forma flexionada presente, no português, é descrever situações ocorridas muito proximamente ao momento da fala, como foi visto nos exemplos (1.9) a (1.12) da Parte I. Esse uso é semelhante aos ilustrados abaixo, apontados por Bahloul (2008, p. 105):

- (2.29) a يَتَقَدَّمُ ... يَتَقَدَّمُ ... وَيَقْدِفُ ... وَهَدَفَ!
/yataqaddam... yataqaddam... wa -yaqdif... wa-hadaf!/
avança _{Imp.3ª.m.s} **avança** _{Imp.3ª.m.s} e **-chuta** _{Imp.3ª.m.s} e -gol
Ele **avança**... **avança**... **chuta**... e gol!
- b ...تَضَعُ اللَّحْمَ... ثُمَّ تَضَعُ الْخَضِرَ...
/taḍaʕu llaḥma... tumma taḍaʕu lḥuḍara.../
põe _{Imp.2ª.m.s} a-carne depois **põe** _{Imp.2ª.m.s} os-vegetais...
Você **põe** a carne... depois **põe** os vegetais...
- c اَعْلَنُكُمَا زَوْجَ وَزَوْجَةٍ
/ʔuʕlinu -kum -ā zawj wa -zawjat/
Vocês **aviso** o marido e a esposa...

declaro.Imp.1.^a.s -vocês -dois marido e -mulher
Eu os **declaro** marido e mulher.

d أرفض هذا السلوك
/’arfuḍu haḍā ssulūk/
desaprovo.Imp.1.^a.s este o-comportamento
Eu **desaprovo** tal comportamento.

As situações de (2.29a e b) retratam, respectivamente, a narração de uma partida de futebol e o passo-a-passo de uma receita culinária. Em (2.29a) o enunciador está relatando, no momento mesmo da ocorrência dos eventos, todas as ações dos jogadores para os ouvintes que, mesmo não podendo ver o jogo, ao ouvirem pelo rádio, por exemplo, podem reconstruir o mundo extralinguístico dos eventos narrados da maneira mais vívida possível. O objetivo do uso desta forma, no entanto, como observa o autor, não está associado à representação temporal dos eventos, mas antes ao evento em si: “o imperfectivo nestes contextos representa mais a ocorrência do evento do que sua interpretação temporal. Em outras palavras, embora o momento da enunciação seja simultâneo ao momento do evento, a atenção é mais orientada para o evento em si”¹¹³ (BAHLOUL, 2008, p. 106-7). Esta afirmação pode ser constatada melhor com o verbo يقدف /yakḍifu/ ‘chuta’, cuja característica de ser pontual, não possibilita à forma imperfectiva apresentar intervalo com limites.

As mesmas observações podem ser feitas relativamente ao exemplo (2.29b) da transmissão do preparo da receita. Também, nesse caso, o autor observa a relevância da ação em si, estando o valor da indicação temporal reduzido ao mínimo: “O enunciador enfatiza mais a validação da relação predicativa”¹¹⁴ (BAHLOUL, 2008, p. 107).

Uma comprovação deste valor do imperfectivo é encontrada na tradução para o inglês pela forma temporal presente e não pelo progressivo. A língua inglesa apresenta uma série de restrições quanto ao uso do progressivo. O verbo “advance” é um dos que aceita essa forma, no entanto, não nesse contexto. Pode-se tomar a prova como válida para o português também, dada a agramaticalidade da tradução ‘*Você *está pondo* a carne..., depois *está pondo* a verdura’.

Ambos os verbos dos exemplos (2.29c e d) são performativos, isto é, retratam a intenção do enunciador de indicar seu comprometimento com a verdade da situação expressa. Também retratam contextos com uma ligação muito próxima ao momento da enunciação e com um sentido mais orientado para o evento ou processo em questão do que para a

¹¹³ *the Imperfect in these contexts represents more the occurrence of the event than its temporal interpretation. In other words, although the moment of enunciation is simultaneous with the moment of the event, the focus is more oriented towards the event itself.* (BAHLOUL, 2008, p. 106/107)

¹¹⁴ *The enunciator focuses more on the validation of the predicative relation.* (Ibid., p. 107)

temporalidade. Assim, em (2.29c) o homem e a mulher tornam-se esposos por força da declaração performativa do *šayḥ* (autoridade religiosa) "أعلن" /ʔu^clinu/ 'eu declaro', e em (2.29d) o enunciador expressa sua recusa em aceitar certo comportamento ao dizer "أرفض" /ʔarfuḍu/ 'eu recuso'.

O que verbos como os de (2.29) (relato direto, demonstrativo e performativo) partilham de característica comum é que a intenção do enunciador é confirmar o expresso na predicação como eventos simultâneos ao momento da fala, sendo o mais importante a ocorrência do evento em si. O imperfectivo é apresentado sem estrutura temporal interna, isto é, as noções de cursividade, incompletude e duratividade, inerentes a este aspecto, não são observadas em tais contextos.

Além do valor de codificar o tempo presente, como visto nos exemplos anteriores, Bahloul (2008, p. 108) apresenta uma série de casos em que a forma é usada para indicar processos habituais, genéricos e atemporais, que ele denomina como *gnômicos*, por considerar que, em árabe, não existe nenhuma distinção potencial entre eles. Abaixo, estão citados alguns usos:

(2.30) a عندما يرتكب أحد مخالفة للقانون فمن واجب السلطات القبض عليه

/ʔindamā **yartakibu** ʔaḥadun muḥālafatan li-lqānūni fa-min wājibi
quando **comete**._{Imp.3^a.m.s.} alguém violação à-lei e -de obrigação
ssuḷuṭāti lqabḍa ʕalay -hi/
as-autoridades a-captura sobre -ele

Quando alguém **comete** uma violação da lei, é obrigação das autoridades prendê-lo.

b التغيير الحضاري هو عملية طبيعية تخضع لشروط تاريخية

/attaḡyīru lḥaḍāriyyu huwa ʕamaliyyatun ṭabīʕiyyatun **taḥḍaʕu**
a-mudança a-civilizacional ele processo natural **está sujeito**._{Imp.3^a.f.s}
li-šurūṭin tāriḥiyyatin/
a-restrições históricas

A mudança da civilização é um processo natural que **está sujeito** a restrições históricas.

c ولذا فإن الشخص الذي يتصف بإنخفاض المرونة هو الشخص الذي يعجز عن التكيف أو التوافق مع
المواقف الاجتماعية

/wa-liḍā fa-ʔinna ššaḥṣi llaḍi **yattaṣifu** bi -ʔinḥifāḍi
e -portanto e -ʔINNA a-pessoa que **caracteriza-se**._{Imp.3^a.m.s.} por-queda
lmurūnati huwa ššaḥṣu llaḍi **yaʕjazu** ʕani ttakayyufi ʔaw
a-flexibilidade ele a-pessoa que **é incapaz**._{Imp.3^a.m.s.} de a-adaptação ou
ttawāfuqi maʕa lmawāqifi lʔijtimāʕiyyati.
a-conformidade com a-situações a-social.

Portanto, a pessoa que **carece** de flexibilidade **é incapaz** de se adaptar ou se adequar às situações sociais.

- d في الظلام تعمى العيون
/fī ḍalāmi ta[°]amà l[°]uyūnu/
na escuridão **torna-se cega** _{Imp.3^a.f.s.} o-olhos
No escuro, os olhos não **podem ver**.

- e كل ليلة أذعن
/kullu laylatin 'aḍ[°]anu/
Toda noite **submeto-me** _{Imp.1^a.s.}
Toda noite eu me **submeto** [docilmente].

Os exemplos acima são compostos por vários gêneros textuais tendo em comum o verbo na forma imperfectiva que, em todos os casos, não pode ser associada a nenhuma situação enunciativa específica que as ancore num ponto dêitico e nem estão ligados a nenhum outro momento que possa servir como referência, isto é, a forma em questão está empregada em situações em que há uma ausência de qualquer ponto de vista, dada a sua irrelevância nos contextos. Os casos caracterizam-se por apresentarem verdades tidas como absolutas e, no português, a forma empregada é o presente do indicativo, como visto na Parte I, seção 1.4, cujos exemplos estão repetidos abaixo:

- (2.31) a Honestidade **é** a melhor política.
b A água **consiste** de hidrogênio e oxigênio.
c Dois e três **são** cinco.
d O Peru **divide** a fronteira com o Chile.

O sentido gnômico da forma imperfectiva também se atesta em provérbios, como os mostrados abaixo:

- (2.32) a الحق يعلو ولا يعلى عليه
/alḥaqu ya[°]lū wa -lā yu[°]lā [°]alay -hi/
a-verdade **é elevada**. _{Imp.3^a.m.s.} e -não **é elevado**. _{Imp.3^a.m.s. (passivo)} sobre -ele
A verdade **é superior** e nada está acima dela.
- b من يحبّ لا يعرف الكره
/man yuḥibbu lā ya[°]rifu lkurha/
quem **ama**. _{Imp.3^a.m.s.} não **conhece**. _{Imp.3^a.m.s.} o-ódio
Quem **ama** não conhece o ódio. (Quem **ama** não odeia.)

Os exemplos mostram o uso do imperfectivo em contextos em que o papel do enunciador é nulo, sem que haja qualquer relação com algum tempo específico, sendo relevante, nesses casos, apenas o evento em si, que se apresenta como a generalidade de um fato aceito como verdadeiro ou um hábito.

Bahloul (2008, p. 111-2) cita, ainda, um uso da forma imperfectiva simples em contextos em que seu emprego serve para caracterizar o sujeito:

- (2.33) a وما رأيك في الكتب التي تستوحي تجارب الواقع
 /wa-mā ra'yu -k fī lkutubi llatī **tastawhī** tajāriba lwāqī'i?/
 e -que opinião -sua em o-livros que **se inspira**_{Imp.3ª.f.s.} experiências a-realidade
 O que você acha dos livros que **se inspiram** em experiências reais?
- b هم الذين يملكون نعمة اليقين
 /hum llaḡīna **yamlikūna** ni'mata lyaqīni/
 eles que **possuem**_{Imp.3ª.m.p.} bênção a-certeza
 Eles são os que **têm** a bênção da certeza.
- c والأتقياء تماماً يفضلون جامع الأزهر القريب
 /wa-l'atīqiā'u tamāman yufaḡḡilūna jāma'a l'azhari lqarībi/
 e -os-devotos completamente **preferem**_{Imp.3ª.m.p.} mesquita Alazhar a-próxima
 Os devotos preferem Alazhar, a mesquita mais próxima.

O emprego da forma imperfectiva nos contextos acima não evidencia nenhuma indicação temporal específica. Ela não está relacionada a nenhum momento enunciativo, mas contribui para a indicação de alguma propriedade inerente do sujeito gramatical: em (2.33a) a característica de alguns livros de se basearem na realidade, em (2.33b), a propriedade da certeza de algumas pessoas e, em (2.33c), a preferência que os devotos das proximidades têm de frequentarem a mesquita vizinha Alazhar. O autor observa que os exemplos se parecem com os que figuram em manuais ou enciclopédias cujo objetivo é definir e apresentar as características inerentes dos elementos linguísticos. A propriedade caracterizadora da forma pode ser melhor entendida a partir da substituição pelo adjetivo no exemplo seguinte:

- (2.34) a ماذا تشتغل؟
 /māḡā **taštaḡilu**/
 o que **trabalha**_{Imp.2ª.m.s.}
 O que você **faz**?
- b أدرّس
 /'udarrisu/
leciono_{Imp.1ª.s.}
 Eu **leciono**.
- c أنا مدرّس
 /'anā **mudarrisun**/
 eu **professor**
 Eu sou **professor**.

A resposta em (2.34b) sobre a profissão da pessoa questionada não pode vir acompanhada de nenhum advérbio temporal, o que sinaliza a irrelevância da ligação da forma com qualquer indicação de tempo. A forma simples, assim, além de marcar a atividade que ele exerce, também o qualifica como pode ser deduzido em (2.34c). Neste contexto, não há

como associar a forma com a ideia de simultaneidade ao momento da fala, o que em árabe fica mais evidente pela possibilidade de substituição por uma frase nominal que se expressa sem nenhum verbo ou elemento temporal.

Ainda, dentre os diversos empregos do imperfectivo, pode-se observar, a indicação de realizações futuras, mesmo em contextos não marcados por nenhum adverbial como no já visto exemplo repetido (2.35) abaixo:

- (2.35) **فَاللّٰهُ يَحْكُمُ بَيْنَهُمْ يَوْمَ الْقِيَامَةِ**
 /fa -llāhu **yahkumu** bayna -hum yawma lqiyāmati/
 e -Deus **julga**._{Imp.3^a.ms.} entre -eles dia a-ressurreição.
 E Deus **julgará** entre eles no Dia da Ressurreição.

A leitura de tempo futuro que o exemplo acima sugere se dá pelo entendimento geral de que o Dia da Ressurreição ainda está por vir. Também Fehri (1993), Hassan (1990) e Bahloul (2008) consideram que a forma imperfectiva por si só possa indicar o futuro, no entanto, Al-Khawalda (2000, p 72) contexta que “o dia da Ressurreição” é um indicador temporal e a forma imperfectiva, por si só, não indica o futuro em contextos em que não haja algum tipo de marcador temporal. Este autor defende a tese de que as formas verbais árabes são temporais e que além da forma **فَعَلَ** /fa^cal/, para indicar o passado, e **يَفْعَلُ** /yaf^cal/, para indicar o presente, o futuro é um tempo verdadeiro que se expressa, primariamente, por **سَيَفْعَلُ** /sayaf^cal/, mas também com a partícula **سَوْفَ** /sawfa/ seguida de imperfectivo ou com a forma imperfectiva pura (desde que haja na frase um marcador temporal).

Para confirmar sua versão de que o imperfectivo pode codificar o futuro sem o recurso das partículas de futuro, Bahloul (2008, p. 122-3) apresenta os seguintes exemplos:

- (2.36) a **...ماذا يحدث إذا كان هذا؟**
 /māḏā **yahduḏu** 'idā kāna hāḏā?.../
 o que **acontece**._{Imp.3^a.m.s.} se foi._{Perf.3^a.m.s.} isto
 O que **acontecerá** se isto ocorrer?
- b **هل تنطلق المحطة من مكانها؟**
 /hal **tanṭaliqu** lmaḥaṭṭatu min makāni -ha?!.../
 HAL **muda-se**._{Imp.3.f.s} a-estação de lugar -dela
 A estação **mudará** de lugar?
- c **...وهل يعمل العمدة ليلة لوجه الله؟**
 /wa-hal **ya^cmalu** l'umdati laylatan li -wajhi llāhi?.../
 e -HAL **trabalha**._{Imp.3^a.m.s.} o-prefeito noite por -face o-Deus
 O prefeito **trabalhará/irá trabalhar** uma noite de graça?
- d **وهل تنطبق السماء على جرن القمح؟**

/wa-hal **tanṭabiqu** ssamā'u ʿalà jurni lqamḥi?/
 e -HAL **fecha-se** _{Imp.3ª.m.s.} o-céu sobre grão o-trigo
 O céu **cairá** sobre a bacia de trigo?

(2.37) **إن يدرس ينجح**
 /ʾin yadrus **yanjah**/
 se **estuda** _{Imp.3ª.m.s.} **tem sucesso** _{Imp.3ª.m.s.}
 Se ele **estudar**, ele **terá sucesso**.

O autor explicita que os exemplos de (2.36b-d) referem-se ao questionamento feito sobre as possíveis consequências da mudança de comportamento de um personagem. Todas as perguntas são retóricas, visto que nada advirá dessa mudança. O autor considera que é a presença da partícula modal **إذا** /ʾidā/ 'se' e o imperfectivo que configuram a indicação temporal futura. Do mesmo modo ocorre em (2.37), sendo, neste caso, a partícula **إن** /ʾin/ 'se' que interage com o imperfectivo para a leitura de tempo futuro. Deve-se observar, em contrapartida, que, no português, para que a leitura de futuro seja feita, o verbo deve estar neste tempo, já para o árabe, o autor conclui que não é necessário o recurso da presença de **سوف** /sa-/sawfa/ para que se tenha a interpretação de futuro.

Nos estudos sobre verbo das línguas, em geral, existe alguma diversidade quanto ao verdadeiro enquadramento da forma verbal futura. Por apresentar incerteza sobre a verdade ou realização de um fato, por ainda não terem ocorrido e estarem sujeitos à mudança de planos ou interrupções inesperadas que possam impedir a sua realização, diversos autores, geralmente, lhe atribuem um valor mais modal que temporal. Analisando o árabe, Bahloul (2008, p. 114) considera que as partículas de futuro podem transmitir significados modais ou temporais, podendo a interpretação futura resultar da interação entre o valor intencional e preditivo das partículas modais **سوف** /sawfa/sa-/ e o momento da enunciação. Analisando os contextos que expressam futuridade, o autor lança alguns exemplos com o propósito de observar que circunstâncias propiciam o emprego de uma das três formas de expressão. Primeiro, são analisados os contextos em que a forma imperfectiva pura é empregada em comparação com as formas em que ela é precedida de **سوف** /sa-/. A questão a ser respondida é: se é possível que se expresse o futuro sem o recurso à partícula, quais são os fatores básicos que regem o seu emprego?

- 2.38) a ثم أكد أنّ المتوقع وصولهم سيبلغ 100.000 فقط

/tamma 'akkada 'anna lmutawaqa'a wuṣūlu -hum
então confirmou_{pf.3^a.m.s.} que o-esperado chegada -deles

sa-yabluḡu 100.000 faḡaṭ /

SA-alcança_{imp.3^a.m.s.} 100.000 apenas

Então, ele confirmou que os que se espera que venham **alcançar** apenas 100.000.

- b وما دام محروماً منه فسيظلّ محروماً من اليقين...

/wa-mā dāma maḥrūman min-hu fa -sa-yaḡullu
e -que durou._{pf.3^a.m.s.} privado de -o então -SA-continua_{imp.3^a.m.s.}

maḥrūman mina lyaqīni (-hu = visão)/

privado de a-certeza

Enquanto ele estiver privado (de sua visão), **continuará** privado de fé...

- (2.39) a وغداً تجذب الضحكات الرجال

/wa-ḡadan (Ø) tajḡibu ḡḡaḡakātu rrijāla/

E -amanhã atrai_{imp.3^a.f.s.} o-risos o-homens

E amanhã os risos **atrairão** os homens.

- b وتستأنف محادثات السلام العربية الإسرائيلية في واشنطن الأسبوع المقبل

/wa (Ø) -tasta'anifu muḡaḡaṭātu ssalāmi l'arabiyyati 'isrā'īliyyati fī waṣiṭun
e -retoma_{imp.3^a.f.s.} conversas a-paz a-árabe o-israelense em Washington

l'usbū'a lmuḡbila.

a -semana a-próxima.

Serão retomadas, na próxima semana em Washington, as negociações de paz árabe-israelense.

Nos exemplos acima, o contexto propicia uma leitura que se traduz por uma forma de tempo futuro no português. No árabe, no entanto, o contraste entre os dois grupos reside na presença (2.38) e na ausência (2.39) da partícula *sa-*, indicadora de futuro. O autor observa que em contextos como os de (2.38), em que não há um marcador temporal explícito de futuro, o emprego da partícula *sa-* se torna relevante para tal leitura. Já nos exemplos de (2.39), os adverbiais “amanhã” e “na próxima semana” indicam o momento futuro em que o expresso na predicação ocorrerá, não sendo necessário o recurso à partícula: “Quanto mais o tempo futuro estiver lexicalmente especificado na oração, menos provável é o uso do modal *sa-*, e vice versa”¹¹⁵ (BAHLOUL, 2008, p. 118). O emprego da partícula adicionada à forma imperfectiva está ligada à ausência de algum indicador temporal que fixe os limites da ocorrência do expresso na predicação em algum momento específico no futuro, assim como afirmado por Al-Khawalda (2000).

¹¹⁵ *The more future time is lexically specified in the clause, the less likely the modal sa- is used, and vice versa.* (BAHLOUL, 2008, p. 118)

O autor verificou, ainda, o possível motivo da escolha do falante pelo prefixo سـ /sa-/ ou pela partícula سوف /sawfa/, e lançou os exemplos (2.43) como indicadores de alguma resposta:

- (2.40) a A: سأسافر إلى مصر
 /sa -'usāfiru 'ilā miṣr/
 SA -viajo_{Imp.1ª.s.} para Egito
 Eu **viajarei** para o Egito.
- b B: ماذا تقول؟
 /māḏā taqūlu/
 que dizes_{Imp.2ª.m.s.}
 O que você está dizendo?
- c A: سوف أسافر إلى مصر
 /sawfa 'usāfiru 'ilā miṣr/
 SAWFA **viajo**_{Imp.1ª.s.} para Egito
 Irei **viajar** para o Egito.

Como o coenunciador B não entendeu a afirmação feita pelo enunciador A, este último recorreu ao uso da forma completa da partícula para demonstrar seu forte propósito de realizar a ação de viajar para o Egito. Em português não há, efetivamente, como expressar, com a tradução, a diferenciação pressuposta por Bahloul. Segundo Cunha e Cintra (1984, p. 385) o uso da forma perifrástica, ir+infinitivo, exprime “o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo”. Partindo-se do pressuposto de que esta afirmação procede¹¹⁶, em (2.40c), o uso da partícula سوف /sawfa/ está de acordo com o apontado pelos autores para o português. Bahloul conclui que a forma elidida /sa-/ é utilizada para informar, enquanto que /sawfa/ tem seu uso associado aos contextos de confirmação.

Al-Khawalda (2000, p. 72-3) constata a grande frequência da forma prefixada /sa-/, assim como Bahloul refere, por atribuir à partícula /sawfa/ a característica de elemento altamente marcado em face do *status* de não-marcado da forma prefixada /sa-/, mas considera que a diferença entre سَيَفْعَل /sayaf'al/ e سوف يَفْعَل /sawfa yaf'al/ ‘ele fará’ não é significativa, e que não é possível identificar nenhuma distinção sintática ou semântica entre elas, visto que as duas formas são empregadas indistintamente uma pela outra. O próprio Bahloul afirma que seria necessária uma pesquisa mais detalhada sobre as características específicas das duas formas – o que está além do escopo de seu trabalho –, para poder caracterizar corretamente a diferença entre as duas formas de indicação temporal.

¹¹⁶ Carvalho (2004) discorda da opinião dos autores citados, pois considera que o que ocorre é uma distribuição de uso entre as variedades faladas – onde o uso da forma perifrástica é praticamente majoritária –, e escritas – onde há um monitoramento, podendo, também, ocorrer o futuro simples.

Viu-se até aqui que o imperfeito figura em contextos com valor indicativo de presente e de futuro, mas, ainda, há de se assinalar seu uso em contextos em que expressa eventos/estados passados. Assim como acontece no português com o tempo verbal presente, a forma árabe ocorre em contextos em que claramente, com respeito ao momento da fala/escrita, a situação expressa no predicado é ocorrida em tempo anterior, como em:

(2.41) a أمريكا تتهم صندوق النقد بالبطء في مساعدة الإقتصاد السفيات

/ʾamrīkā tattahimu şundūqa nnaqdi bi- lbuṭʾi fī musāʿadati
América **acusa**. Imp.3^a.f.s. banco o-monetário com -o-lentidão em ajuda
lʾiqtişādi ssufyāti/
a-economia a-soviética.

América **acusa** o Fundo Monetário Internacional de retardar a ajuda à economia soviética.

b ويشير أبلي وترمبال... أنه لا يوجد منبه يمثل مشقة لكل الأفراد الذين يتعرضون له

/wa-yušīru ʾāblī wa -trumbāl... ʾanna -hu lā yūjadu
e -**aponta**. Imp.3^a.m.s. Apply e -Trumball... que -o não existe. Imp.3^a.m.s.
munabbih yumattīlu maşaqqatan li -kulli lʾafrād
estímulo representa. Imp.3^a.m.s. dificuldade para -todos os-indivíduos
llaḍīna yataʿaraḍūna la -hu/
que submetem-se Imp.3^a.m.s. a -o

Apply e Trumbal **assinalam** [...] que não existe estímulo que represente dificuldade para todos os indivíduos a ele expostos.

c والعشاء يجيء... والشباب ينكت لا يزال، ويغني ويضحك... وتتأمل الكرى ذات يوم خاتم أمها في إصبعها، وفي صمت تسحب من إصبعها.

/wa-lʿašāʾu yajīʾu... wa-şşābbu yunakkitu lā yazālu,
E -o-jantar **vem**. Imp.3^a.m.s. e -o-jovem **brinca**. Imp.3^a.m.s. não **para**. Imp.3^a.m.s.
wa-yuġannī wa-yaḍḥaku... wa-tataʾammalu lkubrā ḍāta yawmin
e -**canta**. Imp.3^a.m.s. e -**ri**. Imp.3^a.m.s. e -**observa**. Imp.3^a.m.s. a-maior certo dia
ḥatama ʾummi-ha fī ʾiṣbaʿi -hā, wa -fī şamtin tashabu -hu min ʾiṣbaʿi -hā
anel mãe -dela em dedo -dela e -em silêncio **tira**. Imp.3^a.m.s. -o de dedo -dela

O jantar **chega**... e o jovem continua **contando** piadas, **cantando** e **rindo**... Um dia, a mais velha **observa** o anel no dedo da mãe e, silenciosamente, **tira**-o dele...

Os três exemplos de (2.41) ilustram gêneros textuais diferentes: jornalístico, científico e literário, respectivamente. No exemplo da manchete de jornal, é evidente que o evento já ocorrera no momento da publicação da reportagem, e o tempo presente é uma indicação de que ainda é relevante no momento da leitura. Este emprego é espelhado no português, e a tradução adequa-se ao emprego do tempo presente. O uso do tempo presente em referência a citações de autores que abordaram o assunto em trabalhos anteriores, como em (2.41b), também, é comum em artigos científicos da língua portuguesa, como se pode confirmar nos exemplos (2.42a e b) abaixo:

(2.42) a “Martin (1971) **fala** também de ‘tendência’ (ou ‘orientação’) aspectual dos lexemas que, em definitivo, só no emprego discursivo se confirma ou não”. (CAMPOS, 1997, p. 14)

b “Essa descrição de Soares Barbosa corresponde perfeitamente à fórmula (1-1) ME → MR → MF que Reichenbach **associa** ao mais-que-perfeito, descrito canonicamente como o tempo que situa o momento do evento antes do momento de referência, que por sua vez se situa antes do momento da fala”. (ILARI, 1997, p. 26)

O exemplo (2.41c) também não difere de contextos narrativos na língua portuguesa, onde eventos ou estados sabidamente passados são codificados linguisticamente por formas verbais no tempo presente, como forma de acentuar os fatos.

O visto até aqui sobre os contextos de ocorrência da forma imperfectiva e seus valores, pode ser sumarizado no quadro abaixo adaptado de Bahloul 2008, p. 133):

Contexto temporal	Variantes	Exemplos prototípicos
Tempo presente	Atualização e Identificação	أكتب رسالة /ʔaktubu risālatan/ ‘Eu estou escrevendo uma carta’
	Valor eventivo	يتقدّم ويقذف /yataqaddam wa yaqdif/ ‘Ele avança e chuta.’
Gnômico	Atemporal/ Omnintemporal	في الظلام تغمى العيون /fī ḍalāmi taʕamā lʕuyūnu/ ‘No escuro, os olhos ficam cegos.’
	Caracterização do sujeito	الكتب التي تستوحى تجارب الواقع /alkutub llatī tastawhī tajāriba lwāqiʕi/ ‘livros que se inspiram em experiências reais’
Tempo futuro	Valor modal	الله يحميك /ʔallahu yaḥmī-ka/ ‘Que Deus possa protegê-lo’.
	Valor preditivo	قد ينجح /qad yanjaḥu/ ‘Ele deve ser bem-sucedido’.
	Valor futuro	يأتي غداً /yaʔtī ḡadan/ ‘Ele vem amanhã’.
Tempo passado	Presente histórico Recurso avaliativo e estilístico	والعشاء يجيء /wa-lʕašāu yajīʔu/ ‘e veio o jantar.’

Quadro 13 – Variantes contextuais do imperfectivo.

O que se conclui do uso da forma imperfectiva em contextos onde figura na forma simples é sua grande ocorrência em contextos que pode ser traduzido em português pelo verbo no tempo presente. Em alguns contextos, ele apenas representa a característica não

temporal do evento, um hábito, uma ideia genérica, ou uma propriedade gramatical do sujeito, como resumido no quadro acima.

Na subseção seguinte, serão discutidos os valores advindos da combinação das duas formas verbais com o verbo auxiliar /kāna/ كان ‘ser/estar’.

2.3 CONSTRUÇÕES COM O AUXILIAR كان /KĀNA/ ‘SER/ESTAR’

Enquanto que na língua portuguesa há vários verbos auxiliares¹¹⁷ disponíveis para indicar tempo, aspecto, modo ou voz verbal, no APM, كان /kāna/ كان ‘ser/estar’ é o único verbo usado como auxiliar temporal¹¹⁸.

كان /kāna/ foi considerado um verbo incompleto, e Hassan (1990, p. 125) menciona que o gramático clássico árabe, Alanbārī (séc. IX), classificou-o como partícula. Tal consideração é devida ao fato de que, mesmo quando usado como verbo principal, ele não tem nenhum significado lexical próprio como os demais verbos plenos, funcionando meramente como uma cópula gramatical; o significado da sentença só se integraliza depois de seu complemento predicativo ser introduzido, à semelhança do verbo de ligação “ser” do português, que o traduz em alguns contextos, e que, além de não ter a mesma distinção semântica que os verbos plenos, apresenta uma conjugação atípica.

Holes (2004, p. 232) (assim como Hassan (1990) e Eisele (1990), dentre outros) considera ser este auxiliar o principal meio de marcar o tempo em árabe. A colocação de كان, na forma perfectiva, em qualquer tipo de frase marcará claramente que o estado/ação é passado relativamente a outro estado/ação não tão marcado.

(2.43)	Sem verbo	Auxiliar
a	أنا مدرّس /ʾanā mudarrisun/ eu professor Eu sou um professor.	كنت مدرّسا /kuntu mudarrisan/ era/fui . _{Pf.1^a.s.} professor Eu era/fui um professor.
b	هو في الجيش /huwa fī ljayši/ ele em o- exército Ele está no exército.	كان في الجيش /kāna fī ljayši/ esteve . _{Pf.3^a.m.s.} em o-exército Ele esteve no exército.

¹¹⁷ Verbos auxiliares são verbos que fazem parte das construções perifrásticas com um verbo principal para indicar algum valor que a flexão verbal por si só não é capaz de expressar. Mattoso Câmara Jr. (1981, p. 64) diz que os verbos auxiliares, na língua portuguesa, podem ser *i*) permanentes (ter, haver, ser, estar); *ii*) ocasionais (ir, vir, andar).

¹¹⁸ Cf. EISELE, 1999, p. 103.

(2.44) Imperfectivo

يأكل اللحم
/ya'kulu llaḥma/
come. Imp.3^a.m.s. a-carne
Ele **come** a carne.

كان يأكل اللحم
/kāna ya'kulu llaḥma/
esteve. Pf.3^a.m.s. come. Imp.3^a.m.s. a-carne
Ele **comia/estava comendo** a carne.

(2.45) Perfectivo (verbo dinâmico)

a أكلت اللحم
/'akalta llaḥma/
comeste. Pf.2^a.m.s. a-carne
Você **comeu** a carne.

كنت أكلت اللحم
/kunta 'akalta llaḥma/
esteves. Pf.2^a.m.s. comeste. Pf.2^a.m.s. a-carne
Você **tinha comido/comera** a carne.

Perfectivo (verbo estativo)

b تعبت كثيرًا
/ta'ibtu kaṭīran/
cansei-me. Pf.1^a.s. muito
Eu **mecansei** muito.

كنت تعبت كثيرًا
/kuntu ta'ibtu kaṭīran/
estive. Pf.1^a.s. cansei-me. Pf.1^a.s. muito
Eu **me cansara/tinha me cansado** muito.

Esse efeito de anteriorização que a forma perfectiva do auxiliar كان /kāna/ tem se aplica a qualquer verbo de qualquer natureza a que esteja anteposto, como ilustrado abaixo:

(2.46) Futuro

a سيأكل اللحم
/sa-ya'kulu llaḥma/
SA-come. Imp.3^a.m.s. a-carne
Ele **comerá/vai comer** a carne.

Auxiliar

كان سيأكل اللحم
/kāna sa-ya'kulu llaḥma/
esteve. Pf.3^a.m.s. SA-come. Imp.3^a.m.s. a-carne
Ele **comeria** a carne.

Inceptivo

b جعل يأكل ...
/ja'ala ya'kulu/
começou. Pf.3^a.m.s. come. Imp.3^a.m.s.
Ele **começou a comer**...

... كان جعل يأكل
/kāna ja'ala ya'kulu/
esteve. Pf.3^a.m.s. começou. Pf.3^a.m.s. come. Imp.3^a.m.s.
Ele **tinha começado a comer**...

Iterativo

c يظل يحفر
/yaḍallu yaḥfiru/
continua. Imp.3^a.m.s. cava. Imp.3^a.m.s.
Ele **continua cavando**.

كان يظل يحفر
/kāna yaḍallu yaḥfiru/
esteve. Pf.3^a.m.s. continua. Imp.3^a.m.s. cava. Imp.3^a.m.s.
Ele **continuava cavando**.

Hassan (1990, p. 141-3) defende que كان /kāna/ influencia a direção temporal nos complexos em que se insere, criando uma série de combinações com valores temporais variados. As denominações para estas construções abaixo foram tomadas do autor mencionado:

a) كان /kāna/ + فعل /fa'al/ resultam o ماض بعيد /māḍ ba'īd/ lit. 'o passado distante'. O verbo principal também é perfectivo, e descreve uma situação que precede o tempo (passado) de

referência do auxiliar, o que deriva uma leitura que corresponde ao pretérito mais-que-perfeito do português:

- (2.47) كان سافر إلى مصر
 /kāna sāfara 'ilā miṣr.../
 esteve._{Imp.3^a.m.s.} viajou._{Pf.3^a.m.s.} para Egito
 Ele **viajara/tinha viajado** para o Egito...

b) سيكون /sayakūn/ + فعل /fa^cal/ produz o حاضر متوقع مكتمل /ḥāḍir mutawaqqa^c muktaamil/. A construção indica uma situação esperada em um ponto do tempo que precede outro no futuro. Corresponde ao futuro do presente composto no português:

- (2.48) سيكون أنجز دهان شقته عندما نصل
 /sayakūnu 'anjaza diḥāna šiqqati -hi 'indamā naṣilu/
 SA-está._{Imp.3^a.m.s.} terminou._{Pf.3^a.m.s.} pintura apartamento -dele quando **chegamos**._{Imp.1^a.p.}
 Ele **terá terminado** de pintar o apartamento quando chegarmos.

c) كان /kāna/ + يفعل /ya^fal/ (ou + فاعل /fā'il/) produz o ماض استمراري /māḍ stimirārī/. A combinação de كان /kāna/ com uma das duas formas indica uma ação em desenvolvimento no passado. Em tal construção, o auxiliar perfectivo codifica o tempo dêitico passado, e a forma imperfectiva, o presente não-dêitico, marcando o aspecto cursivo. Mughazy (2015, p. 103) detalha: “Deste modo, o auxiliar seleciona um tempo de referência que precede o momento da enunciação, e o verbo lexical descreve um evento em progresso no mesmo tempo de referência, daí a assumida leitura de passado progressivo”¹¹⁹. Em casos de verbo com sentido estativo, Hassan aconselha que se deva optar por substituir a forma imperfectiva pelo participio ativo. A combinação pode ser traduzida pelo pretérito imperfeito, no português:

Verbo dinâmico

- (2.49) a كان يدهن شقته عندما رأيته.
 /kāna yadhanu šiqqata -hu 'indamā ra'aytu -hu/
 estava._{Pf.3^a.m.s.} pinta._{Imp.3^a.m.s.} apartamento -dele quando vi._{Pf.1^a.s.} -o
 Ele **pintava/estava pintando** o apartamento dele quando o vi.

Verbo estativo

- b كان نائما في سريره عندما وصلت.
 /kāna na'iman fī sarīri -hi 'indamā waṣaltu/
 estava._{Pf.3^a.m.s.} o que dorme.PA. em cama -dele quando cheguei._{Pf.1^a.s.}
 Ele **dormia/estava dormindo** em sua cama, quando eu cheguei.

¹¹⁹ Accordingly, the auxiliary picks a reference time that precedes speech time, and the lexical verb describes an event in progress at that same reference time, hence the assumed past progressive reading. (MUGHAZY, 2015, p. 103).

d) سيكون /sayakūn/ + يفعل /yaf[°]al/ produz o حاضر متوقع استمراري /ḥāḍir mutawaqqa[°] stimirārī/. Esta combinação indica a expectativa de uma ação em progresso no futuro. Assim como ocorre em c) acima, tal indicação com verbos estativos deve empregar o particípio ativo. A construção pode ser traduzida no português pelo verbo auxiliar no futuro e o principal no gerúndio.

(2.50) Verbo dinâmico

a سيكون يدهن شفته عندما تذهب

/sayakūnu yadhunu šiqqata -hu [°]indamā taḍhabu/
SA-está._{Imp.3^a.m.s.} **pinta**._{Imp.3^a.m.s.} apartamento -dele quando vais._{Imp.2^a.m.s.}
Ele **estará pintando** o apartamento dele quando você for.

Verbo estativo

b سيكون نائما في سريره عندما تصل

/sayakūnu nā'iman [°]alā sarīri -hī [°]indamā tašilu/
SA-está._{Imp.3^a.m.s.} **o que dorme**PA. sobre cama -dele quando chegas._{Imp.2^a.m.s.}
Ele **estará dormindo** na cama dele quando você chegar.

Bahloul (2008, p. 65) ressalta que a combinação do perfectivo com o auxiliar (e/ou as partículas) não altera a sua natureza aspectual, independente do tempo em que se encontra o auxiliar: “o perfeito permanece estável e não muda de acordo com a complexidade relativa da estrutura verbal”,¹²⁰ como demonstrado nos exemplos seguintes:

(2.51) a حين وصلت كان اطلع على الوثائق

/ḥīna waṣaltu kāna 'iṭṭala[°]a [°]alā lwaṭā'iqi/
quando cheguei._{pf.1^a.s.} **esteve**._{pf.3^a.m.s.} **examinou**._{pf.3^a.m.s.} a o-documentos
Quando cheguei ele **examinara/tinha examinado** os documentos.

b حين أصل (سوف) يكون اطلع على الوثائق

/ḥīna 'ašilu (sawfa)yakūnu iṭṭala[°]a [°]alā lwaṭā'iqi /
quando chego._{Imp.1^a.s.} (SAWFA)**está**._{Imp.3^a.m.s.} **examinou**._{pf.3^a.m.s.} a o-documentos
Quando eu chegar ele **terá examinado** os documentos.

c حين أصل قد يكون اطلع على الوثائق

/ḥīna 'ašilu qad yakūnu iṭṭala[°]a [°]alā lwaṭā'iqi /
quando chego._{Imp.1^a.s.} QAD **está**._{Imp.3^a.m.s.} **examinou**._{pf.3^a.m.s.} a o-documentos
Quando eu chegar, ele **pode ter examinado** os documentos.

Nas três situações, o verbo principal perfectivo اطلع /iṭṭala[°]a/ mantém a sua característica aspectual de completude do evento; no português, ele pode ser traduzido pelo mais-que-perfeito simples ou composto, examinara/tinha examinado. Ao verbo auxiliar caberá a função de indicar o tempo dêitico dentro do complexo temporal: o passado em (2.51a) e o futuro em (2.51b e c).

¹²⁰ the Perfect remains stable and does not change according to the relative complexity of the verbal structure (BAHLOUL, 2008, p. 65)

Não só o verbo auxiliar كان /kāna/ tem papel de relevo no sistema verbal árabe; também a partícula قد /qad/, ou sua forma complexa لقد /la-qad/, tem recebido destaque no estudo do tema, como será tratado na próxima subseção.

2.4 A PARTÍCULA قد /QAD/

A partícula قد /qad/ é considerada como parte do sistema verbal árabe. Sua interação com as formas verbais resulta diversas leituras: marcador temporal, marcador das oposições aspectuais, marcador de modalidade, e pode funcionar ainda como uma partícula enfática, confirmadora de que a situação de fato se realiza ou se realizou.

Em muitos contextos a existência ou não da partícula parece ser irrelevante:

- (2.52) a **وقد قال راديو إسرائيل**
 /wa-**qad** qāla rādīu 'isrā'īl/
 e **QAD** disse._{pf.3^a.m.s.} rádio Israel
 A Rádio Israel anunciou...
- b **وقال مسؤولون كبار**
 /wa Ø qāla mas'ūlūna kibār/
 e disse._{pf.3^a.m.s.} responsáveis altos
 Alguns altos funcionários disseram...

Bahloul indica que as duas construções foram retiradas do mesmo texto. Na tradução, percebe-se que sua presença ou ausência não altera em absoluto a interpretação da situação, dado o fato de ela não acrescentar nenhuma informação extra ao contexto.

Apesar de seu uso nos contextos acima, onde sua presença ou ausência parece não acrescentar nenhuma alteração à situação expressa, em outras ocasiões a partícula propicia uma interpretação de cunho temporal indicador de um passado recente, como nos exemplos abaixo:

- (2.53) a **قام زيد**
 /qāma zaydun/
 levantou-se._{pf.3^a.m.s.} Zayd
 Zayd levantou-se.
- b **قد قام زيد**
 /qad qāma Zaydun/
 QAD levantou-se._{pf.3^a.m.s.} Zayd
 Zayd acabou de se levantar.

No contexto acima, o emprego pressupõe duas mensagens diferentes. Em (2.53a), a forma perfectiva simples assinala um evento ocorrido em momento anterior ao da fala, que pode ser um passado remoto ou recente, sendo a ocorrência ambígua. Já em (2.53b), o

emprego de /qad/ desfaz a ambiguidade indicando um evento passado e recém-ocorrido. No português, /qad/ pode ser expresso pela locução “acabar de”, e no inglês, como aponta Bahloul (2008, p. 74) deve ser traduzido por “just”.

Já, Hassan (1990, p. 127) considera que, nesses casos, quando /qad/ é usado com um verbo perfectivo com uma indicação de eventos ou incidentes muito recentes e próximos ao ato da fala, ele pode ser expresso no inglês pelo *present perfect*, em *قد قامت الصلاة* /qad qāmat ṣṣalātu/ “praying has started” (a oração acabou de começar) ou pelo presente, em *قد فهمت قولك* /qad fahimtu qawlak/ “I understand what you mean” (eu entendo o que você quer dizer). Esta última forma de expressão apontada por Hassan suscita a dúvida se a possibilidade de se traduzir pelo presente a construção com *قد* /qad/ é devida à partícula ou ao verbo *فهم* /fahima/ ‘entender’, que, como visto em 2.1, geralmente, nesses casos é usado com pouca relação com o tempo passado.

Sitrak (1986, p. 74) também faz referência à indicação de passado recente da partícula e ensina que, quando o perfectivo indica uma ação que começou no momento exato do ato da fala, como nos casos de tratos, promessas, barganhas, etc., a partícula /qad/ adiciona ênfase à completude, indicando que a ação é mesmo acabada e completada logo no momento da fala, removendo qualquer dúvida quanto a realização do evento.

- (2.54) a. *قد اشترينا اللعبة*
 /qad ʾištaraṇā llu^cbata/
 QAD compramos.pf.1^a.p. o-brinquedo”
 Nós realmente compramos o brinquedo.

Holes (2004, p. 233) concorda que *قد* /qad/, ou “sua variante mais enfática” *لقد* /la-qad/, dá um sentido de passado próximo à oração, mas também aponta seu uso como diferenciador entre situações de relevância pragmática para o presente, como nos exemplos:

- (2.55) a. *كسر رجله*
 /kasara rijla -hu/
 quebrou.pf.3^a.m.s. perna -dele
 Ele quebrou a perna.
- b. *قد كسر رجله*
 /qad kasara rijla -hu /
 QAD quebrou.pf.3^a.m.s. perna-dele
 Ele tem a perna quebrada/Sua perna está quebrada.

Em (2.55a) diz-se que, em algum momento, no passado, ele quebrou a perna; já em (2.55b) a ação ocorreu no passado, mas tem relevância presente e pode-se acrescentar que ele está incapacitado de fazer algo, pois sua perna está quebrada.

Bahloul refere a interpretação aspectual lançada em Fradkin (1985, p. 215–16, *apud* BAHLOUL, 2004, p. 75):

- (2.56) a هل قرأت "الأيام"؟
 /hal qara'ata "al'ayyām" /
 HAL leste.pf.2^a.m.s. "al'ayyām"
 Você leu [o livro] "Al'ayyām"?
- b نعم قرأته
 /na'am qara'tu -hu/
 sim li.pf.1^a.s. -o
 Sim, eu o li.

Fradkin considera ambígua a resposta em (2.56a), visto que se pode entender que a pessoa leu o livro até o fim ou que apenas deu uma folheada sem ter acabado a leitura, podendo-se interpretar: “sim, eu dei uma olhada nele, mas parei no meio”¹²¹. No entanto, a língua árabe tem meio de desfazer esta ambiguidade empregando /qad/ “que cria a impressão de completude télica relacionando o processo a dada situação”¹²², como nos exemplos:

- (2.57) a لقد قرأت هذا الكتاب
 /la-qad qara'tu haḏā l kitāb/
 la-QAD li.pf.1^a.s. este o-livro”
 Eu já li este livro.
- b لقد أكملت قراءته
 /la-qad 'akmaltu qirā'ta -hu/
 LA-QAD terminei.pf.1^a.s. leitura -dele
 Eu já terminei de lê-lo.

Esta interpretação, na verdade, é a menos polêmica entre os arabistas sobre as funções de /qad/, pois muitos, sem denominá-la como aspectual, analisam-na como sendo uma partícula enfática que assinala a certeza da completude em oposição à incerteza ou vagueza relativa à perfectividade da forma verbal pura. Essa acepção é tida por muitos autores como sendo a principal função de /qad/.

Hassan (1990, p. 128) diz que قد /qad/ é uma partícula que amalgama as funções de ênfase e indicação de passado recente ou experiencial¹²³. Ela confirma a completude da situação expressa, o que, por vezes, leva os menos experientes a confundirem tais acepções com uma indicação de distância no passado ao invés da noção de passado experiencial. Ele

¹²¹ yes, I have looked at it but put it down half way through. (BAHLOUL, 2008, p. 73)

¹²² which creates the impression of telic completion by relating the process to the given situation. (Ibid.)

¹²³ COMRIE (1976, p. 58) explica que o “perfeito experiencial” (também chamado perfeito existencial ou indefinido) indica uma dada situação, que num espaço de tempo, do passado ao presente, ocorreu pelo menos uma vez.

usa o exemplo *قد قرأتُ هذا الكتاب من قبل /qad qara'tu hādā lkitāba min qablu/* que não deve ser traduzido por “Eu tinha lido/lera este livro antes”¹²⁴, criticando, desse modo, os que consideram a partícula como indicadora de passado remoto, o que, de fato, se opõe à leitura de ser indicadora de passado recente. O autor não aponta qual seria a tradução desta frase, mas, pelo exposto, pode-se concluir que seria “Eu *já* li este livro antes”.

Wright (1996, V II, p. 5) analisa que */qad/* em ambientes mais complexos pode indicar o mais-que-perfeito, tendo a oração precedente, também, um verbo no perfectivo, como

(2.58) أخرجهُ وقد عُمِيَ

/ʾahraja -hu wa -qad ʿummiya/
tirou.pf.3ª.m.s. -o e -QAD fora cegado
Ele o levou para fora cego (lit. e tinha sido cegado).

De acordo com o analisado da forma perfectiva na subseção 3.2, o que propicia a leitura de pretérito mais-que-perfeito, em orações deste tipo, é a sequência de dois verbos no perfectivo com indicação de intervalo temporal entre ambos; nestes casos, a partícula */qad/*, fornece apenas uma leitura enfática. O próprio Wright se contradiz, pois, na página anterior, assinalara que a partícula fora denominada pelos gramáticos árabes de *حرف التوقع /ḥarf ttawāqqiʿ/* lit. ‘partícula de expectativa’, que deve ser usada *للتحقيق /littaḥqīq/* para “confirmar” ou *لتقريب الماضي من الحال /li-taqrīb lmāḍī mina ḥālī/* “para aproximar o passado do presente”, como no exemplo:

(2.59) إِنَّ ابْنَتَكَ قَدْ مَاتَتْ

/ʾinna bnata -ka qad mātat/
ʾinna filha -tua QAD morreu.pf.3ª.f.s
Sua filha [como era esperado] morreu. (isto é, acabou de morrer)

Em construções imperfectivas, */qad/* tem sido analisada como partícula modal. Bahloul (2008, p. 123-4) refere que sua presença nesses contextos pode contribuir para uma leitura de realização futura da ação, como no exemplo:

(2.60) ...وقد يؤدي هذا القرار (...) إلى فرض عقوبات مشددة على واردات الحافلات اليابانية الصغيرة.

/wa -qad yuʾaddī hādā lqarāru (...) ʾilā farḍi ʿuqūbātīn
e -QAD leva-imp.3ª.m.s. este a-decisão (...) para decreto sanções
mušaddadatin ʿalā wāridāti ḥāfilāti lyābāniyyati šṣaḡīrati...
fortes sobre importações o-ônibus.p. japonesa pequena

E esta decisão *pode levar* (...) ao decreto de sérias sanções às importações de micro-ônibus japoneses...

¹²⁴ 'I have read this book before'. (HASSAN, 1990, p. 128)

Embora a partícula expresse possibilidade, entende-se do contexto, com o seu uso, que o enunciador está certamente interessado nos resultados futuros advindos do processo verbal veiculado pela forma imperfectiva. No entanto, ele pondera que a leitura de futuro se deve à forma imperfectiva e não a قد /qad/, dado que, em contextos mais independentes, a partícula retém apenas seu valor modal, mantendo-se neutra quanto à temporalidade:

- (2.61) a. قد يكون الولد يلعب.
 /qad yakūnu lwaladu yal^oabu/
 QAD está. Imp.3^a.m.s. o-menino brinca. Imp.3^a.m.s.
 O menino poderá estar **brincando**.

No exemplo acima, قد /qad/ não influencia a direção temporal contida na predicação, atuando apenas como um modal de possibilidade. A indicação temporal está inserida no complexo verbal يكون يلعب /yakūnu yal^oabu/ ‘terá brincado’.

Pode-se resumir o visto nesta e nas seções anteriores sobre as possibilidades contextuais em que as formas perfectivas e imperfectivas podem figurar isoladas e em combinações com os seguintes quadros adaptados de Bahloul:

Modais	Auxiliares	Verbos	Interpretação semântica
—	—	أَكَلْتُ / ^o akaltu/ comi.Pf.	“Eu comi”
—	كُنْتُ /kuntu/ fui.Pf.	أَكَلْتُ / ^o akaltu/ comi.Pf.	“Eu comera/tinha comido”
(سوف /sawfa/)	أَكُونُ / ^o akūnu/ sou.Pf.	أَكَلْتُ / ^o akaltu/ comi.Pf.	“Eu terei comido”
(قد /qad/)	أَكُونُ / ^o akūnu/ sou.Pf.	أَكَلْتُ / ^o akaltu/ comi.Pf.	“Eu poderei ter comido”

Quadro 14 – Construções perfectivas (adaptado de BAHLOUL, 2008, p. 64).

Modal	Auxiliar	Verbo	Interpretação semântica
a —	—	أَلْعَبُ / ^o al ^o abu/	“Eu jogo/Eu estou jogando.”
b —	كُنْتُ /kuntu/	أَلْعَبُ / ^o al ^o abu/	“Eu jogava/estava jogando.”
c (سوف /sawfa/ سد /sa-/)	—	أَلْعَبُ / ^o al ^o abu/	“Eu jogarei.”
d (سوف /sawfa/ سد /sa-/)	أَكُونُ / ^o akūnu/	أَلْعَبُ / ^o al ^o abu/	“Estarei jogando.”
e قد /qad/	أَكُونُ / ^o akūnu/	أَلْعَبُ / ^o al ^o abu/	“Estaria jogando.”

Quadro 15 – Construções imperfectivas (adaptado de BAHLOUL, 2008, p. 64).

Apesar da possibilidade de marcação temporal relativa com o emprego do auxiliar na formação dos tempos compostos, Holes (2004, p. 234-5) ressalta que essa não é uma prática comum, mesmo nos dias atuais, e a impressão que se tem é que em muitos gêneros ainda se observa a tradição de não se marcar abertamente o tempo. Uma vez estabelecida a

direção temporal logo no início do parágrafo, por meio de um verbo ou por um adverbial, nenhum dos verbos e particípios subsequentes precisam estar abertamente marcados para tempo, pois presume-se como redundância. Esta característica será melhor desenvolvida na análise do *corpus*, na Parte III.

Outra característica de interesse nas questões sobre o sistema verbal do árabe é o papel das partículas de negação discutidas na sequência.

2.5 AS PARTÍCULAS NEGATIVAS “TEMPORAIS”

Ter um sistema verbal marcado morfológicamente por uma flexão reduzida não impede a língua de expressar as minúcias do tempo. Nesse sentido, vários elementos linguísticos podem contribuir para a precisão temporal. O árabe apresenta um conjunto de partículas de negação a ser empregado especificamente para cada situação que se queira negar, desempenhando um papel fundamental nas orações. Algumas negativas mantêm a tendência temporal do verbo e outras a redirecionam.

Em contexto de orações declarativas negativas, a forma imperfectiva pode ser negada por três partículas distintas, como pode ser observado nos seguintes exemplos de Bahloul (2008, 137-8):

- (2.65) a وتمشّى عبد الكريم في الواسعة وأذنه لا تسمع حسا ولا حركة.
 /wa-tamaššà ʿAbdu lkarīm fī lwāsiʿati wa-ʿuḏnu -hu
 e -caminhou._{pf.3ª.m.s.} Abdul Karim em o-deserto e -ouvido -dele
lā tasmaʿu ḥissan wa -la ḥarakatan./
não ouve._{Imp.3ª.m.s.} sussuro e -não ruído
 Abdul-Karim caminhou no deserto; seus ouvidos **não ouvem** nenhum som ou ruído.
- b وبعد أسبوع سافر، وبعدها لم يعد! مات في الحرب
 /wa-baʿada ʿusbūʿin sāfara, wa-baʿada-ha **lam yaʿud!**
 e -depois semana viajou._{pf.3ª.m.s.} e -depois-dela **não volta.**_{Imp.3ª.m.s.}
 māta fī lḥarbi/
 morreu._{pf.3ª.m.s.} em a-guerra
 Depois de uma semana ele viajou e **não voltou** mais! Morreu na guerra.
- c أبدا... لن يحدث شيء من هذا
 /ʾabadan... **lan yaḥduṭu** šayun min hādā/
 nunca... **não acontece.**_{Imp.3ª.m.s.} algo de isso
 Nunca... nada disso **acontecerá.**

A negativa geral da língua árabe é لا /lā/ ‘não’. Ela é empregada para negar os verbos na forma imperfectiva, sem que ocorra nenhuma alteração semântica, como em (2.65a). Essa negativa só se emprega com o perfectivo nas orações negativas que indiquem desejo:

- (2.66) لا غفر الله ذنوبكم
 /lā ġafara llāhu ɖunūba -kum/
 não perdoou._{pf.3ª.m.s.} Deus pecados -de vocês.
 Que Deus não perdoe seus pecados.

Em (2.65b e c), a associação das partículas negativas لم /lam/ e لن /lan/ com o imperfectivo indicará a negação do passado e do futuro, respectivamente. A primeira ocorre somente diante da forma imperfectiva jussiva المضارع المجزوم /almuḏāri^c almajzum/ e é o meio mais comum de negar o tempo passado do verbo no APM. Holes (2004, p. 239) observa que nos dialetos ela normalmente não é usada, exceto quando há um esforço consciente para se falar “corretamente”.

A negativa do futuro لن /lan/ combina-se com a forma imperfectiva regendo-a no modo “subjuntivo” المضارع المنصوب /almuḏāri^c almanṣūb/. Holes considera que o valor advindo desta combinação funciona como um futuro negativo enfático, às vezes com conotação volitiva, como na negação لن يقبل ذلك /lan yaqbala ḍalika/ ‘ele nunca (nem em um milhão de anos!) aceitará isso’, que sugere uma forte certeza do enunciador. Assim como a negativa لم /lam/ esta partícula é típica dos contextos escritos.

No árabe clássico, a forma imperfectiva também era negada com a partícula ما /mā/, indicando uma ação contemporânea ao momento da fala. Em contrapartida, a negativa لا /lā/ atribuía à oração uma interpretação de habitualidade ou ação futura:

(2.67) ما يضرب		لا يضرب
/mā yaḍribu/		/lā yaḍribu/
não bate. _{imp.3ª.m.s.}	x	não bate. _{imp.3ª.m.s.}
Ele não está batendo (agora).		Ele não bate (geralmente)

A partícula ما /mā/ também era empregada com a forma imperfectiva na indicação de tempo passado, com mais frequência, em 1ª pessoa para, provavelmente, expressar um comprometimento do enunciador com a verdade da negativa da proposição. Em discursos em 3ª pessoa, onde o falante/escritor não tinha comprometimento ou certeza da verdade da proposição, a negativa mais usada era لم /lam/. No APM essas distinções já não existem e لا /lā/ nega o imperfectivo, seja para indicar o tempo presente ou o aspecto habitual; para negar o passado, a negativa majoritária é لم /lam/ em qualquer pessoa. A frequência de ما /mā/ diminuiu muito, e com a forma imperfectiva somente ocorre com verbos estativos, predominantemente, de cognição e emoção: “acreditar”, “saber”, “suspeitar”, “achar”,

“gostar”, com maior frequência na 1ª pessoa, supõe-se, para indicar o comprometimento com a proposição negativa.

Holes especula o porquê da diminuição do uso da negativa ما /mā/ como partícula de negação no APM e apresenta sua hipótese:

“Historicamente *mā* tornou-se, e continua até hoje, o meio normal de negar o verbo, seja o radical-p [prefixado] ou radical-s [sufixado], em todos os dialetos, enquanto que a “interrogativa” *mā*, que os dialetos também herdaram do AC [árabe clássico], já desapareceu quase completamente. Como consequência desse rearranjo, a negativa *mā*, que foi uma parte plenamente funcional do sistema negativo do AC, parece ter se tornado vista como “incorreta” e foi marginalizada no APM contemporâneo, enquanto que a interrogativa *mā*, que desapareceu dos dialetos, foi vista como “correta” e sobreviveu no APM.¹²⁵ (HOLES, 2004, p. 240)

Bahloul interpreta que as partículas negativas que podem ocorrer com o imperfectivo são morfologicamente complexas, formadas por dois elementos que expressam negação e temporalidade, como pode ser visto na adaptação do quadro seguinte:

Negação	Tempo	Interpretação
LA لا	A لا (presente)	لا أدرس /lā 'adrusu/ ‘não estudo’
LA لا	M لم (passado)	لم أدرس /lam 'adrus/ ‘não estudei’
LA لا	N لن (futuro)	لن أدرس /lan 'adrusa/ ‘não estudarei’

Quadro 16: A estrutura das negativas.

Depreende-se que as partículas negativas são uma combinação de لا, a negativa propriamente dita, mais um segundo elemento, لا، لم ou لن, portador de conteúdo temporal, como visto no quadro acima.

2.6 O PARTICÍPIO ATIVO

Outro elemento, frequentemente referido como atuante na indicação temporal do sistema verbal árabe é o اسم الفاعل /'ismu lfā'īl/ ‘nome de agente’, responsável pelo evento expresso pelo verbo. Corresponde, em português, ao particípio ativo (PA) que alguns verbos apresentam.¹²⁶

¹²⁵ Historically *ma*: became, and remains to this Day, the normal means of negating the verb, whether *p*-stem or *s*-stem, in all the spoken dialects, whereas “interrogative” *ma*:, which the dialects also inherited from CLA, has almost completely disappeared from them. As a consequence of this rearrangement, negative *ma*:, which had been a fully functioning part of the CLA negative system, seems to have become tainted as “incorrect” and has been marginalized in contemporary MSA, whereas interrogative *ma*:, which dropped out of the dialects, was seen as “correct” and has survived in MSA. (HOLES, 2004, p. 240)

¹²⁶ Para toda forma verbal árabe há um *particípio ativo*, que nem sempre terá uma tradução de um nome correspondente biunívoco, pois nem todo verbo, no português, tem um nome de agente (olhar/*olhador). Em tais situações, deve-se recorrer a expressões como “aquele que olha”, em uma tradução literal.

كاتب /kātib/ (de كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’) → lit. ‘aquele que escreve’, ‘escritor/escrivente/escrivão’

نائِم /nā'im/ (de نَامَ /nāma/ ‘dormir’) → ‘aquele que dorme’

A forma pelo qual o PA é representado em árabe – فاعل /fā'il/ – é a derivada dos verbos de três letras, no entanto, ela também é empregada na referência aos PAs dos verbos derivados que, como consequência de sua estrutura morfológica mais complexa, não apresentam o mesmo padrão morfológico.

Paradigma	Formas verbais	Particípio Ativo	Exemplos
I	فَعَلَ	فَاعِلٌ /fā'il/	كاتب /kātib/ escritor
II	فَعَّلَ	مُفَاعِّلٌ /mufa ^{cc} il/	مُعَلِّمٌ /mu ^c allim/ mestre
III	فَاعَلَ	مُفَاعِّلٌ /mufa ^c il/	مُساعد /musā'id/ ajudante
IV	أَفْعَلَ	مُفْعِّلٌ /muf ^c il/	مُقبِلٌ /muqbil/ vindouro
V	تَفَعَّلَ	مُتَفَاعِّلٌ /mutafa ^{cc} il/	مُتَعَلِّمٌ /muta ^c allim/ educado
VI	تَفَاعَلَ	مُفَاعِّلٌ /mufa ^c il/	مُصارِعٌ /muṣārī ^c / lutador
VII	انْفَعَلَ	مُنْفَعِّلٌ /munfa ^c il/	مُنْتَصِرٌ /muntaṣir/ vitorioso
VIII	اِفْتَعَلَ	مُفْتَعِّلٌ /mufta ^c il/	مُكتَشِفٌ /muktaṣifun/ descobridor
IX	أَفْعَلَ	مُفْعِّلٌ /muf ^c all/	مُضْطَرٌّ /muḍṭarrun/ obrigado
X	اِسْتَفْعَلَ	مُسْتَفْعِلٌ /mustafa ^c il/	مُسْتَقْبِلٌ /mustaqbilun/ recebedor

Quadro 17 – Particípio ativo.

Embora os particípios correspondentes aos verbos derivados apresentem formas distintas, elas são previsíveis de acordo com a derivação do verbo do qual se originam, como e, vê-se do quadro que o verbo كتب /kataba/ ‘escrever’, da forma I, terá como modelo de formação do PA فاعل – كاتب /kātib/ ‘aquele que escreve/escritor’; mas درّس /darrasa/, da forma II, será formado como مفعّل /mufa^{cc}il/ - مدرّس /mudarris/ ‘aquele que ensina/professor’.

O PA (assim como o ‘nome de paciente – seu correspondente passivo) exerce muitos tipos de funções gramaticais:

- (2.68) a وأرخی جسده الناعس على الفراش
 /wa-'arḥà jasada-hu nnā'isa 'alà Ifirāši/
 e -jogou.pf.3^a.m.s. corpo-dele **sonolento** sobre a-cama
 e jogou seu corpo **sonolento** sobre a cama
- b تطرح حبوب النفتالين عليها وعلى باقي السجّادات
 /taṭraḥu ḥubūba nnaftālīni 'alay-hā wa-'alà bāqī ssajjādāti/
 joga.3^a.imp.f.s. grãos a-naftalina sobre-ela e -sobre **resto** o-tapetes
 ela jogava bolinhas de naftalina sobre ele e sobre o **resto** dos tapetes
- c ينزل الدرجات أخذاً وقتاً
 /yanzilu ddarajāti 'āḥīdan waqtan/
 desce.Imp.3^a.m.s. o-degraus **que leva** tempo.
 ele desce os degraus **levando** um tempo

Os exemplos de (2.68a-c), respectivamente, identificam-no como um termo descritivo (um adjetivo), um substantivo e um verbo, que, no contexto, pode-se traduzir para o português por uma forma no *gerúndio*.

De um lado, a sua natureza e expressão nominal (ao aceitar atributos exclusivamente nominais como o artigo e a nunação¹²⁷) e, por outro, seus valores e funções ligados ao verbo, dividiram os primeiros gramáticos das duas escolas tradicionais de Bašra e Kūfa. Assamarrā'ī (1983) assinala que para a escola de Bašra ele era mais nominal e para a escola de Kūfa, mais verbal.

No século XIII, o gramático egípcio da escola de Bašra, Ibn 'Aqīl (1980) assinala que o PA pode estar ou não acompanhado do artigo (ال /al-/). Quando não estiver determinado, terá a mesma função do verbo do qual provém, isto é, de nominativo (caso marcado com /u/ /ḍamma/) ou de acusativo (/a/ /fatḥa/); e poderá indicar o futuro ou o presente como exemplifica com هذا ضارب زيدا الآن أو غدا /haḍā ḍāribun zaydan l'āna 'aw ḡadan/ 'este golpeia Zaid agora ou (golpeará) amanhã'. E justifica que é "por causa do verbo /almuḍāri' / de mesmo significado [de onde provém], e que é correspondente a ele no uso da vogal breve ou não uso, sendo /ḍārib/ par de /yaḍrib/, pois se assemelha a ele em pronúncia e significado"¹²⁸ (Ibn 'Aqīl, 1980, p. 102). Se a indicação do PA for de tempo passado, ele deixa de ser semelhante a /almuḍāri' / (o imperfectivo), e, embora retenha o seu significado, não conserva a pronúncia (لفظ /lafḍ/), isto é, não se declina como /yaf'alu/, e deixa, conseqüentemente, de reger o nome seguinte em acusativo e não pode receber nunação, – embora também não possa estar prefixado do artigo: *هذا ضارب زيدا أمس /*haḍā ḍāribun zaydan 'amsī/. Ao contrário, deve-se dizer: /haḍā ḍāribu zaydin 'amsī/ 'este é quem golpeou Zaid ontem'. Assim, na indicação de passado, o gramático de Bašra prescreve que ele deve reger a próxima palavra em genitivo (/muḍāf/).

Assamarrā'ī (1983, p. 35) e Hassan (1990, p. 109) consideram que a explicação de Ibn 'Aqīl quanto ao emprego do PA indica que os gramáticos de Bašra não estabeleciam entre essa forma e as verbais uma ligação de um evento associado a um tempo. Ao contrário, eles escolheram equipará-los na base da semelhança formal em termos de /ḥarakāt wa-sakanāt/, e para eles /yaf'alu/ só se assemelha ao nome porque os dois são declináveis, isto é, se flexionam

¹²⁷ O termo *nunação* ou *tanwin*, em árabe تنوين /tanwīn/, provém do som /n/ no final dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios), indicador de que ele está indeterminado. O som /n/ não é representado, na escrita, pela letra ن /nūn/, mas sim pelo dobramento da vogal de caso: كِتَابٌ /kitābun/ nominativo, كِتَابًا /kitāban/ acusativo, كِتَابٍ /kitābin/ genitivo 'um livro'.

¹²⁸ وإنما عمل لجريانه على الفعل الذي هو بمعناه وهو المضارع ومعنى جريانه عليه أنه موافق له في الحركات والسكنات لموافقة ضارب ل wa-'inamā 'amala li-jarayānihi 'alā lfi'li llaḍī huwa bi-ma'nāhi wa-huwa lmuḍāri' wa-ma'anā jarayānihi 'alayhi 'annahu muwāfiqū lahu fī lḥarakāti wa-ssakanāti li-muāfaqati ḍāribu li-yadribu fahuwa mušbiḥu li-lfi'li llaḍī huwa bi-ma'anāhi lafiḍan wa-ma'ana... (Ibn 'Aqīl, 1980, p. 102)

para receber as vogais breves الحركات /alḥarakāt/ ou não السكّنات /assakanāt/ (como é o caso do /almuḍārī^c almajzūm/, que, na sua flexão, perde a vogal final, ficando quiescente, sem /ḥarakat/ ‘movimento’).

Como o nome /fā^cil/ assemelha-se a /yaf^cal/, porque ambos são passíveis de declinarem-se, não há semelhança entre PA e o verbo na forma perfectiva /fa^cal/, que não se flexiona como o nome. Os gramáticos antigos recomendaram, então, que, na indicação do passado, o nome de agente não deve reger em acusativo o nome seguinte, mas sim, que ele seja /almuḍāf/, regente em genitivo.

Na prescrição sobre a regência do PA, os gramáticos de Kūfa fazem uma recomendação muito similar à feita por Ibn ^cAqīl. Assamarrā’ī (1983, p. 35) observa que, apesar das mesmas indicações quanto ao uso, eles não procuraram justificá-lo alegando a semelhança entre ele e /yaf^cal/, mas apoiavam-se no que liam (القراءات /alqirā’āt/ ‘a leitura atenta’), no livro sagrado, Alcorão, – e ouviam (السماع /assamā^c/ ‘ouvir’)¹²⁹ no discurso dos árabes eruditos. Seu valor temporal para esta escola fica claro pelo fato de terem-no incluído dentre as formas verbais. Henri Fleisch (1990, p. 206) refere que, segundo o gramático do século X, Assirāfī, os adeptos da Escola de Kūfa inseriram-no no sistema verbal como فِعْلٌ دَائِمٌ /fi^cl dā’im/ ‘verbo permansivo’, na designação do presente, para compor a tripartição do tempo a par de ماضٍ /māḍ/ ‘passado’ e مستقبل /mustaqbal/ ‘futuro’.

Enquanto que os gramáticos antigos se preocuparam em prescrever a correta utilização do PA nas sentenças como regente (em acusativo ou genitivo), tentando posicioná-lo dentre as classes de palavras, os pesquisadores modernos da língua, procuram descobrir seu correto valor dentre as formas verbais árabes, e trabalhos recentes têm sido empreendidos, inclusive, no sentido de analisar sua ocorrência no árabe falado¹³⁰, onde seu uso com força verbal é mais comum do que na vertente escrita da língua.

Holes (2004, p. 220) inclui o participio dentre as formas que têm função verbal em árabe, e que ele, assim como o perfectivo e imperfectivo, não tem nenhuma indicação intrínseca de tempo, tirando a sua “coloração temporal” do contexto. O relevante desta forma é a natureza própria do verbo do qual deriva, isto é, a *Aktionsart*. Verbos dinâmicos tem frequentemente um significado futuro, com relação ao momento da fala; enquanto que verbos estáticos, via de regra, indicam uma situação simultânea à fala.

¹²⁹ السماع /assamā^c/ ‘tradição oral’. /Assamā^c/ foi um método linguístico utilizado por alguns gramáticos antigos que consistia no ato de ouvir a língua árabe clássica falada pelas pessoas eruditas. Cf. CORTÉS, 1996.

¹³⁰ BRUSTAD (2000), EISELE (1999), CUVALAY-HAAK (1997).

Verbo dinâmico

- (2.69) الحرب واقع لا محال
/alḥarbu wāqiʿa lā maḥāla/
a-guerra **ocorrente**.PA. inevitavelmente
Inevitavelmente a guerra **vai acontecer**.

Verbo estático

- (2.70) إني مصدّقك
/ʾinn -ī muṣaddiqu -ka/
ʾinn -eu **o que acredita**.PA. -você
Eu **acredito** em você.

O autor admite que, nos dois casos, a forma imperfectiva (precedida da partícula de futuro, no primeiro) pode substituir o PA, porém, na frase com verbo estático, o perfectivo também pode ser empregado. Na ausência de algum marcador adverbial, com verbos dinâmicos, somente o imperfectivo poderá substituí-lo, neste caso, com leitura de tempo presente e de tempo futuro.

Haywood e Nahmad (1993, p. 137), para além do seu valor como substantivo, mencionam que, quando o PA tem força verbal – assim como recomendado pelos gramáticos antigos –, pode manter a nunação e, conseqüentemente sem artigo, levará o termo seguinte para o acusativo: أنا كاتبٌ كتاباً /ʾanā kātibun kitāban/ ‘eu escrevo (lit. sou o escritor de) um livro’. Precedido de كان indica o passado contínuo, (como o pretérito imperfeito do português), e com يكون, o futuro, podendo ser, em ambos os casos, substituído pelo imperfectivo, como exemplificam¹³¹:

- (2.71) a كان خارجاً من بيته
/kāna ḥārijan min bayti -hi/
estava.pf.3ª.m.s. **o que sai**.PA. de casa -dele
Estava saindo/saía de sua casa.
- b كان يخرج من بيته
/kāna yaḥruju min bayti -hi/
estava.pf.3ª.m.s. **sai**.Imp.3ª.m.s. de casa -dele
Estava saindo/saía de sua casa.
- c يكون نازلاً عندي
/yakūnu nāzilan ʿind -ī/
está.Imp.3ª.m.s. **hóspede** em -de mim
Ele **se hospedará** comigo/em minha casa.

¹³¹ Hassan (1990, p. 163) não reconhece o uso (/yakūn yafʿal/) de (2.71d) como sendo uma forma árabe correta: “Sabe-se que o árabe não tolera a combinação consecutiva de verbos na forma presente em afirmativas”. Ele se baseia no Alcorão, que não apresenta nenhum exemplo deste uso temporal no árabe clássico que, em termos de formas verbais, permanece quase inalterado com relação ao APM.

d يكون ينزل عندي

/yakūnu yanzilu °ind -ī/
 está.Imp.3ª.m.s. hospeda-se.Imp.3ª.m.s. em -de mim
 Ele se hospedará comigo/em minha casa.

Assamarrā'ī (1982, p. 43) avalia ser certo que se inclua o PA na classe dos verbos, pois indica evento, além de se declinar para indicar um tempo determinado e conhecido que se deduz pelo contexto. Essa característica faz com que ele se assemelhe às formas imperfectivas, cuja informação temporal é depreendida do contexto em que se inserem as unidades. Apesar de ele dizer que o nome de agente pode funcionar verbalmente em algumas situações, não indica quais, e não considera que em construções do tipo /zaydun qā'imun wa-'amrun ḡāḥikun/ 'Zaid está de pé e Amr está rindo' ele tenha valor verbal, indicando continuidade do evento. Ele argumenta que são predicados de orações nominais que sempre indicam estaticidade, imutabilidade, não aceitando تجدد /tajaddud/ 'renovação'.

Contrariando tal argumento, Eisele (1982, p. 43)¹³² ressalta que os participípios ativos em predicados nominais interagem com a referência temporal de uma maneira que os diferenciam de outros predicados nominais e até mesmo verbais, visto que estes restringem a seleção de alguns adverbiais:

(2.72) أنا في الجنة البارحة

/*'anā fī lǧannati lbāriḥa/
 *eu no o-paraíso o-ontem
 *eu (estou) no paraíso ontem

A agramaticalidade não ocorre em predicados de frases nominais com o PA, que podem estar associadas a qualquer outra referência temporal que não o presente. Na referência de tempo passado, Eisele denomina-o "resultativo", podendo ser usado com um adverbial explícito ou implícito: /'ana kātīb-lu -mbāriḥ/ lit. 'eu (sou) o escritor para ele ontem' = 'eu escrevi para ele ontem'. Na indicação de referência temporal futura, o A. propõe chamá-lo de "futate", que também pode ter um adverbial explícito ou implícito: /'ana misāfir bukra/ 'eu (estou) viajando amanhã', /'anā rā'iḥ faransa/ 'eu (estou) indo para a França'. Na indicação de passado, o PA resultativo é encontrado, geralmente, em verbos de *accomplishment* (processo culminado) ou *achievement* (culminação) que não sejam incoativos; e, na indicação de futuro, o *futate*, verifica-se com verbos de movimento.

¹³² Apesar de o trabalho de Eisele ser sobre o árabe coloquial egípcio, Johnstone (1987, p. 142 *apud* BRUSTAD, 2000, p. 182) observa que, no dialeto dessa área, a sintaxe do participípio ativo com força verbal não difere muito do APM, a não ser pelo fato de, na oralidade, seu uso ser mais comum do que na vertente escrita.

Al-Khafaji (1972) e Hassan (1990) consideram que essa forma deve entrar no sistema verbal árabe, mas assinalam que ela não transmite, por si só, nenhuma indicação temporal. Hassan aponta que o PA pode ser usado sozinho ou em combinação com /kāna/ para ajudar na formação do aspecto “continuativo estativo”, dependendo do valor semântico do verbo, como em /’aḥmad nā’im fī lǧurfa/ ‘Aḥmad está dormindo no quarto’. Se o verbo indicar ação, evento, processo, percepção ou sensação, o autor considera incorreto o uso do PA, e prescreve o uso do imperfectivo para indicar a progressividade, que ele propõe chamar de “continuidade dinâmica”, como em /’aḥmad yaktubu risālatan/ ‘Aḥmad está escrevendo uma carta’, ao invés da errônea /*’aḥmad kātibun risālatan/¹³³. Consequentemente, o autor desaconselha o uso de verbos que indicam *continuidade estativa* na forma imperfectiva para indicar progressividade, como “dormir”, em /’aḥmad yanāmu fī sarīrihi/ ‘Aḥmad está dormindo em sua cama’, que é equivalente ao presente simples com o significado de habitualidade ‘Aḥmad (geralmente) dorme em sua cama’.

Al-Khafaji (1972, p. 513 et seq.) refere que o PA, quando usado verbalmente, assim como o particípio passivo مفعول /mafʿūl/, são os únicos indicadores de simultaneidade com um ponto de referência ou com outra ação/estado – se algum for mencionado na sentença –, que se sobrepõem:

- (2.73) a هو سيكون نائماً ليلاً
 /huwa sa -yakūnu nā’iman laylan/
 Ele SA-está.Imp.3ª.m.s. aquele que dorme à noite
 Ele estará dormindo à noite.
- b كان نائماً عندما دخلت
 /kāna nā’iman ʿindamā daḡaltu/
 estava.Pr.3ª.m.s. aquele que dorme quando entrei.Pr.1ª.s.
 Ele estava dormindo quando eu entrei.

Em (2.73a) há simultaneidade no momento futuro entre o estado de “dormir” e o tempo depois do momento da fala, já em (2.73b) a simultaneidade é no passado representada por كان /kāna/ ‘estar’ e دخل /daḡala/ ‘entrar’.

Cuvalay-Haak (1997, p. 171-4) assinala que tanto no árabe clássico como no APM, quando indefinidos na função predicativa, os PAs podem ser tratados sintaticamente como semiverbos, dada a sua habilidade de tomar um segundo argumento no caso acusativo, que representa um objeto direto, como no exemplo /fa-hal ’antum sāmiʿūna ṣuraḡanā?/ ‘vocês

¹³³ HASSAN, 1990, p. 131.

ouvirão o nosso choro?’. A autora considera que a interpretação aspectual dos PAs está relacionada à *Aktionsart* do estado de coisas que eles descrevem, e exemplifica:

prospectivo	progressivo	perfeito
أنا راجع إليهم /ʾanā rājiʿun ʾilay -him/ eu o que volta para -eles eu estou prestes a voltar para eles	رآه باكيا /raʾāhu bākiyan / viu.pf.3 ^a .m.s. o que chora ele o viu chorando	فإذا هو قائم يُصَلِّي /fa -ʾida huwa qāʾimun yuṣallī/ e -então ele que está de pé ora.Imp.3 ^a .m.s. e ele já estava de pé e orando

A autora assinala, ainda, que o PA pode se referir a um estado não relacionado a um evento anterior, simultâneo ou posterior, assim como, às vezes, induz a uma conotação de certeza, especialmente na referência de futuro, ocorrendo frequentemente depois da marca pré-verbal لا /la-/:

- (2.74) a إِنَّ اللَّهَ قَادِرٌ عَلَى أَنْ يُنْزِلَ آيَةً
/ʾinna llāhu qādirun ʿalā ʾan yunazzila ʾaiyātan/
ʾINNA o-Deus aquele que é capaz a que envia.pf.3^a.m.s. sinal
Certamente Deus é capaz de enviar um sinal.
- b إِنَّا لَدَانِقُونَ
/ʾin-na la -dāʾiqūna/
ʾIN-nós LA -aqueles que experimentam
Certamente nós experimentaremos (o doloroso castigo).

Brustad (2000, p. 171) também considera a *Aktionsart* do verbo na indicação aspectual do PA, de acordo com o resumo no quadro abaixo:

	TÉLICO	ATÉLICO
estado/movimento	estado resultante	progressivo
ação	estado resultante	—

Quadro 18 – O aspecto lexical e o particípio ativo (BRUSTAD, 2000, p. 171)

A leitura do quadro indica que, de acordo com o significado lexical do verbo, no contexto em que ocorrer, a noção aspectual pode ser de estado resultante (aspecto perfeito), com verbo télico; ou progressiva, se o verbo for de estado ou movimento.

Como mostrado, o PA tem sido tema de discussões desde os períodos mais antigos da linguística árabe. As pesquisas recentes apontam que na vertente em análise neste trabalho, o APM, seu uso não é expressivo. A baixa frequência no *corpus* ora analisado, então, está em conformidade com os argumentos dos autores que o investigaram de que seu uso é mais frequente na modalidade falada da língua.

Apesar de ser em si mesma uma forma indiferenciada quanto à indicação de tempo e aspecto, a ideia de que ela deva ser inserida dentro do sistema verbal árabe não é incoerente, visto a capacidade que tem, assim como as formas perfectiva e imperfectiva, de

desempenhar papel considerável na determinação dos valores aspecto-temporais veiculados por ela em função do predicado e do seu valor semântico.

2.7 OS VERBOS DERIVADOS

Como já apontado anteriormente, a maioria dos verbos árabes são trilíteros, isto é, são formados das três letras radicais. A partir desse verbo trilítero primitivo, *أَلْفَعَلَ الْمُجَرَّدُ* /alfi^l lmuja^{rrad}/ lit. ‘o verbo nu’, é possível formar novos verbos denominados *أَلْفَعَلَ الْمَزِيدُ* /alfi^l lma^{zīd}/ lit. ‘o verbo acrescido’. Este acréscimo consiste da prefixação ou infixação de certos elementos à raiz verbal, que implica, via de regra, alguma alteração no significado da forma primitiva. Semelhante processo ocorre no português, quando há a prefixação de *re-* ao verbo e ele passa a significar fazer de novo o que se expressa: reorganizar, rever. Assim, no árabe, por exemplo, a palavra *قَسَمَ* /qasama/ ‘dividir’, com os “acréscimos” ficará *إِنْقَسَمَ*, *بَقَسَمَ*, *تَقَسَمَ* e *اِسْتَقَسَمَ*, que significam, respectivamente, “distribuir”, “estar dividido”, “repartir-se”, “ser dividido” e “pedir a distribuição”, todos ligados à ideia primitiva de “dividir”.

Os gramáticos ocidentais representam os verbos derivados com numerais romanos: forma I, forma II etc.; os gramáticos árabes empregam as letras do verbo *فَعَلَ* /fa^cal/, sem nenhuma ligação com seu valor semântico de “fazer”, para ilustrar todas as possibilidades de formas derivadas existentes.

I	فَعَلَ	/fa ^c ala/	VI	تَفَاعَلَ	/tafa ^c ala/	XI	إِفْعَالَ	/if ^c āla/
II	فَعَّلَ	/fa ^{cc} ala/	VII	اِنْفَعَلَ	/infa ^c ala/	XII	اِفْعَوْعَلَ	/if ^c aw ^c ala/
III	فَاعَلَ	/fa ^c ala/	VIII	اِفْعَلَّ	/ifta ^c ala/	XIII	اِفْعَوَّلَ	/if ^c awwala/
IV	أَفْعَلَ	/ʾafa ^c ala/	IX	اِفْعَلَّ	/ʾif ^c alla/	XIV	اِفْعَلَّلَ	/if ^c anlala/
V	تَفَعَّلَ	/tafa ^{cc} ala/	X	اِسْتَفْعَلَ	/ista ^c ala/	XV	اِفْعَلَّلَى	/if ^c anlā/

Quando 19 – Formas derivadas

O quadro apresenta as quinze formas derivadas da raiz trilítera. No APM, no entanto, apenas dez são utilizadas. Devido às mudanças naturais da língua, as formas XI à XV tornaram-se desusadas, e somente são encontradas em poesia ou textos arcaicos.

Como pode ser observado nos verbos listados, além das letras radicais, o verbo derivado apresenta os acréscimos de و, س, ن, ت, ا, ع ou alguma radical duplicada. Geralmente, cada forma de derivação está associada a algum significado específico (tentar fazer a ação expressa pelo verbo do qual deriva, tornar o verbo passivo, fazer algo com alguém, repetir a ação, etc.), porém este princípio não se observa o tempo todo, e a relação entre o verbo e os paradigmas derivacionais não é facilmente depreendida. A junção do paradigma associada a

diferentes tipos semânticos de raiz produzirá efeitos diversos, além do fato de que os paradigmas podem ter mais de um significado ligado a eles, ou o uso pode propiciar leituras diversas para uma determinada derivação. É relevante que o significado de cada forma seja verificado no dicionário, visto que, além do já apontado, há verbos derivados que não se relacionam semanticamente com a forma I da qual provêm, como por exemplo, verbos provenientes de algum elemento elocucional em certas frases estereotipadas, como سَلِّمْ /sallama/ ‘cumprimentar’, dizendo السَّلَامُ عَلَيْكُمْ /assalāmu ‘alaykum/ ‘a paz esteja com você’.¹³⁴

Apesar de, a princípio, de acordo com o significado, as formas primitivas poderem aceitar algumas derivações, nem todas existem para todas as raízes, e, geralmente, uma forma primitiva tem uma ou duas formas derivadas pelo menos. O próprio verbo فَعَّلَ /fa‘ala/ ‘fazer’, usado como modelo de todas as possibilidades de derivação, não possui todas as formas¹³⁵.

Visto que nem todas as mudanças semânticas advindas da derivação envolvem distinções aspectuais, neste trabalho, não serão referidos exhaustivamente todos os valores das formas derivadas. Dentre as pesquisas estudadas, que abordaram as formas derivadas, a análise de Cuvalay-Haak (1997) foi a mais expressiva no que toca ao tema aqui proposto, tendo orientado parte expressiva das observações do que segue.

2.7.1 Forma I – فَعَّلَ /fa‘ala/

A forma I é a base da morfologia derivacional árabe. Constitui-se da raiz e da intercalação das vogais breves entre as suas consoantes, que, como já visto, pode ter a sequência *a-a* كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’, *a-i* شَرِبَ /šariba/ ‘beber’ e *a-u* جَمَدَ /jamuda/ ‘congelar-se’, na forma perfectiva. A vogal da segunda letra radical da forma imperfectiva também não é morfológicamente previsível. Muitas teorias a respeito das vogais nesta posição têm sido traçadas nos manuais de estudo dos verbos, mas, como conclui Cuvalay-Haak (1997, p. 96) “Parece que nem a diferença entre /fa‘il/ e /fa‘ul/, e nem a diferença entre /fa‘il/, /fa‘ul/ e /fa‘al/, pode ser descrita conclusivamente”.¹³⁶

Se não é possível que se associe o verbo trilítero primitivo a nenhuma classe verbal específica, no entanto, deve-se assinalar que os verbos que têm a sequência *a-u* no perfectivo, geralmente, denotam estados de ser, possessão ou aquisição, ou aumento de uma

¹³⁴ Cf. CUVALAY-HAAK, 1997, p. 100.

¹³⁵ O verbo فَعَّلَ apresenta as formas II, VI, VII e VIII.

¹³⁶ *It seems that neither the difference between faeíl and faeul, nor the difference between faeíl/faeul and faeal, can be described conclusively.* (CUVALAY-HAAK, op. cit., p. 96)

certa qualidade. A *Aktionsart* desses verbos indica estado ou entrada no estado (aspecto inceptivo):

يجمد – جمد /jamuda – yajmudu/ ‘congelar-se, solidificar-se’

يكبر – كبر /kabura – yakburu/ ‘ser/tornar-se grande/velho, envelhecer’

2.7.2 Forma II – فَعَّلَ /fa^{cc}ala/

O paradigma II atribui uma série de características variadas à forma primitiva,¹³⁷ muitas das quais de relevante teor aspectual.

Cuvalay-Haak (1997, p. 99), citando Al-Qahtani (1988), observa que as diversas características da forma II são devidas aos diferentes valores semânticos da forma I. Assim, *i*) se o verbo primitivo for monovalente¹³⁸, resultará uma forma derivada, frequentemente, factitiva bivalente: سمن /samina/ ‘ser/tornar-ser gordo’ → سَمَّنَ /sammana/ ‘engordar/tornar (alguém/um animal) gordo’; *ii*) se o verbo for bivalente, a forma derivada poderá ser *a*) um verbo causativo trivalente: سمع /sami^ca/ ‘ouvir algo’ → سَمَّعَ /samma^ca/ ‘fazer/deixar alguém ouvir algo’, ou *b*) transmitir o mesmo significado, com mais intensidade ou repetição: قطع /qaṭa^ca/ ‘cortar algo’ → قَطَّعَ /qaṭṭa^ca/ ‘cortar algo em pedaços’; *iii*) com verbos monovalentes ou bivalentes indica pluralidade do primeiro e segundo argumentos, respectivamente: *a*) monovalente: برك الجمال /baraka ljamalu/ ‘o camelo ajoelhou-se’ → بَرَّكَ النعم /barraka nna^camu/ ‘todo o rebanho (de camelos) ajoelhou-se’, bivalente: قتل /qatala/ ‘matar alguém’ → قَتَّلَ /qattala/ ‘fazer uma matança, matar muitos’.

Percebe-se do lido acima que esta forma de derivação pode gramaticalizar algumas distinções aspectuais sem a necessidade de que tais noções sejam advindas do contexto como no português. Abaixo segue um exemplo:

- (2.75) a قَتَلَ رَجُلًا
/qatala rajulan/
matou._{pf.3^a.m.s.} homem
Ele matou um homem.
- b قَتَّلَ رَجُلًا
/qattala rijālan/

¹³⁷ A forma II, nem sempre é oriunda de um verbo da forma I, pelo menos sincronicamente não é possível associá-la a um verbo, mas sim a um nome, como قَشَرَ /qišr/ ‘pele’ → قَشَّرَ /qaššara/ ‘tirar a pele de alguém’, ou um ato elocutório como o caso já apontado supra do verbo ‘saudar alguém dizendo “a paz esteja com você”’. (Cf. CUVALAY-HAACK, 1997, p. 99)

¹³⁸ O conceito de valência é atribuído ao francês Lucien Tesnière (1959). Esta teoria estuda as relações de dependência no interior da frase. Resumidamente, o verbo é considerado o centro da frase em torno do qual se posicionam os argumentos que ele seleciona. De acordo com o número de elementos que ele rege, classifica-se em *avalente*, *monovalente*, *bivalente* e *trivalente* (Cf. BUSSE, W. e VILELA, M. *Gramática de valências*. São Paulo: Educ, 1986.).

matou._{pf.3^a.m.s.} homens/
Ele matou muitos homens.

A noção de pontualidade da tradução de (2.75a) advém da combinação da *Aktionsart* télica do verbo “matar” e da forma pretérita, que habitualmente codifica o aspecto perfectivo; já o sentido de iteratividade da tradução de (2.75b) só é percebido pela presença do objeto direto plural que não delimita o evento, tornando-o atético, e que possibilita a leitura de um processo que se repete. Essa leitura, na frase árabe, é veiculada pela forma derivacional que, por si só, marca a multiplicidade de ocorrência do evento. Assim, a noção de repetição das situações expressas pelos verbos árabes como قَطَعَ /qaṭṭa‘a/ e قَتَلَ /qattala/ só é possível no português quando se recorre a construções como ‘cortar em pedaços’ e ‘matar muitos’, respectivamente.

2.7.3 Forma III – فاعل /fā‘ala/

As aplicações mais usuais deste paradigma a uma raiz não propicia uma mudança de alguma distinção aspectual, envolvendo, via de regra, duas interpretações. Uma de sentido conativo, isto é, pressupõe um esforço para realizar a ação expressa pelo verbo como قَتَلَ /qatala/ ‘matar’ → قَاتَلَ /qātala/ ‘tentar matar’ ou ‘lutar’, o próprio verbo ‘tentar’, em árabe, pertence a este paradigma حَاوَلَ /ḥāwala/. O outro sentido descreve atividades que envolvem dois seres humanos, um agente e um paciente: كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’ → كَاتَبَ /kātaba/ ‘escrever para’, ‘corresponder-se’, ‘trocar correspondência com’.

Alguns verbos não se encaixam nas interpretações acima e não têm, pelo menos aberta e sincronicamente, uma ligação com a forma primitiva, como سَافَرَ /sāfara/ ‘viajar’, cuja forma I significa ‘brilhar (a aurora), ou ‘revelar o rosto’ (a mulher).

2.7.4 Forma IV – أَفْعَلَ /‘af‘ala/

Além de propiciar uma leitura causativa, como كَتَبَ /kataba/ ‘escrever’ → أَكْتَبَ /‘aktaba/ ‘fazer alguém escrever algo’, esta forma também pode derivar de nomes com muitos diferentes significados, dentre eles, expressar a entrada em um estado (inceptividade), como, por exemplo, أَصْبَحَ /‘aṣbaḥa/ ‘ocorrer de manhã’, ‘tornar-se/ser manhã’ e أَوْرَقَ /‘awraqa/ ‘explodir/irromper em folhas’. Alguns verbos desta forma não se diferenciam em absoluto da sua primitiva correspondente, e apresentam um uso mais frequente que a mesma: como أَحَبَّ

/ʾaḥabba/ ‘gostar de/amar alguém’ da forma I حَبَّ /ḥabba/ ‘amar’, ‘gostar’, de menor ocorrência.

2.7.5 Forma V – تَفَعَّلَ /tafa^{cc}ala/

Muitos verbos da forma são reflexivos da II e, às vezes, têm um sentido passivo: عَلَّمَ /ʿallama/ ‘ensinar algo a alguém’ → تَعَلَّمَ /ta^callama/ (lit. ensinar-se) ‘aprender algo’, ‘estudar’, قَرَّرَ /qarrara/ ‘decidir’ → تَقَرَّرَ /taqarrara/ ‘estar/ser decidido’.

2.7.6 Forma VI – تَفَاعَلَ /tafā^cala/

A maioria dos verbos dessa forma são reflexivos da III, mas a VI, necessariamente, implica a existência de uma ação recíproca por parte dos participantes: وَاْفَقَ /wāfaqa/ forma III ‘estar de acordo com’ → تَوَاْفَقَ /tawāfaqa/ forma VI ‘entrar em acordo (um com o outro)’; como consequência dessa reciprocidade, o primeiro argumento desse verbo geralmente é um dual, plural ou coletivo.

Esse paradigma, por vezes, está ligado a uma forma I estativa de quem não se diferencia فَمَّ /faqama/ forma I = تَفَاْقَمَ /tafāqama/ forma VI, ambas as formas significam ‘ser ou tornar-se grave, crítico’. Em alguns verbos, atribui a noção de “pretensão”, “fingimento”: حَمَقَ /ḥamiqa/ḥamuqa/ ‘ser tonto/louco’ → تَحَاْمَقَ /taḥāmaqa/ ‘fazer-se de tonto/louco’, ‘aparentar loucura’.

Holes (2004, p. 103) menciona uma característica relevante dessa forma: a particularidade de alguns verbos indicarem uma ação contínua ou iterativa: سَقَطَ /saqaṭa/ ‘cair’ → تَسَاْقَطَ /tasāqaṭa/ ‘cair continuamente/pouco a pouco’ (p. ex., os frutos maduros, os mísseis, a chuva, as folhas); تَبَعَ /taba^ca/ ‘seguir’ → تَتَابَعَ /tatāba^ca/ ‘seguir um após o outro’.

2.7.7 Forma VII – اِنْفَعَلَ /infa^cala/

Os verbos da forma VII dão à forma I, da qual comumente derivam, um sentido reflexivo/passivo: فَتَحَ /fataḥa/ ‘abrir’ → اِنْفَتَحَ /infataḥa/ ‘abrir-se’, ‘estar aberto’. Holes (2004, p. 104) observa, ainda, um sentido desse paradigma sobre algumas raízes em que a atenção recai sobre o efeito de uma ação (efeito resultativo) sem que aponte a existência de algum agente causativo: كَشَفَ /kašafa/ ‘revelar’ → اِنكَشَفَ /inkašafa/ ‘revelar-se’, ‘vir à luz’.

2.7.8 Forma VIII – افعل /ifta^cala/

A forma VIII é derivada diretamente da I, e é a mais complexa quanto à significação. Na maioria das vezes, como as formas V e VII, tem um sentido reflexivo. Quando uma raiz deriva os dois paradigmas V e VIII, eles são sinônimos: forma I جمع /jama^ca/ ‘reunir’ → forma VIII اجتمع /ijtama^ca/ = forma V تَجَمَّع /tajamma^ca/ ‘reunir-se’. Apesar de ser derivada da I, muitos verbos não apresentam, aparentemente, nenhuma relação semântica com a sua primitiva: جَرَحَ /jaraḥa/ ‘ferir’ → اِجْتَرَحَ /ijtaraha/ ‘realizar’, ‘conseguir’. Por outro lado, muitas vezes, o valor da forma VIII é idêntico ao da I: يَسِمُ /basima/ = اِبْتَسَمَ /ibtasama/ ‘sorrir’. Alguns paradigmas desta forma descrevem mais atividades (processos) de um primeiro argumento do que situações completas: حَاطَ /ḥāṭa/ ‘guardar/proteger alguém ou algo’ → اِحْتَاطَ /ihtāṭa/ ‘tomar cuidado com alguém/ algo’.

2.7.9 Forma IX – افعل /if^calla/

É a forma de mais rara ocorrência, pois indica uma classe de verbos incoativos¹³⁹, que geralmente descrevem cores ou características físicas. Eisenstein (1990, *apud* CUVALAY-HAAK, 1997, p. 106) menciona que o árabe clássico tem um total de 103 verbos deste paradigma. Ele os classificou na base de seu conteúdo semântico, concluindo que cerca de metade de seu uso era na descrição de cores, significando “ser” ou “tornar-se negro/vermelho”, etc. (p. ex. اِحْمَرَّ /iḥmarra/ ‘tornar-se/ser vermelho’), em contexto específico de referência à descrição de partes do corpo ou os traços característicos de animais. Quanto aos verbos que descrevem defeitos físicos, Eisenstein identificou apenas sete paradigmas, como اِحْوَلَ /iḥwalla/ ‘ser vesgo’. Os demais verbos, segundo o autor, descrevem atividades, estados ou processos. Cuvalay-Haak aponta que estes verbos por ele identificados não mais ocorrem no APM.

2.7.10 Forma X – استفعل /istaf^cala/

O paradigma da forma X frequentemente tem o valor semântico ligado à forma IV, com a implicação de direção ou benefício para o primeiro argumento: forma I خبر /ḥabara/ ‘provar, conhecer (por experiência)’ → forma IV أَخْبَرَ /’aḥbara/ ‘informar, fazer saber’ → forma X اسْتَخْبَرَ /istaḥbara/ ‘pedir informação a alguém, inquirir’. Também pode estar ligada diretamente à forma I, e no caso de ser um verbo qualificativo, haverá o acréscimo de um

¹³⁹ Incoativo no sentido apontado por Castilho (1968, p. 67) “representa o começo da ação a que segue uma mudança de estado”.

valor estimativo (de considerar como): سَهْلٌ /sahula/ ‘ser fácil/plano’ → اسْتَسْهَلَ /istashala/ ‘considerar fácil/plano’. Alguns verbos são derivados de nomes, e indicam mudança de estado ou nomeação: رَجُلٌ /rajulun/ ‘homem’ → اسْتَرْجَلَ /istarjala/ ‘tornar-se homem’.

O descrito acima sobre as formas mais comuns de derivação verbal do APM, e que também é a mesma do árabe clássico, não pretendeu ser exaustiva. Muitos valores atribuídos às diversas formas de derivação não foram mencionados, mas apenas os mais comuns ou que estivessem ligados a certas alterações aspectuais. Vê-se que muitos valores não são ligados a questões aspectuais como tornar um verbo factitivo, causativo, recíproco dentre outros. No entanto, algumas alterações semânticas advindas da aplicação de alguns paradigmas a algumas raízes proporciona distinção aspectual, como é o caso do verbo قَطَعَ /qaṭa‘a/ ‘cortar’, que de pontual, ao receber o paradigma II, passa a iterativo, com a ideia de uma sequência de repetições da ação. Assim قَطَعَ /qaṭṭa‘a/ significando ‘cortar em pedaços’ pressupõe a interpretação de várias ações repetidas, implicando também a ideia do aumento de duração do processo.

Cabe lembrar, ainda, que se o conceito de *Aktionsart*, como pensado para as línguas eslavas, estiver ligado apenas a questões derivacionais, este exemplo do árabe o descreve bem.

A descrição do sistema verbal árabe apresentou muitos elementos que não são relevantes para o estudo de tempo e aspecto, como o pretendido nesta pesquisa. No entanto, devido à falta de trabalhos em língua portuguesa ou a pouca divulgação e disponibilidade de trabalhos em outras línguas no tratamento do assunto, optou-se por uma apresentação desse sistema de forma mais abrangente. Pelo mesmo motivo, começar esta parte com a revisão da literatura sobre o assunto não traria benefícios. Agora, após o esclarecimento de alguns tópicos de relevância, como sua morfologia, indicações semânticas e elementos que o compõe, serão apresentados alguns títulos sobre o tema.

3 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE TEMPO E ASPECTO DO VERBO ÁRABE

Os títulos discutidos a seguir representam apenas uma pequena mostra de numerosos outros sobre o assunto ora tratado. A questão central para os estudos do APM que se depreende dessas análises é se as formas verbais árabes têm a capacidade de expressar “tempo” ou “aspecto”? Serão apresentados cinco autores, defensores de uma ou outra hipótese, ou de ambas, conforme se vê na sequência. Alguns outros autores, muito citados ao longo da pesquisa, não constam da revisão abaixo, visto suas ideias já terem sido discutidas nas seções anteriores.

3.1 SIBAWAYHI

Sibawayhi foi discípulo da escola de Baṣra e, no século VIII, fez uma apresentação das estruturas sintáticas do árabe, de uma maneira sistemática, no primeiro livro que fixaria as regras da língua. Sua obra, intitulada الكتاب /alkitāb/ ‘O livro’ foi o modelo de que se serviram os gramáticos posteriores a ele. No entanto, no seu Alkitāb, ele não dispensou muito cuidado na determinação dos exatos valores das formas do verbo árabe, o que levou Al-Khafaji (1972, p. 408) a comentar: “é surpreendente descobrir o quão superficial e impreciso é o tratamento do tempo árabe”¹⁴⁰. O autor está se referindo à seguinte passagem:

Quanto ao verbo ele pertence às formas tiradas das expressões dos eventos dos nomes, formadas do que passou, do que será, mas ainda não aconteceu e do que é e ainda não parou de ser. Quanto ao que expressa o que passou há ذَهَبَ /dahaba/ ‘foi’, سَمِعَ /sami‘a/ ‘ouviu’, مَكَثَ /makuṭa/ ‘permaneceu’ e حُمِدَ /ḥumida/ ‘foi louvado’. Quanto à expressão do que [ainda] não ocorreu, é como se dissesse ordenando: أَذْهَبَ /dhab/ ‘vai (tu)’, /qtul/ ‘mata (tu)’, /ḡrib/ ‘golpeia (tu)’; e dissesse narrando: /yaqtulu/ ‘ele mata’, /yaḡhabu/ ‘ele vai’, /yadribu/ ‘ele bate’, /yuqtalu/ ‘ele é assassinado’ e /yuḡrabu/ ‘ele é golpeado’. Do mesmo modo é a construção do que não cessou e está existindo quando narras”. (SIBAWAYHI, Vol. I, p. 12)¹⁴¹

¹⁴⁰ *it is surprising to find how superficial and sketchy the treatment of Arabic tense is.* (AL-KHAFAJI, 1972, p. 408)

¹⁴¹ وَأَمَّا الْفِعْلُ فَأَمَثَلَهُ أَخَذْتُ مِنْ لَفْظِ أَحْدَاثِ الْأَسْمَاءِ، وَتَبَيَّنَتْ لَهَا مَضَى، وَلَمَّا يَكُونُ وَلَمْ يَكُنْ، وَمَا هُوَ كَائِنْ لَمْ يَنْقَطِعْ. فَأَمَّا بِنَاءُ مَا مَضَى فَذَهَبَ وَسَمِعَ وَمَكَثَ وَحُمِدَ. وَأَمَّا بِنَاءُ مَا لَمْ يَكُنْ فَإِنَّهُ قَوْلُكَ أَمْرًا: أَذْهَبَ وَأَقْتُلُ وَأَضْرِبُ، وَمَخْبَرًا: [يَقْتُلُ وَيَضْرِبُ وَيَقْتُلُ وَيَضْرِبُ]. وَكَذَلِكَ بِنَاءُ مَا لَمْ يَنْقَطِعْ وَهُوَ كَائِنْ إِذَا أَخْبَرْتَ.

/wa-‘ammā lfi‘lu fa-‘amṭilatun ‘uḡḡat min lafdi ‘aḡḡati l’asmā’i wa-buniyat limā maḡa wa-limmā yakūn wa-lam yaqa‘ wa-mā huwa kā’inun lam yanqati‘ fa-‘ammā binā’ mā maḡa fa-ḡahaba wa-sami‘a wa-makuṭa wa ḡumida wa-‘amma binā’ mā lam yaqa‘ fa-‘innahu qawluḡa ‘āmiran iḡhab wa-drib wa- muḡbiran yaqtulu wa-yadhabu wa-yadribu wa-yuqtalu wa-yuḡrabu wa-kaḡālīka binā’ mā lam yanqati‘ wa-huwa kā’in ‘iḡā ‘aḡbartā/ (SIBAWAYHI, Vol. I, p. 12).

A pouca precisão na fixação exata dos valores do verbo árabe fez com que suas palavras a respeito do assunto fossem interpretadas de maneiras diversas: alguns autores vêm na sua definição uma indicação temporal e outros, aspectual.

Henri Fleich (1990, p. 202) está dentre os que viram nas palavras de Sibawayhi uma indicação de que os verbos estão em conformidade com a configuração temporal: “Houve, claramente, a atribuição ao verbo dos três valores de tempo: passado (a 1ª), futuro (a 2ª), presente (a 3ª); e isto é simplesmente dito, como algo lógico que não precisa de explicação”.¹⁴²

Jahfa (2006, p. 46) também considera que Sibawayhi tenha atribuído valor temporal às formas verbais: “Sibawayhi menciona que os verbos expressam sentidos temporais: a) informa o que passou (o passado), b) informa o que é e não cessou (o presente), c) informa o que é, mas ainda não ocorreu (o futuro)”.¹⁴³

É fato que, após Alkitāb de Sibawayhi, os estudiosos das duas escolas, Baṣra e Kūfa, deram tratamento temporal às formas do verbo árabe, e com uma certa sistematicidade, nas gramáticas antigas, o verbo tem quase sempre a mesma conceituação: “إن الفعل ما دل على اقتران /inna lfi‘l mā dalla ‘alā ‘iqtirān ḥadaṭin bi-zamānin/ ‘o verbo é que indica uma conexão do evento com o tempo’ (JAḤFA, 2006, p. 46).

No entanto, na conceituação de Sibawayhi não aparece a palavra زَمَنٌ /zamanun/, termo árabe para designar “tempo” (tanto o linguístico, quanto o filosófico), e o próprio Jahfa reconhece que ele apresentou uma descrição das formas verbais não totalmente condizente com questões temporais:

Assim, as formas “temporais” para Sibawayhi são três: “fa‘al”, “yaf‘al” e “‘if‘al”, correspondendo a cada uma delas um valor temporal. No entanto, tais valores têm sido expressos por meio de termos, tais como: “o que passou”, “o que será”, “o que não ocorreu”, “o que é” e “o que não parou”. Mas o *passar*, o *existir*, o *ocorrer* e o *parar* não são homogêneos. Uns estão ligados ao tempo, outros ao ocorrido e outros à duração do evento.¹⁴⁴ (JAḤFA, 2006, 46-7).

¹⁴² On a là nettement l’attribution faite au verbe des trois valeurs temporelles: *passé* (la 1re), *futur* (la 2e), *présent* (la 3e); etc e ci est simplement énoncé, comme chose allant de soi, se passant de justification. (HENRI FLEICH, 1990, p. 202)

¹⁴³ يُورد سيبويه معان زمنية يعبر عنها الفعل: (أ) إفادة ما مضى (الماضي)، (ب) إفادة ما هو كائن لم ينقطع (الحاضر)، (ج) إفادة ما يكون ولم يقع (المستقبل) /yuridu sibawayhi ma‘ānin zamaniyyatin yu‘bbiru ‘anhā alfi‘l: a) ‘ifāda mā maḍā (almāḍī), b) ‘ifāda mā huwa kā’inun lam yanqaṭi‘ (alhāḍīr), j) ‘ifāda mā yakūnu wa-lam yaqa‘ (almustaḡbal) / (JAḤFA, 2006, p. 46)

¹⁴⁴ بهذا تكون الصيغ “الزمنية” عند سيبويه ثلاثاً: “فعل” و”يفعل” و”افعل”، وتقابل كل منها قيمة زمنية. غير أن هذه القيم يتم التعبير عنها بمصطلحات من قبيل “ما مضى”، و”ما يكون”، و”ما لم يقع”، و”ما هو كائن”، و”ما لم ينقطع”. ومصطلحات الماضي والكيونة والوقوع /bi-hāḍā takūn/ والانقطاع، غير مجانسة، فمنها ما هو مرتبط بالزمن ومنها ما هو مرتبط بالحصول، ومنها ما هو مرتبط باستمرار الحدث. ṣṣiyaḡ azzamaniyya ‘inda sibawayhi ṭalāṭan: fa‘l wa- yaf‘al wa-f‘al wa tuqābilu kullun minhā qīmatan zamaniyyatan. ḡayr ‘anna hāḍihi lqiyama yatimmu tta‘bīri ‘anhā bi-muṣṭalaḥātīn min qubayli mā maḍā wa- mā-yakūnu wa-mā lam yaqa‘ wa-mā huwa kā’inun wa-mā lam yanqaṭi‘ wa muṣṭalaḥātu almaḍyī wa-lkaynūnati wa-

Na citação, o autor reconhece que os termos que Sibawayhi utilizou para conceituar tais formas, misturam critérios temporais e aspectuais.

Dentre os defensores da teoria de que Sibawayhi deu tratamento aspectual às formas verbais árabes estão Al-Khafaji (1972), Hassan (1990) e Sitrak (1986), dentre outros.

Al-Khafaji (1972, p. 408 *et seq.*) diz que o gramático do século VIII definiu os verbos como sendo formas que indicam ações perfeitas ou ações imperfeitas¹⁴⁵, considerando perfeitas “o que passou”; e imperfeitas as outras duas conceituações “o que será, mais ainda não ocorreu” e “o que está ocorrendo e ainda não parou”. Diz ser estranho, no entanto, o fato de Sibawayhi ter inserido o verbo imperativo dentre as formas aspectuais e não ter mencionado as formas /sayaf^ʿal/ e /sawfa yaf^ʿal/, que considera serem marcadoras aspectuais de futuridade.

Hassan (1990, p. 69) assevera que o primeiro gramático da língua árabe mencionou apenas duas categorias principais na base de completude e incidência: uma categoria indica situações que já passaram e, conseqüentemente, foram completadas, e a outra inclui tudo o que não foi completado. Fornece seus próprios exemplos para esclarecer as palavras de Sibawayhi quanto às duas últimas conceituações (que considera devam ser agrupadas sob um mesmo aspecto – o da incompletude – visto poder ser representado pela mesma forma, o imperfectivo): i) o que não ocorreu é como no imperativo /’uktub rrisala/ ‘escreva a carta’ ii) o que é previsto ou esperado é como na forma presente¹⁴⁶ do verbo em /ġadan naktubu rrisala/, ‘nós escrevemos a carta amanhã’, e o que ocorreu mas ainda não foi completado é também representado pela forma presente em /’Aḥmad yaktubu rrisalata/ ‘Aḥmad está escrevendo a carta’.

É óbvio que o critério de ‘completamento’ – embora não seja chamado assim por Sibawayhi – foi o único critério pelo qual ele distinguiu a primeira categoria da última, simplesmente porque sua ausência, i. e., ‘incompletude’, parece ser o único critério pelo qual todas as situações na segunda divisão possam ser incluídas (HASSAN, 1999, p. 69)¹⁴⁷.

lwuqu^ʿi wa-linqiṭā^ʿi ġayr mujānisa fa-minha mā huwa murtabiṭun bi-zzamani wa minhā mā huwa murtabiṭun bi-lḥusūli wa-minhā mā huwa murtabiṭun bi-stimrāri lḥadaṭi / (Ibid., p. 46-7)

¹⁴⁵ O autor considera que as relações aspectuais, tanto para o inglês quanto para o árabe, são definidas na base da anterioridade, simultaneidade e posteridade; sendo a primeira referida como aspecto *perfeito* ou *completo*, enquanto que as duas últimas representam o aspecto *imperfeito* ou *incompleto*. (AL-KHAFAJI, 1972, p. 19)

¹⁴⁶ O autor designa a forma imperfectiva por “presente”.

¹⁴⁷ *It is obvious that the 'completion' criterion - although not named thus by Sibawayh - was the only criterion by which he distinguished the former from the latter category, simply because its absence i.e. 'incompletion' seems to be the only criterion by which all the situations in the second division could be included in one group.* (HASSAN, 1999, p. 69)

Mesmo nos tempos atuais, apesar dos grandes desenvolvimentos na área da linguística, estudiosos que se dedicam exclusivamente às questões verbais não chegaram a um consenso no que diz respeito às duas categorias associadas aos valores das formas verbais nas línguas em geral. Dado isso, não é estranho, o primeiro gramático do árabe perceber que as formas verbais são passíveis de expressar ao mesmo tempo diversos valores – como tempo, aspecto, modo... –, sem ter dedicado, no entanto, muita atenção à explicação do fenômeno. Parece que, ao descrever aquelas formas, Sibawayhi misturou critérios que as agruparam ora em termos de completude e incompletude (aspecto), ora em termos sequenciais (tempo), dada a notória relação existente entre as duas atribuições semânticas à unidade verbal nas línguas em geral.

Quando diz “do que passou”, tanto pode estar se referindo a tempo passado (/almāḍī/ lit. ‘o passado’) como ao aspecto perfectivo, no sentido de passado como acabado; quando diz “do que será, mas ainda não aconteceu”, que pode ser expresso tanto pela forma /al’amr/ ‘imperativo’ como pelo verbo /almuḍāriʿ/, o imperfectivo, parece fazer referência ao que espera que aconteça após a ordem do imperativo e ao futuro, e, por fim, quando diz “do que está existindo e ainda não parou de ser” condiz com a conceituação aspectual imperfectiva, pois indica a duração do evento.

3.2 HASSAN

A pesquisa de Hassan¹⁴⁸ é uma obra que pertence à linguística contrastiva aplicada. Seu objetivo é estudar os sistemas de tempo e aspecto em inglês e árabe, e compará-los, principalmente para fins de tradução, com ênfase prática, sobre como igualar as formas temporais em árabe e inglês, e tentar mostrar que a afirmação de que o árabe é incapaz de expressar minúcias de significados temporais é falsa.

O autor considera que, em questões de tempo e aspecto, não existe muita diferença entre o árabe clássico e o APM, ressalvas feitas ao desuso da forma فَعْل /faʿul/ para expressar o presente, como em /karuma Muḥammad/ ‘Muḥammad é generoso’ e ao uso de كَان /kāna/, embora raro, para expressar o presente.

A pesquisa apresenta uma proposta de análise para o sistema verbal árabe como sendo um sistema binário de tempo passado-presente, compreendendo dois conjuntos: um denominado tempos primários, expressos, principalmente, pelas formas verbais básicas /faʿal/ e /yafʿal/ (eventualmente, o nome de agente pode ocupar o lugar de /yafʿal/); e o grupo dos

¹⁴⁸ HASSAN, M. Hassan. *A Contrastive Study of Tense and Aspect in English and Arabic with Special Reference to Translation*. 1990. 240 f. Tese (Ph.D – Doutor) U.K.: University of Bath, 1990.

tempos secundários – que são compostos pelas formas dos tempos primários com partículas e verbos auxiliares (sa-, kāna, qad), conforme exposto no quadro abaixo:

	Presente	Passado
Primário	/yaf [°] al/ /fa [°] il/	/fa [°] al/
Secundário	/sayaf [°] al/	/qad fa [°] al/
	/sayakūn fa [°] al/	/kāna fa [°] al/
	/sayakūn yaf [°] al/	/kāna yaf [°] al/
	/sayakūn fa [°] il/	/kāna fa [°] il/

Quadro 20 – Sistema verbal árabe (Hassan, 1990, p. 138).

Quanto ao aspecto, o pesquisador sustenta que o árabe possui todos os aspectos do inglês:

i) **Projetado.** Ele propõe que se trate a referência temporal futura como uma constituição temporal interna da situação, uma “expectativa para um presente posterior” (presente projetado – حَاضِرٌ مُتَوَقَّعٌ /ḥāḍir mutawaqqa[°]/), gramaticalizado no árabe, mais comumente, com a prefixação da partícula /sa-/ à forma /yaf[°]al/, ou ainda de mais três outras maneiras: com a forma imperfectiva pura, precedida da partícula سوف /sawfa/ ou de algum adverbial. Tal interpretação equipara o árabe ao inglês, pois “este aspecto combina com as formas do tempo primário, assim como os outros aspectos para produzir um grupo de tempos secundários”.

ii) **Perfeito.** Não é marcado morfologicamente e se realiza por meio de certas combinações verbais com /qad/ ou /kāna/ para o passado próximo ou remoto, como nos seguintes dois exemplos, respectivamente: /qad jaraḥtu ‘iṣba[°]ī/ ‘Acabei de cortar meu dedo’ e /māta ša‘iran bi-ḍanbihi wa-kāna ḥaraja fī lḥajji qabla sanatin ṭalaban li-ttawbah/, ‘ele morreu sentindo culpa, e – um ano antes – tinha saído em peregrinação para expiação’. Ao se combinar com outros aspectos, também indica estado resultativo, experiência anterior, descreve situações em progresso, simultâneas ou futuro anterior, e passado hipotético ou condicional.

iii) **Progressivo.** O árabe não apresenta uma forma para expressar o aspecto progressivo no presente, e não é possível distinguir um evento ou estado progressivo de um não-progressivo. A distinção só pode ser feita ou semântica ou contextualmente, ou por ambos os meios. A forma presente (o imperfectivo), desse modo, além do progressivo, indica a habitualidade. O passado ou futuro progressivo pode ser expresso morfologicamente com o auxiliar /kāna/ ‘ser/estar’: /kāna yaf[°]al/ (passado progressivo) e /sayakūnu yaf[°]al/ (presente projetado progressivo).

No caso de o imperfectivo principal ser estativo, há uma propensão de distinguir o significado progressivo versus habitual substituindo-o pela forma de particípio ativo /fā[°]il/

para expressar a progressividade em todos os tempos, como nos dois exemplos: /ʾaḥmad naʾim fī sarīrihi lʾān/, 'Aḥmad está dormindo na cama dele agora', e /ʾaḥmad yanāmu fī sarīrihi kulla lyawmi/, 'Aḥmad dorme em sua cama todo dia'.

Ao admitir aspecto, segundo a definição de Comrie, como a expressão da constituição temporal interna de uma situação, a pesquisa não contempla como aspecto alguns conceitos de atividades como frequência/intensividade ou câmbio/mutualidade gramaticalizados em alguns verbos árabes das formas /fa^{cc}ala/, que sugere uma pluralidade ou multiplicidade de ação, como já visto em 3.7.2.

As formas simples e as combinadas dos verbos árabes foram equiparadas às inglesas em busca de uma equivalência em conformidade com a abordagem formal-funcional desenvolvida por Al-Khafaji (1972). Tal enfoque consiste numa proposta de atribuir a cada forma temporal inglesa uma correspondente árabe, no entanto, reconhecendo que no discurso, tais formas podem apresentar um comportamento sintático múltiplo, ele procurou estabelecer um quadro dos correspondentes funcionais.

O tempo simples /yaf^cal/ na comparação é correspondente formal e funcional do inglês "do", e pode, também, expressar os valores: progressivo simples (*is doing*), presente progressivo perfeito (*have been doing*), projetado passado (*would do*) e o progressivo projetado passado (*would be doing*); /fa^cal/ é correspondente formal e funcional do inglês *did*.

Os tempos secundários são uma mescla de tempo/aspecto divididos em dois grupos formados com /fa^cal/ e /yaf^cal/. De cada uma dessas formas são produzidos mais três tempos secundários, que o autor assume equivaler às formas e funcionamento dos verbos ingleses: /sayaf^cal/ - 'presente projetado'; /sayakūn fa^cal/ - 'presente projetado perfeito', /sayakūn yaf^cal/ - 'presente projetado progressivo', /qad fa^cal/ - 'passado recente', /kāna fa^cal/ - 'passado remoto', /kāna yaf^cal/ - 'passado progressivo'

Apesar da equiparação possível das formas verbais árabes e seus correspondentes formais e funcionais no inglês, Hassan admite não serem os únicos responsáveis pela expressão do tempo, mas sim que ele é produto de sua interação dentro do contexto com outros elementos que vão interferir no processo como:

a) *o tipo da sentença*: O tipo de frase declarativa (afirmativa, negativa e enfática) vai ter um papel relevante na atribuição temporal das formas verbais. Nas frases declarativas afirmativas, os tempos primários retêm seu valor; já na combinação com outros elementos setenciais a direção temporal desses tempos primários será alterada, como por exemplo, /yaf^cal/ combinado com /kāna/ passará sua indicação temporal para o passado, as partículas

de negação também alteram a indicação temporal das formas primárias, pois lhes impõe outro valor de acordo com o regime de cada negativa. Embora não exemplifique como, considera que, do mesmo modo, os contextos enfáticos alteram a direção temporal das formas verbais.

- b) efeitos contextuais (adverbiais): Numa análise paralela à do inglês, foram categorizados em três grupos (p. 152): *i*) adverbiais que podem ser usados apenas com o tempo passado: ‘o ano passado’, ‘o mês passado’, ‘ontem’, etc.; *ii*) adverbiais que podem ser usados com o tempo presente apenas: ‘agora’, ‘este momento’, etc., *iii*) adverbiais que podem indicar tanto o tempo passado como o presente, consoante o momento em que a elocução é feita: ‘esta manhã’, ‘esta tarde’, ‘este verão’, etc.
- a) efeitos co-textuais (*partículas*): desde os gramáticos antigos, as partículas são consideradas como elementos que condicionam a direção temporal das formas verbais. Algumas retêm o valor original (como /mā/ e /lā/), e outras o alteram (como /lam/, /lan/, /’in/, etc.).

A pesquisa apresentou uma tentativa de estabelecer as formas árabes que corresponderiam às formas verbais inglesas, com o objetivo de mostrar quais as opções que o tradutor poderia lançar mão para traduzir do inglês para o árabe e vice-versa, pois considera que “é extremamente importante que o tradutor conheça a rede de equivalências entre as formas verbais em ambas as línguas”.¹⁴⁹

3.3. MUSSA TĀLIT

O autor¹⁵⁰ discute as questões e as divergências que cercam o tema “aspecto” "الجهة" /’aljiha/ e “natureza do evento” "طبيعة الحدث" /tabī’atu lḥadaṭ/ (*Aktionsart*), seguindo a visão de vários linguistas (Comrie, 1976, Dowty, 1972/1977, Verkuyl, 1993, Lyons, 1977, dentre outros). É uma tentativa de explicar o conceito veiculado pelas terminologias empregadas em várias línguas, observando as desavenças que cercaram o tema, com a direção do enfoque para a expressão do fenômeno no APM.

¹⁴⁹ *It is extremely important that the translator should know the network of equivalences between verbal forms in both languages* (HASSAN, 1990, p. 221).

¹⁵⁰ موسى ثالث، الحاج مفهوم الجهة في اللسانيات الحديثة: دراسة نظرية وتطبيقية على اللغة العربية المعاصرة. قدمت رسالة استكمالاً لمتطلبات الحصول على درجة الماجستير في قسم اللغة العربية وآدابها بكلية الآداب جامعة الملك سعود، ١٤٢٧ هـ. (MUSSA TĀLIT, Al-Hāj. *O conceito de aspecto na linguística moderna: estudo teórico e prático sobre a língua árabe moderna*. 2006. 152 f. Dissertação (Mestre de Língua e Literatura Árabes). Arábia Saudita: Faculdade de Letras da Universidade Al-Malik Sa’ud, 2006).

Dentre os vários termos¹⁵¹ utilizados no árabe para os conceitos estudados, o pesquisador optou por empregar, ao invés do mais difundido dentre os alemães, *Aktionsart* “natureza do evento” “طبيعة الحدث” /ṭabīʿatu lḥadaṭ/, a terminologia “aspecto lexical” “الجهة” /aljihha lmuʿjamiyya/ e para “aspecto”, optou por “الجهة الشكلية” /aljiha ššakliyya/ “aspecto morfológico” por considerar, assim como Comrie (1976), que os dois são conceitos complementares, “similares e entrelaçados”, podendo ser agrupados e estudados sob o conceito amplo de “aspecto”, seja sua expressão morfológica ou lexical.

Como já apontado, o conceito e a classificação do aspecto seguem Comrie (1976) e, do mesmo modo, são divididos em dois grupos maiores: perfectivo التَّمَام /attammām/ x imperfectivo اللاتَّمَام /allātammām/. O imperfectivo se subdivide em habitual العادة /alʿāda/ e contínuo الاستمرار /alistimirār/; o contínuo, por sua vez, pode ser progressivo التَّدْرَج /attadarruj/ e não-progressivo عَدَم التَّدْرَج /ʿadam ttadarruj/.

Foram observados exemplos da língua árabe contemporânea, em textos jornalísticos e literários, com o objetivo de compreender os métodos e meios que a língua emprega para expressar o conceito de aspecto e suas ramificações, com a conclusão de que tal expressão pode ser morfológica ou composicional. O morfológico pode ser expresso pelas formas primitivas (perfectivo e imperfectivo) e, – como considera a natureza do evento como aspecto lexical –, inclui as formas derivadas como portadoras de conteúdo aspectual, quando indicam conceitos como dinamicidade, repetição/iteração, frequência e outros. Os elementos composicionais empregados na expressão do aspecto contempla o emprego de algumas partículas como قد /qad/ e alguns verbos como كاد /kāda/ ‘estar a ponto de’.

O aspecto perfectivo – visto como o que apresenta uma situação totalmente homogênea, sem discriminação das diferentes etapas de sua constituição –, descreve o evento concluído no passado ou que estará cumprido no futuro. Em oposição, o aspecto imperfectivo, que indica as situações constituídas de tempo interno, é um evento em continuidade ou iteração, quer estejam estas indicações no passado, presente ou futuro.

O aspecto perfectivo pode ser expresso, em árabe, pelo verbo, na voz ativa ou passiva, e, às vezes, sem verbo. A forma فعل /faʿal/ é a utilizada quando o pretendido da expressão é fornecer um significado não relacionado ao presente, isto é ao momento da fala, já que expressa completude ou conclusão da ocorrência do evento, o que leva o perfectivo a não ter uma ligação com o andamento do tempo físico e, sob a perspectiva do orador, é visto

¹⁵¹ O autor cita para *aspecto* “الجهة” /ʿaljiha/, “المظهر” /ʾalmadhar/, “السِّيَاق الفعلي” /ʾassīyāqu lfiʿlīy/, e para *Aktionsart* “نمط الفعل” /namaṭu lfiʿl/, “طبيعة المعنى” /ṭabīʿatu lmaʿanā/, “طبيعة الحدث” /ṭabīʿatu lḥadaṭ/, “طبيعة الفعل” /ṭabīʿatu lfiʿl/.

como externo a ele, como se o olhasse de fora. Refere, no entanto, que a forma /fa^cala/ não indica sempre o evento completo e acabado antes do momento da fala, e transmite, às vezes, outros significados que se compreendem a partir do contexto, ou por meio de morfemas específicos na estrutura frasal, podendo indicar o tempo passado, presente, futuro, ou nenhum tempo específico¹⁵².

O aspecto imperfectivo pode ser expresso morfologicamente com يفعل /yaf^cal/ (na voz ativa ou passiva), e composicionalmente por meio da conexão com verbos como كاد /kāda/, para indicar a duração no passado ou habitualidade, ما زال /mā zāla/, para indicar a duração no presente; e pelo emprego de verbos de inepção como أخذ /’aḥaḍa/, بدأ /bada’a/, طفق /ṭafīqa/ para indicar o aspecto inceptivo; ou pelo emprego dos verbos كاد /kāda/ e أوشك /’awšaka/ para indicar o aspecto prospectivo, sempre sob a perspectiva do locutor na escolha de um desses mecanismos gramaticais para expressar a oração do seu ponto de vista. A par de sua função aspectual, يفعل /yaf^cal/ apresenta valores temporais de presente, futuro (com a prefixação das partículas /sa-/ ou /sawfa/) ou pode não indicar qualquer tempo específico.

Além da forma /yaf^cal/, /ism lfā^cil/¹⁵³, o PA, também é indicador do aspecto imperfectivo, pois exerce a função do verbo e pode indicar o presente, o futuro e o passado, ao ocupar o espaço semântico da unidade verbal mas, assim como as duas formas verbais perfectiva e imperfectivo, não é suficiente para expressar, sozinho, nem o tempo e nem o aspecto: “é o contexto em que ele está inserido que identifica o tempo suposto”¹⁵⁴.

O estudo conclui que “o aspecto” e “o modo de ação” são dois conceitos similares e entrelaçados, passíveis de serem abordados sob o conceito amplo de *aspecto*, seja a expressão deles morfológica ou lexical. Acrescenta, ainda, que as formas verbais em árabe, fora do contexto, não estão associadas com o tempo delimitado, e, por si só, não são suficientes para dar o significado temporal específico, cabendo também ao contexto o papel de definir o tempo do evento, já que os exemplos não confirmam que as formas /fa^cala/ e /yaf^calu/ signifiquem sempre tempos passado e presente de fato. Por ser a delimitação do tempo e do aspecto totalmente dependente do contexto, a língua árabe é considerada pelo

¹⁵²São citados como exemplo de /fa^cal/ na indicação de presente: بِعْتُكَ هَذَا بِعَشْرِينَ رِيَالًا /bi^ctuka haḍā bi-’iṣrīn riyālān/ ‘Vendo-te isto por vinte reais’; de futuro: أَجِيْتُكَ إِذَا أَحْمَرَ الْبُسْرَ /’ajī’uka ’ida ḥmarra lbusru/ ‘Eu virei a ti quando os frutos estiverem vermelhos’; e sem nenhuma indicação temporal: مَنْ جَدَّ وَجَدَ /man jadda wajada/ ‘Quem se empenha, vence’ (Cf. MUSSA TALIT, 2006, p. 71). Todas essas situações foram discutidas nesta pesquisa (Cf. Capítulo II).

¹⁵³O autor também inseriu, neste caso, outro grupo de adjetivos formados a partir do verbo, e que se assemelham ao particípio ativo e que, por isso, são denominados em árabe: الْأَسْمَاءُ الْمُشَابِهَةُ لِاسْمِ الْفَاعِلِ /al’smā’ lmušabiha li’ism lfā^cil/ ‘o nome semelhante ao nome de agente’.

¹⁵⁴إِلَى أَنَّ السِّيَاقَ الَّذِي وَرَدَ فِيهِ الَّذِي حَدَّدَ الزَّمْنَ الْمَقْصُودَ /ilā ’anna ssiyāqa llaḍī wurida fihi llaḍī ḥaddada zzamana lmaqṣūda/. (p. 64)

autor como aspecto-temporal, e expressa ambos os conceitos por meio do contexto e de vários outros elementos em conjunção com uma das formas verbais.

3.4 FASSI-FEHRI

Fassi-Fehri¹⁵⁵ dedica o Parte 4 de seu livro às questões relativas ao tempo, aspecto e modo nas sentenças árabes. Avalia que não só o verbo, mas também adjetivos e participípios, assim como as partículas de negação e os morfemas modais fazem parte do grupo de categorias que colaboram para a localização do tempo e das relações aspectuais e modais na língua.

Faz referência à já clássica disputa entre o valor temporal ou aspectual das formas flexionais do verbo, que tem sido apresentadas pelos gramáticos tradicionais árabes como tempos (dêiticos), indicadores de passado e não-passado (presente e futuro), mas que são apresentadas pelos semiticistas e filólogos ocidentais como uma oposição binária que expressa aspecto, com o argumento de que o chamado perfeito do verbo (e aqui ele cita Wrigth, 1974) indica uma ação feita e completada com relação a outras, e o imperfeito expressa uma ação incompleta, em seu início ou em progresso, sem nenhuma relação temporal com o falante que serve como localizador de em qual esfera do tempo o fato se situa. Sob essa perspectiva, o tempo é uma função secundária, sendo apenas percebido por meio da sentença, como afirma Fleisch (1958).

Sua análise é a de que a morfologia verbal árabe – assim como o adjetivo (ou participípio) – deve ser pensada como tendo não um conteúdo apenas temporal ou apenas aspectual, mas com valor também modal. À vista disso, ele propõe que o árabe é um sistema com três valores TAM (tempo, aspecto e modo), onde um ou outro deve ser ativado a depender do uso e do contexto.

Ao escrever sobre a relação desse sistema com a indicação do aspecto, refere que as sentenças podem denotar tipos de situações ou estado de coisas, associadas à *Aktionsart* (aspecto lexical ou aspecto de situação (de Smith, 1991), que podem ser *i*) eventos com um intervalo de tempo inicial e terminal ligados; *ii*) estados que não têm um ponto terminal; ou *iii*) processos que apresentam uma inepção, mas não um término. Apesar de essas serem partes da classificação dos verbos que aparecem nas sentenças, tal análise deve ser composicional levando-se em conta os argumentos, advérbios e outros constituintes. Além do aspecto inerente às classes semânticas dos verbos, o aspecto também pode denotar o modo

¹⁵⁵ FEHRI, Abdelkader Fassi. *Issues in the Structure of Arabi Clauses and Words*. Dordrecht: Kluwer Academic, 1993.

como o falante vê a constituição temporal interna da situação, segundo a conceituação de Comrie (1976), chamada por Smith (1991) de “aspecto de ponto de vista”. Menciona que as duas principais distinções desse tipo de aspecto é a perfectividade e a imperfectividade, sendo a primeira, de acordo com a definição de Comrie, a que vê a situação como um todo único, sem distinção das fases que a compõem, enquanto que imperfectividade, apresenta a situação em seu desenrolar, e acrescenta a conceituação de Smith de que o aspecto perfectivo foca o ponto final de uma situação, e o imperfectivo foca nos estágios intermediários excluindo o término. O autor reconhece que, apesar das definições variadas para a noção de perfectivo e imperfectivo, esta é a dicotomia básica consensual entre os autores, consistindo a diferença entre as línguas no modo como esta distinção se apresenta, ou seja, se ela é gramaticalizada ou não, e como se dá essa manifestação. Conclui que o árabe, paradoxalmente, apesar de ter sido tratada como uma língua aspectual por muitos autores, não gramaticaliza a distinção perfectivo e imperfectivo e não tem nenhuma morfologia específica para o progressivo.

Em seu entender, o expresso pela flexão das formas verbais, assim como os adverbiais temporais, são os responsáveis pela localização das situações no tempo. A ordem de anterioridade, posterioridade e simultaneidade, expressam o passado e o presente e o futuro, mas o árabe, como muitas outras línguas, apresenta uma distinção binária baseada na oposição passado/não-passado ou futuro/não-futuro no seu sistema flexional. Não reconhece que a forma سيفعل /sayaf^{al}/ seja um todo morfológico apropriado para expressar o tempo futuro, como considera Al-Khawalda (2000), mas sim que este tempo não tem morfologia verbal, sendo expresso por um modal como o inglês (que tem *will*).

Quanto aos tempo absoluto e relativo, considera-se que as formas árabes podem tanto apresentar o tempo absoluto, numa localização dêitica, isto é, a partir do momento da fala, como o tempo relativo, que tem como ponto de referência não o momento da enunciação, mas um outro momento expresso nas sentenças.

A relação entre tempo e aspecto pode ter expressões diversas nas línguas em geral, como o inglês que apresenta morfologia diferente para alguns tempos e aspectos, no entanto, o árabe não tem forma própria para a expressão de um ou outro, sendo ambos codificados pela mesma morfologia.

3.5 MUGHAZY

O artigo de Mughazy¹⁵⁶ tenta estabelecer uma nova análise aspectualista para o APM e o árabe egípcio. Esta seção se ocupará apenas das considerações relativas à vertente abordada neste trabalho, a saber, o APM.

O autor começa por tecer uma crítica à visão tradicional da análise aspectualista da língua árabe, considerando que suas falhas evidentes fortaleceram a errônea suposição de que a língua árabe é temporal. Concorde com o caráter subjetivo do aspecto, pois o falante pode usar diferentes formas verbais para descrever uma mesma situação de maneiras diferentes, consoante seu objetivo comunicativo ao escolher uma forma verbal simples ou perifrástica, conforme queira apresentar a situação como um todo ou em curso. Para isso, o árabe dispõe de duas formas verbais principais que expressam os aspectos perfectivo e imperfectivo, que são vistos não como eventos, mas como as propriedades dos verbos usadas para fornecer os “diferentes jeitos de ver a contituição temporal interna de uma situação” (na definição de Comrie, 1976, p. 3). Afirma que sua análise difere das anteriores por não ignorar a porção temporal da definição, visto que os aspectos formais não podem ser vistos separadamente da referência temporal.

Esta afirmação é um resultado óbvio da visão de eventos adotada aqui, já que eventos são mudanças que ocorrem no tempo enquanto os verbos – seja perfectivo ou imperfectivo – denotam descrições de eventos, estas descrições aspectuais podem envolver localização temporal. (MUGHAZY, 2015, p. 119)¹⁵⁷

Na sua concepção, que esclarece também é proposta por Davidson (1969, 1971), Dowty (1979), e Binnick (1991), eventos são mudanças de estados “um evento é uma mudança de um estado de ter uma propriedade, P, em t_1 para um estado de não ter tal propriedade em t_2 e vice versa”¹⁵⁸, portanto, um evento ou subevento é delimitado por dois estados, um anterior ao evento em si, e outro subsequente: um evento de estar acordando é uma mudança do estado de estar adormecido para um estado de não estar adormecido.

¹⁵⁶ MUGHAZY, Mustafa. A Neo-Aspectualist Analysis Egyptian and Standard Arabic. *Al-ʿArabiyya: Journal of the American Association of Teachers of Arabic*. Georgetown University Press: Washington DC, v. 48, p. 99-139, 2015.

¹⁵⁷ *This claim is a necessary outcome of the view of events adopted here; since events are changes that take place in time while verbs— whether perfective or imperfective— denote event descriptions, these aspectual descriptions can involve temporal location.* (MUGHAZY, 2015. p. 119)

¹⁵⁸ *an event is a change from a state of having a property, P, at t_1 to a state of not having that property at t_2 and vice versa.* (MUGHAZY, 2015, p. 118)

Figura 3: Event Schema de MUGHAZY (2015, p.119)

A figura 3 representa as partes de um evento. O autor a explica com a situação hipotética de “Mona ler um livro”. O evento é circunscrito por dois estados, S_1 que assinala o estado anterior à mudança, quando Mona ainda vai ler o livro, e S_2 , o estado subsequente à mudança, quando Mona já terminou de ler o livro; T_1 e T_2 representam, respectivamente, os pontos que assinalam o início e o final do evento. Durante o espaço de tempo que se estende de T_1 a T_2 o evento está em curso. T_α e T_β são pontos intermediários que podem ser qualquer um entre T_1 e T_2 visto que eles não são idênticos uns aos outros.

A situação, desse modo, pode ser descrita de diversas maneiras, segundo o que se queira transmitir: ela pode ser apresentada completamente, numa descrição que fornece seus momentos iniciais e finais (T_1 – T_2) ao mesmo tempo, sem a consideração do intervalo; ou a descrição pode ser incompleta: apenas os estágios internos (T_α – T_β), excluindo T_1 e T_2 ; apenas o momento em que o evento está no início T_1 – T_α , sem considerar os estágios finais; os estados S_1 e S_2 podem ser descritos independentemente, dentre outras possibilidades.

Pela análise da figura conclui-se que, sendo evento o mesmo que mudança, só haverá mudança/evento quando a situação se completar, o que justifica o autor afirmar que evento completo é um termo tautológico e evento incompleto é uma contradição. Assim, embora a figura não faça alusão ao tempo da fala, para ser considerado como evento, a mudança tem de estar completa e, conseqüentemente, T_2 tem de preceder o momento da enunciação, caso contrário, o falante não poderia dizer que a mudança está completa, e, desse modo, não ocorreu um evento.

Apesar de não existirem eventos incompletos, a sua descrição pode ser apresentada em qualquer um de seus estágios. Um exemplo é a hipótese de John estar atravessando uma rua e ser atingido por um caminhão; assim, atravessar não pode ser descrito como incompleto, pois “atravessar” requer que ele tenha alcançado o outro lado da rua. No entanto, é possível descrever a caminhada de John dizendo “John was crossing the street” (John estava atravessando a rua), porque é possível que se descrevam os eventos de maneira incompleta, ao se empregar uma forma aspectual imperfectiva, para fornecer apenas o estágio intermediário do evento, sem apresentar o restante, se houver. Como John não alcançou o outro lado da rua, o evento descrito é a “caminhada” de John até o meio da rua, que é similar a algum evento que é subevento da travessia típica.

Em sua análise, as formas verbais árabes são capazes de expressar os seguintes aspectos:

- a) Aspecto perfectivo. Sua definição não difere da apresentada até aqui pelos demais autores: descreve uma situação como um todo temporalmente indivisível, sem discriminar as etapas intermediárias, o que significa dizer que mesmo situações durativas podem ser vistas integralmente, como consideram outros autores. Por denotar, tipicamente, um único evento passado a descrição dos verbos perfectivos não autoriza uma leitura progressiva ou habitual; assim como verbos estativos não expressam este aspecto, visto serem atélcos e sem um ponto final intrínseco. Implica dizer que esse aspecto não autoriza a flexão de uma forma morfológica perfectiva para expressar habitualidade ou cursividade. Tal afirmação pode ser corroborada pela agramaticalidade da flexão do verbo estativo **وقع** /waqa^ʿa/ ‘situar-se’ na forma perfectiva em contextos que descrevem subintervalos; o mesmo acontece com verbos dinâmicos em orações circunstanciais e adverbiais encabeçadas por **بينما** /baynamā/ ‘enquanto’. Esta impossibilidade permite ao autor concluir que as formas verbais árabes são próprias para expressar aspecto e não tempo, já que este deveria autorizar todos os empregos.
- b) Aspecto imperfectivo. Este aspecto fornece apenas os estágios intermediários das situações, sem considerar seu ponto inicial ou terminal, e é independente da localização temporal. Ao contrário do aspecto perfectivo, pode indicar situações estativas e admite a interpretação de habitualidade e cursividade, visto que as descrições estativas não apresentam os estágios iniciais e finais, e as habituais e cursivas têm como objetivo apenas a estrutura interna de um único evento ou repetições de subeventos do mesmo tipo (iteração). As descrições dos eventos no aspecto imperfectivo são parciais e podem estar em curso no momento da fala, mas também podem ocorrer no passado, embora normalmente tenham interpretação presente.
- c) Aspecto prospectivo. O prospectivo é mais um estado que um evento, pois descreve o estado que precede o evento, sendo usado para se referir à expectativa de eventos futuros, que podem se materializar ou não. A forma verbal imperfectiva, precedida da partícula **سوف** /sawfa/, ou sua forma abreviada **سـ** /sa-/ gramaticalizam este aspecto em APM. Só é possível a constatação do aspecto prospectivo em construções que permitem eventualidades durativas, sendo, deste modo, fechado ao uso com verbos estativos, já que esses verbos não são limitados por outros estados.

- d) Aspecto perfeito. Caracteriza o estado que surgiu como consequência da culminação de um evento, desse modo, para que este aspecto ocorra é necessário que o evento que o gerou seja passado, pois a mudança não pode existir, enquanto o evento estiver ocorrendo. Uma vez que o estado começa após o final de um evento, verbos estativos não podem figurar nestas construções, pois, por não terem um ponto final intrínseco, descrevem estados e não mudança de estados. Outra característica desse aspecto é que ele está relacionado com dois pontos temporais: o tempo do estado alvo de uma situação ocorrida anteriormente e o da própria situação anterior. Essa relação se expressa, em árabe, composicionalmente, pela forma perfectiva do verbo auxiliar *kāna*, seguido de um verbo pleno também no perfectivo. Mughazy atesta para o árabe três dos quatro tipos de aspectos identificados em Comrie: i) o perfeito de resultado – que normalmente apresenta verbos incoativos com o resultado desses eventos ainda relevantes no momento da enunciação; ii) o perfeito experiencial – o enunciador não faz referência a quando no passado ele ocorreu, isto é, se é um passado remoto ou recente não é possível identificar; iii) o perfeito recente – segundo o autor, o único gramaticalizado em árabe por meio da partícula *qad* /qad/, que reforça o entendimento de que o evento passado é recente.
- e) Aspecto neutro. Descreve partes das situações, e apresenta apenas uma das fronteiras de uma situação, isto é, ou apenas a parte inicial ou a final é dada, junto com um estágio intermediário, desse modo, o aspecto neutro apresenta duas subcategorias, uma que é limitada em seu início – aspecto inceptivo; e outra que é limitada no final – aspecto terminativo. As construções que apresentam este aspecto são formadas por um verbo perfectivo seguido por um verbo que indica uma situação não limitada, ou seja, um imperfectivo ou prospectivo, ou ainda um predicado não-verbal. O aspecto inceptivo, além de fornecer uma descrição do ponto inicial da situação, apresenta um estágio adjacente intermediário, iniciando-se, no APM, por um dos verbos perfectivos *kan* /kāna/ ‘ser/estar’, *ʾaṣbaḥa* /ʾaṣbaḥa/ ‘tornar-se’, e *ṣara* /ṣāra/ ‘tornar-se’. O aspecto terminativo, que fornece o ponto final de uma situação, como o anterior, é acompanhado de um estágio adjacente, e é iniciado por um verbo perfectivo com a noção semântica de continuidade como *ḍalla* /ḍalla/ ‘persistir, continuar’ e *mā zāla* /mā zāla/ ‘continuar’.

O autor sustenta que o sistema proposto por ele é simétrico, visto que apresenta seis aspectos contrastantes entre si: i) perfectivo que apresenta o evento com o ponto inicial e final sem incluir sua estrutura interna x imperfectivo que apresenta apenas a estrutura interna de um evento, sem seus limites iniciais ou finais; ii) prospectivo que descreve o estado que

precede o evento x perfeito que descreve o estado que segue o evento; *iii*) neutro que se opõe ao perfectivo e imperfectivo, que por sua vez se subdivide em duas categorias contrastantes: o inceptivo, com um ponto inicial com um estágio intermediário adjacente e o terminativo, com um ponto final com o último estágio intermediário.

Como se observou, são vários os pontos de vista sobre os quais essas formas podem ser perspectivadas: alguns consideram que servem na indicação do tempo dêitico, isto é, estão diretamente ligadas ao momento da enunciação; ou servem na indicação do tempo relativo, ou são portadoras apenas das distinções aspectuais, ou ainda servem ao mesmo tempo na indicação de tempo e aspecto (e modo).

Reitera-se, no entanto, que esta revisão não teve por objetivo apresentar esses olhares com a finalidade de comprovar uma ou outra das teorias que foram discutidas, mas apenas lançar uma panorâmica e extrair desses trabalhos as condições necessárias para empreender o propósito aqui pretendido, a saber: como é possível ao falante de português entender as formas verbais árabes. E, nessa medida, os trabalhos analisados contribuíram, cada um à sua maneira, para esclarecer pontos obscuros quanto ao emprego e uso dessas formas dentro do sistema da língua árabe – seja qual for a sua verdadeira natureza –, fornecendo importantes perspectivas, como será visto nas análises a seguir.

A análise do *corpus*, supõe-se, estará condizente com as descobertas apontadas ao longo deste trabalho, e visa estabelecer por quais formas flexionais do português o perfectivo e imperfectivo árabes podem ser traduzidos e em que contextos, observando, ainda, a influência da *Aktionsart* do verbo para as decisões de tradução.

PARTE III

ANÁLISE DOS DADOS

Dadas as variadas expressões das formas perfectivas e imperfectivas, como visto na Parte II deste trabalho, esta seção objetiva identificar e descrever, a partir dos indícios presentes no contexto, os valores que elas apresentam no *corpus* em análise e quais são as possíveis formas verbais do português que podem traduzi-las adequadamente. Sejam as formas árabes perfectivas e imperfectivas portadoras de tempo ou aspecto, o que se pretende nesta análise é apenas verificar se existe algum condicionamento que permita traduzi-las sempre pela mesma forma flexional no português e em quais contextos, em outras palavras, dentre as várias maneiras pelas quais as formas verbais poderiam ser examinadas, esta pesquisa optou por descrevê-las a partir das relações que estabelecem com a temporalidade, dada a estreita ligação que o verbo tem com questões de natureza temporal, e, ainda, porque a flexão verbal no português é temporal, embora o aspecto também possa ser expresso simultaneamente. Assim sendo, estarão em destaque, a seguir, questões que examinam as várias funções do verbo árabe dentro do quadro temporal, embora, observando que as questões aspectuais fornecerão apoio fundamental para as análises. Também, questões de natureza modal serão invariavelmente discutidas.

Como já assinalado na Parte I, o conto que serviu de base para as análises das formas verbais árabes, “O tapete persa” de Hanan Aššayḥ, também foi traduzido pelo grupo de pesquisa da Pós-graduação em Estudos Árabes da USP – Tarjama, cuja redação final é do pesquisador Dr. Adriano Aprigliano (doravante A.A), e que segue no Anexo C deste trabalho. A tradução de A.A. será usada apenas como cotejo, sempre que houver diferença de interpretação das formas verbais.

O conto é uma narrativa em primeira pessoa. Descreve-se o espaço de tempo em que a filha se prepara para o reencontro com a mãe, o momento mesmo do reencontro e a consequente decepção, quando a narradora viu, na casa nova da mãe, o tapete persa desaparecido meses antes do divórcio de seus pais. À época, a mãe atribuíra a autoria do roubo a Iliyya, um homem quase cego que frequentava a casa das pessoas do bairro para consertar a palha de suas cadeiras. O relato começa com o tempo passado, mas durante o desenvolvimento, percebe-se que, nos momentos de maior tensão, expectativa ou medo, há uma troca para o tempo presente. São sequências sem nenhum elemento anterior que condicione uma leitura de outra localização temporal onde se percebe um valor de tempo

presente dêitico, simultâneo ao ato narrativo. Todavia, algumas decisões de tradução ficam arbitrárias, e, sem um ponto de apoio inequívoco, que norteie uma direção, em certas ocasiões, traduziram-se por certos tempos formas que poderiam receber tratamento diferente.

Em benefício da clareza do discurso, algumas adaptações fazem-se necessárias, como o ocorrido na seguinte passagem:

- (1) (ل.8) وَنَحْبِسْ أَنْفَاسَنَا وَنَحْنُ نَخْرُجُ مِنْ بَابِ الدَّارِ الْمَفْتُوحِ. تَنْزِلُ الدَّرَجُ وَرُؤُوسُنَا تَلْتَفُتُ صَوْبَ الْبَابِ، ثُمَّ صَوْبَ الشُّبَاكِ.

/wa -naħbisu ‘anfāsā -nā wa -naħnu naħruju min bābi ddāri lmaftūħi
e -prendemos respiração -de nós e -nós saímos.Imp.1ª.p. de porta a-casa a-aberta
nanzilu ddaraja wa -ru’ūsu -nā taltaftu şawba lbābi
descemos.Imp.1ª.p. as-escadas e -cabeças -de nós voltam-se.Imp.3ª.f.p. direção a-porta
tumma şawba şşubāki/
depois direção a-janela

Os verbos do excerto estão todos no imperfectivo. É o momento em que a narradora, a irmã e Maryam¹⁵⁹ vão, sem que o pai saiba, visitar a mãe. O uso da forma árabe transmite a noção de simultaneidade com o momento da fala. O leitor visualiza as ações em seu desenvolvimento. Elas prendem a respiração enquanto saem da casa, descem os degraus com as cabeças se voltando na direção da porta e da janela. No entanto, por estarem na primeira pessoa do plural, cuja desinência, -mos, é, no português, a mesma do tempo presente, a tradução pareceria manter o tempo passado da oração anterior “**Percebemos** (presente ou pretérito perfeito) que devíamos andar como ela, na ponta dos pés”, e assim, a noção de desenrolar, de cursividade, que as formas árabes veiculam seriam obliteradas pela noção de perfectividade. Optou-se por uma tradução pelo pretérito imperfeito, que não é tão relevante em questões de temporalidade, mas acentua a cursividade.

- (2) **Prendíamos** a respiração enquanto **saíamos** pela porta aberta da casa. **Descíamos** as escadas e nossas cabeças **voltavam-se** ora na direção da porta, ora na direção da janela.

O manejo do jogo temporal exercido pela autora como forma de acentuar os momentos de tensão de (1) acima, fica evidente com a troca da forma imperfectiva pela perfectiva na sequência dos eventos:

- (3) (ل.8) لَمَّا وَصَلْنَا آخِرَ دَرَجَةٍ، ابْتَدَأْنَا بِالرَّكْضِ

/lammā waşalnā ‘āħira darajatin ibtada’nā bi -rrakḍi/
quando **chegamos**.pf.1ª.p. ultima degrau **começamos**.Imp.1ª.p. com -a-corrída
Quando **chegamos** ao último degrau, **começamos** a correr

¹⁵⁹ Apenas dois personagens têm o nome revelado no texto: uma parente do pai, Maryam, e o quase cego, Iliyya.

As formas verbais da continuação dos eventos estão no perfectivo, marcando o retorno para o tempo narrativo e desfazendo o efeito de “close” dado aos momentos mais críticos durante a fuga.

No que segue, serão analisadas as formas perfectivas e seus valores semânticos no texto “O tapete persa”.

1 DAS FORMAS PERFECTIVAS

O *corpus* evidenciou o total de 120 ocorrências da forma perfectiva, inserida em quatro tipos de contextos:

- a) Na grande maioria das ocorrências, a forma estava “pura” ou isolada, isto é, sem que قد (la-)qad/ ou o verbo auxiliar كان /kāna/ a acompanhasse, embora pudesse estar situada em contexto adverbial:

- (1.1) a صاحت أُمِّي فجأةً: إيليا (l. 62)

/ṣāḥat ʾumm -ī fajʾatan: ʾīliyya/
gritou.Pf.3^a.f.s. mãe -de mim de repente: Iliyya
De repente, minha mãe **gritou**: ‘Iliyya’

- b شككتُ مرّةً بأنّه لا يرى إلا العُتمة (ls. 70)

/šakaktu marratan bi -ʾanna -hu lā yarà ʾillā lʾatmata/
duvidei.Pf.1^a.s. uma vez de -que -ele não vê.Imp.3^a.m.p. exceto a-escuridão
Uma vez **duvidei** de que ele só visse escuridão

- b) foram oito ocorrências da forma precedida da partícula قد (la-)qad/:

- (1.2) a وقد عرفني من لمسه ليدي (l. 78)

/wa-qad ʿarafa -nī min lamsi -hi li -yad -ī/
e -QAD **conheceu**.Pf.3^a.m.s. -me do toque -dele para -mão -de mim
pois *já* me **reconhecera** pelo meu toque [de minha mão]

- b لقد حفظتها غيباً (l. 17-8)

/la-qad ḥafidtu -ha ḡayban/
LA-QAD memorizei.Pf.1^a.s. -a de cor
Já **sei** como sou.

- c) Apesar de as pesquisas sobre tempo e aspecto em árabe terem apontado o uso do perfectivo com o auxiliar كان /kāna/ ‘ser/estar’ – também no perfectivo –, para indicar o tempo pretérito mais-que-perfeito, todas as interpretações deste tempo foram fornecidas pelo contexto com o perfectivo apenas. Isso é, o texto não apresentou o recurso ao verbo auxiliar para indicar o pretérito mais-que-perfeito, embora a partícula قد /qad/ tenha, em duas situações, participado para esta interpretação. No entanto, houve uma construção com a forma imperfectiva do verbo auxiliar, seguida de /qad/: يكون قد + perfectivo:

- (1.3) التي يكون قد ذاب مُعْطَمُهَا مِنْ حَرٍّ وَرُطُوبَةِ الصَّيْفِ

/allatī yakūnu qad dāba muʿḍamu -ha min ḥarri wa -ruṭūbati ssayfi/
que está.Imp.3^a.m.s. QAD desgastou.Pf.3^a.m.s. maioria -dela de calor e -umidade o-verão
a maioria das quais já deveria ter derretido com o calor e a umidade do verão

- d) A forma perfectiva também ocorreu em emprego perifrástico com imperfectivo ou o nome deverbal (/maṣdar/):

(1.4) (l.35) وتعود تضم مريم، التي أخذت تبكي

/wa-ta'ūdu taḍummu Maryam llatī 'aḥaḍat tabkī/
 e -volta-se.Imp.3ª.f.s abraça.Imp.3ª.f.s Maryam que **começou**.Pf.3ª.f.s. **chora**.Imp.3ª.f.s
 e se volta para abraçar Maryam, que **começou a chorar**

Todas as ocorrências acima mencionadas referem-se à forma perfectiva em contextos afirmativos. Sempre que a forma perfectiva foi negada, o verbo foi trocado pelo imperfeito, de acordo com a regência da partícula لم /lam/, que nega o tempo passado. Os contextos negativos serão analisados, mais adiante, na seção 1.5.

O quadro abaixo apresenta os diversos tempos do português que traduziram o perfectivo e sua quantidade de ocorrências, assim como o percentual. No entanto, deve-se assinalar que esta determinação de número de ocorrências é apenas indicativa da opção desta pesquisa, mais do que da própria indicação da forma perfectiva, visto muitas das situações apresentarem mais de uma forma pela qual poderia ter sido traduzida. Durante a explicação da análise, as traduções serão discutidas:

	Formas verbais	Ocorrências	Porcentagem
passado	pretérito perfeito do indicativo	86	72,0 %
	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	12	10,0 %
	pretérito imperfeito do indicativo	5	4,0 %
	futuro do pretérito do indicativo	1	0,8 %
	imperfeito do subjuntivo	2	1,6 %
não-passado	presente do indicativo	6	5,0 %
	presente do subjuntivo	1	0,8 %
formas nominais	infinitivo	6	5,0%
	particípio	1	0,8 %
	total	120	100%

Quadro 21 – Tempos verbais do português que traduziram o perfectivo.

De acordo com o visto no quadro acima, o perfectivo árabe, em sua maioria quase que absoluta, pôde ser traduzida para o português por uma forma indicando um tempo passado qualquer (106 ocorrências), sendo o pretérito perfeito, o tempo que situa os fatos ocorridos no passado tendo como ponto de referência o momento da fala, o uso quase que majoritário, 86 das 106 ocorrências de tradução para tempos do passado. No entanto, em 7 ocasiões ele pôde ser traduzido por formas não passadas, num emprego denominado por Eisele (1990, p. 66) secundário ou subsidiário, já que a função primária da forma perfectiva é

indicar referência temporal passada, e seu emprego fora desses contextos é derivado do seu uso primário, e devido a restrições do contexto ou a usos particulares em que se tornou gramaticalizada. No entanto, mesmo nesses contextos, percebe-se a noção de ação já ocorrida anteriormente. Também quando traduzido pelas formas nominais, seu caráter de tempo passado e acabado se verifica, como será visto na análise.

A seguir serão analisadas as formas verbais perfectivas presentes no texto e seus correspondentes temporais/aspectuais no português, segundo a tradução feita por esta pesquisa e, eventualmente, em confronto com a tradução de A.A., já anteriormente mencionado, para que se apontem outras possibilidades (literárias) de tradução.¹⁶⁰

1.1 O PERFECTIVO E AS FORMAS DO PASSADO

1.1.1 Pretérito perfeito

Como já mencionado, a maioria das ocorrências do perfectivo, em contexto neutro sem que qualquer adverbial, partícula, ou verbo auxiliar pudesse favorecer tal leitura, pôde ter uma interpretação temporal passada, isto é, antes do momento da fala e, ao mesmo tempo, o aspecto perfectivo. A noção de pontualidade pode estar presente tanto nas situações que exigem tempo para sua realização como nas que não consomem tempo como nos exemplos abaixo:

- (1.5) a **مَسَحَتْ دُمُوعَهَا بِكُمِّهَا، وَعَادَتْ تَتَأَمَّلُنِي** (l.37)
 /**masaḥat** dumū^ca -hā bi -kummi -ha, wa -^cādat tata'ammalu -nī /
secou.pf.3^a.f.s lágrimas -dela com -manga -dela e -voltou.pf.3^a.f.s. contempla.imp.3^a.f.s. -me
Secou as lágrimas nas mangas e voltou a me contemplar

- b **وَرَدَّتْ أُخْتِي ضَاكِكَةً** (l.42)
 /**wa -raddat** 'uḥt -ī dāḥikatan/
 e -**retrucou**.pf.3^a.f.s. irmã -de mim rindo
 E minha irmã **retrucou** rindo

O aspecto perfectivo se caracteriza linguisticamente por não apresentar as situações com estrutura interna, quer elas a possuam ou não. Os eventos são apresentados como fechados, sem que se possa ter acesso às fases de que foi composto, dando uma interpretação de pontual, já que a duração não está expressa linguisticamente. Assim, as situações de (1.5) acima não apresentam estrutura interna, ainda que “secar” de (1.5a) possa

¹⁶⁰ Os exemplos citados daquela tradução estarão discriminados (A.A.), ao lado das frases.

ter demorado para se completar, ou não, não houve a intenção da narradora de indicar tal duração.

O pretérito perfeito também traduziu sequências de perfectivos:

(1.6) ولَمَّا مَشَى تَعَثَّرَ لِأَوَّلِ مَرَّةٍ (l.77)

/wa-lammā **mašà** ta^ʿattara li -'awwali marratin /
e -quando **caminhou**.Pf. 3^a.m.s **tropeçou**.Pf. 3^a.m.s por -primeira vez
e, quando **caminhou**, pela primeira vez **tropeçou**

Como acontece no português, o efeito da sequência do uso do perfeito, cria a expectativa de que os eventos expostos ocorreram na ordem linear da colocação, isto é, foram sucessivos: ele andou e, em seguida, tropeçou.

A forma foi utilizada com bastante frequência em sentenças adverbiais temporais, particularmente depois das partículas لَمَّا /lammā/ 'quando' (9 ocorrências) e عِنْدَمَا /ʿindamā/ 'quando' (5 ocorrências). Nesses casos, em ambas as sentenças, na temporal e na principal, os verbos se encontravam no perfectivo e puderam ser traduzidas pelo pretérito perfeito, como acontece no português:

(1.7) a وَلَمَّا أَتَى اللَّيْلَ [...] خِيَمَ الْهُدُوءُ عَلَى الْبَيْتِ (l.33-4)

/wa-lammā **'atà** llaylu [...] ḥayyama lḥudū'u ʿalà lbayti/
e -quando **chegou**.Pf. 3^a.m.s a noite [...] **reinou**.Pf. 3^a.m.s a calma sobre a casa
E quando a noite **chegou** [...] a calma reinou sobre a casa

b عِنْدَمَا صَعِدَتْ أُمِّي عِنْدَ الْعَصْرِ لَتَأْتِي بِهَا، لَمْ تَجِدْهَا (l.60-1)

/ʿindamā **ša'idat** 'umm -ī ʿinda l'aşri li -ta'tī
quando **subiu**.Pf. 3^a.f.s. mãe -de mim em a-tarde para -traz.Imp. 3^a.f.s.
bi -hā, lam **tajid** -hā/
com -ela, não **acha**.Imp. 3^a.f.s. -a

Quando minha mãe **subiu**, à tarde, para trazê-lo, não o **encontrou**.

A possibilidade de se ter traduzido, majoritariamente, a forma para tempos passados no português parece sugerir que a forma realmente possa receber uma classificação de marcador temporal, como percebido pelos gramáticos tradicionais da língua árabe que a denominaram de الماضي /almāḍī/ 'o passado'. Pôde-se confirmar a inclinação de tempo passado da forma em contextos neutros, sem nenhum fator que pudesse condicionar tal indicação, e onde outras interpretações temporais tornariam a tradução do trecho mal-formada:

(1.8) فَنَادَتْ وَالِدِي (l.61)

/fa-nādat wālid-ī/
e -**chamou**.Pf. 3^a.f.s pai -de mim

e ela chamou meu pai/*está chamando (presente)/*chamará (futuro)

Outros adverbiais temporais, em forma de advérbio, expressão ou oração adverbial também figuraram ao lado da forma perfectiva:

- (1.9) a شَكَكْتُ مَرَّةً بَأَنَّهُ لَا يَرَى إِلَّا الْعُتْمَةَ (l.70)
/šakaktu marrat-an bi -'anna-hu lā yarà 'illā l'atmata/
duvidei._{pf. 1^a. s} vez -uma de -que -o não vê exceto a-escuridão
uma vez **duvidei** de que ele só visse escuridão
- b نَسِيتُ لَحْظَةً قَلْبِي وَتَوَجُّسِي (l.22)
/nasītu li -lahḍat -in qalaq -ī wa-tawajjus -ī /
esqueci-me._{pf. 1^a. s.} por -momento-um agonia -de mim e -apreensão -de mim
por um momento, **esqueci-me** da minha agonia e apreensão
- c وَلَمْ نَنْتَوَقِفْ إِلَّا عِنْدَمَا اخْتَفَى الزَّارُوبُ (l.8)
/wa-lam natawaqqaf 'illā 'indamā iḥtafā zzārūbu/
e -não paramos._{imp. 1^a. p.} exceto quando desapareceu a-viela
e não **paramos** a não ser depois que a viela desapareceu

Alguns adverbiais, embora acompanhassem a forma perfectiva, davam ao verbo um sentido de duração, às vezes já existente no semantema, impedindo uma leitura de pontualidade, como em (1.9b) acima e nas orações de (1.10) abaixo:

- (1.10) a فَتَحْتُ الْخِزَانَةَ عَلَى مَهْلٍ
/fataḥat lḥizānata 'alā mahli/
abriu._{pf. 3^a. f. s.} o-armário em vagar
abriu o armário *lentamente*
- b فَكَّرْتُ طَوِيلًا
/fakkartu ṭawīl-an /
pensei._{pf. 1^a. s.} *longamente*
Pensei *longamente*

De acordo com o aqui considerado, o tempo do verbo sozinho não determina o aspecto, mas sim conjunção do tempo verbal com o semantema do verbo, os argumentos (externos e internos), os adverbiais e o contexto. Assim, apesar do verbo na forma perfectiva, no árabe, e do pretérito perfeito que a traduziu no português – “que normalmente faz abstração da duração ou pontualidade” (TRAVAGLIA, 2014, p. 55) –, as situações em (1.9b e 1.10) são vistas como durativas por causa da noção de alargamento do tempo introduzida pelos adverbiais “lentamente” e “por um momento” aos verbos télicos “abrir a porta” e “esquecer”. Já em (1.10b) a duração própria do semantema verbal foi acentuada com o adverbial “longamente”.

1.1.2 Pretérito mais-que-perfeito

Foram discutidas, na Parte II, as formas de que o árabe dispõe para indicar o passado anterior a outro. Apresentaram-se estudos que consideraram ser o verbo auxiliar كان /kāna/ o responsável por tal leitura; outros consideraram que tal leitura advém da partícula قد /qad/, ou da conjunção dos dois fatores, sendo قد /qad/ apenas um reforço da perfectividade da situação; outros trabalhos apontam que o perfectivo sozinho basta para indicá-lo, ficando, neste caso, as questões de anterioridade a cargo do contexto.

No texto em análise, em vários momentos, o contexto sozinho bastou para a identificação desse passado remoto; também algumas orações promoviam essa leitura com uma oração adverbial atuando como ponto de referência localizador:

(1.11) a واكْتَشَفْتُ لِأَوَّلِ مَرَّةٍ كَمْ إِفْتَقَدْتُهَا (l.28)

/wa-ktašaftu li -'awwali marratin kam iftaqadtu -hā/
e -descobri.pf.1ª.s. por-primeiro vez quanto **senti falta**.pf.1ª.s -dela
e **me dei conta**, pela primeira vez, do quanto **sentira** sua falta

b لَكِنْ، هَذِهِ السَّجَّادَةُ إِخْتَفَتْ، قَبْلَ طَلَاقِ أُمِّي بِأَشْهُرٍ (l. 59-60)

/lākin hāḍihi ssajjādātu ihtafat qabla ṭalāqi 'umm -ī bi -'ašhurin/
porém este o-tapete **sumiu**.pf.3ª.f.s. antes divórcio mãe -de mim em -meses
Porém este tapete sumira *meses antes do divórcio de minha mãe*

Em (1.11a) tem-se uma relação que no português comporta dois tempos verbais distintos: o pretérito perfeito para o passado mais recente e o mais-que perfeito para o passado anterior a ele, relação esta que, no árabe, está expressa pelas duas formas no perfectivo, como também acontece muitas vezes no português (e **me dei conta**, pela primeira vez, do quanto **senti** sua falta).

Em (1.11b) é a expressão adverbial قَبْلَ طَلَاقِ أُمِّي بِأَشْهُرٍ /qabla ṭalāqi 'ummī bi-'ašhurin/ ‘meses antes do divórcio de minha mãe’ que identifica aproximadamente o momento da ação numa localização relativa “meses antes do divórcio de minha mãe”. Não há uma delimitação exata do dia e do mês, mas se identifica um ponto no passado, quando o estado de coisas expresso pelo verbo ocorreu. Ilari (1997, p. 24) observa que “apesar de sua diversidade, esse tipo de construção tem uma estrutura bastante regular, onde é possível reconhecer a) uma relação de tempo; b) uma medida convencional; c) um argumento, que é o próprio ponto de ancoragem”. Reconhece-se no trecho como representando a relação temporal de anterioridade o advérbio “antes”; a unidade padrão de medida convencional, o substantivo “meses”; e o fato em que se dá a ancoragem, o ponto de referência, “o divórcio de minha mãe”.

Como já observado anteriormente, o pretérito mais-que-perfeito emergiu do contexto sem o uso do auxiliar كان /kāna/, embora em três situações de passado remoto, houvesse a presença de قد /qad/:

- (1.12) a (l.53-54) وَعِنْدَمَا أَجْلِسُ عَلَى الْكَنْبَةِ، أَرَى الْحَرْقَ قَدْ تَحَوَّلَ إِلَى مُشْطٍ لَهُ أَسْنَانٌ رَفِيعَةٌ

/wa-ʿindamā ʾajlisu ʿalā lkanabati ʾarà lḥizza qad
e -quando sento-me.pf.1ª. s. em o-sofá vejo.Imp.1ª.s. a-fatia QAD

taḥawwala ʾilā muṣṭin la -hu ʾasnānun raffʿatun/

transformou-se.pf.3ª.m.s para pente para-dele dentes finos

Quando me sentava no sofá, via que a fatia *já se transformara* num pente de dentes finos.

- b (l.75-6) لَمَّا جَاءَ ذَاتَ ظَهْرٍ، وَقَدْ تَعَلَّمَ مِنَ وَالِدِي أَنْ يَقُولَ "اللَّهُ" قَبْلَ أَنْ يَقْرَعَ وَيَدْخُلَ – لَرُبَّمَا

أُمِّي كَانَتْ بِلا حِجَابٍ – هَجَمْتُ أُمِّي عَلَيْهِ تَسْأَلُهُ عَنِ السَّجَادَةِ

/lammā jāʾa dāta duhri wa -qad taʿallama min wālid -ī
quando veio.pf.3ª. m.s. certo tarde e -QAD **aprendeu**.pf.3ª. m.s. de pai -de mim

ʾan yaqūla allāhu qabla ʾan yaqraʿa wa -yadhūla la -rubammā
que diz.Imp.3ª.m.s. “Deus” antes que bate.Imp.3ª.m.s. e -entra Imp.3ª.m.s. por -talvez

ʾumm -ī kānat bi -lā ḥijābi hajamat ʾumm -ī ʿalay- hi
mãe -de mim esteve.pf.3ª.f.s. com -não véu avançou.pf.3ª.f.s. mãe -de mim sobre- o

tasʾalu -hu ʿan ssajjādati/
pergunta.Imp.3ª.f.s. -o sobre o-tapete

Quando veio certa tarde – ele *já havia aprendido* com meu pai a dizer “Allah”, antes de bater e entrar, – pois talvez minha mãe estivesse sem o véu –, ela avançou em sua direção lhe interrogando sobre o tapete.

- c (l.78-9) اقْتَرَبْتُ أَمْسَكَ بِيَدِهِ، فَأَمْسَكَهَا وَقَدْ عَرَفْنِي مِنْ لَمْسِهِ لِيَدِي. لِأَنَّهُ قَالَ لِي بَصَوْتٍ يُشَبِّهِ الْهَمْسَ

/ʾiqtarabtu ʾamsuku bi -yadi -hi, fa -ʾamsaka -hā wa
aproximei-me.pf.1ª.s. seguro.Imp.1ª.s. com -mão -dele então -pegou.pf.3ª.m.s. -a e

-qad ʿarifa -nī min lamsi -hi li -yad -ī li -ʾanna -hu
-QAD **conheceu**.pf.3ª.m.s. -me de toque -dele por -mão -de mim por -que -o

qāla l -ī bi -ṣawtin yuṣbiḥu lhamsa/
disse.pf.3ª.m.s. para -me com -voz parece.Imp.3ª.m.s. o-sussurro

Aproximei-me para pegar a sua mão; e ele segurou a minha, pois *já me reconheceu* pelo meu toque, porque me disse numa voz que parecia um sussurro

No contexto de (1.12a), a personagem está se lembrando de alguns episódios da infância, quando, ao se deitar sobre o tapete, tinha a sensação de que os desenhos de flores eram fatias de melancia dispostos um após o outro, e como essa imagem transformava-se quando saía do tapete para sentar-se no sofá. A leitura do trecho só permite uma tradução para o pretérito mais-que-perfeito, dada a estranheza de (1.13) abaixo:

- (1.13) ?Quando me sentava no sofá, via que a fatia (*já*) **se transformou** num pente de dentes finos.

A estranheza é devida à informação temporal de que essa situação é anterior à outra, também passada – sentar-se no sofá – e tal informação, em português, é mais adequadamente expressa pelo pretérito mais-que-perfeito (simples ou composto), tempo este que transmite uma informação de uma situação anterior à outra e que constitui seu ponto de referência.

O mesmo argumento justifica a estranheza que se verifica em (1.14) abaixo:

- (1.14) Quando veio certa tarde – ele (*já*) **aprendeu** com meu pai a dizer “Allah”, antes de bater e entrar, pois talvez minha mãe estivesse sem o véu –, ela avançou em sua direção *lhe* interrogando sobre o tapete.

Observa-se que nos dois contextos com *قد* /qad/ houve a possibilidade da tradução por “já”, uma das sugestões de tradução da partícula, como visto em 2.4 da Parte II. A presença do advérbio acentua a característica desconexa das ações, eliminando a possibilidade de simultaneidade ou de ocorrência seguida no tempo, pois ao “vir certa tarde, já havia aprendido anteriormente a dizer ‘Allah’”, então já estava aprendido, e dessa leitura de perfectividade bem marcada que produz efeitos, emerge o aspecto resultativo, e o adverbial “já” acentua essa função ao evidenciar o completamento da ação que trouxe consequências no presente. E, do mesmo modo, em (1.12a) as fatias, agora, “já estão transformadas”.

O valor de resultatividade, que indica o completamento bem-sucedido de uma ação anterior, fica evidente nos contextos de (1.12) acima, e parece acrescentar às situações de (1.12c) um ingrediente a mais: o da “certeza” da enunciadora de que sua ocorrência é devida a outro fato. Ao aproximar-se para pegar a mão do cego, a narradora já tinha sido reconhecida pelo mesmo, e por isso, ele também segura a sua mão. A sequência da frase deixa claro que o emprego de *قد* /qad/ serve para indicar a certeza que a narradora tinha de haver sido reconhecida pelo quase-cego, Iliyya, já que, mais adiante, ela explica que ele *lhe* sussurra que não se preocupasse, chamando-a de *عمو* /*ammū*/ lit. “tiozinho”, uma forma de um adulto se dirigir carinhosamente, em árabe coloquial, a uma criança. Nesse contexto, outra possibilidade de tradução seria a de (1.15) abaixo:

- (1.15) Aproximei-me para pegar a sua mão; e ele segurou a minha, pois certamente (*já*) me **reconhecera** pelo meu toque, porque me disse numa voz que parecia um sussurro

Todas as formas perfectivas em contextos de tempo relativo mais-que-perfeito, dada a leitura de acabada das situações, reafirmam o caráter aspectual perfectivo da forma. O que se pode considerar sobre o emprego da partícula *قد* /qad/ para a expressão do mais-que-perfeito é que seu uso não é relevante em algumas situações, vista a possibilidade de o

contexto por si só marcar tal tempo sem o recurso a ela, mas a sua presença, em outras situações parece acentuar mais marcadamente a situação perfectiva, realçando o valor resolutivo. Quanto ao auxiliar كان /kāna/, apontado em várias pesquisas como o verdadeiro localizador temporal em língua árabe, viu-se no texto que é possível expressar, em árabe, o passado remoto sem o seu auxílio.

1.1.3 Imperfeito do indicativo

A forma perfectiva apresentou cinco traduções para o pretérito imperfeito do indicativo do português, e o verbo كان /kāna/ ‘ser’ era verbo principal em três situações, como nos exemplo (1.16a-c) abaixo:

- (1.16) a (ل.9) كان تصرفنا واجداً
 /kāna taṣarrufu -nā wāḥidan/
 era.pf.3ª.m.s. comportamento -de nós um
 Nosso comportamento **era** idêntico
- b (ل.54-5) كان لون باقات الورود، المحيطة جوانبها الأربعة، أرجوانية اللون
 /kāna lawnu bāqāti lwurūdi lmuḥīṭati jawānibu -hā l’arba’a,
 era.pf.3ª.m.s. cor ramalhetes as-rosas a-circundante lados -dela os-quatro
 ’urjuwāniyyata llawna/
 púrpura a-cor
 A cor dos ramalhetes de rosas que o circundavam dos quatro lados **era** púrpura
- c (ل.64) إيليا كان رجلاً شبه ضير
 /’īliyyā kāna rajul -an šibhu ḡarīrin/
 Iliyya era.pf.3ª.m.s. homem-um quase cego
 Iliyya **era** um homem quase cego

Embora o árabe só tenha a forma perfectiva para indicar esse passado, no português, uma tradução para o pretérito perfeito, que majoritariamente tem traduzido a forma, neste contexto, causaria estranhamento:

- (1.17) a #Nosso comportamento **foi** idêntico
 b #A cor dos ramalhetes de rosas que o circundavam dos quatro lados **foi** púrpura
 c #Iliyya **foi** um homem quase cego

O pretérito imperfeito do verbo ser foi apontado em Dias (1918, p. 190) como o preferencial ao pretérito perfeito para indicar “naturalidade, genealogia ou qualidade de um indivíduo, ainda quando tal indicação é apresentada absolutamente, sem se pôr em relação com algum facto”. Esse uso parece contrariar a distinção apresentada em grande parte dos trabalhos sobre verbo no português, que prescrevem que a distinção entre o pretérito perfeito e o imperfeito é de cunho aspectual.

Castilho (1968, p. 190) faz referência a um uso do pretérito imperfeito, a que chama “imperfeito virtual”, que “não indica duração, nem pontualidade, nem repetição, inexistindo além do mais qualquer relação com outro tempo passado. O processo é encarado como um todo”¹⁶¹. Por considerar como inexistindo qualquer noção aspectual, Castilho denominou tais usos do imperfectivo como aspecto indeterminado.

Travaglia (2015, p. 87), avaliando de maneira diferente o mesmo tipo de contexto – que exemplifica com uma frase muito semelhante às de (1.16) acima (Meu avô **era** pessoa de boa índole) –, denomina-as da mesma maneira que Castilho, porém assevera que o caráter de indeterminado das frases atemporais ou onitemporais não pressupõe a inexistência de aspecto, mas sim que a duração é contínua e ilimitada; o que não significa duração infinita, mas antes que seus limites não são conhecidos ou perceptíveis, ainda que se possa intuí-lo.

Os outros dois verbos traduzidos para o imperfeito do indicativo foram أَيْقَنَ /’ayqana/ ‘estar certo’, também estativo como كَانَ /kāna/ ‘ser, estar’, e غَمَرَ /ġamara/ ‘abraçar, envolver’, um processo:

(1.18) a لَمَّا وَصَلْنَا الْغُرْفَةَ الدَّاخِلِيَّةَ، أَيْقَنْتُ أَنَّ زَوْجَهَا الْجَدِيدَ فِي الدَّاخِلِ (l.40)

/lammā waṣalnā lġurfata ddāḥiliyyata, ’ayqantu ’anna zawja -hā
quando chegamos.pf.1^a.p. o-quarto interno, estive certo.pf.1^a.s. ’ANNA marido -dela
ljadīda fi ddāḥili/
o-novo em o-interior

Quando chegamos ao quarto interno, eu **estava certa** de que o seu novo marido estaria lá dentro

b ثُمَّ أَحَاطَتْنِي بِزِرَاعِهَا بَيْنَمَا غَمَرْتُ أُخْتِي خَصْرَ أُمِّي (l.39)

/tūmma ’aḥāṭat -nī bi -ḡirā^c -ay -hā baynamā ġamarat
depois abraçou.pf.3^a.f.s. -me com -braços -dois -dela enquanto **envolveu**.pf.3^a.f.s.
’uḥt -ī ḥaṣra ’umm-ī/
irmã -de mim cintura mãe -de mim

Em seguida, abraçou-me enquanto minha irmã **enlaçava** sua cintura

O que os dois verbos possuem em comum, e que propicia uma tradução para o pretérito imperfeito, é que os dois são verbos durativos, e em ocorrência simultânea a outra situação aspectualmente em curso, no passado. Em (1.18a) a narradora entrou no cômodo interno e ao mesmo tempo tinha a certeza de encontrar o novo marido da mãe lá. O árabe não marca essa simultaneidade por nenhuma marca linguística, apenas as duas formas no perfectivo, e a leitura de cursividade do segundo verbo é devida ao seu caráter durativo. Em (1.18b), apesar de as duas formas estarem também no perfectivo e um verbo de processo

¹⁶¹ Nos seus trabalhos mais recentes (2000-2), o autor já não faz menção a este aspecto.

poder ser apresentado sem duração, perfeitivamente, a conjunção *بينما* /baynamā/ ‘enquanto’ propicia a leitura de simultaneidade com duração no passado.

1.1.4 Futuro do pretérito

O futuro do pretérito, atualmente inserido dentre os tempos dos verbos do português do Brasil, já pertenceu à categoria de modo, e continua, até hoje, no português europeu, nos limites entre o tempo e o modo¹⁶². Ele indica um fato que poderia ter acontecido após um outro fato no passado. A sua construção na forma composta apresenta os verbos auxiliares “ter” ou “haver” no futuro do pretérito seguido do principal no particípio.

(1.19) *وتصعد بها أمي حتى السطح تفرشها، تلتقط حبيبات النفتالين التي يكون قد ذاب معظمها من حر ورطوبة الصيف، تكتسبها بمكنسة صغيرة وتتركها فوق السطح* (l.57-8)

/wa -taʃadu	bi	-hā	’umm -ī	ḥattā	ssaṭḥi	tafruṣu	-hā
e -sobe.Imp.3 ^a .f.s.	com	-a	mãe	-de mim	até	o-terraço	estende.Imp.3 ^a .f.s
taṭṭaqaṭu	ḥubaybāti	nnaftālīni	llatī	yakūnu	qad	dāba	
recolhe.Imp.3 ^a .f.s	bolinhas	naftalina	a qual	é.Imp.3 ^a .m.s.	QAD	derreteu.Pf.3 ^a .m.s.	
muḥdamu -hā	min	ḥarri	wa -ruṭūbati	ṣṣayfi	taknisu	-hā	bi
maioria	-dela	de	calor	e -umidade	o-verão	varre.Imp.3 ^a .f.s	-a
ṣaḡīratin	wa -tatruku	-hā	fawqa	ssaṭḥi/			
pequena	e -deixa.Imp.3 ^a .f.s.	-a	sobre	terraço			

e minha mãe subia com ele até o telhado. Estendia-o, recolhia as bolinhas de naftalina – a maioria das quais *já deveria ter derretido* com o calor e a umidade do verão –, varria-o com uma vassourinha e deixava-o sobe o terraço

A união de *يكون قد* /yakūn qad/ + perfectivo, no texto, confirma o emprego apontado por Holes (2004, p. 234) e Bahloul (2008, p. 123-4). Os autores prescrevem que, além da função temporal, o imperfectivo de *كان* /kāna/, seguido (ou não) de *قد* /qad/, tem função modal, indicando ação ainda não realizada ou não fatural, tendo o sentido de possibilidade “pode ter feito x”. O tempo exato do auxiliar modal deve ser extraído do contexto, como no exemplo acima, em que a possibilidade de as bolinhas de naftalina terem derretido é uma ação posterior a uma ação ocorrida no passado, daí a opção por traduzi-lo pelo futuro do pretérito, que indica um fato incerto, transmitindo uma hipótese ou suposição de que a situação ocorrera. No contexto árabe, apesar da leitura de hipótese do auxiliar, a estrutura *قد ذاب* /qad dāba/ indica o aspecto perfectivo e evento ocorrido e terminado no passado.

¹⁶² Cf. MATEUS et al., 2003, p. 256.

1.1.5 Imperfeito do subjuntivo

A forma perfectiva pôde ser traduzida para o imperfeito do subjuntivo na situação seguinte:

- (1.20) لَرُبَّمَا أُمِّي كَانَتْ بِلا حِجَابٍ (l.76)
 / la -rubammā 'umm -ī **kānat** bi -lā hijāb /
 por -talvez mãe -de mim **esteve**.pf.3^a.f.s com -não véu
 pois talvez minha mãe **estivesse** sem o véu

O que concorreu para a leitura de modo subjuntivo foi a presença do advérbio dubitativo “talvez”, que veicula a modalidade de probabilidade ou possibilidade; já a escolha pelo imperfeito é devida à tradução do contexto adjacente, já visto em (1.12b) acima, e repetido (1.21) abaixo:

- (1.21) Quando veio certa tarde – ele já havia aprendido com meu pai a dizer “Allah”, antes de bater e entrar, –
 pois talvez minha mãe **estivesse** sem o véu –, ela avançou em sua direção lhe interrogando sobre o tapete.

Travaglia (2005, p. 156 *et seq.*) lembra que raramente os trabalhos sobre aspecto abordam a questão dos verbos no subjuntivo, dado que a maioria dos casos dos verbos nesse modo expressam situações irreais, incertas, hipotéticas, diminuindo a percepção das noções aspectuais ou até mesmo anulando-as. No entanto, o autor admite que em frases dubitativas com “talvez”, geralmente com verbos estativos, a noção de aspecto se atualiza “a despeito da modalidade de possibilidade ou probabilidade presente”. Desse modo, pode-se dizer que a situação em (1.20) expressa o aspecto imperfectivo cursivo português.

1.2 O PERFECTIVO E AS FORMAS DO NÃO-PASSADO

1.2.1 Presente do indicativo

Um fato, a princípio, causa estranheza na análise do conto: a possibilidade de algumas formas serem traduzidas para o presente do indicativo, ou antes, a impossibilidade de algumas serem traduzidas para um tempo do passado. Foram sete as ocasiões em que se observou a necessidade de se transpor a forma perfectiva árabe pelo tempo presente do indicativo, das quais seis estão ilustradas abaixo:

- (1.22) a قَلْبِي يَدُقْ. فَهَمْتُ أَنْ ضَرَابَاتِهِ لَيْسَتْ أَثَارَ الْخَوْفِ وَالرَّكْضِ، بَلْ مِنْ رَهْبَةٍ هَذَا اللَّقَاءِ (l.12)
 /qalb -ī yaduqu **fahimtu** 'anna ḍarābāti -hi laysat
 coração -de mim bate.Imp.3^a.m.s. **compreendi**.pf.1^a.s. que batidas -dele não é
 'āṭāra ḥawfi wa-rrakḍi bal min rahbati hādā lliqā'i/
 vestígios o-medo e -a-corrida mas de temor este o-encontro
 Meu coração bate. **Compreendo** que esse bater não é do medo ou da corrida, mas do temor

deste encontro

- b (I.13) فَأَنَا قَدْ حَفِظْتُ نَفْسِي وَخَجَلِي

/fa-'anā QAD ḥafīḏtu nafsī wa-ḥajal -ī/
e - eu QAD soube._{pf.1ª.s.} me e -timidez -de mim
Eu já me **conheço**, e **conheço** a minha timidez.

- c (I.17 e 18) لَكِنْ، أَنَا أَعْرِفُ نَفْسِي. لَقَدْ حَفِظْتُهَا غَيِّبًا

/lākin 'anā 'a'rifu nafsī LA-QAD ḥafīḏtu -hā ḡayban/
porém eu conheço._{pf.1ª.s.} me LA-QAD soube._{pf.1ª.s.} -a de cor/
Porém eu me conheço. Já **sei** como sou

- d (I.19-20) وَأَنَا فِي الْحَدَثِ نَفْسَهُ وَوَقَفْتُ وَنَظَرْتُ إِلَى الْأَرْضِ وَجِبِينِي قَدْ زَادَ تَقَطُّبُهُ

/wa-'anā fī lḥadaṭi nafsī -hī wa -waqftu wa-naḍar -ī 'ilā
e -eu em a-situação mesma -o e -**detive-me**._{pf.1ª.s.} e -olhar -de mim para
l'arḍi wa -jabīn -ī qad zāda taqṭību -hu/
o- chão e -testa -de mim QAD **aumentou**._{pf.3ª.m.s.} carranca -dele

quando me encontro em tal situação, **fico parada** com os olhos voltados para o chão, e minha testa **aumenta** ainda mais seu franzido

- e (I.34 e 35) إِلَّا مِنْ بُكَاءِ مَرْيَمَ [...] وَالتِّي وَعَيْثُ عَلَيْهَا وَهِيَ فِي الْبَيْتِ تُقِيمُ مَعَهَا

/'illā min bukā'i maryam [...] wa-llatī wa'iytu 'alay -hā wa-hiya
exceto de choro Maryam [...] e -que **tive consciência**._{pf.1ª.s.} sobre -a e -ela
fī lbayti tuqīmu ma'a -nā/
em a-casa mora._{imp.3ª.f.s.} com -nos

a não ser pelo choro de Maryam [...] que, desde que **me entendo por gente**, morava conosco

O uso do perfectivo com o verbo فهم /fahima/ 'entender', em (1.22a) condiz com o apontado por Bahloul e Holes¹⁶³. Os autores mencionam que a forma perfectiva deste verbo é sempre traduzida para o inglês pelo tempo presente, e que não só ele, mas outros verbos de emoção e cognição são, frequentemente, usados com pouca ou nenhuma referência ao tempo passado. De fato, a personagem se dá conta de que seu coração está batendo forte, pois está em uma situação atípica, e “compreende” (uma situação em curso) que o motivo desse bater não é decorrente do fato de estar sentindo medo ou de ter corrido, mas sim porque vai reencontrar a mãe que não vê há tempos.

Em (1.22b e c) o verbo حفظ /ḥafīḏa/ 'memorizar, saber de memória/de cor', também cognitivo como o anterior, está precedido pela partícula قد /qad/ e لقد /la-qad/. A partícula, como em alguns contextos, não acrescenta qualquer alteração de cunho temporal ou aspectual, pois sua presença ou ausência parece não fazer diferença; também não propicia a leitura de passado recente, uma ação acabada de ocorrer, visto tratar-se de verbos estáticos.

¹⁶³ Cf. Capítulo II.

Nesse contexto, a partícula parece adicionar à situação uma ênfase à certeza do conceito expresso pelo verbo estativo, informando que esse autoconhecimento da narradora já fora observado anteriormente. Tal uso confirma o exposto em Wright (1996, VII, p. 4), quando cita a denominação árabe حرف التوقع /ḥarf ttawāquq/ lit. ‘partícula de expectativa’, usada para confirmar um estado já conhecido anteriormente, sendo, provavelmente, esta a razão da escolha da forma perfectiva árabe para expressar a situação, que, no português, causaria estranhamento:

- (1.23) a ? Eu *já* me **conheci**, e **conheci** a minha timidez.
 ? Porém eu me conheço. *Já soube* como sou.

O tempo presente é o tempo apropriado para traduzir esse tipo de perfectivo árabe, porque, nesses contextos, onde se faz uma afirmação válida para todos os tempos, o pretérito perfeito seria impróprio como se vê em (1.23a e b) acima.

As duas situações de (1.22d) também não se adéquam a uma tradução para um dos tempos pretéritos do português, como se verifica na estranheza de (1.24) abaixo:

- (1.24) *quando me *encontro* de fato diante da situação, **fiquei/ficara/ficava parada** com os olhos voltados para o chão, e minha testa **aumentou/aumentara/aumentava** ainda mais seu franzido

O emprego da forma perfectiva no árabe deve-se ao fato de a personagem estar descrevendo ações próprias, que já ocorreram em situações semelhantes anteriormente. A presença de قد /qad/, diante do segundo verbo, reforça a noção da anterioridade do evento expresso pelo verbo, e a ideia de repetição que justifica o uso do perfectivo como uma atitude habitual da narradora está expressa na oração وأنا في الحدث نفسه /wa-’anā fī ḥadaṭi nafsi-hi/ lit. ‘e eu na situação a mesma’. A partícula نفس /nafs/ traduzida pelo demonstrativo “mesma” é o responsável por esta noção, e sua presença sugere que ela já passou por outras situações semelhantes à que se encontra.

Por fim, o último trecho também apresenta um verbo de cognição como os de (1.22a, b e c) e, como nestes casos, a forma perfectiva parece apresentar pouca ou nenhuma carga temporal de passado.

O emprego do perfectivo árabe no próximo exemplo é mais difícil de explicar.

- (1.25) لم تفهم معنى نظرتي. بل اتجهت إلى خزانة تفتحها وترمي لي ببُلوزة مُطرزة (1.46-7)

/lam tafham ma^cnà nadrat -ī bal ttjahat ’ilā ḥizānati
 não entende._{Imp.3^a.f.s.} significado olhar -de mim mas dirigiu-se._{Imp.3^a.f.s.} até o-armário
 taftaḥu -hā wa -tarmī l -ī bi-buluzatin muṭarrazatin/

abriu -o e -jogou para -mim blusa bordada

Ela não **entendeu** o significado do meu olhar, mas **dirigiu-se** até um armário, **abre-o** e **joga** para mim uma blusa bordada.

O exemplo acima, faz parte da narrativa de maior tensão. Todo o trecho é apresentado com verbos na forma imperfectiva, que propicia uma leitura de tempo presente, o chamado presente histórico ou narrativo, já mencionado, como se observa na tradução mais ampliada do trecho abaixo:

- (1.26) Abro os olhos, fixo-os no chão e congelo. Tremo. Olho para o tapete persa estendido no chão. Olho longamente para minha mãe. **Ela não entende o significado do meu olhar, mas dirige-se** até o armário, abre-o e joga para mim uma blusa bordada. Em seguida, dirige-se à gaveta da penteadeira de onde apanha um pente de marfim desenhado com corações vermelhos e dá para minha irmã. Dirijo meu olhar para o tapete persa e tremo de rancor e ódio.

O trecho reporta-se ao momento crucial em que a personagem descobre que sua mãe fora a responsável pelo sumiço do tapete persa, roubado meses antes de seu divórcio, enquanto estava estendido ao sol no terraço da casa. Trata-se de um evento passado, mas narrado com verbos na forma imperfectiva para demonstrar o desenvolvimento dos fatos, em forma fotográfica ou como um filme se desenrolando diante do leitor. No entanto, o trecho, no original árabe, não apresenta todos os verbos na forma imperfectiva, como se pode observar no trecho destacado em (1.25) mais acima.

Al-Khafaji (1972, p. 551) faz referência a uma mudança de tempo verbal (*front-shifting*) usada por romancistas e dramaturgos em suas narrações para adicionar mais vivacidade aos incidentes ocorridos no passado. Este recurso faz parecer ao leitor que o acontecimento é mais recente, real, e o torna mais envolvido com o que se passa. Não é a um caso como esse que Al-Khafaji está se referindo. Ele usou um exemplo parecido com o seguinte:

- (1.27) لَكِنَّ إِيْلِيَا مَشَى يَسْتَنْدُ عَلَى دَرَائِزِ الدَّرَجِ. يَنْزِلُ الدَّرَاجَاتِ، أَخَذًا وَقْتًا (l.80-1)

/lakinna 'īliyya **mašà** yastanidu 'alà darābzīna ddaraji
porém Iliyya **caminhou**._{pf.3ª.m.s} apoia-se._{Imp.3ª.m.s.} em corrimão a-escadas

yanzilu ddarājāti, 'āḥīdan waqtan
desce._{Imp.3ª.m.s.} o-degraus aquele que leva tempo

Porém Iliyya **caminhou** apoiando-se no corrimão das escadas. **Desce** os degraus, levando um tempo

A troca da forma verbal, põe ênfase na ação que o homem está praticando. Pode-se visualizar o evento em desenvolvimento, como se numa câmera lenta. O verbo na forma perfectiva não propiciaria tal leitura, não colocaria em evidência as fases de desenvolvimento

que a imperfectiva provoca, como se fosse possível visualizar os pés de Iliyya tocando um degrau da escada de cada vez durante sua descida demorada.

O que causa estranhamento em (1.25) é a presença das duas formas perfectivas dentre as situações imperfectivas. Vale lembrar que, apesar da forma perfectiva de *لَمْ تَفْهَمْ* /lam tafham/ ‘ela não entendeu’, indicar morfologicamente tempo passado, em árabe, como visto mais acima, verbos de emoção e cognição como *فَهِمَ* /fahima/ ‘entender’ são, frequentemente, utilizados no perfectivo sem muita referência ao passado, o que poderia justificar seu emprego no contexto. Embora o árabe tenha como expressar as duas situações no imperfectivo: *لَا تَفْهَمُ* /lā tafhamu/ ‘ela não entende’ e *تَتَّجِهْ* /tattajihu/ ‘ela se dirige’, que seriam mais harmoniosas com os demais verbos, no entanto, a autora optou por empregá-los no perfectivo, não fazendo a correlação entre os verbos da oração. Por estar inserido num contexto de uso do presente narrativo, esta pesquisa optou por traduzir essas formas, embora perfectivas, pelo tempo presente, pois percebe-se que a autora empregou a forma imperfectiva fotografando a ação para o leitor imaginá-las em sua frente, como se ocorresse naquele momento mesmo em que lê. Isso dá mais precisão na descrição da cena, embora as ações sejam sabidamente passadas.

Algumas decisões de tradução podem ser alteradas, como manter o verbo de (1.22a) no pretérito perfeito “compreendi”, visto que não há como afirmar se o evento é um fato repentinamente descoberto, sendo essa descoberta pontual, momentânea, ou se essa percepção das batidas (pressupõe-se aceleradas, visto que invariavelmente o coração já bate) já vinha sendo notada. Deve-se observar, ainda, que o uso do presente poderia ter ocorrido com mais frequência na tradução não fosse a proposta de se manter o mais que possível a ligação temporal/aspectual que a forma perfectiva árabe pressupõe. De fato, para efeito do confronto das formas verbais, muitas vezes, optou-se por uma tradução mais literal com o intuito de manter maior equivalência com o texto original. No entanto, considera-se que, em algumas situações, fosse uma tradução literária, com a finalidade de se produzir um texto mais agradável, mais fluido, muitas das escolhas poderiam ser repensadas, e, sem nenhuma perda do sentido original, a forma presente do indicativo, nestes casos denominada de presente histórico, poderia ser empregada para se atribuir mais vivacidade dos fatos e proximidade maior, como em várias passagens da tradução de A.A., em que se percebe, com o emprego do presente histórico, uma narrativa mais dinâmica, que aguça mais o interesse do leitor. Observa-se o dito supra na passagem abaixo, onde a autora empregou formas perfectivas que foram traduzidas pelo verbo presente do português, com os objetivos já assinalados:

- (1.28) Quando **chega** a nossa vez, **vejo**-o ao chegar da escola sentado num banco, diante dum monte de palha, o cabelo vermelho brilhando ao sol. Ele **estende** os dedos e **apanha** com facilidade o fio de palha, como se fosse um peixe, que passa, ileso, por entre a armação da rede. (A.A.)

1.2.2 Presente do subjuntivo

O presente do subjuntivo pôde traduzir o verbo da seguinte passagem:

- (1.29) مَهْمَا حَاوَلْتُ فَأَنَا لَا أَسْتَطِيعُ إِظْهَارَ عَاطِفَتِي
 /mahmā hāwaltu fa -'anā lā 'astaṭī'u 'idhāra 'āṭifat -i/
 mesmo que tentei._{pf.1ª.s.} e -eu não consigo._{imp.1ª.s.} demonstração sentimento -de mim
 mesmo que eu tente, não consigo demonstrar meu sentimento

O que propicia a leitura de presente subjuntivo da forma perfectiva é a conjunção مَهْمَا /mahmā/ “mesmo que, por mais que”, uma locução conjuntiva subordinada classificada na gramática tradicional do português de concessiva. O tipo de relação mantida por esta locução é de anormalidade, visto que produz uma quebra de expectativa do que era esperado ao não se evidenciar algo que seria normal acontecer. O destaque é dado à ideia irrelevante e não suficiente para que a proposição exposta na oração principal se torne realidade¹⁶⁴. Assim, a oração concessiva “mesmo que eu tente”, expõe a tentativa da personagem, dado irrelevante, não suficiente, para que o dito na oração principal seja verdadeiro “conseguir demonstrar o sentimento”.

Apesar de “mesmo que” selecionar, no português, o modo subjuntivo, não há nenhuma restrição quanto a que “tempo” do subjuntivo deva ser empregado com ela, assim “por mais que eu tente/tentasse” são traduções possíveis, dependendo do contexto adjacente ou da subjetividade do tradutor a escolha de uma das formas. É relevante assinalar que seu correspondente árabe مَهْمَا /mahmā/ também não seleciona “tempo” e tanto a forma perfectiva como a imperfectiva podem ser empregadas diante dele, como se observa no texto nas demais ocorrências desta locução, que será abordado na próxima seção sobre as formas imperfectivas.

1.3 O PERFECTIVO E AS FORMAS NOMINAIS

1.3.1 Infinitivo

Em dois momentos, a forma perfectiva estava precedida da partícula حَتَّى /ḥattā/ ‘até’, que propiciou uma tradução para o infinitivo:

- (1.30) a تَنَاوَلْتُ سَنْطَةً يَدِيهَا أُدْخَلْتُهَا حَتَّى وَصَلْتُ إِبْطَهَا (l. 5-6)

¹⁶⁴ Cf. AZEREDO, 2002, p. 237-9.

/tanāwalat šanʔata yadi -hā 'adħalat -hā ḥattà waṣalat 'ibṭa-hā/
 apanhou.pf.3ª.f.s. bolsa mão -dela trouxe.pf.3ª.f.s. -a até chegou.pf.3ª.f.s. axila-dela.
 apanhou sua bolsa de mão, subiu-a [pelo braço] até chegar ao ombro

- b (l.81-82) ينزل الدَّرَاجَات أَخْذاً وَقْتاً، عَلَى غَيْرِ عَادَتِهِ، فِي تَحْسُّسِ طَرِيقِهِ حَتَّى إِخْتَفَى وَلَمْ نَعُدْ نَرَاهُ
 /yanzilu dḍarājāti 'āḥiḍan waqtan 'alā ġayri 'ādati -hi fī taḥassusi
 desce.Imp.3ª.m.s as-escadas o que leva tempo ao contrário costume -dele em apalpar
 ṭarīqi -hi ḥatta iḥṭafā wa -lam na'ud narā -hu/
 caminho -dele até desapareceu.pf.3ª.m.s. e -não voltamos.Imp.1ª.p. vemos.Imp.1ª.p. -o
 'Desce os degraus, levando um tempo – o que não era seu costume –, para apalpar seu
 caminho até desaparecer, e nunca mais voltamos a vê-lo.'

Travaglia assinala que o infinitivo apresenta a situação sem atualizar qualquer noção aspectual, mas, embora a forma portuguesa que traduziu o perfectivo em (1.30a e b) seja o infinitivo, percebe-se o aspecto terminativo pontual da ação. O uso das formas perfectivas, no contexto como um todo, parece indicar uma progressão até o alcance final do evento. Assim, em (1.30a) ela foi subindo a bolsa que, por fim, chegou ao ombro, e em (1.30b) há uma sucessão de situações que culminou com o evento traduzido pelo infinitivo: ele desce os degraus, e de modo não habitual, demora nesta descida para apalpar seu caminho até que desapareceu para sempre.

O infinitivo composto traduziu duas formas perfectivas:

- (1.31) a وهو يأكل ويعرف أنه أكل ما في الصَّحْن (l. 74-5)
 /wa -huwa ya'kulu wa -ya'rifu 'anna -hu 'akala mā fī ṣṣaḥni/
 e -ele come.Imp.3ª.m.s. e -sabe.Imp.3ª.m.s. que -o comeu.pf.3ª.m.s. que em o prato
 comendo e sabendo ter comido o que havia em seu prato
- b وكأني رأيت دُموعاً خفيفة على خديّهِ (l. 79)
 /wa -ka -'ann -ī ra'aytu dumu'an ḥafīfatan 'ala ḥad -ay -hi/
 e -como -se -eu vi.pf.1ª.s. lágrima leve sobre bochechas -duas -dele
 e pareceu-me ter visto uma lágrima imperceptível em suas faces

O uso do infinitivo pessoal composto nas duas situações combina bem com o caráter de concluído e passado da forma árabe.

1.3.2 Participípio

A única tradução para o participípio foi um caso de voz passiva:

- (1.32) a وتتناول منه مُشَطَّ عاجياً، رُسِمَ عَلَيْهِ قُلُوبٌ حُمْرَاء (l. 47-8)
 /wa -tatanawalu min -hu muṣṭan 'ājiyyan rusima 'alay -hi qulūbun ḥamrā'u/
 e -apanha.Imp.3ª.f.s. de -o pente marfim foi desenhado.pf.3ª.m.s. sobre -o corações vermelhos
 apanha um pente de marfim desenhado com corações vermelhos

Também o caráter aspectual de perfectivo da forma está presente no verbo que o traduziu.

1.4 O PERFECTIVO E AS PERÍFRASES VERBAIS

As perífrases verbais são estruturas gramaticais de uso muito frequente no português com riqueza de nuances temporais, tanto na língua oral como na escrita. São várias as questões levantadas quanto à definição dessas combinações que vai além do escopo deste trabalho; resume-se que o termo perífrase aqui adotado serve para denominar qualquer sequência de verbos para identificar os valores temporais, aspectuais ou outra noção semântica qualquer por elas indicadas.

Morfologicamente, a construção perifrástica é formada por um verbo auxiliar ligado a um verbo chamado principal diretamente ou com preposição. Nesse grupo, conjuga-se apenas o auxiliar, o verbo principal fica sempre numa das formas nominais: infinitivo, particípio ou gerúndio. O árabe também apresenta construções semelhantes que podem ser traduzidas por perífrases verbais do português. No entanto, diferente do português – que apresenta várias construções temporais nas quais o verbo auxiliar pode estar conjugado –, o verbo auxiliar árabe, ou seja, o primeiro verbo da construção, só pode figurar na forma perfectiva ou imperfectiva, e o segundo verbo será sempre um imperfectivo ou um nome deverbal¹⁶⁵, que podem ser traduzidos por uma das formas nominais do português citadas acima.

Quando a forma perfectiva figurou no texto aqui analisado como primeiro elemento de perífrase verbal, pôde ser traduzido pelo pretérito perfeito. No entanto, de acordo com o sentido semântico de cada verbo, a leitura dessas combinações teve uma interpretação aspectual própria.

Os verbos árabes perfectivos que figuraram na posição de verbo auxiliar foram انتهى من /intahà min/ ‘acabar de’, ابتداءً بـ /ibtada’a bi-/ ‘começar a’, أخذ /aḥaḍa/ ‘começar a’, وجد /wajada/ ‘achar, encontrar’. As noções advindas dessas perífrases encontram-se descritas na sequência.

a) Apenas um verbo perfectivo de semantema com significação de término انتهى من /intahà min/ ‘acabar de’ figurou no texto:

(1.33) لَمَّا انْتَهَتْ مَرْيَمُ مِنْ تَضْفِيرِ شَعْرِي إِلَى ضَفِيرَتَيْنِ (L.1)

¹⁶⁵ Nesses contextos, o nome deverbal funciona sempre como um infinitivo. São exemplos do texto: انْتَهَتْ مِنْ تَضْفِيرِ /intahat min **taḍfiri**/ ‘terminou de **trançar**’, ابتداءً بالركض /ibtada’nā bi-**rrakdi**/ ‘começamos a correr’.

/lammā ntahat maryam min taḍfirin šaʿr -ī ʿilā ḍafīrat-ayni /
 quando terminou._{Pf.3ª.f.s.} Maryam de trançar._{maṣdar} cabelo -de mim até trança -duas
 Quando Maryam terminou de fazer duas tranças em meu cabelo

A primeira linha do texto apresenta essa construção formada por uma forma perfectiva ligada a um nome deverbal pela preposição من /min/ “de”. A expressão foi traduzida por uma forma que indica o aspecto imperfectivo terminativo, pois assinala o momento em que termina um processo que durou um tempo, dado que o verbo “trançar” não é instantâneo, mas sim descreve uma duração, isto é, Maryam vinha trançando o cabelo da personagem até chegar à sua finalização.

Castilho (1968, p. 63) observa que as noções aspectuais advindas das perífrases verbais podem ser veiculadas pelo semantema do verbo auxiliar ou do todo formado pelo verbo auxiliar mais o principal, e, neste exemplo, o que indica o aspecto terminativo é o semantema do verbo auxiliar “terminar de”.

b) Houve cinco ocorrências de semantema com noção de inceptividade; uma com o verbo ابتدأ /ibtadaʿa bi-/ ‘começar a’ mais o nome deverbal, e cinco ocasiões com o verbo أخذ /aḥaḍa/ ‘começar a, pôr-se a’ mais o imperfectivo, como exemplificados no que segue:

(1.34) a لما وصلنا آخر درجة، ابتدأنا بالركض (l.8)

/lammā waṣalnā āḥira darajatin ʾibitadaʿnā bi-rrakdi/
 quando chegamos.1ª.Pf.p. último degrau começamos.1ª.Imp.p. a -correr
 Quando chegamos ao último degrau, começamos a correr

b أخذت أفكر بأنني سوف أجبر نفسي على أن أتصرف كما تتصرف أختي (l.16)

/ʾaḥaḍtu ʾufakkiru bi -ʾann-ī sawfa ʾajbiru nafsī ʿalā ʾan
 comecei._{Pf.1ª.s.} penso._{Imp.1ª.s.} em -que -eu SAWFA obrigo -me a que
 ʾataṣarrafa kamā tataṣarrafu ʾuḥt -ī/
 comporto-me._{Imp.1ª.s.} como comporta-se._{Imp.3ª.f.s.} irmã -de mim

Comecei a pensar que eu me obrigaria a me comportar exatamente como minha irmã

Em todas as ocorrências com أخذ /aḥaḍa/ a perífrase foi formada com o imperfectivo (وأخذت تبكي) ‘e começou a chorar’ (l.32 e l.36), وأخذنا نضحك ‘e começamos a rir’ (l.39). Também, nesses casos, o responsável pela noção de inceptividade é o semantema do verbo auxiliar. Castilho (1968, p. 66) aponta outras possibilidades, no português, de flexão temporal para o verbo auxiliar (começa a, começava a), no entanto, estando o auxiliar no pretérito perfeito há uma indicação mais clara do início da ação.

c) A construção com عاد /āda/ ‘voltar a’ no perfectivo mais um verbo imperfectivo apresentou duas ocorrências:

- (1.35) a **مسحتُ دموعها بكُمها، وعادت تتأملني** (l.37)
 /masaḥat dumū'a -hā bi -kummi-ha, wa-**ādat** **tata'ammalu** -nī/
 secou._{pf.3^a.f.s} lágrimas-dela com-manga -dela e -**voltou**._{pf.3^a.f.s} **contempla**._{imp.3^a.f.s} -me
 Secou as lágrimas nas mangas e **voltou a me contemplar**
- b **عُدْتُ أَنْظُرَ إِلَى أُمِّي، وَفَسَّرْتُ نَظْرَتِي إِشْتِيَاقًا وَحَنَانًا** (l.48-9)
 /**udtu** **'andūru** 'ilā 'umm -ī wa-fassarat naḍart -ī
voltei._{pf.1^a.s} **olho**._{imp.1^a.s} para mãe -de mim e -interpretou._{pf.3^a.f.s} olhar -de mim
 štiyāqan wa -hanānan/
 amor e -ternura
Voltei a olhar para minha mãe, que interpretou meu olhar como amor e ternura

O verbo “voltar a” marca repetição, indicando que algum tipo de evento se repete. Em (1.35a) “voltou a me contemplar” e em (1.35b) “voltei a olhar” indicam o recomeço de uma atividade interrompida anteriormente. Neste exemplo, não há iteração, visto a repetição não ser múltipla, isto é, não há um “coletivo de ações”, conforme aqui considerado, embora alguns autores¹⁶⁶ avaliem essas construções com voltar+a+infinitivo indicadoras de iteratividade, a que chamam “iteração simples”.

Travaglia observa que o verbo “voltar a” pode expressar iteratividade com o verbo no tempo presente, pretérito imperfeito ou gerúndio com um adverbial adequado, como no exemplo abaixo:

- (1.36) **Quando Antonio está na cidade**, Raul **volta a chegar** tarde em casa.

O responsável pela leitura iterativa de (1.36) é a cooperação do tempo presente e a oração adverbial “Quando Antônio está na cidade”, que se pressupõe ocorra várias vezes, fazendo com que a construção voltar+a+infinitivo indique repetição ilimitada.

Freed (1979, p. 99-100), analisando o verbo *resume* do inglês, equivalente a “voltar a”, considera que ele indica *take up again*, ou seja, retomar os eventos ou ações, interrompidos anteriormente. Essa concepção da perífrase, assim, parece configurar o aspecto inceptivo, visto que se completou uma situação que durou (neste caso, contemplar e olhar), e, depois de um intervalo de interrupção, começa a ocorrer outra situação do mesmo tipo.

d) O texto evidenciou uma construção peculiar no árabe com o verbo وجد /wajada/ ‘achar, encontrar’ mais o imperfectivo. Foram as três ocorrências expostas abaixo:

- (1.37) a **لَكِنْ، لَمَّا فَتَحْتُ أُمِّي الْبَابَ وَرَأَيْتُهَا، وَجَدْتُي لَا أَنْتَظِرُ أَحَدًا** (l.26)
 /lākin, lammā 'umm -ī fataḥat lbāba wa -ra'aytu -hā **wajadtu**
 porém, quando mãe -de mim abriu._{imp.3^a.f.s} a-porta e -vi._{pf.1^a.s} -a **achei**._{pf.1^a.s}
 -ni lā **'antadīru** 'aḥadan/
 -me não **espero**._{imp.1^a.s} alguém

¹⁶⁶ GARCIA (1976), ALMEIDA (1980), dentre outros.

- b وَجَدْتَنِي أَصِيح: "إيليا؟" (l.63)

/wa-wajadtu -ni 'aṣīḥu 'īlīyā/
e -encontrei.Pf.1ª.S. -me grito.Imp.1ª.S. Iliyya

- c وَجَدْتَنِي أَقْرِص وَأَنْظِرْ إِلَى وَجْهِهِ الْمُتَوَرِّدِ الْأَحْمَرِ (l.70)

/wa-wajadtu -ni 'uqarfiṣu wa -'andūru 'ilā wajhi -hi
e -encontrei.Pf.1ª.S. -me agacho-me.Imp.1ª.S. e -olho.Imp.1ª.S. para rosto -dele
Imutawarridi l'aḥmari/
o-rosado o-vermelho/

O emprego do verbo árabe parece confirmar uma característica da auxiliaridade verbal apontada em Castilho (2000, p. 29). O verbo وجد /wajada/ significa ‘encontrar/achar algo’, no entanto, os contextos em que ele figura em perífrase apresentou um esvaziamento semântico, isto é, ele não foi empregado no seu sentido habitual, mas sim, ao estar acompanhado da partícula نِي /-nī/ que assinala o pronome pessoal oblíquo árabe de primeira pessoa “me”, transmite a leitura de “perceber-se/ver-se”. Nas passagens em que configurou seguido da forma imperfectiva possibilitou uma tradução do verbo principal para o gerúndio, forma verbal que constitui as construções perifrásticas do aspecto imperfectivo cursivo. A leitura resultante desta combinação é a de que a personagem não percebeu em que momento a ação começou a ocorrer, e quando se dá conta, já está no meio do acontecimento, favorecendo, assim, a interpretação de cursividade, onde os limites iniciais e finais não são apresentados, pois nem mesmo a personagem pode defini-los, visto que já se vê no meio da situação. No entanto, na passagem do árabe para o português, uma tradução literal figurou-se não muito bem-formada, e os trechos apresentaram versões diferentes nas duas traduções, a desta pesquisa e a de A.A.:

- (1.38) a Mas quando minha mãe abriu a porta e eu a vi, **não esperei por ninguém**
b Mas quando minha mãe abriu a porta e eu a vi, **só sei que não esperei por mais ninguém** (A.A.)

Nas duas versões, optou-se por uma tradução diferente do contexto original, que literalmente, significaria “... eu me encontrei não esperando por ninguém”.

A frase (1.37b) não apresentou distinção entre as duas traduções, no entanto, em ambas, o verbo “encontrar(se)” foi substituído por “ver(se)”

- (1.39) me vi gritando: “Elias?”

O último caso dessa construção também não teve tradução idêntica nos dois trabalhos, como se pode observar abaixo:

- (1.40) a “e me encontrei me **agachando** e **olhando** para seu rosto vermelho-rosado”

- b “ponho-me de cócoras e olho para seu rosto rosado e avermelhado” (A.A.)

A opção por traduzir as duas formas para o gerúndio foi para preservar a ideia imperfectiva de cursividade simultânea transmitida pelas duas formas verbais árabes, ligadas pelo conector وا-/wa-/ ‘e’.

Seja qual for que tenha sido a opção para se transpor ao português essa expressão, no contexto árabe, ela apresentou o sentido de que a narradora não percebeu em que momento começou a praticar as ações expressas pelo verbo principal, só notando o que fazia já pelo meio da ocorrência: “me encontrei não esperando por ninguém”, “me encontrei gritando”, “me encontrei me agachando e olhando”. Nesses casos, a noção aspectual advém da perífrase como um todo, dado que o verbo auxiliar, por si só não expressa nenhuma noção aspectual, e a interpretação de imperfectividade cursiva é resultado da interação entre ambos os verbos no contexto e da atuação da partícula pronominal نِي /-ni/ ‘me’.

As expressões analisadas acima demonstram que o árabe, assim como o português, recorre a construções perifrásticas na formação de alguns conceitos, quando o verbo principal, sozinho, não tem a condição suficiente para a expressão do aspecto desejado pelo enunciador. O fato de no árabe só haver uma forma nominal correspondente ao infinitivo, o /maṣdar/, e o imperfectivo para ocupar o lugar do verbo principal na construção perifrástica, não impede a compreensão dos significados para que seja traduzido para o português por uma forma adequada, seja infinitivo, gerúndio ou particípio, ou até que o tradutor opte por apresentar a mesma construção sob uma perspectiva diferente da do texto original, com a finalidade de o tornar mais “fluido” na língua para a qual foi transposto. Isso explica, como se percebe nos exemplos (1.37a-c), o porquê de algumas construções não encontrarem a mesma interpretação entre os tradutores para serem vertidas para o português.

1.5 O PERFECTIVO E A NEGAÇÃO

Um fato a ser destacado na análise da expressão do passado no texto é a sua negação. Observou-se que, apesar de haver várias construções negativas no tempo passado, nenhuma delas estava empregada com a forma perfectiva precedida da partícula de negação ما /ma/ ou لَمَّا /lammā/, ambas significando ‘não’. A autora optou por empregar sempre a partícula negativa لَمْ /lam/, que exige o verbo na forma imperfectiva.

- (1.41) a لَمْ يَقُلْ شَيْئاً (l. 77)
/lam yaqul šay’an/
não diz.Imp.3ª.m.s algo
Ele não disse nada.

- b ولم نَعُدْ نراه (l. 81-2)
 /wa -**lam** na^cud narā -hu/
 e -**não** voltamos.Imp.1^a.p. vemos.Imp.1^a.p. -o
 e **não** voltamos a vê-lo

Esse uso parece corroborar o prescrito por Sibawayhi para o árabe clássico. No capítulo intitulado “Capítulo da negação do verbo”, o gramático de Baṣra prescreve o que se resume no quadro abaixo, adaptado de Bahloul:

<i>Formas verbais</i>	<i>Negação</i>	<i>Interpretação semântica</i>
1 kataba	lam yaktub	ele não escreveu
2 qad kataba	lammā yaktub	ele ainda não escreveu
3 la-qad kataba	mā kataba	ele não escreveu

Quadro 22 – Negação do perfectivo (SIBAWAYHI apud BAHLOUL, 2008, p. 45).

Segundo o quadro, o corresponde negativo de فعل /fa^cal/, quando usado sozinho, isto é, não precedido قد (لا) /la-)qad/, é لم يفعل /lam yaf^cal/. Essa prescrição para o árabe clássico parece valer para o APM, pois, no texto, a maioria das ocorrências da forma perfectiva foi sem o acompanhamento de قد /qad/ ou لقد /la-qad/, justificando, então, que a negação majoritária no texto na indicação do tempo passado, seja لم يفعل /lam yaf^cal/.

Apesar de haver a construção /qad fa^cal/, não houve negativas com /lammā yaf^cal/. Isso vai de encontro ao apontado por Bahloul para a análise de seu *corpus* “Em APM, entretanto, o segundo negador *lammā* parece ter desaparecido, já que seu uso não é observado em nenhum lugar na língua, isto é, não foi atestado em nosso *corpus*”.¹⁶⁷

Por fim, a não ocorrência de /mā fa^cal/ também é coerente com o apontado por Sibawayhi. Sendo esta a negação para /la-qad fa^cal/, e visto a praticamente não existência do uso afirmativo da construção no *corpus* (apenas uma ocorrência), não seria muito provável a presença desta forma de negativa no texto.

Assim como era esperado, dada a consideração de que لم /lam/ direciona os fatos para o passado, os verbos que a seguiam no texto foram traduzidos pelas diferentes formas de passado do português. Foram 14 ocorrências da negação, obviamente, seguidas da forma imperfectiva, quase todas traduzidas para o pretérito perfeito, exceto três, destacadas em (1.42c- e) abaixo, os exemplos (1.42a e b) são amostras das ocorrências que se traduziram para o pretérito perfeito:

- (1.42) a لم تفهم معنى نظرتي (l.46)

¹⁶⁷ In MSA, however, the second negator *lammaa* seems to have disappeared, as its use is not observed anywhere in the language, that is, is not attested in our corpus. (BAHLOUL, 2008, p. 45).

/lam tafham ma[°]anā nadra -tī/
não entende.Imp.3^a.m.s significado olhar -de mim
 Ela **não entendeu** o significado do meu olhar.

b (l.8) ابْتَدَأْنَا بِالرَّكْضِ وَلَمْ نَتَوَقَّفْ إِلَّا عِنْدَمَا اخْتَفَى الزَّارُوبُ

/ibtada'anā bi -rrakḍi wa -lam natawaqqaf 'illā 'indamā
 começamos.Pf.1^a.p. com -o correr e -**não paramos**.Imp.1^a.p. exceto quando
 ḥtafā zzārūbu/
 desapareceu.Pf.3^a.m.s viela

começamos a correr, e **não paramos** a não ser quando a viela desapareceu

c (l.28) وشممتُ رائحةَ شعرها التي لم تتغيرْ

/wa-šamamtu rā'iḥata ša[°]ri -hā llatī lam tataḡayyar/
 E -inalei.Pf.1^a.s. perfume cabelo -dela que **não muda**.Imp.3^a.f.s.
 Inalei o perfume de seu cabelo, que **não mudara**

d (l. 30-1) عقب تهديدها له برمي وحرق نفسها بالكاز إذا لم يتمّ طلاقها

/ʿaqba tahdīdi -ha la -hu bi -ramyi wa -ḥarqi nafsi -ha bi -lkāz 'idā
 depois ameaça -dela para -o de -lançar e -atear se -a com -o gás se
 lam yutimma ṭalāqa -hā/
não completa.Imp.3^a.m.s. divórcio -dela

o que se seguiu a ameaça dela de jogar gasolina em si mesma e atear fogo, se o divórcio **não se consumasse**.

e (l. 45) زوجها لم يكنْ هناكْ

/zawju -ha lam yakun hunāka/
 marido -dela **não está**.Imp.3^a.m.s. lá
 O marido dela **não estava** lá.

As formas pretéritas do português utilizadas na tradução dos trechos acima foram, respectivamente: pretérito perfeito, mais-que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e imperfeito do indicativo, todas já discutidas nas subseções relativas aos tempos do passado, exceto (1.42c) onde figura a conjunção إذا /'idā/ “se”, responsável pela leitura de modo subjuntivo.

A negação pode, eventualmente, desviar a orientação aspectual de alguns verbos, como se observa em (1.42b). No caso, trata-se da continuação da ação expressa; “não parar” equivale a afirmar a continuação e o enunciado tem a seguinte interpretação “continuamos a correr”. A duratividade da ação se dá até que a ruela em que as personagens moravam desaparecesse de suas vistas.

Conclui-se a análise das formas perfectivas, observando que, em textos narrativos, os tempos verbais predominantes são os tempos do passado. No caso do português, predomina o emprego dos tempos do pretérito perfeito, do imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito. A análise do uso do perfectivo no texto e sua tradução para o português

aponta para um emprego, majoritariamente, restrito ao tempo passado, seja qual for a forma de expressão desse passado no português (perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, ou futuro do pretérito). Apesar de o árabe poder expressar o pretérito mais-que-perfeito com o uso do auxiliar كان /kāna/ ‘ser, estar’ mais o verbo principal, ambos na forma perfectiva, não houve nenhuma ocorrência no *corpus*, embora o texto tenha evidenciado a existência de usos tipicamente deste tempo.

As situações que permitiram uma tradução para formas que indicassem uma outra esfera temporal ou modal deram-se por questões contextuais. Havia algum elemento no texto que forçava uma tradução no português por outra forma verbal não-passada. Também a diferença de estilo entre as duas línguas contribuiu para uma leitura diferente. Assim, em algumas construções, o emprego do tempo pretérito não traria ao texto na língua portuguesa uma leitura dinâmica e bem-formada, embora no contexto árabe possa ser explicada a escolha do perfectivo, como, por exemplo, em (1.22a-e).

2 DAS FORMAS IMPERFECTIVAS

O imperfectivo, na terminologia árabe المضارع /almuḍāriʿ/ lit. ‘o semelhante’, tem sido traduzido em alguns trabalhos ocidentais por tempo presente, em oposição à forma perfectiva que, salvo raras exceções, como visto na seção anterior, expressa o passado. No entanto, o imperfectivo árabe é muito complexo no que diz respeito à localização temporal. Seu emprego parece antes ter como objetivo principal apresentar o sentido semântico da unidade verbal e não a referência de acontecimentos no tempo, e o desafio, na sua tradução, é determinar para qual dentre as formas flexionais do português ela deve ser retratada.

O árabe demonstra o padrão de marcar o tempo apenas na primeira forma do período, guiando o fio condutor temporal para o passado ou presente. O’Brien (2013, p. 20), citando Kharma e Hajjaj (1989), diz que o papel claro da função temporal das formas perfectivas árabes é estabelecer a localização dêitica em algum ponto no passado e que, feito isso, o escritor/narrador está livre para distribuir todas as demais situações ilimitadas ou habituais no imperfectivo, mesmo sem o auxiliar temporal كان /kāna/.

A forma imperfectiva também pode iniciar o período, quando a intenção é marcar os fatos no momento presente narrativo; no entanto, deve-se estar atento, pois a pontuação e a distribuição dos períodos não seguem uma regra nítida, como na língua portuguesa, e, por exemplo, em contextos onde, obrigatoriamente, deveria haver um ponto parágrafo no português, o texto árabe segue, por vezes, só assinalando a mudança com uma vírgula.

Quanto ao emprego do imperfectivo no texto, observou-se uma variedade de tipos de situações (i) com valor temporal próprio de tempo presente, em situações neutras¹⁶⁸ e de relato de situações ocorrendo no momento do tempo da narração, (ii) uma utilização sem valor temporal próprio, com o tempo sendo extraído do contexto, e (iii), ainda, uma utilização sem qualquer indicação temporal. Desse modo, resulta que ele pôde ser traduzido para quase todas as formas verbais do português, sejam finitas ou não-finitas¹⁶⁹.

Evidenciou-se o total de 191 usos das formas imperfectivas, considerando-se, também, as precedidas da partícula negativa لم /lam/ ‘não’, que direciona o verbo para o passado e que não serão abordadas nesta seção, visto já terem sido tratadas em 1.5 da seção anterior; desse modo, esta seção se ocupará da análise das 177 ocorrências restantes que figuraram no texto, segundo a distribuição abaixo:

¹⁶⁸ *Situações neutras* significa dizer que não há nas adjacências do verbo nenhum elemento que condicione uma leitura de passado ou futuro.

¹⁶⁹ Formas finitas dos verbos são aquelas que sofreram alguma flexão de tempo, pessoa, número ou modo; as formas não-finitas são as que não se flexionam, como o infinitivo impessoal, o gerúndio e o particípio.

a) forma pura ou isolada, isto é, não fazia parte de nenhum complexo verbal, figurando como único verbo da oração ou como principal:

- (2.1) (l.17) **لكن، أنا أعرف نفسي**
 /lākin 'anā 'a^crifu nafsī/
 porém eu conheço.pf.1^a.s. -me
 Porém eu me conheço.

b) formando tempo composto com o auxiliar temporal **كان** /kāna/ que, em todas as ocorrências, foi traduzido pelo pretérito imperfeito do indicativo (embora nem todo pretérito imperfeito do texto tenha sido resultado desta combinação, como será visto mais adiante):

- (2.2) (l.52) **كُنْتُ أَسْتَلْقِي عَلَيْهَا وَأَنَا أُدْرُسُ**
 /kuntu 'astalqī 'alay -hā wa -'anā 'adrusu/
 estive deito-me.Imp.1^a.s. sobre -ela e -eu estudo.Imp.1^a.s.
 Eu me deitava sobre ele enquanto eu estudava

c) figurou em perífrases verbais, ocupando o lugar do primeiro ou do segundo verbo, neste último caso traduzido para o português por uma das formas nominais (gerúndio, particípio ou infinitivo):

- (2.3) a **أَجِدُنِي أَنْسَى مَا صَمَّمْتُ عَلَيْهِ** (l.18-9)
 /'ajidu -nī 'ansà mā šammamtu 'alay -hi/
 encontro.Imp.1^a.s. -me esqueço.Imp.1^a.s. que decidi.pf.1^a.s. sobre -ele
 Eu **acabo esquecendo** o que havia decidido

d) em orações subordinadas:

- (2.4) a **بَلْ أَتَوَسَّلْ لِفَمِي حَتَّى تَنْفَرِّجَ شَفَاتَهُ عَنْ إِبْتِسَامَةٍ** (l.20)
 /bal 'atawassalu li -fam -ī ḥattà **tanfarija** šafatā -hu 'an btsāmatin/
 mas suplico.Imp.1^a.s. para -boca -de mim até **abre**.Imp.3^a.f.s. lábios -dele em sorriso
 mas suplico à minha boca que **abra** seus lábios num sorriso

O texto não evidenciou nenhuma ocorrência da partícula **قد** /qad/ diante da forma imperfectiva.

O quadro seguinte apresenta as diversas formas de flexão do português que traduziram o imperfectivo e sua quantidade de ocorrências, assim como o percentual. Deve-se lembrar que são números dessa pesquisa; não significam opções exclusivas, mas, por vezes, possíveis assim como outras. Durante a explicação da análise, as traduções serão discutidas:

	Formas verbais	Ocorrências	Percentagem
não-passado	presente do indicativo	34	19,0 %
	presente do subjuntivo	3	1,6 %
	futuro do indicativo	1	0,6 %
passado	pretérito perfeito do indicativo	12	7,0 %
	pretérito imperfeito do indicativo	51	29,0 %
	futuro do pretérito do indicativo	7	4,0 %
	imperfeito do subjuntivo	5	2,8%
formas nominais	infinitivo		
	gerúndio	64	36,0 %
	particípio		
	total	177	100%

Quadro 23 – Tempos verbais do português que traduziram o imperfectivo.

Dentre as generalizações que já se podem assinalar foi que, no *corpus*, não houve nenhuma situação em que a forma imperfectiva pudesse ter sido traduzida pelo pretérito mais-que-perfeito, o que não causa estranhamento, devido ao caráter temporal de anterioridade no passado e de completude associado a este tempo verbal; observa-se, também, no quadro, que a quantidade de formas verbais do português que traduziram o imperfectivo árabe foi maior que as utilizadas na tradução do perfectivo, decorrente do caráter fluido da forma imperfectiva que molda sua significação temporal segundo o contexto maior em que se insere. Na discussão das traduções para as formas nominais será visto que, por vezes, tanto o emprego do gerúndio como do infinitivo são opções possíveis num mesmo contexto. Assim, as formas nominais não foram quantificadas isoladamente no quadro 23. Na sequência, as variadas formas de tradução do imperfectivo serão discutidas.

O IMPERFECTIVO E AS FORMAS DO NÃO-PASSADO

2.1.1 Presente do indicativo

A língua portuguesa lança mão, mais frequentemente, em textos narrativos, dos tempos verbais do pretérito, pois os fatos narrados são já acontecidos, e, portanto, anteriores ao momento da fala. Porém, o presente do indicativo apresenta um uso chamado presente histórico ou narrativo, que produz a sensação de que o narrador conduz o leitor ao momento dos acontecimentos, ao narrar como se estivesse revivendo as cenas. Esse recurso ao tempo presente com essa finalidade torna o texto mais dinâmico e incita a expectativa do leitor para saber o desfecho dos fatos. O mesmo ocorre na narrativa em análise:

- (2.5) a قَلْبِي يَدُقْ. (l.12)
 /qalb -ī yaduquq/
 coração -de mim bate._{Imp.3^a.m.s.}
 Meu coração **bate**.

b أفكر كم أفقدها (l.32)

/ʔufakkiru kam ʔaftaqidu -hā/
penso.Imp.1^a.s. quanto anseio.Imp.1^a.s. -a
Penso no quanto sinto sua falta

c عينايا/آن تنظران في السجادة العجمية (l.51-2)

/ʔaynā -ya lāana **tandūrāni** fī ssajjādati lʔajamiyyati/
dois olhos -de mim *agora* **olham**.Imp.3^a.dual no o-tapete o-persa
Meus olhos *agora* **fitam** o tapete persa

A narradora dispõe os acontecimentos de modo que figura ao leitor que ocorrem no momento específico, no momento mesmo da enunciação narrativa. Em (2.5a), apesar de o árabe utilizar a forma verbal imperfectiva, o verbo “bater” é pontual, com os limites de ocorrência simultâneos; o que caracteriza o aqui considerado aspecto perfectivo. Deve-se observar, no entanto, que a interação do predicado télico, não-durativo “bater” associado com a semântica do sujeito “coração”, cuja característica é pulsar várias vezes por minuto, propicia uma leitura de aspecto iterativo, que supõe uma situação que tem duração, dadas as múltiplas ocorrências do evento, indicando que seu coração disparara, em batidas mais rápidas. Acentua-se no contexto a relação da flexão e da *Aktionsart* do verbo. “Bater” é um verbo pontual, que não implica, necessariamente, a ideia de várias batidas; estivesse na forma perfectiva árabe, que mantém a pontualidade do verbo, daria a leitura de uma batida mais acentuada, mais forte; associado à forma imperfectiva, passa a ter um valor iterativo.

Em (2.5b e c) tem-se o aspecto imperfectivo cursivo, já inerente aos semantemas dos verbos “pensar” e “fitar”. Dias (1918, p. 186) ensina que para se ter certeza de que o expresso pelo tempo presente está realmente se dando no momento presente e não designando algo que costuma acontecer, basta que se empregue a conjugação perifrástica, que no português é composta com o verbo “estar” mais o gerúndio do verbo que se quer avaliar: “meu coração está batendo”, “eu estou pensando”, “eu estou fitando o tapete”.

Um uso do tempo presente observado no texto – e que não é possível aplicar o teste proposto por Dias –, tem como função demonstrar fielmente o que está acontecendo no momento da narração, que, embora no tempo presente, parece mais voltado para o evento em si do que para suas propriedades temporais. Este valor é observado, por exemplo, nos verbos em negrito de (2.6) abaixo:

(l.17) أفتح عيني، وأبخلق في الأرض ثم أجمد. اضطرب، أنظر إلى السجادة العجمية المطروحة على الأرض

/ʔaftahu ʔayna -ya wa -ʔubahliqu fī -lʔarḍi tumma ʔajmadu.

abro.Imp.1ª.s. dois olhos -de mim e -fixo.Imp.1ª.s. em a-terra depois congelo.Imp.1ª.s.

'aḍṭaribu andūru 'ilā ssajādati l'ajamiyyati lmaṭrūḥati 'alā l'arḍi /
tremo.Imp.1ª.s. olho.Imp.1ª.s. para o-tapete o-persa o-estendido sobre a-terra

Abro os olhos, **fixo**-os no chão e **congelou**. **Tremo**. **Olho** para o tapete persa estendido no chão

Bahloul aponta que o imperfectivo, nestes contextos, liga-se mais à ocorrência das situações do que à sua interpretação temporal, isto é, embora seja simultâneo ao momento da enunciação narrativa, seu objetivo é mais direcionado para o evento em si, denominado como tendo um “valor eventivo”.¹⁷⁰ Nesses casos, o imperfectivo não apresenta um intervalo de tempo com limites, mas sim uma característica pontual da ação, que condiz com o aspecto perfectivo, já que “noções como cursividade, incompletude e duração não são relevantes nestes casos”.¹⁷¹

Em trinta e quatro ocasiões a forma imperfectiva transmitiu a leitura de ações ocorrendo no momento em que eram narradas, e quase todas relacionadas ao reencontro com a mãe e à descoberta do tapete, como nos exemplos acima e em outras passagens (“minha mãe afasta-me sorrindo”, “coloco minha mão sobre seu braço”, “olho longamente para minha mãe”, “dirijo meu olhar para o tapete”...). Mas apenas em (2.5c) mais acima estava precedida do adverbial “agora”, que traz de volta a personagem de suas reminiscências para o tempo presente da narrativa.

Assim como acontece com o tempo flexional presente do português, o imperfectivo foi empregado na indicação da expressão de uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito:

(2.7) a أَخَذْتُ أَفْكَرَ بَأْتِي سَوْفَ أُجِبُّ نَفْسِي عَلَى أَنْ أَتَصَرَّفَ كَمَا تَتَصَرَّفُ أُخْتِي تَمَاماً (l.16-7)

/ʔaḥaḍtu 'ufakkiru bi -'annī sawfa 'ujbiru nafsī 'alā 'an
comecei.Pf.1ª.s. penso.Imp.1ª.s. em -que SAWFA obrigo.Imp.1ª.s. me a que

'ataṣarrafa kamā tataṣṣarrafa 'uḥt -ī tammāman/
comporto-me.Imp.1ª.s. como **comporta-se**.Imp.1ª.s. irmã -de mim exatamente

Comecei a pensar que eu me obrigaria a me comportar exatamente *como minha irmã se comporta*

b حَتَّى وَأَنَا فِي هَذَا الْوَضْعِ، لَا أَيْأَسُ، بَلْ أَتَوَسَّلُ لِمَنِي حَتَّى تَنْفَرِّجَ شَفَتَاهُ عَنْ إِبْتِسَامَةٍ، لَكِنْ بِلَا فَائِدَةٍ. (l.19-20)

/ḥattā wa -'anā fī ḥaḍā lwaḍ'i, lā 'ay'asu bal 'atawassalu li
até e -eu em este a-situação não **desespero-me**.Imp.1ª.s. mas **suplico**.Imp.1ª.s. para
-fam -ī ḥattā tanfarija šafatā -hu 'an ibtisāmatin lākin bi -lā fa'idatin/
-boca -de mim até abre.Imp.3ª.f.s. dois lábios -dele em sorriso porém com -sem utilidade

E mesmo nesse momento, não me **desespero**, mas **suplico** à minha boca que abra seus lábios num sorriso, porém inutilmente.

¹⁷⁰ eventive value, BOUSCAREN e CHUQUET (1987, p. 12 apud BAHLOUL, 2008, p. 107).

¹⁷¹ notions such as progressiveness, incompleteness, and durativity are not relevant in these cases. (Ibid., p. 108)

- c (l.66-7) وَكَأَنَّهُ سَمَكَةٌ، تَمُرُّ مِنْ بَيْنِ الشَّبَاكِ الْمُنْصُوبَةِ
 /wa-ka -'anna -hu samakatun tamurru min bayni ššibāki lmansūbati/
 e -como –se -ele peixe passa de entre a-rede a-erguida
 como um peixe que **passa** por entre a rede lançada

Os exemplos de (2.7) ilustram o uso onitemporal, sem nenhuma relação a um tempo determinado, do imperfectivo. Fica evidente que o emprego do tempo presente da tradução não indica simultaneidade ao momento narrativo, dada a impossibilidade de se interpretarem as situações como a sugestão de Dias vista acima ou, então, “minha irmã se comporta agora”, “eu não me desespero agora”, “suplico agora”, “o peixe passa agora”.

Em (2.7a) o presente reflete uma ação habitual da irmã, ela sempre se comporta com calma e tranquilidade em todas as ocasiões; em (2.7b), a situação se repete sempre que a narradora se encontra diante daquela situação constrangedora, configurando este uso, conforme as palavras de Dias (1918, p. 186) “o que se repete e costuma acontecer”. Martelotta (1983, p. 23) observa que frases desse tipo são genéricas, não-individualizadas, e não expressam fatos ocorridos em momento específico, mas sim “comentários não compromissados com a expressão específica do tempo”. Parece que esse uso no árabe está de acordo com o apontado pelo autor para o português.

Em (2.7c) o imperfectivo descreve uma qualidade do peixe: sua capacidade de passar incólume por entre as redes. Falando de exemplos semelhantes, Bahloul considera “O que o imperfectivo denota neste contexto particular é basicamente uma propriedade inerente do sujeito gramatical, onde tempo é irrelevante”.¹⁷²

O texto também apresentou um uso do imperfectivo sem nenhum sentido temporal como o usado na indicação de ‘situações e propriedades permanentes de validade ilimitada’.¹⁷³

- (2.8) a سَأَقِفُ خَلْفَهَا وَأَقْلُدُهَا عَنْ لَا وَعَيْ. التَّقْلِيدُ الْأَعْمَى، كَمَا يَقُولُ الْمَثَلُ (l.17)
 /sa-'aqifu ḡalfa -hā wa -'uqallidu -hā °an lā wa°tyin ttaqlīdu
 SA-fico. Imp.1ª.s. atrás -dela e -imito. Imp.1ª.s. -a sobre não consciência a-imitação
 l'a°mā kamā yaqūlu lmaṭalu /
 a-cega como **diz**. Imp.3ª.m.s. o-ditado

ficaria atrás dela e a imitaria inconscientemente. A imitação cega, como **diz** o ditado.

¹⁷² What the Imperfect denotes in this particular context is basically an inherent property or properties of the grammatical subject, where time is irrelevant. (BAHLOUL, 2008, p. 112).

¹⁷³ Cf. AZEREDO, 2014, p. 359.

O trecho acima claramente mostra a correlação entre o uso do imperfeito e a óbvia ausência de qualquer ponto de vista temporal, dada sua irrelevância. A expressão “como diz o ditado” também é muito utilizada em português, sempre que se vai pronunciar algum provérbio ou dito popular. Este é um exemplo do uso atemporal do imperfeito árabe, presente nas chamadas verdades universais, propriedades científicas; não ligado a nenhum tempo específico, mas cuja validade se estende pelo passado, pelo presente e pelo futuro, o chamado “presente universal”¹⁷⁴.

2.1.2 Presente do subjuntivo

Azeredo (2014, p. 210) menciona que, no português, é possível exprimir a atitude do falante com relação aos fatos (certeza, incerteza, possibilidade, dúvida, suposição) duplamente: por meio de algumas estruturas léxicas mais a forma verbal exigida, de acordo com cada um dos itens lexicais que a precede. Assinala também que, por vezes, a forma verbal é o único meio de distinção da atitude do falante, como em:

- (2.9) a Procuro uma casa *que* **tem** uma ampla varanda na frente.
 b Procuro uma casa *que* **tenha** uma ampla varanda na frente.

O autor explica que a diferença entre as duas situações é que a primeira demonstra a certeza do falante de que tal casa existe, enquanto que na segunda, ele apenas supõe a sua existência.

O exemplo ilustra bem o apontado anteriormente, na Parte II, seção 2.7, que diz que, embora o árabe tenha como expressar a distinção entre os modos, nem todas as distinções presentes no português podem ser expressas no árabe como o exemplo (2.5) da Parte II, repetido aqui (2.10):

- 2.10 a أبحث عن بيت له نوافذ خضراء
 /'abħaʦu ʕan baytin la -hu nawāfiɖun ħaɖrā'u/
 procuro.Imp.1ª.s. por casa para -dele janelas verdes
- b أبحث عن بيت نوافذه خضراء
 /'abħaʦu ʕan baytin nawāfiɖu -hu ħaɖrā'u/
 procuro.Imp.1ª.s. por casa janelas -dela verdes

A tradução, nos dois casos, poderia tanto ser “procuro uma casa de janelas verdes” como “procuro uma casa que tenha janelas verdes”. Como já discutido anteriormente, a imprecisão da atitude do falante, na frase em árabe, dá-se pela ausência de verbo para expressar a relação de posse. Embora exista em árabe formas verbais para tal, a possessão,

¹⁷⁴ Cf. DIAS, 1918, p. 186.

geralmente, é expressa por meio de construções preposicionais compostas com partículas de sentido de posse *عند* /ʿinda/ e *لـ* /li- “com/em”, “para” mais um nome, que indica o possuidor.

Pode-se considerar que para o árabe, assim como para o português, o subjuntivo seja marcado duplamente. Há sempre um item lexical (partícula) e uma declinação específica, isto é, o imperfectivo que segue a partícula pode declinar-se no “modo” subjuntivo المنصوب /almanṣūbu/ ou no modo jussivo - المجزوم /almajzūmu/:

- (2.11) a. (I.18-9) مَهْمَا أَحَاوُلُ إِجْبَارَهَا، وَمَهْمَا أَفْكُرُ مُسْبِقًا بِأَنَّهُ يَجِبُ وَلَا يَجِبُ، أَجْذُنِي أَنْسَى مَا صَمَّمْتُ عَلَيْهِ

/mahmā ʿuḥāwil ʾijbāra -hā wa -mahmā ʾuffakir musbaqan
por mais que tento.Imp.1ª.s. forçar -a e por mais que penso.Imp.1ª.s. antecipadamente
bi -ʾanna -hu yajibu wa -lā yajibu ʾajidu -nī
em -que -o é preciso.Imp.3ª.m.s. e -não é preciso.Imp.3ª.m.s. encontro.Imp.1ª.s. -me
ʾansā mā ṣammamtu ʿalay -hi/
esqueço.Imp.1ª.s. que decidi sobre -o

E por mais *que* eu **tente** me forçar, por mais *que* eu **pense** antecipadamente no que se deve ou não se deve [fazer], eu acabo esquecendo o que havia decidido

- b. (I.19-20) حَتَّى وَأَنَا فِي هَذَا الْوَضْعِ، لَا أَيْسُ، بَلْ أَتَوَسَّلُ لِفَمِي حَتَّى تَنْفَرِّجَ شَفَتَاهُ عَنْ ابْتِسَامَةٍ، لَكِنْ بِلَا فَائِدَةٍ.

/ḥattā wa -ʾanā fī hādā lwaḍʿi, lā ʾayʾasu bal ʾatawassalu li
até e -eu em este a-situação não desespero-me.Imp.1ª.s. mas suplico.Imp.1ª.s. para
-fam -ī ḥattā tanfarija šafatā -hu ʿan ibtisāmatin lākin bi -lā faʾidatin/
-boca -de mim *que abra*.Imp.3ª.f.s. dois lábios -dele em sorriso porém com -sem utilidade

E mesmo nesse momento, não me desespero, mas suplico à minha boca *que abra* seus lábios num sorriso, porém inutilmente.

Como se observa nos exemplos, as partículas مَهْمَا /mahmā/ ‘por mais que’ em (2.11a) e حَتَّى /ḥattā/ ‘que’ em (2.11b) foram as responsáveis pela leitura de subjuntivo no português; além da partícula, a forma verbal imperfectiva declina-se: ela muda sua vogal final habitual <u> ُ /ḍamma/. No primeiro caso, o verbo fica sem vogal final, assinalado com ْ /sukūn/: مَهْمَا أَحَاوُلُ/أَفْكُرُ /mahmā ʿuḥāwil/ʾuffakir/, ‘por mais que eu tente/pense’, e, no segundo, a vogal passa a <a> َ fatḥa حَتَّى تَنْفَرِّجَ /ḥattā tanfarija/ ‘que abra’.

2.1.3 Futuro do indicativo

Em apenas uma situação o imperfectivo foi traduzido para o futuro do presente do indicativo:

- (2.12) (I.14) لَنْ أَقْدِرَ عَلَى الْارْتِمَاءِ بَيْنَ ذِرَاعَيْهَا

/lan ʾaqdira ʿalā lirtimaʾi bayna dirāʿay -hā/
não sou capaz.Imp.1ª.s. de o- jogar entre braços -dela
Eu não serei capaz de me jogar em seus braços

A partícula negativa لن /lan/ ‘não’ é que força a leitura de futuro no trecho acima. Repare-se que o verbo imperfectivo fica no “modo” subjuntivo, que, neste caso, configura com o valor deste modo no português, dado, como pode ser observado na frase, junto com a ideia de futuro, existe a apresentação de uma situação esperada pela narradora, que, por fim, não se confirma, uma vez que, mais adiante, ela relata que, ao ver a mãe, se atira em seus braços. Oliveira (2006, p. 158) menciona que “o futuro simples raramente expressa tempo posterior ao momento da enunciação. De facto, é, tendencialmente, mais próximo de um modo do que de um tempo”.

Por se tratar de um texto narrativo, que mistura situações passadas com narrações dos fatos enquanto se desenrolam, uma tradução para o futuro do pretérito não destoaria dentro do contexto maior, como se pode observar na tradução do trecho abaixo:

- (2.13) Mesmo que eu tente, não consigo demonstrar meu sentimento, nem mesmo pela minha mãe. Eu não **serei capaz/seria capaz** de me jogar em seus braços, cobri-la de beijos e segurar o seu rosto, como faz minha irmã ou como é de sua índole.

Como já apontado, as opções para o português não se mostraram categóricas e várias decisões foram tomadas porque apenas uma forma deve figurar na tradução em um contexto onde, em algumas situações, outras possibilidades também estavam disponíveis.

Apesar de as pesquisas terem apontado contextos de interpretação futura com a forma imperfectiva mais algum adverbial de tempo futuro, e sem o emprego das partículas سوف /sa-/sawfa/ ou لن /lan/, como no exemplo (2.39) da Parte II, repetido abaixo (2.14), o texto não evidenciou nenhuma ocorrência:

- (2.14) وتستأنف محادثات السلام العربية الإسرائيلية في واشنطن الأسبوع المقبل.

/wa-(Ø)tasta'anifu muḥadaṭātu ssalāmi l'arabiyyati l'isrā'īliyyati fī- wašinṭun
e -retoma_{imp.3ª.f.s.} conversas a-paz a-árabe o-israelense em-Washington
l'usbū'a lmuqbila.
a -semana a-próxima.

Serão retomadas, na próxima semana em Washington, as negociações de paz árabe-israelense.

2.2 O IMPERFECTIVO E AS FORMAS DO PASSADO

2.2.1 Pretérito perfeito

A interpretação de tempo passado atribuída às formas imperfectivas na tradução não é intrínseca a estes itens verbais, mas sim advinda do contexto. Em (2.15a e b) abaixo, há situações em que as formas imperfectivas não poderiam ser representadas por outro tempo que não o passado:

- (2.15) a (l.4-5) وَلَمْ أَضْحَكْ كَالْعَادَةِ. وَلَمْ تَضْحَكِ مَرْيَمُ، بَلْ تَنَاوَلَتْ الْإِيشَارِبَ مِنْ عَلَى الْكُرْسِيِّ، تُعْطِي شَعْرَهَا وَتَعْقِدُهُ بِسُرْعَةٍ عِنْدَ رَقَبَتِهَا

/wa -lam 'aḏḥak ka -l'ādat wa -lam taḏḥak maryam bal
e -nāo ri._{pf.1^a.s.} como -o-costume e -nāo ri._{imp.3^a.f.s.} Maryam mas
tanāwalat l'īšarb min 'alā lkursiy tuḡaṭṭī ša'ra -hā wa
apanhou._{pf.3^a.f.s.} a-echarpe de sobre a- cadeira cobre._{imp.3^a.f.s.} cabelo -dela e
-ta'qudu -hu bi -sura'ati 'inda raqbati -ha/
-laça._{imp.3^a.f.s.} -o com -rapidez em pescoço -dela.

Eu não ri como de costume, e nem Maryam riu, mas apanhou a echarpe de cima da cadeira, cobriu seu cabelo e, rapidamente, fez um laço no pescoço

- b (l.26-7) لَكِنْ، لَمَّا فَتَحْتُ أُمِّي الْبَابَ وَرَأَيْتُهَا، وَجَدْتُني لَا أُنْتَظِرُ أَحَدًا، بَلْ أَسْرَعُ وَأَرْتَمِي بَيْنَ ذِرَاعَيْهَا، قَبْلَ أَخْتِي.

/lākin, lammā 'umm -ī fataḥat lbāba wa -ra'aytu -hā wajadtu
porém, quando mãe -de mim abriu._{imp.3^a.f.s.} a-porta e -vi._{pf.1^a.s.} -a achei._{pf.1^a.s.}
-ni lā 'antaḏiru 'aḥadan bal 'usri'u wa -'artamī bayna
-me não espero._{imp.1^a.s.} alguém mas apresso-me._{imp.1^a.s.} e -jogo-me._{imp.1^a.s.} entre
ḏirā'ay -hā qabla 'uḥt -ī/
braços -dela antes irmã -de mim

Mas quando minha mãe abriu a porta e eu a vi, não esperei por ninguém; corri e me joguei em seus braços antes de minha irmã.

Em (2.15a) as duas ocorrências do verbo “rir” estão no imperfectivo, mas, por força da partícula de negação لم /lam/, sua leitura é de tempo passado. Esse dado é suficiente para que se saiba que as situações seguintes também são passadas, como já mencionado supra nas observações de O'Brien (2013, p. 20). O verbo em itálico “apanhar” está na forma perfectiva, o que está de acordo com o tempo passado fixado no início da oração e com sua natureza télica, pois expressa evento sem duração, com seu início e término quase simultâneos. Já as situações “cobrir o cabelo” e “fazer um laço”, são processos culminados que, para se concluírem exigem um tempo, por menor que seja, até que o processo chegue ao seu termo, o que condiz com a tendência da forma imperfectiva árabe, que neste caso não marca tempo, mas apenas o desenvolvimento dos eventos. Considerando-se que o imperfectivo no contexto não é responsável pela expressão da temporalidade das situações, foi traduzido pelo pretérito perfeito, de acordo com o primeiro verbo da sentença responsável pela direção temporal das situações.

O que acontece em (2.15b) é mais ou menos semelhante ao ocorrido em (2.15a). No exemplo, há três verbos no início da oração promovendo a leitura de tempo passado da frase, no entanto, o verbo وجد /wajada/ ‘encontrar, achar’ – seguido do pronome نفسي /nafsī/ ‘a mim mesmo, me’, já analisado na subseção 1.4, mais acima –, compõe com os verbos seguintes انتظر /intaḏara/ ‘esperar’, أسرع /asra'a/ ‘apressar-se’ e ارتمى /irtamà/ ‘lançar-se, jogar-

se’ uma espécie de perífrase verbal significando literalmente “encontrei-me não esperando, correndo e me jogando” que, no contexto árabe, indicam todos eventos cursivos, em andamento. O uso do imperfectivo nesses casos, a despeito da forma pretérita que o traduziu, está de acordo com as pesquisas que dizem que a forma indica situações ilimitadas, em andamento, e também como em (2.15a) não está indicando tempo.

2.2.2 Pretérito imperfeito do indicativo

O árabe pode marcar este tempo com o auxílio do verbo كان /kāna/ mais o imperfectivo do verbo principal, usado para expressar o aspecto imperfectivo passado, com indicação de um evento habitual ou em curso:

كان يشرب	كنت أكتب	كانوا يدرسون
/kāna yašrabu/	/kuntu ’aktubu/	/kānū yadrusūna/
ele bebia/estava bebendo	eu escrevia/estava escrevendo	eles estudavam/estavam estudando

O’Brien¹⁷⁵ menciona que o auxiliar كان /kāna/, em combinação com verbos estativos, pode indicar um estado que foi verdadeiro por um período de tempo indefinido no passado, conforme o exemplo do texto abaixo:

- (2.16) فالخبر بأنّها سوف تتزوَّج من رجلٍ كانت تُحبُّه [...] انتشر (l. 10-11)
/fa	-lḥabaru	bi	-’anna	-ha	sawfa	tatazawwaju	min	rajullin	kānat
pois	-a-notícia	de	-que	-ela	SAWFA	casa-se.Imp.3 ^a .f.s.	de	homem	estava .Pf.3 ^a .f.s.
- tuhibbu -hu [...] ntašara/
ama.Imp.3^a.f.s. -o [...] espalhou-se.Pf.3^a.m.s.
- espalhou-se a notícia de que ela se casaria com um homem a quem **amava**

Durante um trecho expressivo, as formas imperfectivas foram usadas para descrever situações que se passavam na infância da narradora e que envolviam suas lembranças com o tapete persa. Repare-se que em (2.17) abaixo, apenas o primeiro verbo está marcado para o tempo passado com كان /kāna/, que serve como o ponto de referência localizador das situações imperfectivas passadas: كُنْتُ أَسْتَلْقِي /kuntu ’astalqī/ ‘eu me deitava’; os demais verbos encontram-se na forma imperfectiva simples:

- (2.17) كُنْتُ أَسْتَلْقِي عَلَيْهَا وَأَنَا أَدْرُسُ، فَأَجِدُ نَفْسِي قَرِيبَةً مِنْهَا لِدَرَجَةٍ، وَأَتَأَمَّلُ نَفْسَهَا وَأَشَبُّهُ بِحَزٍّ بَطِيخٍ أَحْمَرَ، الْوَاحِدَ تَلَوَّ الْأَخْر. (l.52-4)
/kuntu	’astalqī	’alay	-hā	wa	-’anā	’adrusu	fa	-’ajidu	nafsī
estava.Pf.1 ^a .s.	jogo-me.Imp.1 ^a .s.	sobre	-a	e	-eu	estudo.Imp.1 ^a .s.	e	-acho.Imp.1 ^a .s.	me
- qarībatan min-hā li - darajatin wa -’ata’ammalu naqša -hā wa
 próxima de -a para -grau e -contemplo.Imp.1^a.s. desenho -dela e

¹⁷⁵ Cf. O’Brien, 2013, p. 22.

-ʿuṣābīhu -hu bi -ḥizzi baṭṭīḥin ʾaḥmarin, lwāḥidu tilwa lʾāḥara wa -ʿindamā
 -comparo.^{Imp.1ª.s.} -o com -fatia melancia vermelha o-um após o-outro e -quando
 ʾajlisu ʿalā lkanabati, ʾarā lḥizza qad taḥawwalu ʾilā muṣṭīn
 sento.^{Imp.1ª.s.} em -o-sofá vejo.^{Imp.1ª.s.} a-fatia QAD transformou-se.^{Pf.1ª.s.} para pente
 la -hu ʾasnānun raffʿatun/
 para -ele dentes finos

Eu me **deitava** sobre ele enquanto **estudava**; **ficava** tão próxima *contemplando* e *comparando* seu desenho com fatia de melancia, [dispostas] uma após a outra. Quando me **sentava** no sofá, **via** que a fatia já se transformara num pente de dentes finos.

O efeito do tempo imperfeito aplicado aos verbos “jogar-se”, “sentar-se” não amplia exatamente a duração dos verbos télicos pontuais, mas imprime aos mesmos uma ideia de iteratividade das ações que se repetem, gerando o hábito, a ideia de que durante várias vezes em uma parte de sua infância, pelo menos no período escolar, deitava-se sobre o tapete para estudar, e, depois, sentava-se na cadeira para contemplar seus desenhos. Esse tempo expressa essencialmente duração e, independente de o verbo ser atélico ou não, ele imprimirá à forma um efeito de “tempo alargado”¹⁷⁶, e no caso dos verbos télicos promoverá a noção de iteratividade da ação.

Duas formas imperfectivas أَتأمل /ʾataʾammalu/ ‘eu contemplo’ e أَشَبُّهُ /ʾuṣabbihu/ ‘eu comparo’, foram traduzidas pelo gerúndio, para manter o texto no português mais agradável, menos repetitivo. O uso da forma nominal foi adequado dada a sua característica de, também, poder expressar o aspecto cursivo. Tal possibilidade de adaptação por outra forma demonstra a arbitrariedade do ato de traduzir, pois os mesmos fatos podem ser apresentados, de acordo com os diversos autores, por expressões e tempos distintos, por vezes, com certo distanciamento do expresso no texto original, em termos temporais e aspectuais. Observa-se esta afirmação no mesmo trecho traduzido por A.A., que optou por apresentar as lembranças de maneira mais vívida, com o emprego do tempo “presente histórico ou narrativo”:

- (2.18) Eu me **atiro** sobre ele para **estudar**; **estou** tão perto dele; **contemplo** o desenho e o **comparo** à fatia duma melancia, uma fatia depois da outra. E quando me **sento** no sofá, **vejo** que a fatia já se transformara num pente de dentes delicados. (A.A.)

O efeito de vivacidade atribuído aos fatos, agora no presente, é mantido. No entanto, parece ter perdido a ideia de repetição e habitualidade que o texto original transmite, conduzindo à leitura de serem essas situações uma sensação trazida à tona diante da imagem do tapete. Como se ela o mantivesse tão vívido na sua memória a ponto de se imaginar praticando tais ações naquele momento, e não se lembrando de coisas que ocorriam.

¹⁷⁶ Cf. REINCHENBACH, 1947.

Outras passagens que foram traduzidas pelo tempo imperfeito do indicativo não estiveram precedidas pelo verbo auxiliar كان /kāna/, mas atendiam às condições apresentadas por Freitag (2007, 20) para a caracterização do imperfectivo passado no português: “apresenta as seguintes propriedades: é anterior ao momento da enunciação; é concomitante a outra situação que se torna seu ponto de referência; apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência”:

(2.19) نَزَلَا مِنَ السَّطْحِ وَالْغَضَبِ وَالْحَيْرَةِ تَطِيرُ مِنْهَا (l.61-2)

/nazilā	min	ssaṭḥi	wa	-lgaḍabu	wa	-lḥīratu
os dois desceram. _{pf.3^a.dual.}	de	o-terraço	e	-a-raiva	e	-o-descontrole
taḥīru	min	-hā/				
voa. _{imp.3^a.f.s.}	de	-a				

Os dois *desceram* do terraço. A raiva e o descontrole **emanavam** dela

Neste contexto, a presença do auxiliar كان /kāna/ para localizar a situação no passado é irrelevante, devido à presença de um verbo na forma perfectiva na frase anterior: نَزَلَا /nazalā/ “os dois desceram”, que serve como ponto de referência para a identificação do momento da ocorrência do verbo imperfectivo.

Talvez não seja errado considerar que a presença do ponto de referência adverbial “como todo início de verão”, em (2.20) abaixo, não seja referência suficiente para que se interpretem as situações seguintes como passadas, pois pode-se interpretar: “como todo início de verão, minha mãe **joga**...”, daí o imperfectivo passado estar precedido do auxiliar:

(2.20) كَلَّ مَطْلَعُ فَصْلِ صَيْفٍ، كَانَتْ أُمِّي تَطْرَحُ حُبُوبَ النَّفْتَالِينِ عَلَيْهَا وَعَلَى بَاقِي السَّجَادَاتِ، تَلْفِئُهَا وَتَضَعُهَا فَوْقَ الْخَزَانَةِ (l.55.56)

/ka	-kulli	maṭlaʿi	faṣli	ṣayfin	kānat	ʾumm -ī	taṭraḥu
como	-todo	início	estação	verão	estava. _{pf.3^a.f.s.}	mãe	-de mim
joga. _{imp.3^a.f.s.}							
hubūba	nnaftalīni	ʿaly	-hā	wa	-ʿala	bāqī	ssajādāti
grãosinhos	naftalina	sobre	-ela	e	-sobre	resto	o-tapetes
enrola. _{imp.3^a.f.s.}							-a
wa	-taḍaʿu		-hā	fawqa	lḥizānati/		
e	-coloca. _{imp.3^a.f.s.}	-a	sobre	o-armário.			

Como todo início de verão, minha mãe **jogava** bolinhas de naftalina sobre ele e os demais tapetes, **enrolava**-os e **colocava**-os sobre o armário.

A relação com o tempo passado está assinalada pelo auxiliar no perfectivo que introduz todo o período. A expressão “como todo início de verão” concorre para a noção de iteratividade transmitida pelo imperfectivo e reforçada com a noção da regularidade do hábito, já que se expressa um procedimento que se repete todos os anos, naquele período assinalado e não num período qualquer. Como nos exemplos em (2.17), as demais formas imperfectivas presentes no trecho estão todas usadas sem a repetição do auxiliar, mas são temporalmente

ligadas a ele. Como já apontado, basta que se inicie o parágrafo com este auxiliar no passado para que as outras formas estejam associadas a ele.

Dias (1918, p. 188-9) descreve para os valores do imperfectivo, no português, várias características que puderam ser constatadas nas traduções dos trechos acima:

o pretérito imperfeito emprega-se, em primeiro lugar, quando transportando-nos com o pensamento para uma época passada, descrevemos o que se estava dando, quando uma coisa aconteceu [...] o que se repetia e continuava a acontecer no passado [...] emprega-se sobre tudo na conversação, o pretérito imperfeito, em vez do perfeito, para dar a entender que os acontecimentos se representam tão vivamente na imaginação de quem fala, como se naquele momento se estivessem presenciando”.

2.2.3 Imperfeito do subjuntivo

Os verbos que foram traduzidos por este modo estavam todos precedidos de partículas “subordinativas” no árabe, e que, também, foram verificadas na tradução para o português, como visto em (2.21a – e):

- (2.21) a قبل أن يزوجه أهلها بالقوة من والدي (l.11)
/qabla 'an yuzawwiju -hā 'ahlu -hā bi -lquwwati min wālid -ī/
antes que casa._{Imp.3^a.f.s.} -a família -dela com a-força de pai -de mim
antes que sua família a **casasse** à força com meu pai
- b وتمنيت لو تعود تعيش معنا (l.28-9)
/wa-tamannaytu law ta'ud ta'īš ma'a -na/
e -desejei se volta._{Imp.3^a.f.s.} vive._{Imp.3^a.f.s.} com -nós
e desejei *que* ela **voltasse** a viver conosco
- c وددت لو تتجدد لحظة اللقاء (l.50-1)
/wadadtu law tatajaddad lahđatu -līqā'i/
desejei._{Pf.1^a.s.} se repete._{Imp.3^a.f.s.} momento o-encontro
Desejei *que* o momento do reencontro se **repetisse**
- d كأن عينيّه تبصران (l.70)
/ka-'anna 'ayna -hu tubširāni/
era._{Pf.3^a.f.p.} olhos -dele enxerga._{Imp.3^a.f.s.}
como se seus olhos **enxergassem**
- e شككت مرة بأنه لا يرى إلا العتمة (l.70)
/šakaktu marratan bi -'anna -hu lā yarà 'illā l'atmata/
duvidei._{Pf.1^a.s.} vez de -que -ele não vê._{Imp.3^a.m.s.} exceto a-escuridão
Uma vez duvidei *de que* ele só **visse** escuridão

Cortes (2004, p. 1040) registra que a partícula لو /law/ ‘se’, depois de verbos que indicam desejo e vontade tem valor optativo, como se observa em (2.21b e c). O contexto de tempo passado propiciou que a tradução fosse para o pretérito imperfeito do subjuntivo e não

outro tempo deste modo. As demais partículas condicionadoras de modo em árabe foram todas compostas com أن: بعد أن /ba^cada 'an /, 'depois que', كَأَنَّ /ka-'anna/ 'como se', أَنَّ /'anna/ 'que'.

2.2.4 Futuro do pretérito do indicativo

Como já citado, não houve nenhuma ocorrência de leitura futura sem alguma das partículas indicadora de futuro سَوْفَ /sa-/sawfa/ ou a negativa لَنْ /lan/ 'não'. Num trecho expressivo, a personagem se questiona sobre como será o reencontro com a mãe, depois de um longo tempo sem vê-la, e começa a se lembrar de situações passadas e a imaginar como, supõe, será o esperado momento. A opção por uma tradução para o futuro do pretérito para essas situações se justifica visto elas expressarem hipóteses e pressuposições de sua imaginação, fatos não-reais. Tais interpretações para as formas verbais árabes precedidas de partícula no texto árabe estão de acordo com o apontado por Azeredo (2014, p. 361) para este tempo do português, que, dentre outros, "Representa o fato não concluído e o situa [...] relativamente a um universo hipotético, num intervalo de tempo simultâneo ao presente", no caso, o presente da narração:

(2.22) a فَاخْبَرَ بِأَنْهَا سَوْفَ تَتَزَوَّجُ [...] اَنْتَشَرَ (l.10-1)

/fa -lħabar bi -'anna -ha sawfa tatazawwaju [...] ntašara
pois -a-notícia de -que -ela SAWFA casa.Imp.3^a.f.s. [...] espalhou-se
A notícia de que ela se casaria [...] espalhou-se

b أَخَذْتُ أَفْكَرَ بَأَنِّي سَوْفَ أَجْبِرُ نَفْسِي عَلَى أَنْ أَتَصَرَّفَ كَمَا تَتَصَرَّفُ أَخْتِي تَمَامًا. سَأَقِفُ خَلْفَهَا وَأَقْلُدُهَا عَنْ لَا وَغَيٍّ. (l.16-7)

/'aħaɖtu 'ufakkiru bi -'annī sawfa 'ajbiru nafsi 'alà 'an
comecei.pf.1^a.s penso.Imp.1^a.s. em -que SAWFA **obrigo**.Imp.1^a.s. me a que

'atašarrafa kamā tatašarrafu 'uħt -ī tammāman sa'aqifu
comporto-me.Imp.1^a.s. como comporta-se.Imp.1^a.s. irmã -de mim exatamente SA-**fico**.Imp.1^a.s.

ħalfa -hā wa -'uqallidu -hā 'an lā wa'ī/
atrás -dela e -**imito**.Imp.1^a.s. -a sobre não consciência

Comecei a pensar que eu me **obrigaria** a me comportar exatamente como minha irmã: **ficaria** atrás dela e a **imitaria** inconscientemente.

Não é considerado obrigatório que o verbo أَقْلُدُ /'uqallidu/ 'eu imitaria' esteja precedido de سَوْفَ /sa-/sawfa/, pois, nesse caso, o tempo será definido ou delimitado pela referência temporal da forma anterior.¹⁷⁷ Repare-se que no português é obrigatória a repetição do verbo no mesmo tempo dada a agramaticalidade de (2.23) abaixo:

¹⁷⁷ Cf. EISELE, 1999, p. 61.

- (2.23) * Comecei a pensar que eu me **obrigaria** a me comportar exatamente como minha irmã: **ficaria** atrás dela e a **imito** inconscientemente.

2.3 O IMPERFECTIVO E AS FORMAS NOMINAIS

As situações em que no português se empregam as formas ditas nominais, infinitivo, gerúndio e particípio, são todas, no árabe, expressas pelo imperfectivo somente, nunca pela forma perfectiva. Assim, havendo uma construção formada por dois verbos, seja em perífrase ou subordinação, o primeiro verbo pode ser perfectivo ou imperfectivo, de acordo com o tempo que se quer expressar, e o segundo, sempre será um imperfectivo¹⁷⁸.

Nem sempre as relações expressas por essas sequências verbais são claras, e noções como sucessão e simultaneidade, ou finalidade, dentre outras, não podem ser afirmadas inequivocamente. Embora, em muitas circunstâncias, a semântica do item verbal tenha ajudado, em outras, uma expressão árabe pode apresentar mais de uma possibilidade de se passar para o português, como:

- (2.24) (l.23) وسمعت أختي تُقلد زئير الأسد
 /wa -sami'tu 'uħt -ī tuqallidu za'īra l'asadi/
 e -ouvi.1^a.pf.s. irmã -de mim imita.3^a.imp.f.s. rugido o-leão
 Ouvi minha irmã **imitando** o rugido do leão.
 Ouvi minha irmã **imitar** o rugido do leão.

Todas essas formas estão no imperfectivo, em árabe, para indicar alguma relação de desenvolvimento com relação ao primeiro verbo, seja em sucessão ou em concomitância, assim, o que o texto evidencia é o caráter relativo do imperfectivo.

Diante do visto, a tradução dessas formas para o português esteve mais ligada a questões de boa formação da construção em língua portuguesa, do que a uma exata indicação de ordem temporal ou aspectual, embora esses valores possam ter sido expressos em alguns momentos.

As construções formadas por dois verbos que correspondem à perífrases verbais no português que já foram analisadas em 1.4, mais acima, só serão retomadas na análise do segundo elemento da perífrase, o imperfectivo.

¹⁷⁸ O imperfectivo, em alguns casos, pode ser substituído por um nome de verbal, o *maṣdar*.

2.3.1 Infinitivo

As formas imperfectivas que foram traduzidas pelo infinitivo figuraram no texto árabe empregadas isoladamente ou em perífrase:

- (2.25) a (l.37) وَسَمِعْتُ أُمِّي تَقُولُ لَهَا بَاكِئَةً
/wa -sami^ctu 'umm -ī taqulu la -hā bākiyatān/
e -ouvi._{pf.1^a.s} mãe -de mim diz._{Imp.3^a.f.s.} para -ela a que chora
e ouvi minha mãe **dizer**-lhe chorando

- b (l.28-9) وَتَنَيْتُ لَوْ تَعُودُ تَعِيشَ مَعَنَا
/wa -tamannaytu law ta^cud ta^ciš ma^ca -na/
e -desejei se volta._{Imp.3^a.f.s.} vive._{Imp.3^a.f.s.} com -nós
e desejei *que* ela **voltasse** a viver conosco

Repare-se que o primeiro verbo da perífrase de (2.25b) também se encontra na forma imperfectiva. Assim como no português, o primeiro verbo da perífrase fornece a localização temporal, e, nesse caso, mesmo na forma imperfectiva, a leitura é de tempo passado, pois o primeiro verbo da sentença تَمَنَيْتُ /tamannaytu/ “desejei” determinou a localização temporal dos demais verbos. Estivesse o primeiro verbo da frase também no imperfectivo, a leitura seria “desejo que ela **volte** a viver conosco”.

O imperfectivo, quando usado em perífrase, contribuiu com o seu auxiliar para os aspectos imperfectivo inceptivo e cursivo como nos dois exemplos, respectivamente:

- (2.26) a (l.39-40) وَأَخَذْنَا نَضْحَكَ عِنْدَمَا تَعَذَّرَ عَلَيْنَا الْخَطُ بِسُهُولَةٍ
wa -'aḥadnā naḥaku ^cindamā ta^caḍḍara
e -começamos._{pf.1^a.p.} rimos._{Imp.3^a.f.s.} quando foi impossível._{pf.3^a.m.s.}
^calay -nā lḥaṭwu bi -suhūlatin/
a -nós o-caminhar com -facilidade
e *começamos a* **rir** quando se tornou impossível andar com facilidade

- b (l.73) وَأَنَا لَا أَزَالُ أَحَدِّقُ فِي السَّجَادَةِ
/wa -'anā lā 'azālu 'uḥaddiqu fī ssajādati/
e -eu não paro._{Imp.1^a.s.} olho._{Imp.1^a.s.} em o-tapete
Continuo a **olhar** o tapete.

O aspecto expresso em (2.26a) já foi tratado em 1.4 mais acima, quando se assinalou que o responsável pela inceptividade é o semantema do verbo “começar”; a situação em (2.26b) é apresentada em seu pleno desenvolvimento, sem referência às fases inicial ou final. Esta leitura é fornecida pela natureza lexical própria da unidade verbal “continuar a”, que refere estados prolongados no desenvolvimento de sua duração temporal.

Algumas perífrases não propiciavam leitura aspectual, mas sim valores semânticos outros como a perífrase seguinte que expressa noção de causatividade advinda do auxiliar “fazer”:

(2.27) (l.71-2) وَكَأَنَّ فِيهِمَا خَطًّا أَبْيَضَ، حَزَّ فِي قَلْبِي وَجَعَلَنِي أَسْرَعَ إِلَى الْمَطْبَخِ

/wa -ka'anna fī -himā ḥaṭṭan 'abyaḍa, ḥazza fī qalb -ī
e -como em -eles dois linha branca atravassou.pf.3ª.m.s. em coração -de mim

wa -ja'ala -nī 'usri'u 'ilā lmaṭbaḥi/
e -fez -me corro.Imp.1ª.s. até a-cozinha

como se neles houvesse uma linha branca que atravessou meu coração, e me fez **correr** até a cozinha

A forma perfectiva aparece como o primeiro verbo da perífrase com o imperfectivo. A construção não porta nenhuma noção aspectual, dada a semântica do verbo *جعل* /ja'ala/ ‘fazer com que alguém faça algo’, que é um verbo factivo e noções semânticas como causação não se ligam a categorias verbais, pois foge à oposição duração/completamento.

Na forma isolada, o infinitivo não transmitiu nenhuma noção aspectual ou temporal.

(2.28) a (l.67-8) وَأَرَاهُ، بِخَفَةٍ وَمَهَارَةٍ، يُدْخِلُهَا مِنْ ثُقْبٍ وَيَلْقَاهَا وَيَعُودُ يَخْرُجُهَا. حَتَّى تَتَكَوَّنَ صُورَةُ دَائِرَةٍ مِنَ الْقَشِّ

/wa -'arā -hu bi -ḥiffatin wa -mahāratin yudḥilu -hā min tuqbin
e -veja.Imp.1ª.s. -o com -ligeireza e -habilidade insere.Imp.3ª.m.s. -a de orifício

wa -yaluffu -hā wa -ya'udu yuḥriju -hā hattā tatakawwana
e -gira.Imp.3ª.m.s. -a e -volta.Imp.3ª.m.s. tira.Imp.3ª.m.s. -a até surge.Imp.3ª.f.s.

ṣūratu da'iratin min lqaṣi/
imagem circular de a-palha

E eu o via, com ligeireza e habilidade, **inserir**-los no orifício, **girar**-los e **voltar a tirar**-los até **surgir** um desenho circular feito de palha

b (l.75-6) وَقَدْ تَعَلَّمَ مِنَ وَالِدِي أَنْ يَقُولَ "اللَّهُ" قَبْلَ أَنْ يَقْرَعَ وَيَدْخُلَ

/wa -qad ta'allama min wālid -ī 'an yaqūla “allāh” qabla
e -QAD aprendeu de pai -de mim que diz.Imp.3ª.m.s. “Allah” antes

'an yaqra'a wa -yadhula/
que bata.Imp.3ª.m.s. e -entra.Imp.3ª.m.s.

ele já havia aprendido com meu pai a **dizer** “Allah”, antes de **bater** e **entrar**

Os exemplos acima ilustram casos em que as situações apresentaram-se, nas palavras de Travaglia, “em potência, a situação em si”¹⁷⁹, os contextos referiam-se à ação pura e simples sem nenhuma das indicações que as flexões verbais podem trazer.

¹⁷⁹ Cf. TRAVAGLIA, 2015, p. 170.

Muitas das formas imperfectivas que foram traduzidas pelo infinitivo expressavam a finalidade do verbo da oração anterior:

(2.29) a (l.36) تُبْعِدْنِي أُمِّي عَنْهَا مُبْتَسِمَةً لِتَضُمَّ شَقِيقَتِي وَتُقَبِّلَهَا

/tub^cidu -nī 'umm -ī ^can -hā mubtasimatan li -taḍumma
afasta.Imp.3^a.f.s. -me mãe -de mim de - ela sorridente para -abraça.Imp.3^a.f.s.
ṣaqīqat -ī wa -tuqabbilu -hā/
irmã -de-mim e -beija.Imp.3^a.f.s. -a

Minha mãe afasta-me sorrindo para abraçar e beijar minha irmã

b (l.60-1) عِنْدَمَا صَبَعْتُ أُمِّي عِنْدَ الْعَصْرِ لِنَاتِي بِهَا، لَمْ تَجِدْهَا

/ʿindamā ṣaʿidat 'umm -ī ^cinda l'aṣri li -ta'afī
quando subiu.Pf.3^a.f.s. mãe -de mim em a-tarde. para -traz.Imp.3^a.f.s.
bi -hā lam tajid -hā/
com -a não encontra.Imp.3^a.f.s. -a

À tarde, quando minha mãe subiu para trazê-lo, não o encontrou [o tapete].

Repare-se que os verbos de (2.29a e b) estavam precedidos da conjunção لِ/li-/ 'para, a fim de'.

Em outros contextos, apesar de não haver o uso de nenhuma partícula de finalidade, a noção estava presente:

(2.30) a (l.79) وَاسْتَدَارَ يَخْرُجَ

wa -stadāra yaḥruju
e -virou.Pf.3^a.m.s. sai.Imp.3^a.m.s.
E virou-se para sair

b (l.79) اِنْحَنَى يَنْتَعِلُ حِذَاءَهُ

/inḥanā yantaʿilu ḥiḍā'a -hu/
abaixou-se.Pf.3^a.m.s. calça.Imp.3^a.m.s. sapatos -dele
abaixou-se para calçar os sapatos

Em várias passagens, o uso do imperfectivo em construções semelhantes foi expressar a simultaneidade entre as duas ações. Mas, nos exemplos acima, a rigor, não existe simultaneidade entre as duas ações, já que “virar-se” e “abaixar-se” ocorrem, obrigatoriamente, antes de “sair” e “calçar”.

Algumas decisões para traduzir a forma árabe para o infinitivo nem sempre foram guiadas por pistas no texto original, mas sim resultado da combinação das demais formas dentro da oração, como a passagem seguinte:

(2.31) (l.50-1) وَدَدْتُ لَوْ تَتَجَدَّدُ لَحْظَةُ الْلِقَاءِ وَتَفْتَحَ الْبَابَ وَأَقِفَ كَمَا كَانَ يَجِبُ

/wadadtu law tatajaddad lahdatu -lliḡā'i wa -taftaḡu lbāb

desejei._{Pf.1ª.s.} se repete._{Imp.3ª.f.s.} momento o-encontro e -abre._{Imp.3ª.f.s.} a-porta

wa-’aqifu kamā kāna yajibu/
e- fico._{Imp.1ª.s.} como era._{Pf.3ª.m.s.} deve._{Imp.3ª.m.s.}

Lit. Desejei que se repetisse o momento do encontro e ela abre a porta e eu fico como devia
[ter ficado]

A tradução literal das formas verbais do trecho não figura bem-formada no português. Abaixo, estão apresentadas duas possibilidades de expressão, a desta pesquisa e a de A.A.:

- (2.32) a Desejei que o momento do reencontro se repetisse para quando ela abre a porta para eu **ficar** como devia
b quis que acontecesse tudo de novo, que a porta se abrisse e eu me **portasse** como devia (A.A)

Vê-se que nas duas proposições tomaram-se decisões distintas para a tradução da passagem.

2.3.2 Gerúndio

A principal característica do gerúndio, e que o aproxima do imperfectivo árabe, é que ele não é capaz de exprimir por si só a categoria de tempo quando fora de um contexto. Sua definição temporal será sempre relativa. Ele não pode, como as formas finitas, exprimir a categoria de tempo em relação ao momento da enunciação, situando-o diretamente, no eixo temporal, ao passado, presente ou futuro, mas só pode expressar essa categoria em relação ao verbo finito (regente) da oração principal. Tal dependência de um outro verbo (às vezes um outro imperfectivo mesmo) é a principal característica do imperfectivo árabe. Essa semelhança entre ambas as formas possibilitou, em muitas partes do texto, uma tradução para o gerúndio.

O gerúndio foi muito recursivo para a expressão da simultaneidade, como ocorre frequentemente no português (“entrou sorrindo”, “saiu chorando”...).

- (2.33) a لَمْ أَنتَبِهْ إِلَّا وَأُخْتِي تَعُودُ وَتَهْمِسُ (l.3)
/lam ’antabih ’illā wa -’uht -ī ta^cūd wa -tahmisu/
não prestei atenção._{Pf.1ª.s.} até e irmã -de mim volta._{Imp.3ª.f.s.} e -murmura._{Imp.3ª.f.s.}
Só me dei conta quando minha irmã **voltou murmurando**
- b اِلْتَفَتَتْ إِلَيْهَا أَحْسِدُهَا (l.23)
/iltafattu ’ilay -hā ’ahsidu -hā/
virei-me._{Pf.1ª.s.} para -ela invejo._{Imp.1ª.s.} -a
Virei-me para ela **invejando-a**
- c لَأَنْهَا أَحَاطَتْنِي بِذِرَاعِهَا وَهِيَ تَقُولُ (l.49)
/li -’anna -hā ’ahāṭat -nī bi -ḍirā’y -hā wa -hiya taqūlu

por -que -ela abraçou.pf.3ª.f.s -me com -braços -dela e -ela diz.Imp.3ª.f.s.
 Pois [ela] *me abraçou dizendo*

Em (2.33a) o verbo “voltar” e “murmurar” ocorrem ao mesmo tempo, e pode-se visualizar a personagem só se dando conta da volta da irmã, ao ouvi-la falando baixo. Em (2.33b), acontece, também, uma sobreposição das situações.

Deve-se chamar a atenção, nos exemplos acima, para a maneira como o árabe expressa a simultaneidade das ações. Geralmente o verbo que expressa uma situação que tem lugar exatamente no mesmo intervalo de tempo de outra, ou que se intercala no meio de uma situação que já vem ocorrendo, fica precedido da partícula *واو الحال* /wa-/ , que se chama *وawu lḥāl*/ lit. ‘waw circunstancial’, porque descreve um estado ou condição do sujeito, ou mesmo do objeto, enquanto outra situação ocorre¹⁸⁰. A partícula *واو الحال* /wa-/ pode estar suprimida, ou ser seguida do pronome correspondente à pessoa verbal, como em (2.36c). Em algumas ocasiões, foi traduzida pela conjunção temporal “enquanto” seguida do verbo no pretérito imperfeito, e, em outras, a simultaneidade foi depreendida sem o recurso a nenhuma conjunção do português.

Observam-se abaixo, em (2.34a e b) outros exemplos dessa expressão de simultaneidade em árabe:

- (2.34) a (l.7) *وَنَحِسْ أَنْفَاسَنَا وَنُخْرِجْ مِنْ بَابِ الدَّارِ الْمَفْتُوحِ*
 /wa -naḥbisu ʿanfāsa -nā wa -naḥnu naḥruju min bābi ddāri lmaftūḥi
 e -prendemos respiração -de nós e -nós saímos.Imp.1ª.p. de porta a-casa a-aberta
 Prendíamos a respiração **enquanto saíamos** pela porta aberta da casa
- b (l.80) *لَكِنَّ إِيْلِيَا مَشَى يَسْتَنْدُ عَلَى دَرَائِزِ الدَّرَجِ*
 /lakinna ʿiliyya maṣā yastanidu ʿalā darābzīn ddaraji
 porém Iliyya caminhou.pf.3ª.m.s **apoia-se**.Imp.3ª.m.s. em corrimão a-escadas
 Porém Iliyya caminhou **apoando-se** no corrimão das escadas

Em (2.34a), a partícula de simultaneidade está acompanhada do pronome pessoal nós; já em (2.34b), a simples sequenciação perfectivo + imperfectivo indica a simultaneidade, como visto em (2.33b) mais acima.

O texto árabe registrou uma sequência de ações imperfectivas com a partícula circunstancial *واو الحال* /waw/ ‘e’, seguida do pronome *هو* /huwa/ ‘ele’, todas traduzidas para o gerúndio:

- (2.35) (l.73-5) *طَافَتْ صُورَةُ إِيْلِيَا الْأَحْمَرِ الشَّعْرَ وَالْوَجْهَ، فَطِنْتُ الْيَدَ وَهُوَ يَصْعَدُ الدَّرَجَ وَحْدَهُ. وَهُوَ يَجْلِسُ عَلَى كُرْسِيِّهِ. وَهُوَ يُسَاوِمُ. وَهُوَ يَأْكُلُ وَيَعْرِفُ أَنَّهُ أَكَلَ مَا فِي الصَّحْنِ. وَهُوَ يَشْرَبُ مِنَ الْإِبْرِيْقِ، وَالْمَاءُ يَنْصَبُ*

¹⁸⁰ Cf. ELDER, 1950, p. 67 e Al-WARRAKI e HASSANEIN, 1994, p. 21.

في حلقه بسهولة.

/tāfat šūrat 'Iliyya l'ḥmari šša'ri wa -lwaj -hi fa -faṭintu
apareceu.pf.3^a.m.s. imagem Illiya o-vermelho o-cabelo e -o-rostto -dele e -recordei-me.pf.1^a.s.

lyada wa -hwa **yaṣ'adu** ddaraja waḥdahu wa -huwa **yajlisu** °alà
a-mão e -ele **sobe**.Imp.3.m.s. a-escada sozinho e -ele **senta-se**.Imp.3.m.s. sobre

kursiyya -hu wa -huwa **yusāwimu** wa -huwa **ya'kulu** wa -**ya'rifu**
cadeira -dele e -ele **negocia**.Imp.3.m.s. e -ele **come**.Imp.3.m.s. e -**sabe**.Imp.3.m.s.

'anna -hu 'akala mā fī ššaḥni wa -huwa **yaṣrabu** mina l 'ibrīqi
que -ele comeu.pf.3^a.m.s. que em o-prato e -ele **bebe**.Imp.3.m.s. de a-moringa

wa -lmā'u **yanṣibbu** fī ḥalqui -hi bi -suhūlatin/
e- a-água **desce**.Imp.3.m.s. em garganta -dele com -facilidade.

Veio-me à mente a imagem dos cabelos e rosto vermelhos de Iliyya. Recordei-me de sua mão enquanto ele subia sozinho a escada, **sentando-se** na sua cadeira, **regateando**, **comendo** e **sabendo** ter comido o que havia em seu prato, **bebendo** da moringa e a água **descendo** facilmente pela sua garganta.

A sequência assinala uma série de situações que vêm à mente da narradora todas relacionadas a Iliyya. Elas expressam o hábito com que se comportava o homem quase cego. A partícula circunstancial, nesses casos, não expressa simultaneidade com a oração do período anterior, mas antes, serve para descrever o processo verbal em desenvolvimento. O aspecto imperfectivo cursivo das orações exprime o desenrolar das ações, conforme fica explícito por meio do uso do gerúndio português, mais sintético e menos repetitivo que o uso do pretérito imperfeito precedido da conjunção “enquanto”: “enquanto subia sozinho a escada, enquanto sentava-se na sua cadeira, enquanto regateava, enquanto comia e sabia ter comido o que havia em seu prato, enquanto bebia da moringa com a água descendo facilmente pela sua garganta”

2.3.3 Participípio

A tradução do verbo جلس /jalasa/ ‘sentar-se’, no contexto abaixo, só poderia ser traduzida por uma forma de participípio:

(2.36) أراه بعد أن أتى من المدرسة، يجلس على المصطبة (l.65)

/ʾarā -hu ba'ḍa 'an 'ātī mina lmadrasati **yajlisu** °alà l -miṣṭabati/
vejo.Imp.1^a.s. -o depois que venho.Imp.1^a.s. de a -escola **senta**.Imp.3^a.m.s. sobre o -banco
eu o via, depois que chegava da escola, **sentado** no banco.

O uso do imperfectivo em árabe indica uma situação que se prolonga, dura, que está ocorrendo antes da chegada da narradora e que vai continuar. Dada a *Aktionsart* do verbo “sentar-se” que pressupõe uma ação praticamente instantânea, o uso do gerúndio ou de outra expressão durativa (sentando-se/sentava-se) formará uma frase inaceitável na língua

portuguesa, pois levará à leitura de uma ação em desenvolvimento. A forma árabe, nessa construção, indica um estado resultante da ação de “sentar-se” que já se concluiu, e o particípio que o traduz esta indicando o aspecto imperfectivo cursivo, e não o perfectivo, que geralmente é associado a esta forma verbal.¹⁸¹

Após as análises das duas formas verbais árabe, perfectivas e imperfectivas, percebe-se que apesar de a língua portuguesa ter muitos meios de expressar o tempo e o aspecto, o árabe, da mesma maneira, também o faz, com apenas duas formas gramaticalizadas de expressão verbal. Mesmo para a língua portuguesa, como pôde ser observado na Parte I, atestar a verdadeira natureza das formas verbais ainda não é possível. Os apontamentos de Ilari (1997, p. 8-10) quanto à falta de correspondência biunívoca das formas verbais portuguesas, como o emprego do presente do indicativo na expressão de fatos de diversas esferas temporais, ou a possibilidade de expressão de um determinado tempo por mais de uma forma verbal (como o futuro do presente), o emprego de uma mesma forma verbal na expressão além do tempo de aspecto e modo indicam que são problemas inerentes também à língua portuguesa, e para finalizar as próprias palavras do autor:

Nem sempre é fácil separar os valores autenticamente “temporais” das expressões linguísticas de seus valores aspectuais e modais. Aliás, toda vez que se faz essa distinção, fica sempre no ar uma sensação de frustração, talvez porque acabam sendo colocadas de lado perguntas instigantes, do tipo “por que esta forma verbal, com estes valores temporais, e não outra qualquer, assume precisamente esses valores aspectuais e modais?”

¹⁸¹ Cf. TRAVAGLIA, 2015, p. 177-9.

3 O PARTICÍPIO ATIVO

Como já apontado anteriormente, o PA pode exercer no texto as funções de *adjetivo*, *substantivo* ou *verbo*. Seu emprego mais comum é como um adjetivo, como nas frases abaixo do *corpus* analisado. Note-se a concordância em determinação/indeterminação, gênero e caso com nome ao qual se refere:

- (3.1) a كُنْتُ أَحْسَبُهُ أَمْرًا مُسْتَحِيلًا (l.44)
 /kuntu 'ahsabu -hu 'amran **mustahīlan/**
 era.Imp.1ª.s. considero.Imp.1ª.s. -o algo **impossível**
 algo que eu considerava **impossível**
- b كانت العُرْفَةُ تَبْدُو شاحِبَةً (l. 56)
 /kānat lğurfatu tabdū šāhibatan/
 era.Imp.3ª.f.s. o-quarto parece.Imp.3ª.f.s. pálida
 'a sala parecia **pálida**'

Quando usado como substantivo, o PA pode adquirir um sentido específico que, aparentemente, o distancia do significado do verbo de onde provém, como nas palavras do texto حَاجِبِي (l. 2), /hājibayya/ '(as duas) sobrancelhas' lit. aquele que cobre, do verbo حَجَبَ /hajaba/ 'cobrir', 'tapar', 'ocultar'; e وَالِدِي (l. 11) /wālidī/ '(meu) pai', lit. aquele que gera/procria, do verbo وَلَدَ /walada/ 'gerar', 'procriar'.

A forma é favorável, também, à criação de categorias gramaticais específicas, "formas congeladas"¹⁸², que estão presentes no texto, como alguns advérbios, دَائِمًا /dā'iman/ (l. 24) 'sempre' lit. 'aquele que dura', do verbo دَامَ /dāma/ 'durar', 'continuar', 'permanecer'; فِي الدَّاحِلِ /fī dāhili/ (l. 40) 'dentro', do verbo دَخَلَ /daḥala/ 'entrar'; e a construção modal لَازِمَ /lāzim/ (l. 49) 'deve', 'é necessário/obrigatório', do verbo لَزِمَ /lazima/ 'ser necessário/indispensável/obrigatório'.

A pouca ocorrência do PA com força verbal no *corpus* confirma o apontado em pesquisas anteriores¹⁸³ de que a forma parece ser uma característica da vertente oral da língua árabe. Foram encontradas apenas quatro ocorrências no texto:

- (3.2) a تُبْعِدْنِي أُمِّي عَنْهَا مُبْتَسِمَةً (l.36)
 /tub'idu -nī 'umm -ī 'an -hā **mubtasimatan**
 afasta.Imp.3ª.f.s. -me mãe -de mim de - ela **a que sorri**
 Minha mãe afasta-me **sorrindo**
- b وَسَمِعْتُ أُمِّي تَقُولُ لَهَا بِأَكْبَرَةٍ (l.37)

¹⁸²Cf. BRUSTAD, 2000, p. 182.

¹⁸³BRUSTAD (2000), EISELE (1999), JOHNSTONE (1987).

/wa -sami^ctu 'umm -ī taqulu la -hā **bākiyatān**/
 e -ouvi._{pf.1^a.s} mãe -de mim diz._{imp.3^a.f.s.} para -ela **a que chora**
 e ouvi minha mãe dizer-lhe chorando

- c **وردت أختي ضاحكة** (l.42)
 /wa -raddat 'uht -ī **ḍāḥikatan**/
 e -retrucou._{pf.3^a.f.s.} irmã -de mim **a que ri**
 E minha irmã retrucou **rindo**

- d **ينزل الدراجات، أخذاً وقتاً** (l.81)
 /**yanzilu** ddarājāti, 'āḥīdan waqtan
desce._{imp.3^a.m.s.} o-degraus aquele que leva tempo
Desce os degraus, levando um tempo

Não há dificuldade para se traduzirem estas formas para o português, visto o seu significado ser constante e sua expressão ser perfeitamente compatível com o aspecto cursivo traduzido pelo verbo no gerúndio.

Cuvalay-Haak (1997, p. 185) diz que se um PA está sendo usado para expressar uma situação dinâmica, eles descrevem um “envolvimento simultâneo”. Nas situações de (3.2a – c) o PA apresenta situações concomitantes à outras que ocorrem tanto no presente como no passado: afasta – sorrindo; diz – chorando; retrucou – rindo.

Em (3.2d) há o único caso no texto em que se nota o valor de regente da forma PA, **أخذاً وقتاً** /'āḥīdan waqtan/, onde o segundo termo é objeto direto do primeiro. Aqui também, tem-se o aspecto cursivo simultâneo ao momento mesmo em que ‘ele **desce** os degraus’.

Nas frases analisadas, o tempo em que as ações expressas pelos PAs ocorrem não foi depreendido das formas em si mesmas, mas só pode ser depreendida em relação a outro evento: ‘afasta’, ‘ouvi’, ‘respondeu’ e ‘desce’, respectivamente. Como no português, a forma que os traduz, o gerúndio, também partilha de características verbais e nominais, e está incluída na classe dos nomes (“formas nominais” assim como os participípios e os infinitivos) e também não poderia, por si só, expressar o tempo em que o evento ocorre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por finalidade discutir as possíveis formas do quadro verbal da língua portuguesa do Brasil que poderiam, adequadamente, exprimir os valores das duas formas verbais árabes الماضي /almāḍī/ e المضارع /almuḍāri^c/, aqui denominadas, perfectivo e imperfectivo. Para alcançar o objetivo proposto, foi traduzido o conto “O tapete persa”, observando-se o emprego das duas formas e suas indicações temporais e aspectuais.

Para avançar na questão, a Parte I discutiu trabalhos que trataram do tema, tempo e aspecto, apresentando os conceitos expressos em vários autores, para destacar que esta pesquisa seguiu, em sua análise, a proposta do quadro aspectual do português lançada em Castilho (1968/2000-2).

A Parte II cumpriu uma dupla função. Começou por introduzir brevemente algumas características, morfológicas e semânticas, dos verbos árabes, tentando atenuar – mesmo que de maneira incipiente, visto não ser a proposta do trabalho discutir a morfologia verbal – a suposta inexistência de material relativo ao assunto em língua portuguesa do Brasil. O segundo objetivo foi contribuir com esta pesquisa ao apresentar a discussão principal em trabalhos que versam sobre o tema: a classificação das formas verbais árabes dentro de um quadro temporal ou aspectual (ou ambos). Apresentaram-se as variadas funções atribuídas às formas perfectiva e imperfectiva, isoladas e em combinação com outros elementos textuais (partículas, auxiliares verbais, adverbiais e contexto, por exemplo), na expressão do tempo e do aspecto.

Por fim, a última Parte, teve a finalidade de verificar, na prática, as funções das formas discutidas. Foi utilizado um conto que apresentava um número expressivo de formas verbais, servindo bem ao propósito da pesquisa. A análise do *corpus* demonstrou algumas generalizações, já apontadas nos trabalhos discutidos anteriormente, e lançou uma proposta de tradução dessas formas de acordo com a divisão temporal do quadro do sistema verbal do português, levando em consideração o contexto, sua interpretação temporal/aspectual, e, também, a natureza lexical inerente (*Aktionsart*) de cada forma verbal. Uma breve – devido à sua pouca ocorrência no *corpus* –, discussão do papel dos participípios ativos dentro desse sistema também foi apresentada.

O que se conseguiu depreender nesta pesquisa coincidiu com as conclusões apontadas nos trabalhos sobre a língua árabe aqui apresentados de que os casos mais simples da forma perfectiva são aqueles de indicação de tempo passado, em ambientes neutros, onde

outras interpretações não são possíveis. A leitura de outros tempos acarretada pela forma foi constatada em contextos específicos: *i*) com verbos que apresentam uma forte relação com o tempo presente, pois são associados a ações ou estados já vivenciados (principalmente com verbos de cognição) e *ii*) em orações complexas onde sua interpretação temporal está ligada à existência de outra situação que lhe serve como referencial, como nas orações subordinadas circunstanciais, por exemplo. Concluiu-se que, diferentemente das línguas em geral, e da portuguesa, em particular, a forma árabe /almāḏī/ age sozinha para referir vários tipos de eventos temporais passados em todos os contextos, o que não significa, necessariamente, que o perfectivo árabe expresse as várias nuances que as formas verbais daquelas línguas indicam, mas sim que algumas interpretações semântico-pragmáticas não são gramaticalizadas em árabe, não sendo inerentes ao seu perfectivo, mas sim ao contexto no qual ele está inserido. Sendo tal a característica do perfectivo, desejando, o locutor inverte seu emprego de passado para confirmar o seu discurso, e lhe dar uma característica definitiva, porque a forma presume habitualmente que indique o acontecimento e o término da ação num tempo que passou e acabou antes da fala. Essa possibilidade é que levou a narradora do conto a utilizar o passado sempre que estava convicta do que dizia, mesmo em situações em que poderia ter empregado a forma imperfectiva, como no exemplo (1.22*b* e *c*) da Parte III.

Observou-se que, mesmo em referência a tempo não-passado, na maior parte dos casos, as formas perfectivas apresentaram a situação como completada em algum tempo (ou o dêitico ou um tempo fornecido contextualmente), sem que houvesse dúvidas quanto a que tempo flexional deveria ser traduzido.

Apesar de a forma verbal pura poder expressar tempo e aspecto, a existência de certos auxiliares temporais e modais estão disponíveis e têm uso frequente na língua. Embora não tenha ocorrido no *corpus* em análise, os trabalhos referiram que o verbo كان /kāna/ ‘ser/estar’ junta-se com o perfectivo para formar o pretérito mais-que-perfeito ou para acentuar o caráter de completamento do evento. O texto, por sua vez, evidenciou o papel da partícula قد /qad/ na expressão da noção de aspecto perfectivo da forma, ao acentuar, em várias situações, a noção de acabamento e de resultado da ação decursa. Acompanhando uma tendência apontada nas outras pesquisas, o tempo passado foi somente negado com a partícula negativa لم /lam/, que implica a troca da forma perfectiva pela imperfectiva.

O imperfectivo, como o tempo flexional presente do português, expressa, no *corpus*, o tempo presente; com a partícula سوف /sa-/sawfa/ ou com a negativa لن /lan/, o futuro; seguindo o tempo passado do verbo da oração principal ou do contexto maior, o

passado; em orações complexas ou perífrases, pôde ser traduzida pelas formas nominais, indicando simultaneidade a alguma outra situação, finalidade da primeira, dentre outras características. Na área aspectual, expressa o imperfectivo com verbos durativos ou, com verbos pontuais, o perfectivo ou o iterativo; precedido do verbo كان /kāna/, indica a continuidade do evento no passado, com uma leitura de situação habitual ou iterativa; ocorre, também, com ما زال /mā zāla/ para indicar a continuidade no presente.

A análise de comparação entre as duas línguas permitiu que se colocasse em evidência que, em ambas, as formas verbais não expressam isoladamente a noção de tempo. Viu-se que o chamado tempo presente do português, assim como o imperfectivo árabe, serve na indicação de vários tempos ou aspectos, a depender da *Aktionsart* e dos elementos que ocorrem com tais formas.

Ficou evidente que as duas formas verbais árabes não podem ser analisadas fora de um contexto, embora uma generalização possa ser traçada para as duas no âmbito do tempo (passado x não-passado) e do aspecto (perfectivo x imperfectivo). Mas talvez uma resposta para esse estado esteja na origem das formas. Driver¹⁸⁴, citado em Al-Khafaji, diz que, historicamente, a forma verbal nas línguas semíticas foi يفعل /yaf^ʕal/. Com o passar do tempo فعل /fa^ʕal/, فعل /fa^ʕil/, e فعل /fa^ʕul/ passaram a ser usadas. O surgimento de فعل /fa^ʕal/, segundo Driver, “marca o fim da atemporalidade” nas línguas semíticas. Esse fato talvez aponte para uma justificativa de tão variado uso para a forma imperfectiva: em período em que só se expressava o evento em si, sem ligação com outras indicações (temporais ou aspectuais), a forma servia a todos os propósitos. Com o advento do uso da forma /fa^ʕal/, que pelo que se observa especializou-se para a indicação de eventos passados, a forma /yaf^ʕal/ manteve seu caráter não tão marcado, podendo apontar para qualquer indicação temporal, de acordo com os elementos que a cercam no contexto, como partículas negativas, o tempo do verbo auxiliar, advérbios ou até mesmo outros contextos anteriores ao que ela se encontra.

A análise demonstrou que as opções verbais gramaticalizadas do português, em número maior, para interpretar as duas formas propiciam mais de uma possibilidade de tradução em várias passagens, impondo a quem traduz uma escolha subjetiva, mais ligada ao estilo de escrita do que às distinções temporais ou aspectuais, em contextos não-marcados. Essas decisões levam a traduções diferentes como as vistas na escrita de várias passagens de A.A. (por ex., em (1.25), na Parte III). E devido a essa possibilidade de se verterem as duas formas árabes para quase todos os tempos do português, não é possível que se estabeleça uma

¹⁸⁴ Driver, G. R. *Problems of the Hebrew Verbal System*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1936. Esta pesquisa não teve acesso à obra.

rede biunívoca de correspondência. No APM, o conceito de tempo não pode estar associado unicamente à morfologia verbal, antes deve ser pensado como um conceito semântico, ou melhor, ele pertence à estrutura sintática e semântica das frases. Isso fica claro pelo fato de que as nuances temporais obtidas com o emprego de variadas formas verbais no português, não podem ser representadas no árabe por meio da morfologia, dado que ele só possui duas formas verbais. No entanto, o árabe pode manifestar as nuances temporais de várias maneiras: em alguns contextos os verbos sozinhos podem expressar os conceito de tempo absoluto (ou dêitico): passado, presente e futuro. Os tempos mais complexos (ou tempos relativos) emergem do contexto com o verbo somente ou podem ser obtidos com auxiliares verbais, adverbiais temporais ou partículas.

Quanto à expressão do aspecto, esta pesquisa considera que as formas verbais árabes não podem ser classificadas como perfectivas ou imperfectivas, exclusivamente, como visto nas análises, embora, na maioria dos casos, essa distinção se confirmasse, mas, apesar de não terem a propriedade exclusiva de indicar o aspecto, assim como o português, podem expressá-lo em interação com verbos auxiliares, o semantema do verbo, adverbiais e mesmo por meio do contexto linguístico ou extralinguístico.

Pela multiplicidade de empregos em esferas temporais diversas das duas formas verbais árabes e pela indicação, nem sempre temporal ou aspectual, da forma imperfectiva, em particular, esta pesquisa questiona-se se os autores¹⁸⁵ que optaram por empregar uma terminologia em bases formais, abandonando as tradicionais terminologias semântico-temporais ou aspectuais (passado/presente, perfeito/imperfeito, passado/não-passado, concluído/não concluído), conforme a tradicional utilizada nesta pesquisa, perfectivo/imperfectivo, não tenham apontado uma opção mais adequada para a expressão das formas em outras línguas. O que caracteriza a forma perfectiva como forma sufixal é o grupo de sufixos flexionados para pessoa, número e gênero adicionados à base verbal; já a forma imperfectiva é caracterizada por uma base com prefixos, e para a construção de algumas pessoas, gênero e número, a combinação de circunfixos. Essa caracterização é, pelo menos, uma constante das duas formas.

As considerações tecidas com este trabalho não pressupõem um termo ao assunto. Os pontos que se evidenciaram sobre o sistema árabe não pretenderam ser definitivos, visto que nada o é no que diz respeito a questões de linguagem, como se observou na pesquisa sobre o tema. O *corpus* foi suficiente para o objetivo aqui proposto, mas não esgota todas as

¹⁸⁵ Beeston (1970), Cuvalay-Haak (1997), Holes (2004), dentre outros.

possibilidades de expressão temporal ou aspectual. Por maiores que sejam as fontes utilizadas para uma pesquisa nunca será suficiente para que se indique que o trabalho se esgotou ali, mas sempre pressupõe que ainda há muito que se descobrir em outros caminhos.

Certos, porém, de que esta pesquisa, por seu caráter inédito e por ter efetuado de certo modo uma revisão da literatura sobre o tema, possa contribuir com os estudos sistemáticos sobre tópico gramatical e linguístico, ainda incipientes na língua portuguesa do Brasil, e, com isso, venha a auxiliar os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem da língua árabe no país.

REFERÊNCIAS

- Associação portuguesa de linguística e Instituto de linguística teórica e computacional. *Dicionário de termos linguísticos*. Edição Cosmos, 1992.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.
- . *Fundamentos da gramática do português*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BAHLOUL, Maher. *Structure and function of the Arabic verb*. London: Routledge, 2008.
- BARROSO, Henrique. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica*. Porto: Porto Editora, 2006.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1987.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa* (edição revista e ampliada). Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 1999.
- BEESTON, A. F. L. *Written Arabic: an approach to the basic structures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- BERTINETTO, Pier Marco. *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano*. Il sistema dell'indicativo. Firenze: Presso l'Accademia della Crusca, 1986.
- BERTUCCI, Roberlei Alves. *Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro*. 2011. 200f. Tese (Doutor em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.
- BESCHERELLE (Collection). *Les verbes arabes*. Paris: Hatier, 1999.
- BINNICK, Robert L. (Org.). *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*. New York: University Press, 2012.
- BLACHÈRE, R., GAUDEFROY-DEMOMBYNES, M. *Grammaire de l'arabe classique: morphologie et syntax*. Paris: Maisonneuve & Larose, 1975.
- BRUSTAD, K. E. *The Syntax of Spoken Arabic*. Washington DC: Georgetown University Press, 2000.
- BUSSE, W. e VILELA, M. *Gramática de valências*. São Paulo: Educ, 1986.
- BYBEE, Joan *et al.* *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages, of the World*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- CACHIA, Pierre. *The monitor: A dictionary of Arabic Grammatical Terms*. Arabic-English/English-Arabic. Liban: Librairie du Liban & London: Longman, 1973.

- CAFFARO, Paula da Costa. Para uma padronização em português da terminologia morfossintática do verbo árabe. 2012. 173f. Dissertação (Mestre em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. *Tempo, aspecto e modalidade*. Estudos de linguística portuguesa. Porto: Porto Editora, 1997.
- CARVALHO, O.L.S. Uma análise dos livros didáticos do português como segunda língua. In: Bagno, M. (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. In: Maria Bernadete M. Abaurre; Ângela Cecília S. Rodrigues. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002, v. VIII, p. 83-122.
- CASTILHO, Ataliba de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.
- CASTILHO, Ataliba T. Problemas do aspecto verbal no português falado no Brasil. In: Gärtner, Eberhard & Hundt, Christine & Schönberger, Axel (eds.). *Estudos de gramática portuguesa* (III), 2000, pp. 17-46.
- COAN, Márluce. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003. 238f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: CUP, 1976.
- CONFAIS, Jean-Paul. *Temps, mode, aspect: Les approches des morphèmes verbaux et leurs problèmes à l'exemple du français et de l'allemand*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002.
- CORRIENTE, F. *Gramática Árabe*. Madrid: Instituto Hispano Árabe de Cultura. Ministerio de Cultura, 1980.
- CORTES, Julio. *Diccionario de árabe culto moderno: árabe-espanhol*. Madrid, Gredos, 2004.
- COSTA, Sonia B. B. *O aspecto em português*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- COWAN, David. *Gramática do árabe moderno*. Trad. Safa A.C. Jubran. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2006.
- CUNHA & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1982.
- CUNHA, M. A. F. (org.) et al. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- CUVALAY-HAAK, M. *The Verb in Literary and Colloquial Arabic*. Berlin-New York: Mouton de Guyter, 1997.
- DIAS, Augusto E. S. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.
- Dicionário Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>. Acessado em: 06/07/2015, 16:15.
- EISELE, John C. Time Reference, Tense, and Formal Aspect in Cairene Arabic. In: EID, Mushira. *Perspectives in Arabic Linguistics I*. Papers from the First Annual Symposium on Arabic Linguistics. John Benjamins Publishing Co. Amsterdam/Philadelphia, 1999.
- ELDER, E. E. *Arabic Grammar: Inductive Method*. 2ª Edição. Cairo: Elias Modern Press, 1950.
- FASSI-FEHRI, Abdelkader. *Issues in the Structure of Arabi Clauses and Words*. Dordrecht: Kluwer Academic, 1993.
- FREED, Alice F. *The semantics of English aspectual complementation*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979.
- FREITAG, Raquel M. *A expressão do passado iminencial em português: formas e contextos de uso*. In: Anais do VII Congresso Internacional da Abralín Curitiba 2011, pp. 3654-3662.
- . *A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança*. 2007. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- GIVÓN, T. *Syntax*. V. 1. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- GOLDZIER, I. *On the history of grammar among the Arabs: an essay in literary history*. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1994.
- HALLAG, Boutros and GONZALEZ-QUIJANO, Yves, em *Nouvelles Arabes Du Proche-Orient*. 2005.
- HASSAN, H. M. *A contrastive study of tense and aspect in English and Arabic with special reference to translation*. 1990. 240f. Tese. (Ph.D. – Doutor) U.K.: University of Bath, 1990.
- HAYWOOD, J. A. e NAHMAD, J. M. *A new Arabic grammar of the written language*. London: Lund Humphries, 1993.
- HENRI FLEISCH, S. J. *Traité de Philologie Arabe*. Vol. II: Pronoms, Morphologie Verbale, Particles. Beyrouth: Dar El-Machreq Éditeurs, 1990.
- HOLES, Clive. *Modern Arabic: structure, functions, and varieties*. Georgetown University Press: Washington, DC, 2004.

- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.
- IBN [°]AQĪL. *Explicação de Ibn [°]Aqīl sobre “Al-Alfiya” de Ibn Mālik*. Cairo: Dār At-turāt, 20 ed., 1400 H – 1980 AD. (Referência em língua árabe)
- IBN EL FAROUK, Abdelhamid. La fiction du subjonctif en arabe littéral et la question du muḍāri‘. In: *La Linguistique*, Vol. 30, Fasc. 2, *Langage, sujet, lien social*, pp. 121-130. Presses Universitaires de France, 1994. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/30249057>. Acessado em: 22/03/2013, 17:11.
- . Le système verbal de l’arabe littéral moderne. In: BENTOLILA, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*. Louvain Nueve: Peeters, 1998.
- IBN YA[°]ĪŠ, Ibn Albukā’. Explicação detalhada. V. VII. Dar Alkotob Al-Ilmiyat: Beirute, 2001 (AD) – 1422 (H). Disponível em: <http://ia902706.us.archive.org/33/items/ShMfslYsh/ShMfslYsh01pdf>. Acessado em: 20/02/2016, 11:25. (Referência em árabe)
- ILARI, R. e BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R. e NEVES, Maria Helena de M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. 2. Coord. Ataliba T. de Castilho. São Paulo: Campinas: Editora da Unicamp, 2008. Cap. 3 (p. 284-365).
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.
- . *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- JAḤFA, [°]Abdul Majīd. *A indicação do tempo em árabe: estudo do padrão temporal dos verbos*. Dār Tubqāl li-Našri: Marrocos, 2006. (Referência em árabe)
- JUBRAN, Safa A.C. *Árabe e português: fonologia contrastiva com aplicação de tecnologias informatizadas*. São Paulo: EdUSP, 2004.
- [Al-]KHAFAJI, Abdur-Rasul. *Description and contrastive analysis of tense and time in english and arabic*. 1972. 1016 f. Tese (PhD - Doutor em Filosofia) Glasgow: Faculdade de Artes da Universidade de Glasgow, 1972.
- [Al-]KHAWALDA, Mohammad. The expression of Futurity in the Arabic and English Languages. In: *Diversity in Language: Contrastive Studies in English and Arabic Theoretical and Applied Linguistics*. Edited by Ibrahim, Zeinab et al. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.
- LIPINSKI, E. *Semantic Languages: outline of a comparative Grammar*. Leuven: Peeters, 1997.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística moderna*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1999.
- LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University, 1977. 2 v.
- [AL-]MAḤZŪMĪ, Maḥdī. *Gramática árabe: crítica e orientação*. Beirute: Dār Ar-Rā’id Al-[°]Arabiyy, 3 ed., 1986. (Referência em árabe)

- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *O presente do indicativo no discurso: implicações semânticas e gramaticais*. 1986. 86 f. Mestrado (Mestre em Linguística). Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.
- MATEUS, M.^a Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa* (5.^a edição, revista e aumentada). Lisboa: Editorial Caminho, AS, 2003.
- MATTOSO CAMARA Jr., J. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1981.
- MEISAMI, J. S. e STARKEY, P. *Encyclopedia of Arabic Literature*. V.I, Routledge: London/New York, 1998.
- MOHAMMAD, Mahmoud Dawood. *The Semantics of Tense and Aspect in English and Modern Standar Arabic*. 1982. 216f. Tese. (Doctor of Philosophy in Applied Linguistics) – Faculty of the Graduate School. Georgetown University: Washington 1982.
- MORIMOTO, Yoko. *El aspecto léxico: delimitación*. Madrid: Arco Libros, 1998.
- MUGHAZY, Mustafa. A Neo-Aspectualist Analysis Egyptian and Standard Arabic. *Al^carabiyya: Journal of the American Association of Teachers of Arabic*. Georgetown University Press: Washington DC, 2015, v. 48, p. 99-139.
- MUSSA TĀLIT, Alhāj. *O conceito de aspecto na linguística moderna: estudo teórico e prático sobre a língua árabe moderna*. 2006. 152 f. Dissertação (Mestre de Língua e Literatura Árabes). Arábia Saudita: Faculdade de Letras da Universidade Al-Malik Sa^cud, 2006). (Referência em língua árabe)
- NASR, Helmi. *Nobre Alcorão*. Al-Madinah Al-Munauarah: Complexo do Rei Fahd, s/d.
- O'BRIEN, Josephine. *A Case for a Contrastive Interpretation of the Expression of Time in English and Arabic*. In: *Arabic World English Journal*. Vol. 4, nº 3, 2013.
- OLIVEIRA, Fátima. Tempo e aspecto. In: Mateus, M^a Helena Mira et al., *Gramática da língua portuguesa*, 7 ed., 2006 – p. 129-178.
- QUIRK, Randolph et al. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London-New York: Longman, 1985.
- RAPOSO, E. B. P. et al. *Gramática do português*. Volume I. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2013.
- REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: Free Press, 1947.
- ROTHSTEIN, Susan. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Aspect*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- RYDING, Karin C. *A Reference Grammar of Modern Standard Arabic*. New York: Cambridge University Press, 2005.

- [AS]SAMARRĀ'Ī, Ibrahīm. *O verbo: tempo e construções*. Mu'asasa Arrisāla: Beirute, 1403 H – 1983 AD). (Referência em língua árabe)
- SIBAWAYHI. *AlKitāb Sibawayhi*. Cairo: Editora Almadanī, s/d. (Referência em língua árabe)
- SITRAK, Sami J. *A Description of 'Aspectual' Phenomena in Arabic*. 1986. 360 f. Tese (PhD Doutor em Filosofia) Universidade de St. Andrews, 1986. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10023/2976>.
- SMITH, Carlota. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2 ed., 1997.
- TRAVAGLIA, Luiz C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5 ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- VENDLER, Zeno. Verbs and Time. In: *The Philosophical Review*, Vol. 66, nº 2. Ithaca: Cornell University Press. Abril, 1957, pp. 143-60.
- VERKUYL, Henk. Tense, Aspect and Aspectual Composition. In: Vulchanova, Mila De Lars Hellan. *Topics in South Slavic Syntax and Semantics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999 p. 125-63.
- VERSTEEGH, K. *La conception des 'temps' du verbe chez les grammairiens arabes*, "Théorie Analyses", 3, 1981, pp. 47-68.
- [Al-]WARRAKI, N. N. e HASSANEIN, A. T. *The Connectors in Modern Standard Arabic*. Cairo/New York: The American University in Cairo Press, 1994.
- WRIGHT, W. *A Grammar of the Arabic Language*. Volume I e II. Beirute: Librairie du Liban, New Impression, 1996.

REFERÊNCIAS EM LÍNGUA ÁRABE:

- ابن عقيل. شرح ابن عقيل على الألفية ابن مالك. القاهرة: دار التراث، 1980 م - 1400 هـ.
- ابن يعيش، ابن البكاء - شرح المفصل. دار الكتب العلمية: بيروت، 2001 م - 1422 هـ.
- جحفة، عبد المجيد. دلالة الزمن في العربية: دراسة النسق الزمني للأفعال. دار توبقال للنشر: المغرب، 2006 م.
- المهزومي، مهدي. في النحو العربي: نقد وتوجيه. دار الرائد العربي - بيروت، 1986 م. ط 3.
- موسى ثالث، الحاج مفهوم الجهة في اللسانيات الحديثة: دراسة نظرية وتطبيقية على اللغة العربية المعاصرة. قدمت رسالة استكمالاً لمتطلبات الحصول على درجة الماجستير في قسم اللغة العربية وآدابها بكلية الآداب جامعة الملك سعود، ١٤٢٧ هـ.
- السامرائي، إبراهيم. الفعل وزمنه وبنيتيه. مؤسسة الرسالة: بيروت، 1983 م - 1403 هـ.
- سيبويه. الكتاب سيبويه. المطبعة المدني: القاهرة.

Linha

السَّجَّادَةُ العَجمية

(حنان الشيخ)

- 1 لَمَّا انْتَهَتْ مَرِيَمٌ مِنْ تَضْفِيرِ شَعْرِي إِلَى ضَفِيرَتَيْنِ، مَدَّتْ إِصْبَعَهَا إِلَى فَمِهَا تَلَحُّسُهَا، ثُمَّ
- 2 مَرَّتْ بِهَا عَلَى حَاجِبِي وَهِيَ تَرْفِرُ "أَهْ مِنْ حَوَاجِبِكَ، شَيْ طَالِعٍ، شَيْ نَازِلٍ". التَّفَقَّتْ بِعَجَلَةٍ إِلَى أُخْتِي وَهِيَ
- 3 تَقُولُ: "شُوفِي إِذَا أَبُوكَ بَعْدَهُ عَمَّ يَصَلِّي". لَمْ أَنْتَبِهْ إِلَّا وَأُخْتِي تَعُودُ وَتَهْمِسُ: "بَعْدَهُ"، وَمَدَّتْ يَدَيْهَا تَرْفَعُهُمَا
- 4 إِلَى السَّمَاءِ تُقَلِّدُهُ. وَلَمْ أَضْحَكْ كَالْعَادَةِ. وَلَمْ تَضْحَكْ مَرِيَمُ، بَلْ تَنَاوَلَتْ الْإِيشَارِبَ مِنْ عَلَى الْكُرْسِيِّ، تُعْطِي
- 5 شَعْرَهَا وَتَعْقِدُهُ بِسُرْعَةٍ عِنْدَ رَقَبَتِهَا. فَتَحَتِ الْخِزَانَةَ عَلَى مَهْلٍ وَتَنَاوَلَتْ شَنْطَةً يَدِهَا. ادْخَلْتُهَا حَتَّى وَصَلَتْ
- 6 إِبْطَها وَمَدَّتْ لَنَا يَدَيْهَا، فَأَمْسَكْتُ أَنَا بِوَاحِدَةٍ وَأُخْتِي بِالْأُخْرَى. وَفَهِمْنَا أَنَّ عَلَيْنَا السَّيْرَ عَلَى رُؤُوسِ أَصَابِعِنَا،
- 7 مِثْلَهَا. وَنَحْبِسُ أَنْفَاسَنَا وَنَحْنُ نَخْرُجُ مِنْ بَابِ الدَّارِ الْمَفْتُوحِ. نَنْزِلُ الدَّرَجَ وَرُؤُوسُنَا تَلْتَفْتُ صَوْبَ الْبَابِ، ثُمَّ
- 8 صَوْبَ الشُّبَّاكِ. لَمَّا وَصَلْنَا آخِرَ دَرَجَةٍ، ابْتَدَأْنَا بِالرَّكْضِ، وَلَمْ نَتَوَقَّفْ إِلَّا عِنْدَمَا اخْتَفَى الزَّارُوبُ وَقَطَعْنَا
- 9 الشَّارِعَ وَأَوْقَفَتْ مَرِيَمُ سَيَّارَةَ أُجْرَةٍ. كَانَ تَصْرُفُنَا وَاحِدًا، يَدْفَعُهُ خَوْفُنَا: فَالْيَوْمَ سَنَرَى أُمِّي لِأَوَّلِ مَرَّةٍ مُنْذُ
- 10 انْفِصَالِهَا بِالطَّلَاقِ عَنِ الْوَالِدِيِّ، الَّذِي أَقْسَمَ بَأَنَّهُ لَنْ يَدَعَهَا تَرَانَا. فَالْخَبَرُ بِأَنَّهَا سَوْفَ تَتَزَوَّجُ مِنْ رَجُلٍ كَانَتْ
- 11 تُحِبُّهُ قَبْلَ أَنْ يُرَوِّجَهَا أَهْلُهَا بِالْقُوَّةِ مِنَ الْوَالِدِيِّ، انْتَشَرَ بَعْدَ سَاعَاتٍ مِنْ طَلَاقِهَا.
- 12 قَلْبِي يَدُقُّ. فَهَمْتُ أَنْ ضَرَابَاتِهِ لَيْسَتْ أَثَارُ الْخَوْفِ وَالرَّكْضِ، بَلْ مِنْ رَهْبَةٍ هَذَا الْلِقَاءِ، مِنْ
- 13 إِرْتِبَاكِ الْمُتَنَتِّظَرِ. فَأَنَا قَدْ حَفِظْتُ نَفْسِي وَخَجَلِي. مَهْمَا حَاوَلْتُ فَأَنَا لَا أَسْتَطِيعُ إِظْهَارَ عَاطِفَتِي، حَتَّى
- 14 لِأُمِّي. لَنْ أَقْدِرَ عَلَى الْارْتِمَاءِ بَيْنَ ذِرَاعَيْهَا، وَطَمْهَرُهَا بِالْقُبْلَاتِ وَإِمْسَاكِ وَجْهَهَا، كَمَا تَفْعَلُ أُخْتِي، أَوْ
- 15 كَمَا هِيَ طَبِيعَتُهَا. فَكُرْتُ طَوِيلًا مُنْذُ أَنْ أَسَرَّتْ مَرِيَمُ، فِي أُذُنِي وَأُذُنِ شَقِيقَتِي، بِأَنَّ أُمِّي أَتَتْ مِنَ الْجَنُوبِ.
- 16 وَبِأَنَّنا سَنُزَوِّرُهَا خُلْسَةً فِي الْغَدِ. أَخَذْتُ أَفْكَرَ بَأَنِّي سَوْفَ أُجْبِرُ نَفْسِي عَلَى أَنْ أَتَصَرَّفَ كَمَا تَتَصَرَّفُ أُخْتِي
- 17 تَمَامًا. سَأَقِفُ خَلْفَهَا وَأَقْلِدُهَا عَنِ لَا وَعِيٍّ. التَّقْلِيدُ الْأَعْمَى، كَمَا يَقُولُ الْمَثَلُ. لَكِنْ، أَنَا أَعْرِفُ نَفْسِي. لَقَدْ
- 18 حَفِظْتُهَا غَيْبًا. مَهْمَا أَحَاوَلْتُ إِجْبَارَهَا، وَمَهْمَا أَفْكَرْتُ مُسَبِّقًا بِأَنَّهُ يَجِبُ وَلَا يَجِبُ، أَجِدُنِي أَنْسَى مَا صَمَّمْتُ
- 19 عَلَيْهِ، وَأَنَا فِي الْحَدِّثِ نَفْسِهِ. وَوَقَفْتُ وَنَظَرْتُ إِلَى الْأَرْضِ، وَجَبِينِي قَدْ زَادَ تَقْطِيبُهُ. حَتَّى وَأَنَا فِي هَذَا
- 20 الْوَضْعِ، لَا أَيْأَسُ، بَلْ أَتَوَسَّلُ لِفَمِي حَتَّى تَنْفَرِحَ شَفَتَاهُ عَنِ الْبِتْسَامَةِ، لَكِنْ بِلَا فَايْدَةٍ.
- 21 لَمَّا تَوَقَّفْتُ سَيَّارَةَ الْأُجْرَةِ عِنْدَ مَدْخَلِ بَيْتِي، يَقِفُ عَلَى كُلِّ مَنْ عَامُودِيهِ أَسْدَانٌ مِنْ حَجَرٍ

- 22 رَمَلِي أَحْمَر، فَرِحْتُ، نَسِيتُ لِلْحُظَةِ قَلْبِي وَتَوَجُّسِي. وَعَمَّتَنِي السَّعَادَةُ، لِأَنَّ أُمِّي تَسْكُنُ فِي بَيْتٍ، يَقِفُ عِنْدَ
- 23 مَدْخَلِهِ أَسْدَانٌ. وَسَمِعْتُ أُخْتِي تُقَلِّدُ زَيْبِرَ الْأَسَدِ. الْتَفَتْتُ إِلَيْهَا أَحْسَدَهَا. وَرَأَيْتُهَا تَمُدُّ يَدَيْهَا عَالِيًا، تَحَاوِلُ
- 24 هُبْشَ أَحَدِ الْأَسَدَيْنِ. فَكَّرْتُ: هِيَ دَائِمًا بَسِيطَةٌ، مَرِحَةٌ، مَرَحُهَا لَا يُفَارِقُهَا، حَتَّى فِي أَحْرَجِ اللَّحْظَاتِ. وَهَا
- 25 هِيَ لَيْسَتْ مُتَوَهِّمَةً مِنْ هَذَا اللَّقَاءِ.
- 26 لَكِنْ، لَمَّا فَتَحْتُ أُمِّي الْبَابَ وَرَأَيْتُهَا، وَجَدْتُنِي لَا أَنْتَظِرُ أَحَدًا، بَلْ أَسْرَعَ وَأَرْتَمِي بَيْنَ
- 27 ذِرَاعَيْهَا، قَبْلَ أُخْتِي. وَأَغْمَضْتُ عَيْنِي، وَكَأَنَّ كُلَّ مَفَاصِلِ جِسْمِي قَدْ نَامَتْ، بَعْدَ أَنْ تَعَذَّرَ عَلَيْهَا النَّوْمُ مُدَّةً
- 28 طَوِيلَةً. وَشَمَمْتُ رَائِحَةَ شَعْرِهَا الَّتِي لَمْ تَتَغَيَّرْ. وَاکْتَشَفْتُ لِأَوَّلِ مَرَّةٍ كَمْ إِفْتَقَدْتُهَا. وَتَمَنَّيْتُ لَوْ تَعُودَ
- 29 تَعِيشَ مَعَنَا، رَغْمَ حَنَانِ وَاهْتِمَامِ وَالِدِي وَمَرِيَمَ بِنَا.
- 30 وَتُهْتُ أَنْذَكُرُ إِبْتِسَامَتَهَا، عِنْدَمَا رَضِي وَالِدِي بِطَلَاقِهَا، بَعْدَ أَنْ تَدَخَّلَ شَيْخُ الدِّينِ، عَقَبَ
- 31 تَهْدِيدَهَا لَهُ بِرَمِي وَحَرْقِ نَفْسِهَا بِالكَازِ إِذَا لَمْ يَنْتَمِ طَلَاقُهَا. أَنْخَدَرَ مِنْ رَائِحَتِهَا الَّتِي حَفِظْتُهَا كُلَّ
- 32 حَوَاسِي. أَفْكَرْتُ كَمْ أَفْتَقَدْتُهَا، رَغْمَ أَنَّهَا عِنْدَمَا أَسْرَعْتُ وَرَاءَ خَالِي، تَصْعَدُ السَّيَّارَةَ – بَعْدَ أَنْ قَبَّلْنَا وَأَخَذْتُ
- 33 تَبْكِي – إِسْتَأْنَفْنَا لِعِبْنَا فِي زَارُوبِ بَيْتِنَا. وَلَمَّا أَتَى اللَّيْلُ، وَلَمْ نَسْمَعْ – لِأَوَّلِ مَرَّةٍ مِنْذُ زَمَنٍ – خِلَافَهَا
- 34 وَمُشَاحَنَتَهَا مَعَ وَالِدِي، خِيَمَ الْهُدُوءُ عَلَى الْبَيْتِ، إِلَّا مِنْ بُكَاءِ مَرِيَمَ، الَّتِي تَرِبُّهَا بِوَالِدِي صِلَةُ الْقَرَابَةِ،
- 35 وَالَّتِي وَعِيتُ عَلَيْهَا وَهِيَ فِي الْبَيْتِ تُقِيمُ مَعَنَا.
- 36 تُبْعِدُنِي أُمِّي عَنْهَا مُبْتَسِمَةً لَتَضُمَّ شَقِيقَتِي وَتُقَبِّلَهَا. وَتَعُودُ تَضُمُّ مَرِيَمَ، الَّتِي أَخَذْتُ تَبْكِي
- 37 وَسَمِعْتُ أُمِّي تَقُولُ لَهَا بَاكِئَةً: "كَثُرَ خَيْرُكَ". مَسَحَتْ دُمُوعَهَا بِكُمِّهَا، وَعَادَتْ تَتَأَمَّلُنِي وَتَتَأَمَّلُ شَقِيقَتِي
- 38 وَتَقُولُ: "يَخْزِي الْعَيْنَ، عَمَّ تَطُولُو".
- 39 ثُمَّ أَحَاطَتُنِي بِذِرَاعَيْهَا بَيْنَمَا غَمَرَتْ أُخْتِي خَصْرَ أُمِّي، وَأَخَذْنَا نَضْحَكَ عِنْدَمَا تَعَذَّرَ عَلَيْنَا
- 40 الْخَطُ بِسَهُولَةٍ. لَمَّا وَصَلْنَا الْغُرْفَةَ الدَّاخِلِيَّةَ، أَيْقَنْتُ أَنَّ زَوْجَهَا الْجَدِيدَ فِي الدَّاخِلِ، لِأَنَّ أُمِّي قَالَتْ وَهِيَ
- 41 تَبْتَسِمُ: "مَحْمُودٌ بِيَحِبُّكُمْ كَثِيرًا، وَبِيُثَمِّنُنِي لَوْ أَبُوكُمْ بِيُعْطِينِي آيَاكُمْ، حَتَّى تُعِيشُوا مَعَنَا وَتُصِيرُوا كَمَا
- 42 أَوْلَادُهُ". وَرَدَّتْ أُخْتِي ضَاحِكَةً: "يَعْنِي بِصِيرَ عِنْدَنَا أَبَوَانِ؟". وَأَنَا لَا زِلْتُ مُخَدَّرَةً، أَضَعُ يَدِي فَوْقَ ذِرَاعِ
- 43 أُمِّي، فَخُورَةً بِتَصْرُفِي وَبِإِفْلَاتِي مِنْ نَفْسِي وَمِنْ يَدَيِ الْمُكَبَّلَيْنِ وَمِنْ سِجْنِ خَجَلِي، بَلَا جُهِدٍ. وَأَنَا
- 44 أَسْتَعِيدُ صُورَةَ لِقَائِي مَعَ أُمِّي وَالْإِرْتِمَاءَ تَلْقَائِيًا عَلَيْهَا – مِمَّا كُنْتُ أَحْسِبُهُ أَمْرًا مُسْتَحِيلًا – وَتَقْبِيلَهَا لِدَرَجَةِ
- 45 أَنِّي أَغْمَضْتُ عَيْنِي. زَوْجُهَا لَمْ يَكُنْ هُنَاكَ. أَفْتَحْتُ عَيْنِي، وَأُبْخَلِقُ فِي الْأَرْضِ ثُمَّ أَجْمَدُ. أَضْطَرِبُ، أَنْظُرُ إِلَى
- 46 السَّجَّادَةِ الْعَجْمِيَّةِ الْمَطْرُوحَةِ عَلَى الْأَرْضِ. أَنْظُرُ إِلَى أُمِّي نَظْرَةً طَوِيلَةً. لَمْ تَفْهَمْ مَعْنَى نَظْرَتِي. بَلْ اتَّجَهَتْ

47 إلى خزانة تفتحها وترمي لي ببلوزة مطرزة. وتتجه إلى دُرَج تواليت زينتها، وتتناول منه مُشَطَّ عاجياً،
 48 رُسِمَ عليه قلوبُ حمراء تُعطية لأختي. أُحْدَق في السَّجادة العجمية وأنتفض حقناً، وغلاً. عُدْتُ أنظر إلى
 49 أمي، وفَسَرْتُ نظرتي اشتياقاً وحناناً، لِأَنَّهَا أَحاطَتَنِي بذراعيها وهي تقول: "لازم تجو كُلَّ يَوْمين، ولازم
 50 يَوْمَ الجُمعة تَقْضوه عِنْدِي". لِبِثْتُ جامدةً. وِدْتُ لَوْ أَبعد ذراعها. لَوْ أَعْضَ زَنْدها الأبيض. وِدْتُ لَوْ تتجدَّد
 51 لحظةُ اللقاء وتَفْتَح الباب وأَقِف كما كان يجب: نظري إلى الأرض، مُقْطَبةُ الجبين. عينايا الآن تنظران
 52 في السجادة العجمية ذات الخُطوط والألوان المطبوعة في ذاكرتي. كُنْتُ أَسْتَلْقِي عَلَيْهَا وأنا أدْرُس، فأجد
 53 نفسي قريبة منها لِدرَجَة، وأتأمل نَفْسَها وأشَبَّهُه بحَزِّ بطيخ أحمر، الواحد تَلُو الآخر. وعندما أجلس على
 54 الكنبَة، أرى الحَزَّ قد تَحَوَّل إلى مُشَطِّ له أسنان رفيعة. كان لَوْنُ باقات الورود، المُحيطة جَوَانِبِها الأربعة،
 55 أَرْجوانِيَّةَ اللَّوْن، شبيهةً بَلَوْنِ نَبْتَة عُرْف الدِّيك. كَكَلِّ مطَّلَع فصل صَيْف، كانت أمي تطرَح حبوب النَّفْتالين
 56 عليها وعلى باقي السَّجادات، تَلْفَها وتَضَعُها فوق الخزانة. كانت العُرْفَة تبدو شاحبة، حزينة، إلى أن يطلَّ
 57 الخريف، وتَصْعَد بها أمي حَتَّى السَّطْح تفرشها، تَلْنَقَطُ حُبَّيَّات النَّفْتالين الَّتِي يَكُون قد ذاب مُعْظَمُها من حَرِّ
 58 ورُطوبة الصَّيف، تَكْنِسُها بِمِكنَسة صغيرة وتتركها فوق السَّطْح. في المَساء تُنْزِلُها أمي وتفرشها مكانها
 59 وتَعْمَني السعادة: الحَيَاة تَعُود إلى العُرْفَة وألوانها تُصبح أَكْثَر إِبْتِهَاجاً. لكن، هذه السَّجادة إِخْتَفَتْ، قبل
 60 طلاق أمي بِأَشْهُر، وهي تَتَشَمَّس، مُتَمَدِّدَة على أرض السَّطْح. عندما صَعِدْتُ أمي عند العَصْرِ لِتَأْتِي بها،
 61 لَمْ تَجدها. فَنادَتْ والدي، الَّذِي رَأَيْتُ الحُمرة تَعْلِي وَجْهَهُ لِلْمرة الأولى. نَزَلَا من السَّطْح والغَضَب
 62 والحيرة تَطِير منها وتَصِل الجيران، الَّذين أَقْسَمُوا كُلُّهُمْ أَنَّهُمْ لَمْ يَرَوْها. صاحَتْ أمي فَجأةً: إيليا، وانْعَقَد
 63 لِسان الجميع: لِسان أبي ولساني وَلِسان جَارَتِنَا وجارنا. ووجَدْتُني أَصيح: "إيليا؟ حرام! مِش معقول!"
 64 إيليا كان رَجُلًا شَبَّهَ ضَرِير، يَتَرَدَّد على بيوت كَلِّ الحَيِّ، يُعيد تَقْشِيش كراسيهم
 65 الخَيْزُرانيَّة. وَلَمَّا كان يَأْتِي دُورُنَا، أراه بعد أن أَتَى من المَدْرسة، يَجْلِس على المِصْطَبَة، وأمامه أَكْوام
 66 القَشِّ، وشَعْرُهُ الأَحْمَر يَبْرُق تحت الشَّمْس. يَمُدُّ أَصابعه يَتَنَاوَل خَيْطَ القَشِّ بِسُهولة وكأنَّه سَمَكَة، تَمُرُّ من
 67 بَيْن الشباك المَنْصوبة دونَ أن تُمَسَّ بِأَيِّ أَذَى. وأراه، بخَفَة ومهارة، يُدْخِلُها من ثُقْبٍ ويلْفَها ويعود
 68 يَخْرِجُها. حَتَّى تَتَكَوَّن صورةُ دائِرَة من القَشِّ، في قاعَة الكُرْسِيِّ، كالدائِرَة الَّتِي قَبْلَها وَالَّتِي تَلِيها: كُلُّها
 69 مُتساوية، مُتَشابهة وكأنَّ يَدِيه آله. كُنْتُ أَتَعَجَّب لِسرْعته ومرونة أَصابعه ولأنَّه كان يَجْلِس مُنْحَنِي الرِّاس،
 70 كأنَّ عَيْنِيهِ تُبْصِران. شَكَّكْتُ مرَّةً بأنَّه لا يرى إِلَّا العُتْمَة. ووجَدْتُني أَقْرِص وأُنْظُر إلى وَجْهه المُتَوَرِّد
 71 الأَحْمَر، فأرى عَيْنِيهِ مُغْمَضَتَيْن تَحْت النَّظَّارات. وكانَ فِيهِمَا خَطٌّ أَبْيَض، حَزٌّ في قَلْبِي وجعلني أُسرِع

- إلى المطبخ، فأرى كيس تمرٍ على الطاولة، أمدّ يدي أضاع كومة في صحن أقدّمه لإيليا. 72
- وأنا لا أزال أحدّق في السجادة. طافت صورة إيليا الأحمر الشعر والوجه، ففطنتُ اليد 73
- وهو يصعد الدّرج وحده. وهو يجلس على كرسيه. وهو يساوم. وهو يأكل ويعرف أنّه أكل ما في 74
- الصّحن. وهو يشرب من الإبريق، والماء ينصبّ في حلقه بسهولة. لما جاء ذات ظُهر، وقد تعلّم من 75
- والدي أن يقول "الله" قبل أن يقرع ويدخل - لرُبّما أمّي كانت بلا حجاب - هجّمتُ أمّي عليه تسأله 76
- عن السجادة. لم يقل شيئاً، بل أصدر صوتاً يُشبه البكاء. ولما مشى تعثّر لأوّل مرّة، وقارب على 77
- الإصطدام بالطاولة. اقتربتُ أمسك بيده، فأمسكها وقد عرفني من لمسه ليدي. لأنّه قال لي بصوت يُشبه 78
- الهمس: "معلّش عمّو"، وإستدار يخرج. انحنى ينتعل جِذاءه، وكأنّي رأيت دموعاً خفيفة على خديه. 79
- ولم يتركه والدي بل قال له: "الله يسامحك يا إيليا، إذا قلت الحقيقة". لكنّ إيليا مشى يستند على 80
- درازين الدّرج. ينزل الدّراجات، أخذاً وقتاً، على غير عادته، في تحسّس طريقه حتّى اختفى ولم نعدُ 81
- نراه. 82

ANEXO B – TRADUÇÃO DO *CORPUS* FEITA PELA PESQUISA

O TAPETE PERSA

Ḥanān Aššayḥ

Quando Maryam terminou de fazer duas tranças em meu cabelo, ergueu o dedo até a boca para lambê-lo, e, depois, passou-o sobre as minhas sobrancelhas, enquanto se queixava: “Ah, estas suas sobrancelhas! Cada uma numa direção!”. Voltou-se rapidamente para minha irmã, dizendo: “Veja se seu pai ainda está rezando”. Só me dei conta quando minha irmã voltou murmurando: “Ainda está”, – e esticou as mãos, erguendo-as para o céu, imitando-o. Eu não ri como de costume, e nem Maryam riu, mas apanhou a echarpe de cima da cadeira, cobriu seu cabelo e, rapidamente, fez um laço no pescoço, depois, abriu o armário lentamente e apanhou sua bolsa de mão, subiu-a pelo braço até chegar ao ombro, estendeu-nos as mãos e eu peguei uma e a minha irmã, a outra. Percebemos que devíamos andar como ela, na ponta dos pés. Prendíamos a respiração enquanto saíamos pela porta aberta da casa. Descíamos as escadas e nossas cabeças voltavam-se ora na direção da porta, ora na direção da janela. Quando chegamos ao último degrau, começamos a correr, e não paramos a não ser quando a viela desapareceu. Atravessamos a rua, e Maryam parou um táxi.

Nosso comportamento era idêntico, impulsionado pelo medo: hoje veríamos minha mãe pela primeira vez desde que ela se divorciara de meu pai, que jurara que não a deixaria nos ver, quando, poucas horas após o divórcio deles, espalhou-se a notícia de que ela se casaria com um homem a quem amava antes que sua família a casasse à força com meu pai.

Meu coração bate. Compreendo que esse bater não é do medo ou do correr, mas do temor desse encontro, do meu esperado constrangimento. Eu já me conheço, e conheço a minha timidez. Mesmo que eu tente, não consigo demonstrar meu sentimento, nem mesmo pela minha mãe. Eu não serei capaz de me jogar em seus braços, cobri-la de beijos e segurar o seu rosto, como faz minha irmã ou como é de sua índole.

Eu pensei muito desde que Maryam sussurrara em nossos ouvidos, meu e de minha irmã, que minha mãe chegara do sul e que a visitaríamos, secretamente, no dia seguinte. Comecei a pensar que eu me obrigaria a me comportar exatamente como minha irmã se comporta: pararia atrás dela e a imitaria inconscientemente. A imitação cega, como diz o ditado. Porém eu me conheço. Já sei como eu sou. E por mais que eu tente me forçar, por mais que eu pense antecipadamente no que se deve ou não se deve fazer, eu acabo esquecendo

o que havia decidido e, quando me encontro em tal situação, fico parada com os olhos voltados para o chão, e minha testa aumenta ainda mais seu franzido. E mesmo nesse momento, não me desespero, mas suplico à minha boca que abra seus lábios num sorriso, porém inutilmente.

Quando o táxi parou na entrada de uma casa, que tinha duas colunas com leões de pedra vermelha, alegrei-me. Por um momento esqueci-me da minha agonia e da minha apreensão. A felicidade dominou-me, porque minha mãe morava numa casa em cuja entrada havia dois leões. Ouvi minha irmã imitando o rugido do leão. Virei-me para ela invejando-a, e a vi estendendo as mãos para o alto para tentar pegar um dos leões. Pensei em como ela é sempre simples e alegre. Sua alegria nunca a abandona, nem mesmo nos momentos mais críticos. E ei-la aqui, sem nem pensar neste encontro.

Mas quando minha mãe abriu a porta e eu a vi, não esperei por ninguém; corri e me joguei em seus braços antes de minha irmã. Fechei os olhos, e foi como se todos os membros de meu corpo adormecessem, depois de um longo tempo sem conseguir dormir. Inalei o perfume de seu cabelo que não mudara e me dei conta, pela primeira vez, do quanto sentira sua falta, e desejei que ela voltasse a viver conosco, apesar do carinho e do cuidado de meu pai e de Maryam conosco.

Eu me distraí pensando no seu sorriso quando meu pai consentiu em se divorciar dela, depois que o šayh¹⁸⁶ interviera; o que se seguiu à ameaça dela de jogar gasolina em si mesma e atear fogo, se o divórcio não se consumasse.

Inebrio-me com o seu cheiro que todos os meus sentidos haviam conservado. Penso no quanto sinto sua falta, apesar de que quando ela saiu às pressas atrás do meu tio, entrando no carro – depois que nos beijou e começou a chorar – continuamos brincando na viela de nossa casa. E, quando a noite veio, e não ouvimos – pela primeira vez em muito tempo – as brigas e as discussões dela com o meu pai, a calma reinou na casa, a não ser pelo choro de Maryam, parente de meu pai que, desde que me entendo por gente, morava conosco.

Minha mãe afasta-me sorrindo, para abraçar e beijar minha irmã, em seguida, se volta para abraçar Maryam, que se pôs a chorar, e ouvi minha mãe dizer-lhe chorando: “Que Deus lhe abençoe”. Secou as lágrimas nas mangas e voltou a contemplar a mim e à minha irmã, dizendo: “Benza Deus! Como estão crescendo!”. Em seguida, abraçou-me enquanto minha irmã enlaçava sua cintura, e começamos a rir quando se tornou impossível andar com facilidade. Quando chegamos ao quarto interno, eu estava certa de que o seu novo marido

¹⁸⁶ Juiz de Paz.

estaria lá dentro, porque minha mãe disse, enquanto sorria: “Maḥmud gosta muito de vocês, e ele deseja que o seu pai me dê vocês para vivermos juntos, e que se tornem filhas dele também”. Minha irmã retrucou sorrindo: “Quer dizer que teremos dois pais?”. E eu, ainda entorpecida, coloco minha mão sobre o braço de minha mãe, orgulhosa do meu comportamento e de ter me libertado de mim mesma, das correntes de minhas mãos e da prisão da minha timidez, sem esforço. Eu rememorava a imagem do reencontro com minha mãe: o ato de me lançar espontaneamente sobre ela – algo que eu considerava impossível –, e de beijá-la tanto a ponto de eu fechar os olhos.

Seu marido não estava lá. Abro os olhos, fixo-os no chão e congelo. Tremo. Olho para o tapete persa estendido no chão. Olho longamente para minha mãe. Ela não entende o significado do meu olhar, mas dirige-se até um armário, abre-o e joga para mim uma blusa bordada. Em seguida, vai até a gaveta da penteadeira de onde apanha um pente de marfim desenhado com corações vermelhos e dá para minha irmã. Dirijo meu olhar para o tapete persa e tremo de rancor, ódio. Voltei a olhar para minha mãe, que interpretou meu olhar como amor e ternura, pois me abraçou, dizendo: “Têm de vir a cada dois dias. Têm que passar as sextas-feiras comigo”. Continuei paralisada. Desejei afastar o braço dela e morder seu pulso branco. Desejei que o momento do reencontro se repetisse para quando ela abre a porta para eu ficar como devia: meu olhar voltado para o chão, a testa franzida. Meus olhos agora fitam o tapete persa cujas linhas e cores estão gravadas na minha memória. Eu me deitava sobre ele enquanto eu estudava; ficava tão próxima contemplando e comparando seu desenho com fatia de melancia, uma após a outra. Quando me sentava no sofá, via que a fatia já se transformara num pente de dentes finos. A cor dos ramalhetes de rosas que o circundavam dos quatro lados era púrpura como a cor da flor ‘crista de galo’. Como todo início de verão, minha mãe jogava bolinhas de naftalina sobre ele e os demais tapetes, enrolava-os e colocava-os sobre o armário. A sala parecia pálida e triste até que o outono chegava e ela subia com ele até o telhado. Estendia-o, recolhia as bolinhas de naftalina – a maioria das quais já deveria ter derretido com o calor e a umidade do verão –, varria-o com uma vassourinha e deixava-o sobre o terraço. Ao entardecer, minha mãe descia com ele e estendia-o em seu lugar, e eu me enchia de felicidade: a vida voltava à sala e suas cores tornavam-se mais alegres. Porém este tapete desaparecera meses antes do divórcio de minha mãe, enquanto estava exposto ao sol, estendido no chão do terraço. Quando minha mãe subiu, à tarde, para trazê-lo, não o encontrou. Ela chamou meu pai, que vi, pela primeira vez, enrubescer. Os dois desceram do terraço. A raiva e o descontrole emanavam de minha mãe e chegaram até os vizinhos, que juraram, todos eles, que

não o viram. De repente, minha mãe gritou: “Iliyya.” E todos perderam a fala: meu pai, eu e os vizinhos. E eu me vi gritando: “Iliyya? Que pecado! Não é possível!”

Iliyya era um homem quase cego que frequentava as casas do bairro, restaurando a palha das cadeiras de bambu. Quando chegava a nossa vez, eu o via, depois que chegava da escola, sentado no banco, diante de um monte de palha, o cabelo vermelho brilhando ao sol. Ele esticava os dedos, pegando facilmente o fio da palha como um peixe que passa por entre a rede erguida sem ser afetado por nenhum mal. E eu o via, com ligeireza e habilidade, introduzi-los no orifício, girá-los e voltar a tirá-los até formarem um desenho circular no acento da cadeira, exatamente igual aos círculos anterior e posterior: todos eles tão idênticos, como se suas mãos fossem uma máquina. E eu me maravilhava com a habilidade e a flexibilidade de seus dedos e porque ele se sentava com a cabeça agachada como se enxergasse. Uma vez duvidei de que ele só visse escuridão, e me encontrei me agachando e olhando para seu rosto vermelho-rosado, e vi seus olhos fechados por trás dos óculos, como se neles houvesse uma linha branca que atravessou meu coração, e me fez correr até a cozinha onde vi um saco de tâmaras sobre a mesa. Estiquei a mão e coloquei um punhado no prato e ofereci a Iliyya.

Continuo a olhar o tapete. Veio-me à mente a figura de Iliyya dos cabelos e rosto vermelhos. Recordei-me de sua mão enquanto subia sozinho a escada, sentando-se na sua cadeira, regateando, comendo e sabendo ter comido o que havia em seu prato, bebendo da moringa e a água descendo facilmente pela sua garganta.

Quando veio certa tarde – ele já havia aprendido com meu pai a dizer “Allah”, antes de bater e entrar, pois talvez minha mãe estivesse sem o véu –, ela avançou em sua direção lhe interrogando sobre o tapete. Ele não disse nada, mas emitiu um som parecido com um choro, e, quando caminhou, pela primeira vez tropeçou e chegou perto de se chocar com a mesa. Aproximei-me para pegar a sua mão; e ele segurou a minha, pois já me reconhecera pelo meu toque, porque me disse numa voz que parecia um sussurro “Não foi nada, pequenina”. E virou-se para sair. Abaixou-se para calçar os sapatos, e pareceu-me ter visto uma lágrima imperceptível em suas faces. Mas meu pai não o deixou ir sem que antes lhe dissesse: “Deus vai lhe perdoar, Iliyya, se disser a verdade”. Porém Iliyya caminhou apoiando-se no corrimão das escadas. Desce os degraus, levando um tempo – o que não era seu costume –, para apalpar o seu caminho, até desaparecer e nunca mais voltamos a vê-lo.

ANEXO C – TRADUÇÃO DE ADRIANO APRIGLIANO

O TAPETE PERSA

Adriano Aprigliano

Maryam terminava de me trançar em duas tranças os cabelos, quando levou à boca o dedo e o lambeu; então passou-o sobre as minhas sobrancelhas, e suspirava: “Ai, essas tuas sobrancelhas, cada uma para um lado...”. Voltou-se depressa para minha irmã e disse: “Vai ver se teu pai ainda está rezando”. Sem que me desse conta, já voltava ela, sussurrando: “tá sim”, e levava as mãos aos céus imitando-o. Não ri como de costume, nem Maryam ria, mas apanhou a echarpe de cima da cadeira e cobriu os cabelos amarrando-a depressa no pescoço. Abriu devagar o armário e apanhou a bolsa. Passou a alça pelo braço, trazendo-a até o ombro, e estendeu-nos as mãos. Numa, seguro eu, a outra, apanha-a minha irmã, e compreendemos que devíamos caminhar, como ela, nas pontas dos dedos. Prendemos a respiração e já saíamos porta afora. Ao descer as escadas, voltávamos os olhares para a porta e então para a janela. E quando alcançamos o último degrau, começamos a correr e paramos só depois que desapareceu a ruela. Atravessamos a rua; Maryam para um táxi. De medo, agíamos idênticas. É que naquele dia visitávamos minha mãe pela primeira vez depois que se divorciara de meu pai, ele que jurara que não a deixaria ver-nos, pois horas depois do divórcio já corria a notícia de que ela se casaria com o homem que amava antes de ser forçada por sua família a se casar com meu pai.

Meu coração bate forte. Sei que esse bater não é vestígio do medo nem do que corrêramos, mas do temor daquele momento, da antecipada agonia. Eu me conheço, e conheço minha timidez. Mesmo que tente, não consigo expressar meus sentimentos, mesmo para minha mãe. Não serei capaz de me atirar nos braços dela, de cobri-la de beijos, de tocar o seu rosto, como faz minha irmã, ou como é de sua índole. Andava pensando muito desde que Maryam segredara no meu ouvido e no de minha irmã que minha mãe voltara do sul, e que nós a visitaríamos em segredo no dia seguinte. Comecei a pensar que me forçaria a agir como sempre age minha irmã. Ficaria atrás dela e a imitaria inconscientemente — imitação cega, por assim dizer. Mas me conheço, sei bem como sou. Embora me force e reflita de antemão sobre o que se deve ou não fazer, acabo me esquecendo do que concebera e me acho sempre na mesma situação: parada com os olhos no chão, a testa franzida. Mesmo quando me acho assim, não desespero, mas imploro a meus lábios que se abram num sorriso, só que em vão.

O táxi parou na entrada duma casa que tinha duas colunas com leões de pedra vermelha. Exultei, esquecendo-me um instante da angústia e do medo, e a felicidade se apoderou de mim, pois mamãe morava numa casa cuja entrada era guardada por dois leões. Ouvi minha irmã imitar o rugido do leão, e olhei para ela com inveja. Vi-a levantar as mãos para o alto tentando agarrar um deles. Ela é sempre leve, pensava, alegre, a alegria nunca a abandona, mesmo nos momentos mais delicados. Pois lá estava ela, despreocupada daquela ocasião.

Mas quando minha mãe abriu a porta e eu a vi, só sei que não esperei por mais ninguém: corro e me atiro nos braços dela antes de minha irmã, e fecho os olhos, como se todos os membros do meu corpo, por tanto tempo impedidos de dormir, adormecessem. Senti o cheiro dos seus cabelos, que não mudara, e pela primeira vez me dei conta de quanto sentira sua falta. Quis que ela voltasse a viver conosco apesar do carinho e do cuidado de papai e Maryam, e me distraí pensando no sorriso dela quando papai cedeu ao divórcio, após a intervenção do Juiz de Paz, que sucedeu a ameaça dela de atear fogo a si mesma com querosene caso a separação não saísse. Entorpecia-me o cheiro dela, cheiro que meus sentidos todos haviam guardado. Pensava em quanto sentia a sua falta, se bem que, quando estava partindo às pressas, acompanhada do meu tio, entrando no carro — depois de nos beijar e cair em prantos —, nós seguimos brincando pela ruela. Quando veio a noite e não ouvimos — pela primeira vez em muito tempo — as brigas e discussões dos dois, a paz então reinou em casa, salvo pelo choro de Maryam, que era parente de meu pai e morava conosco desde que me dava por gente.

Mamãe me afasta sorrindo para abraçar e beijar minha irmã e se vira para abraçar Maryam, que se põe a chorar. Ouço mamãe lhe dizer em prantos: “Deus te abençoe!” Secou as lágrimas nas mangas, voltou a olhar bem para mim e para minha irmã e disse:

— Benzadeus! Como vocês cresceram!

Então ela me envolveu nos seus braços enquanto minha irmã enlaçava sua cintura, e começamos a rir do difícil que ficava caminhar. Quando chegamos a um dos cômodos privados, eu estava certa de que ali estava seu novo marido, pois mamãe disse sorrindo: “Mahmud adora vocês, quer que o pai de vocês me ceda a guarda, para viverem conosco, como se fossem filhas dele”. Minha irmã respondeu rindo: “Daí a gente ia ter dois pais?” Eu seguia entorpecida. Ponho a mão no braço de minha mãe, orgulhosa do meu desembaraço e de ter me libertado de mim mesma, das correntes das minhas mãos, da prisão da minha timidez, sem esforço. Recobrava ainda a imagem daquele instante com mamãe, eu me atirando a ela num impulso — o que até então considerava impossível —, beijando-a com toda a força a

ponto de fechar os olhos. O marido não estava lá. Abro os olhos. Cravo-os no chão e gelo. Estou agitada. Olho para o tapete persa estirado no chão. Olho para minha mãe em olhar demorado. Não entende o sentido do meu olhar, mas se dirige ao armário e o abre; tira para mim uma blusa bordada; dirige-se à penteadeira e dela apanha um pente de marfim pintado de corações vermelhos e o entrega a minha irmã. Fito o tapete persa e tremo de raiva e rancor. Olho de novo para minha mãe; ela interpreta meu olhar com zelo e afeto, pois me envolve em seus braços e diz: “Vocês tinham que vir a cada dois dias, tinham que passar a sexta comigo”. Congelei. Quis afastar os braços dela, quis morder-lhe o antebraço alvo, quis que acontecesse tudo de novo, que a porta se abrisse e eu me portasse como devia: olhos no chão, franzindo a testa. Meus olhos agora fitavam o tapete persa, tapete de linhas e cores gravadas na minha lembrança. Eu me atiro sobre ele para estudar; estou tão perto dele; contemplo o desenho e o comparo à fatia duma melancia, uma fatia depois da outra. E quando me sento no sofá, vejo que a fatia já se transformara num pente de dentes delicados. A cor do ramalhete de rosas de que se cercavam os quatro lados dele — rosas púrpuras — parecia a cor da crista de galo. Como todo início de verão, mamãe atirava bolinhas de naftalina nele e nos demais tapetes. Ela os enrolava e guardava em cima do armário. A sala ficava pálida e triste até que vinha o outono e mamãe subia com ele para a laje de casa e o estendia, catava os grãos de naftalina que já tinham derretido com o calor e a umidade do verão, varria-o com uma pequena vassoura e o deixava na laje. De tarde, mamãe o descia e o estendia no seu lugar e eu ficava alegre: a vida retornava à sala e as cores dela ficavam mais alegres. Esse tapete, porém, desaparecera alguns meses antes do divórcio de minha mãe, enquanto estava exposto ao sol, estirado na laje. Quando mamãe subiu de tarde para trazê-lo, não o encontrou. Chamou meu pai, que vi pela primeira vez enrubescer. Os dois desceram do telhado; a cólera e a perplexidade evolaram dela até chegar aos vizinhos, que juraram — nenhum deles o vira. Ela gritou de repente: Iliyya! E todos perderam a fala, papai perdeu a fala, eu perdi a fala, nossa vizinha e nosso vizinho também perderam a fala e eu me vi gritando: “Iliyya? Não fala assim! Não acredito!”.

Iliyya era um homem quase cego que circulava pelas casas do bairro, consertando a palha das cadeiras de bambu. Quando chegava a nossa vez, via-o, ao chegar da escola, sentado num banco, diante dum monte de palha, o cabelo vermelho brilhando ao sol. Ele estende os dedos e apanha com facilidade o fio de palha, como se fosse um peixe, e passa-o, ileso, por entre a armação de rede. Vejo-o, com ligeireza e habilidade, inseri-lo no orifício e girá-lo e de novo tirá-lo, até surgir a forma esférica feita de palha na base da cadeira, tal como a esfera de antes e a seguinte: todas elas iguais, idênticas, como se suas mãos fossem uma

máquina. Eu me maravilhava da agilidade, da flexibilidade dos seus dedos e de que ficasse sentado com a cabeça inclinada, como se seus olhos enxergassem. Uma vez duvidei que ele só visse escuridão: ponho-me de cócoras e olho para seu rosto rosado e avermelhado, então vejo seus olhos semicerrados sob os óculos, como se os cruzasse uma linha branca. Isso me cortou o coração e me abalei a toda para a cozinha, onde vi um saco de tâmaras sobre a mesa. Estendi a mão, pus uma pilha num prato e vim oferecer a Iliyya.

Não paro de contemplar o tapete. Surge a figura de Iliyya com seu rosto e cabelos vermelhos, discirno sua mão, ele subindo a escada só, sentando-se na sua cadeira, regateando, comendo e sabendo ter comido o que havia no prato, bebendo do cantil, a água escorrendo na garganta com facilidade. Ao chegar, certa tarde (ele já aprendera com meu pai a dizer Allâh antes de bater e entrar, para o caso de minha mãe estar sem o *hijâb*), mamãe avançou contra ele perguntando-lhe do tapete. Não disse nada, mas emitii um som feito pranto. E quando caminhou, pela primeira vez tropeçou e chegou perto de trombar na mesa. Eu me aproximei para segurar sua mão, mas ele apanhou a minha e me conheceu pelo tato, pois me falou como que num sussurro: “Não há de ser nada, querida...”, e deu a volta para sair. Inclinou-se para calçar os sapatos e eu achei ter visto uma lágrima discreta no seu rosto. Papai o retinha, dizendo: “Deus vai lhe perdoar, Iliyya, se estiver dizendo a verdade”, mas Iliyya caminhou apoiando-se no corrimão da escada. Desceu os degraus, tomando tempo, como não costumava fazer, para sentir o seu caminho, até que desapareceu e não voltamos a vê-lo.